



UNIÃO EUROPEIA
Fundos Europeus
Estruturais e de Investimento



DESENVOLVIMENTO, MONTAGEM E PRODUÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS BASEADAS NO PCI DO
ALENTEJO E RIBATEJO

RELATÓRIO FINAL

SETEMBRO 2019

ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO	1
2.	CATÁLOGO DE EXPERIÊNCIA TURÍSTICAS BASEADAS NO PCI DO ALENTEJO E RIBATEJO.....	4
2.1.	FUNDAMENTAÇÃO	4
2.2.	MISSÃO E OBJECTIVOS	6
2.3.	CONCEPTUALIZAÇÃO	7
2.4.	CARTA DE PRINCÍPIOS	10
2.5.	REGULAMENTO	15
2.6.	CONDIÇÕES PARA A OPERACIONALIZAÇÃO	21
2.6.1.	MODELO DE GESTÃO	21
2.6.2.	INSTRUMENTOS DE APOIO À GESTÃO.....	26
3.	DESENHO OPERACIONAL DAS 10 EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS DE 1ª GERAÇÃO	27
3.1.	INTRODUÇÃO.....	27
3.2.	PROTÓTIPOS DE EXPERIÊNCIAS NAS QUATRO TIPOLOGIAS	28
3.2.1.	ROTA DO PCI DO ALENTEJO E RIBATEJO INSCRITO NAS LISTAS DA UNESCO	28
3.2.1.1.	CONCEITO GERAL.....	28
3.2.1.2.	PROPOSTA DE PROTÓTIPO DE EXPERIÊNCIA TURÍSTICA	34
3.2.2.	PROGRAMAS TURÍSTICOS TERRITORIAIS.....	46
3.2.2.1.	CONCEITO GERAL.....	46
3.2.2.2.	PROGRAMA TURÍSTICO TERRITORIAL – LEZÍRIA DO TEJO	49
3.2.2.3.	PROGRAMA TURÍSTICO TERRITORIAL – ALENTEJO LITORAL	76
3.2.3.	PROGRAMAS TURÍSTICOS TEMÁTICOS.....	93
3.2.3.1.	PROGRAMA TURÍSTICO TEMÁTICO ‘CAMINHOS DA LÃ’	96
3.2.3.2.	PROGRAMA TURÍSTICO TEMÁTICO ‘CONSTRUÇÃO TRADICIONAL’	112

3.2.4.	ABORDAGENS INDIVIDUAIS DO PCI.....	125
3.2.4.1.	CONCEITO GERAL.....	125
3.2.4.2.	CULTURA AVIEIRA - ARTES E SABERES DE CONSTRUÇÃO E USO DA BATEIRA.....	129
3.2.4.3.	FESTAS DO POVO DE CAMPO MAIOR.....	137
3.2.4.4.	PRODUÇÃO DE FIGURADO EM BARRO DE ESTREMOZ.....	145
3.2.4.5.	MANUFATURA DOS CHOCALHOS.....	150
3.2.4.6.	PRODUÇÃO DE VINHO DE TALHA.....	157
3.3.	OPERACIONALIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS DE 1ª GERAÇÃO.....	163
3.4.	CONSTRUÇÃO DE NARRATIVA PROMOCIONAL TURÍSTICA.....	179
3.4.1.	ROTA DO PCI DO ALENTEJO E RIBATEJO INSCRITO NAS LISTAS DA UNESCO.....	179
3.4.2.	PROGRAMA TURÍSTICO TERRITORIAL - LEZÍRIA DO TEJO.....	184
3.4.3.	PROGRAMA TURÍSTICO TERRITORIAL - ALENTEJO LITORAL.....	188
3.4.4.	PROGRAMA TURÍSTICO TEMÁTICO - 'CAMINHOS DA LÃ'.....	192
3.4.5.	PROGRAMA TURÍSTICO TEMÁTICO - 'CONSTRUÇÃO TRADICIONAL'.....	196
3.4.6.	ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - 'CULTURA AVIEIRA - ARTES E SABERES DE CONSTRUÇÃO E USO DA BATEIRA'.....	199
3.4.7.	ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - 'FESTAS DO POVO DE CAMPO MAIOR'.....	201
3.4.8.	ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - 'PRODUÇÃO DE FIGURADO EM BARRO DE ESTREMOZ'.....	203
3.4.9.	ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - 'MANUFATURA DOS CHOCALHOS'.....	205
3.4.10.	ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - 'PRODUÇÃO DE VINHO DA TALHA'.....	207
3.5.	SUPORTES INFORMATIVOS PROMOCIONAIS.....	209
3.5.1.	PLATAFORMA DE DIVULGAÇÃO ONLINE.....	209
3.5.2.	SUPORTES IMPRESSOS DE INFORMAÇÃO E PROMOÇÃO TURÍSTICA.....	212
3.5.3.	SINALÉTICA INFORMATIVA.....	217

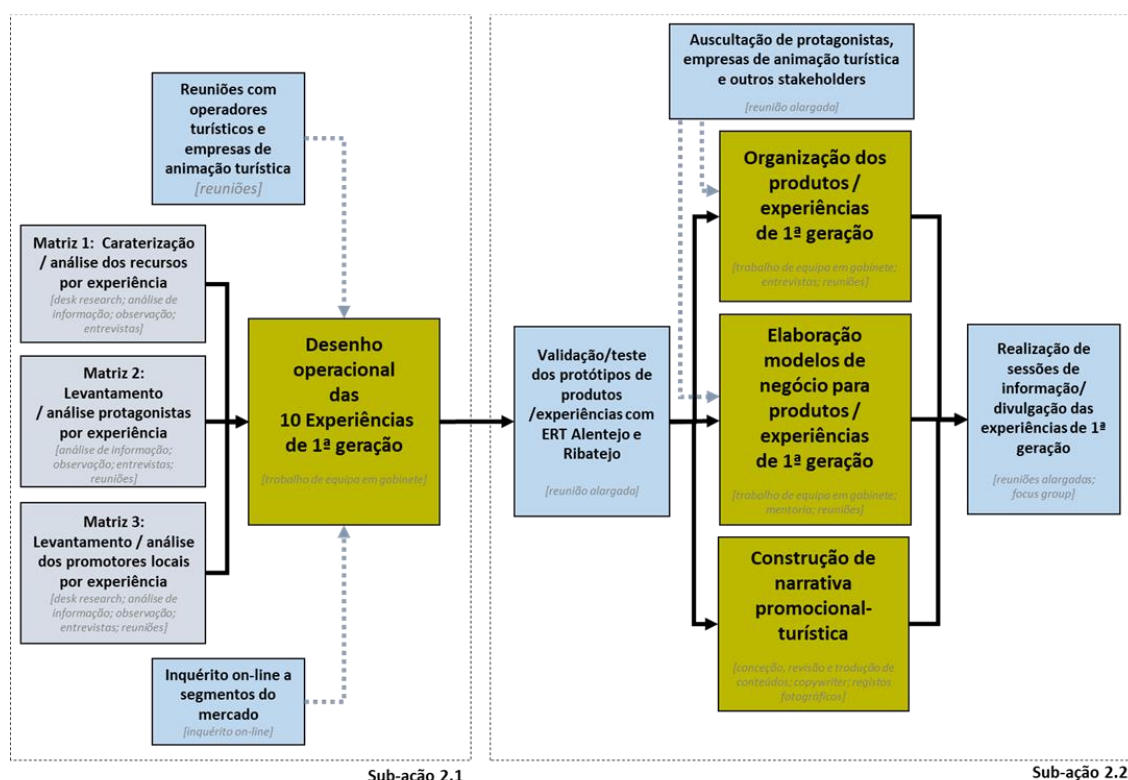
EQUIPA TÉCNICA

Técnicos	Formação	Funções
Elisa Pérez Babo	Licenciatura em Economia (FEP); Mestrado (pré-Bolonha) em Planeamento do Território - Inovação e Políticas de Desenvolvimento (UA)	Administração da Quatenaire Portugal
José Portugal	Licenciatura em Antropologia (UNL); Pós-graduação em Gestão e Políticas culturais e Curso de Extensão Universitária "Diseño y gestión de rutas e itinerários culturales" (Universidade de Barcelona, Espanha)	Consultor coordenador da Quatenaire Portugal
Pedro Quintela	Licenciatura em Sociologia (ISCTE-IUL), Mestrado em Cidades e Culturas Urbanas (FEUC), Doutorando em Sociologia (FEUC-CES, UC)	Consultor da Quatenaire Portugal
Mariana Feijó	Licenciatura em Antropologia (ISCTE-IUL), Mestrado em Antropologia do Desenvolvimento e Transformações Sociais (Univ. Sussex, RU)	Consultora da Quatenaire Portugal
Carlos Fontes	Frequência do 4º semestre do Curso de Gestão de Empresas no Instituto Superior de Administração e Gestão (ISAG); curso de Análise Estatística de Dados (AESBUC)	Técnico da Quatenaire Portugal
Carla Melo	Licenciatura em Gestão e Planeamento em Turismo e Mestrado em Gestão de Informação (UA); título de Especialista na área de Turismo (IPVC); Pós-graduação em Arte Terapia e Waking Dream (CRIAP); Doutoranda em Turismo (Universidade de Tilburg, Países Baixos)	Consultoria externa
Pedro Silva	Licenciatura em Engenharia Civil com especialização em Planeamento Urbano e Territorial e em Transportes (FEUP)	Consultoria externa
Nuno Prata	Licenciatura em Engenharia Química (FCT-UC) com especialização em Estudo do Trabalho e Organização Empresarial.	Consultoria externa
Filipe Cardoso	Frequência de cursos na área da gestão e marketing.	Consultoria externa

1. INTRODUÇÃO

O Relatório Final do projeto Conceção, Desenvolvimento e Montagem de um Catálogo de experiências turísticas baseadas nas diversas manifestações de Património Cultural Imaterial (PCI) existentes no território do Alentejo e Ribatejo – (*im*)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo, reúne o conjunto alargado de componentes que foram trabalhados pela equipa técnica da Quatenaire Portugal, segundo o acompanhamento da Turismo do Alentejo, E.R.T. e em conjunto com um amplo leque de *stakeholders* da região do Alentejo e Ribatejo, segundo a metodologia que foi estabelecida no início do trabalho (Relatório Metodológico inicial) e aprovada pela entidade promotora do projeto.

O esquema seguinte sintetiza os termos globais da metodologia desenvolvida pela equipa técnica:



O presente Relatório encontra-se estruturado de forma a sistematizar todas as informações e conteúdos trabalhados ao longo deste percurso metodológico e que incorporam os diferentes produtos finais. Em seguida passa-se a descrever, de forma sucinta, as matérias constantes em cada uma das componentes dos documentos (volumes) que integram o Relatório Final do projeto.

No capítulo que se segue a esta introdução – **Capítulo 2** –, apresenta-se a fundamentação, missão e objetivos da proposta Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo. Para além das dimensões conceptual e estratégica, integram ainda este capítulo os principais elementos que fundamentam o modelo para a sua operacionalização.

A Carta de Princípios e o Regulamento são os documentos fundadores deste Catálogo, que sustentam o seu conceito e que permitem a sua divulgação e partilha com os futuros parceiros e potenciais promotores de produtos / experiências turísticas baseadas em PCI integrantes do Catálogo. Aí se estabelecem as orientações e os critérios de qualidade técnica e científica em

matéria de prestação de serviços e de preservação patrimonial, conforme recomendados pelas melhores práticas internacionais.

Atendendo ao carácter desejavelmente dinâmico, evolutivo e aberto do futuro processo de implementação e desenvolvimento “no terreno” deste Catálogo de Experiências Turísticas, este capítulo inclui aquelas que são, no entender da equipa técnica, as condições críticas para a sua operacionalização, tanto no que diz respeito ao papel a desempenhar pela Turismo do Alentejo, E.R.T., enquanto entidade gestora do Catálogo, como no que concerne ao papel dos agentes promotores envolvidos na conceção, no desenvolvimento e/ou na comercialização dos produtos e experiência turísticas que virão futuramente a integrar este Catálogo, bem como, ao papel de outras entidades que virão a integrar a Comissão de Avaliação.

O **Capítulo 3**, última seção do Relatório Final, materializa o conceito do Catálogo no desenvolvimento das diversas tipologias dos produtos / experiências turísticas baseadas no PCI através do desenho operacional de um conjunto de “10 experiências turísticas de 1ª geração”.

Neste sentido, a fundamentação dos 10 protótipos de experiências turísticas dentro das quatro tipologias de produtos turísticos definidas, é apresentada detalhando um conjunto de aspetos relevantes em matéria conceptual, de organização e montagem dos produtos, em termos dos segmentos de público-alvo, das orientações em matéria de distribuição, comercialização e comunicação, na definição de programas / percursos / atividades a realizar e ainda, por fim, na apresentação de uma estimativa de preço de venda ao público.

Integra ainda este capítulo, um subcapítulo em que se detalham o conjunto de contactos estabelecidos pela equipa, tendo em vista a execução do processo de montagem junto do mercado das “10 experiências turísticas de 1ª geração”, bem como os resultados alcançados no âmbito deste processo.

A projeção e montagem das “10 experiências turísticas de 1ª geração” inclui ainda os respetivos suportes de conteúdos textuais elaborados pela equipa técnica e que fazem ainda parte deste capítulo 3. Os conteúdos elaborados visam a construção de uma narrativa turística promocional do Catálogo, concernente às 10 experiências turísticas iniciais que o compõem.

Finalmente, apresentam-se um conjunto de considerações relacionadas com a conceção e implementação dos suportes informativos e promocionais associados à divulgação do Catálogo, essenciais no âmbito da respetiva gestão – plataforma /portal web e elementos de comunicação para edição em papel e digital.

Uma última nota relativamente aos documentos que incorporam o volume de **Anexos** a este Relatório Final. As duas seções iniciais recuperam textos de caracterização e análise que foram desenvolvidos em anteriores Relatórios de Progresso e que se encontram relacionados quer com o PCI do Alentejo e Ribatejo, quer com as dinâmicas e tendências de procura turística. Trata-se de material que, no entender da equipa técnica, poderá vir a ser disponibilizado a potenciais interessados na organização de produtos /experiências turísticas baseados no PCI que poderão vir a integrar futuramente este Catálogo.

Incluem-se ainda em anexo cópias das Cartas de Compromisso já firmadas por algumas entidades que manifestaram, nesta fase, disponibilidade para aderir a este projeto e para prosseguirem a montagem das “10 experiências turísticas de 1ª geração”.

Consta igualmente da documentação dos Anexos uma proposta técnica bastante detalhada que foi desenvolvida pelas Oficinas do Convento para o produto temático “Construção Tradicional”, que fará parte destas “10 experiências turísticas de 1ª geração”. Trata-se de um documento bastante interessante, pelo detalhe das informações e propostas que contém, e que foi suscitado pelo conjunto de interações que a equipa técnica manteve com este interlocutor, e que, por esse motivo,

considerou-se ser pertinente incluir enquanto uma proposta autónoma, dotada de autoria própria e que poderá vir a ser implementada futuramente, integrando o Catálogo.

Para além destes elementos, constam também dos documentos dos Anexos do Relatório final, os instrumentos de apoio à gestão e avaliação e monitorização do Catálogo que a equipa técnica já elaborou, incluindo: Formulário de submissão de candidatura; Formulário de autoavaliação de entidade proponente /promotora; e Inquérito de Satisfação aos turistas.

Por fim, ainda nos Anexos, é incluída uma sistematização global da seleção de imagens fotográficas que apoiam a construção da narrativa promocional dos diversos produtos e experiências turísticas, conforme indicado no capítulo 3.4. Por sua vez, as imagens originais são apresentadas em ficheiros autónomos e com uma alta resolução, permitindo assim a sua utilização posterior por parte da Turismo do Alentejo, E.R.T..

2. CATÁLOGO DE EXPERIÊNCIA TURÍSTICAS BASEADAS NO PCI DO ALENTEJO E RIBATEJO

2.1. FUNDAMENTAÇÃO

Atualmente, a preservação e conservação do património como elemento de afirmação das singularidades locais, num contexto de uniformização e de globalização, representam não apenas uma necessidade, mas igualmente um desafio para as sociedades contemporâneas. A UNWTO – Agência das Nações Unidas para o Turismo considera que a promoção de animação turística em torno do património cultural só será benéfica se se concretizar através de **iniciativas que tenham em conta a diversidade de características presentes no território onde se desenvolvem as manifestações culturais em causa, e respeitem os equilíbrios sociais e ambientais das comunidades suas detentoras, funcionando como fator de desenvolvimento e de integração social.**

Entendidas neste âmbito, as políticas de turismo sustentável podem assumir-se como ferramentas comprovadas para o desenvolvimento socioeconómico, beneficiando comunidades existentes em destinos turísticos por todo o mundo. Considerando a evolução crescente e diversa da procura turística à escala global, é não só desejável como indispensável que as oportunidades e dinâmicas geradas pelo turismo se façam no sentido de garantir níveis acrescidos de sustentabilidade nos processos de desenvolvimento local e regional. A consciencialização da urgência de um turismo sustentável, como ferramenta poderosa e eficaz para desenvolvimento, deve aproveitar as dinâmicas geradas em 2017 que as Nações Unidas designaram como “Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento”.

O presente projeto de **ativação e dinamização turística do Património Cultural Imaterial**, promovido pela Turismo do Alentejo, E.R.T., propõe-se estimular, aumentar e dinamizar a oferta de novos produtos turísticos baseados em experiências de contacto com os recursos endógenos do território, particularmente as que compõem um conjunto notável e único de expressões e manifestações culturais que se inscrevem no âmbito do conceito de Património Cultural Imaterial. Estas expressões e manifestações culturais fazem parte da história social e cultural das comunidades e dos territórios pelas características de singularidade dos costumes, crenças, saberes, tradições técnicas e mundividências que lhe estão associadas. As produções artesanais, as manifestações festivas e conviviais, as artes e práticas agro-florestais, da pesca, da construção, a que são atribuídos um valor cultural, de tradição, estético, contêm um potencial e despertam o interesse crescente de contacto com os seus protagonistas e os seus contextos locais e de comunidade, tornando-se parte crescente da oferta de produtos turísticos nos mais diversos destinos turísticos do mundo.

Existem neste território do Alentejo e Ribatejo múltiplas manifestações da cultura popular que constituem expressões vivas que reforçam o sentido de vivências quotidianas e celebrativas, e traduzem o aproveitamento múltiplo e sustentado de recursos à disposição da população que aqui vive. Algumas das expressões e manifestações culturais do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo encontram-se já reconhecidas pela UNESCO como bens e produtos, artes e saberes que são a expressão maior da Diversidade Cultural da Humanidade - o Cante, a Falcoaria, o Figurado de Estremoz, a manufatura dos Chocalhos; outras encontram-se em processo de candidatura à inscrição na *Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade* e na *Lista do Património Cultural Imaterial que Necessita de Salvaguarda Urgente*, pertencendo já ao *Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial* (DGPC); outras ainda encontram-se em processo ou em condições de cumprirem um processo de inscrição neste Inventário. Estes processos pressupõem um reconhecimento, por parte de instâncias nacionais e internacionais de salvaguarda do património cultural, do valor cultural, estético, social, mas também estratégico para as comunidades e os territórios destas formas culturais. Por outro lado, contribuem para reforçar o reconhecimento e a

preservação destas expressões e manifestações culturais não apenas pelos seus protagonistas e as comunidades de inserção, mas por muitos outros segmentos de público que os procuram para contacto, muito frequentemente no âmbito de práticas turísticas.

Considerando que os destinos turísticos são cada vez mais o resultado da integração e promoção conjunta dos diferentes tipos de produtos e serviços que neles se organizam, existem e são promovidos, uma intervenção que vise a valorização e promoção (interna e externa) do Catálogo de Experiências Turísticas associadas ao PCI e às regiões do Alentejo e Ribatejo não é apenas desejável, mas essencial para a melhoria da qualidade da oferta turística.

Um **Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no PCI** adquire um significativo potencial de afirmação do Alentejo e do Ribatejo como destinos turísticos identitários, contribuindo para incrementar a sua visibilidade, no mercado nacional e internacional. Este novo produto compósito, agregador e integrador de experiências turísticas garante um posicionamento mais forte dos referidos destinos turísticos, reforçando o segmento de turismo acessível à autenticidade cultural, criando novos motivos, formas e ciclos de visita e de estada turística. Por outro lado, trata-se de um segmento de oferta turística que gera efeitos nas dinâmicas culturais locais, com oferta junto dos turistas de experiências estimulantes e diferenciadores e, simultaneamente, com contributos para um enriquecimento social das comunidades recetoras, a criação de valor e a sustentabilidade futura de parte dessas manifestações e experiências culturais.

A importância da cultura e do património cultural e natural como fator e motor de processos de desenvolvimento sustentável, incluindo dentro de territórios com características predominantemente rurais e tecidos empresariais e institucionais mais débeis, tem sido reconhecida quer ao nível das abordagens técnico-científicas sobre desenvolvimento regional e socioeconómico, quer ao nível das abordagens políticas e estratégicas. No quadro dessas abordagens o turismo cultural tem assumido um papel estratégico e importante, contribuindo para a criação de rendimentos, para a criação de emprego e para a sustentabilidade e coesão social e ambiental.

A Estratégia Regional Alentejo 2020 inscreve dentro da visão formulada para a região do Alentejo, uma aposta no reforço do “capital simbólico e identidade distintiva” da região, tendo em vista o desenvolvimento económico, a criação de emprego e a atração de turistas e visitantes. Por sua vez, a Estratégia Turismo 2027 enuncia a seguinte visão “Afirmar o turismo como *hub* para o desenvolvimento económico, social e ambiental em todo o território, posicionando Portugal como um dos destinos turísticos mais competitivos e sustentáveis do mundo”, incluindo como para os próximos 10 anos uma aposta em “Portugal, destino sustentável, onde o desenvolvimento turístico assenta na conservação e na valorização do património natural e cultural do país”. Esta Estratégia do Turismo de Portugal enuncia ainda como meta para a *Satisfação dos residentes*, assegurando uma *integração positiva do turismo nas populações residentes*, que mais de 90% da população residente considere positivo o impacto do turismo no seu território. Refira-se ainda que dentro das Linhas de Atuação desta Estratégia nacional para o turismo, se incluem algumas que enquadram de forma mais específica os fundamentos deste projeto do Catálogo de experiências turísticas baseadas no Património Cultural Imaterial, conforme referência no esquema seguinte:

Objetivos estratégicos	VALORIZAR O TERRITÓRIO	IMPULSIONAR A ECONOMIA	POTENCIAR O CONHECIMENTO	GERAR REDES E CONECTIVIDADE	PROJETAR PORTUGAL
Linha de atuação	Conservar, valorizar e usufruir o património histórico-cultural				
	Valorizar e preservar a autenticidade do Portugal				
	Potenciar economicamente o património natural e rural e assegurar a sua conservação		Capacitar em contínuo os empresários e gestores para liderar o turismo do futuro - tecnológico, inclusivo e sustentável	Envolver ativamente a sociedade no processo de desenvolvimento turístico do país e das regiões	
	Promover a regeneração urbana das cidades e regiões do desenvolvimento turístico e sustentável dos territórios /destinos			Mobilizar o trabalho em rede e a promoção conjunta entre os vários setores	
	Estruturar e promover ofertas que respondam à procura turística				

In Turismo de Portugal, (ESTRATÉGIATURISMO2027 - Liderar o Turismo do Futuro, março 2017

2.2. MISSÃO E OBJECTIVOS

A criação, desenvolvimento e gestão de um Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no Património Cultural Imaterial (PCI) nos destinos turísticos do Alentejo e Ribatejo propõe-se cumprir a seguinte missão:

ORGANIZAR E PROMOVER DE FORMA INTEGRADA E SUSTENTADA UM CONJUNTO ALARGADO DE PRODUTOS TURÍSTICOS BASEADOS EM EXPERIÊNCIAS ASSOCIADAS AO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL DO ALENTEJO E RIBATEJO DE FORMA A AFIRMAR ESTES DESTINOS TURÍSTICOS PELA AUTENTICIDADE CULTURAL E A SUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO E SOCIOECONÓMICO.

No quadro desta missão global, os objetivos de criação do Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no Património Cultural Imaterial (PCI) para o Alentejo e Ribatejo são os seguintes:

- ☐ Promover condições para um posicionamento mais competitivo e diferenciador dos destinos turísticos Alentejo e Ribatejo através da promoção de produtos turísticos baseados no PCI;
- ☐ Reforçar a afirmação das regiões do Alentejo e do Ribatejo como destinos turísticos identitários e incrementar a visibilidade, nacional e internacional, através do conhecimento e contactos com os respetivos e diferentes PCI;
- ☐ Difundir a excelência e o carácter identitário dos produtos turísticos, diversificar a oferta turística e promover um turismo acessível à autenticidade cultural criando motivações, interesses e intensidades de visita turística que assegurem uma diversificação e consolidação dos segmentos de procura;
- ☐ Fomentar o trabalho em rede na construção de propostas de experiência turística através da articulação entre os protagonistas e detentores dos diversos PCI e destes com os promotores e gestores de produtos turísticos;

- ☐ Assegurar as condições para que este segmento de oferta de experiências turísticas baseado nos PCI se desenvolva de forma sustentável, revertendo valor para as comunidades locais e salvaguardando a sua identidade cultural e, deste modo, contribuir para a melhoria de qualidade de vida das populações locais e para a sustentabilidade do território;
- ☐ Organizar uma oferta de experiências turísticas que corporize uma matriz experiencial de interpretação dos destinos Alentejo e Ribatejo organizada em catálogo e diferentes tipologias de produtos;
- ☐ Estimular a troca cultural entre turistas e visitantes e as comunidades, de forma a suscitar dinâmicas culturais integradoras que contribuam para a valorização mútua, reduzindo ao máximo a cadeia de intermediação, ao permitir um contacto mais direto e personalizado entre turistas, protagonistas e comunidades locais, garantindo a qualidade da experiência turística a proporcionar aos turistas mas também a proteção e valorização do PCI que a sustenta.

Constituem, para além disso, objetivos operacionais do Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no Património Cultural Imaterial (PCI):

- ☐ a formulação de um referencial para a ativação turística deste património, com objetivos múltiplos de regulamentar a operação turística desenvolvida em torno destes produtos para garantir que são respeitados os princípios elementares enunciados;
- ☐ a disponibilização junto dos promotores orientações para a configuração e exploração dos produtos baseados nas experiências;
- ☐ o apoio aos promotores na divulgação da Marca no mercado e na relação com os protagonistas para a configuração e desenvolvimento dos produtos baseados em experiências;
- ☐ a garantia junto dos turistas da qualidade das experiências inseridas no Catálogo, através de uma informação organizada e fiável, pautada pela aproximação entre os diversos intervenientes na cadeia de valor da operação turística: a comunidade local, fornecedora da experiência, e os turistas, seus beneficiários e consumidores.

2.3. CONCEPTUALIZAÇÃO

O conceito de Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no Património Cultural Imaterial (PCI) assenta num conjunto de oportunidades que estão na base da sua configuração e que são:

1. a presença simultânea nos destinos turísticos do Alentejo e Ribatejo de patrimónios culturais imateriais, situados em diversas fases de reconhecimento nacional e internacional (inscritos nas listas da UNESCO, inventariados no INPC ou em processo de inventariação ou mesmo sem qualquer trabalho em curso de documentação e inventariação), em diversas fases de valorização e envolvendo diferentes tipos de protagonistas;
2. o potencial de relacionamento entre essas diferentes manifestações do PCI, seja por *associação territorial*, porque se encontram inseridos em territórios de proximidade e se tornam elementos fundamentais da compreensão, da perceção e da relação que os turistas podem estabelecer com os territórios dos destinos turísticos; seja por *associação temática*, contribuindo na sua relação para a compreensão da história, da cultura, da identidade destes territórios e das comunidades presentes nos destinos turísticos; seja por *imersão nessas mesmas comunidades*, favorecendo e apostando numa interação do turista que se prolonga para além dos protagonistas e se estende às comunidades locais;

3. simultaneamente, a significativa dispersão territorial das manifestações de PCI que favorece a multiplicação de hipóteses de oferta de programas e de roteiros turísticos, de extensão diversa, mais ou menos diferenciadores na sua conceção criativa, mais ou menos saturados do ponto de vista da procura ou mais generalistas dentro da oferta no mercado turístico;
4. a multiplicidade de motivações que o mercado hoje apresenta, nos seus diferentes segmentos de procura (grupos organizados, famílias, indivíduos, *millenials*, etc.), procurando níveis de imersão muitos diferenciados, complementada com a multiplicidade de escolhas que estes segmentos fazem em termos de alojamento, de transporte, de organização de viagem;
5. a diversidade também dos segmentos de procura em termos das suas condições sociográficas (capital cultural) e da expectativa de resposta que constroem, seja ao nível da qualidade e profundidade da informação e documentação disponibilizada, seja na preferência por experiências intermediadas ou, pelo contrário, de contacto direto com os protagonistas e as suas comunidades, seja na capacidade de participação mais imersiva no âmbito das próprias manifestações.

Este conceito Catálogo propõe-se abranger combinações múltiplas de experiências turísticas que explorem todas estas diferentes características, potencialidades e oportunidades descritas e que estão disponíveis nos destinos turísticos do Alentejo e Ribatejo.

Nesse sentido, este conceito de Catálogo propõe-se oferecer, dentro das experiências turísticas baseadas no PCI, vários produtos que se organizam em função de:

- *maior diversidade ou maior especialização* das manifestações de PCI que abrangem,
- *maior dispersão ou maior focalização territorial* da experiência turística baseada nas manifestações de PCI,
- *maior ou menor intensidade da experiência na interação* com as manifestações de PCI envolvidas,
- *maior ou menor disponibilidade de tempo dos turistas para estabelecer essa interação* com as manifestações de PCI, os seus protagonistas e as respetivas comunidades;
- *maior ou menor motivação dos turistas para cruzamento com outros produtos turísticos* que estão disponíveis no mercado dos destinos turísticos em questão,
- *maior ou menor orientação para segmentos específicos* de procura turística.

A figura seguinte procura ilustrar uma arquitetura do Catálogo baseada na combinação dos diferentes níveis de expressão de cada uma das dimensões referidas:

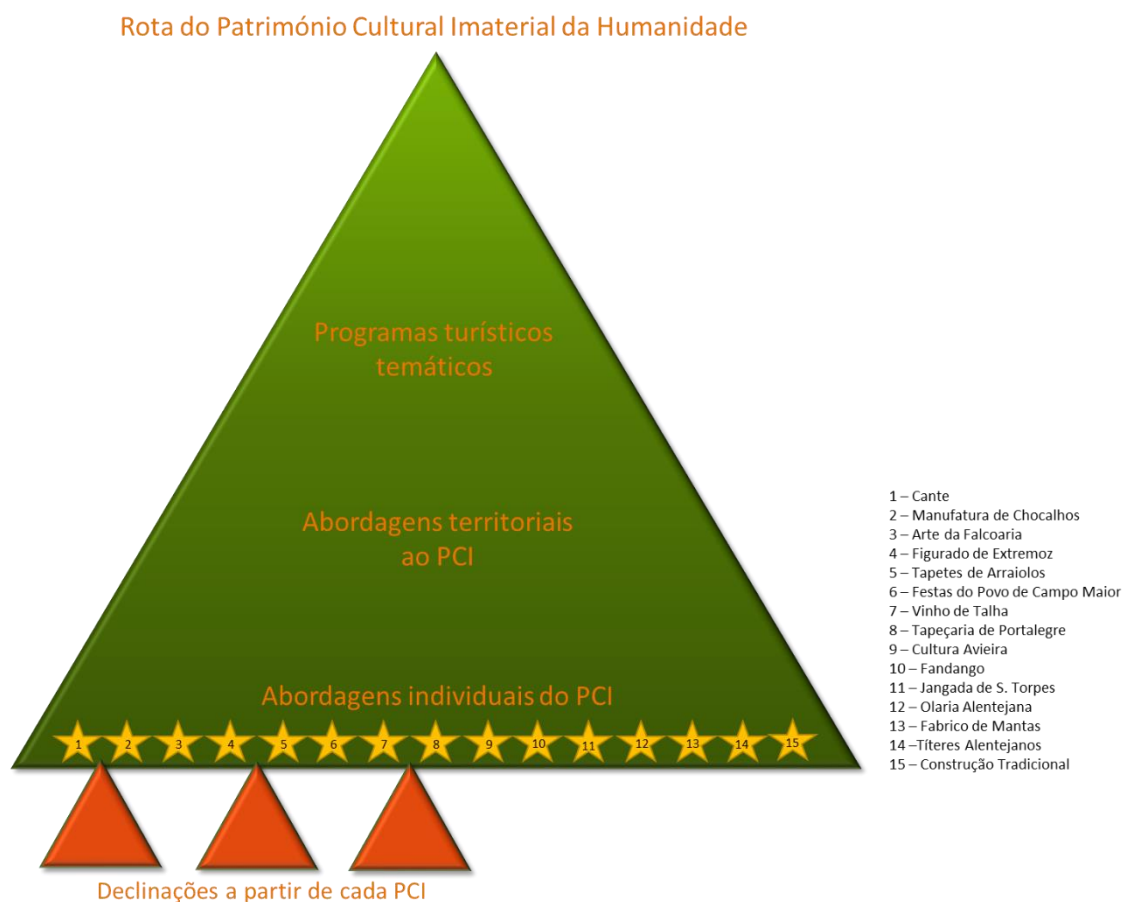


Figura 1 - Esquema da arquitetura do Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo

Considerando os termos em que o Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no Património Cultural Imaterial (PCI) está concebido, o seu desenvolvimento implica um conjunto de princípios que garantam a sua coerência, diferenciação e fiabilidade no mercado, sustentabilidade, salvaguarda dos PCI e criação de valor junto das comunidades de origem dessas manifestações culturais imateriais. Tais princípios referem-se à:

- criação de um **modelo de habilitação / certificação dos produtos** pela Turismo do Alentejo, E.R.T., em parceria com outras entidades que se demonstrem pertinentes pelo conhecimento que detêm sobre este património e sobre o mercado turístico, capaz de garantir uma diferenciação, evidente para o mercado, entre os produtos turísticos de experiência baseada em PCI que fazem parte do Catálogo e os produtos que aí não se inscrevem;
- organização de um **modelo de gestão e monitorização do Catálogo** capaz de garantir que o cumprimento de princípios e as características dos produtos se mantêm para além do momento de lançamento dos mesmos;
- organização de um **modelo promoção e divulgação global no mercado de uma Marca** comum que reforça simultaneamente a viabilidade dos produtos, favorecendo os seus

promotores, e a sustentabilidade dos PCI, salvaguardando os interesses dos seus protagonistas.

No âmbito da operacionalização destes princípios são estabelecidas em seguida, propostas de criação dos seguintes instrumentos de desenvolvimento do Catálogo:

1. CARTA DE PRINCÍPIOS, que exige uma ampla divulgação junto de potenciais promotores,
2. REGULAMENTO GERAL de suporte ao processo formal de habilitação dos produtos pela Turismo do Alentejo, E.R.T., em articulação com parceiros,
3. SUPORTES DE COMUNICAÇÃO específicos da marca / produtos que integram o Catálogo,
4. MODELOS DE GESTÃO do Catálogo.

2.4. CARTA DE PRINCÍPIOS

A **Carta de Princípios do Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no PCI Alentejo e Ribatejo – (im)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo** pretende sistematizar um conjunto de orientações e de normas que os agentes turísticos devem cumprir aquando da configuração, organização e oferta dos produtos turísticos no sentido de viabilizar a sua integração e manutenção dentro do Catálogo, beneficiando dos instrumentos que lhe estão associados, nomeadamente a plataforma e outros suportes de promoção e divulgação.

Sendo o seu principal objetivo clarificar junto de potenciais promotores de experiências turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo o conceito e as condições de acesso ao Catálogo, a Carta de Princípios estabelece os seguintes elementos:

1. Tipologias de Experiência Turística do Catálogo (im)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo

As experiências turísticas com base nas manifestações de Património Cultural Imaterial (PCI) podem configurar diferentes produtos turísticos desde que estes mobilizem “tradições e expressões orais (...), artes do espetáculo, práticas sociais, rituais e eventos festivos, conhecimento e práticas relacionadas com a natureza e o universo e aptidões ligadas ao artesanato tradicional”¹ e se estruturam dentro das seguintes quatro grandes tipologias:

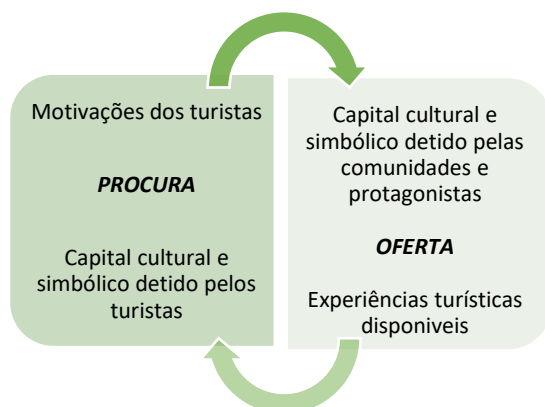
- *Rota do Património Cultural Imaterial da Humanidade*, integrando num mesmo produto turístico experiências baseadas em todos os PCI inscritos na Listas da UNESCO e localizados nos destinos turísticos do Alentejo e Ribatejo (atualmente são quatro os PCI já inscritos nas Listas da UNESCO – o Cante, a Manufatura dos Chocalhos, a Falcoaria e o Figurado de Estremoz), que em virtude da sua dispersão territorial exigem um nível de deslocação significativo dentro dos destinos;
- *Programas turísticos temáticos baseados no PCI*, que pressupõem a articulação e integração num mesmo produto turístico de experiências baseadas em diferentes manifestações do PCI, dentro de uma lógica temática, trabalhada a partir de um fio condutor de relacionamento e compreensão cultural (e histórica) dos territórios do Alentejo e Ribatejo,

¹ UNESCO, *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, Paris, 17 de outubro de 2003.

que podem implicar uma considerável extensão territorial e um nível de deslocação significativo dentro dos destinos;

- *Programas turísticos territoriais baseados no PCI*, que pressupõem igualmente na configuração e organização do produto turístico a associação e articulação de experiências baseadas em diferentes manifestações do PCI confluentes no território, mobilizando tais manifestações culturais como meio de compreensão e perceção de espaços territoriais e paisagens culturais mais restritos que coexistem nos destinos turísticos do Alentejo e Ribatejo, não justificando deslocações muito significativas mas, pelo contrário, situações de imersão mais intensas que admitem um mesmo local de alojamento;
- *Experiências individuais com o PCI*, que pressupõem a concentração do produto turístico em apenas uma manifestação cultural, explorando formas de interação com o(s) seu(s) protagonista(s) e com as comunidades de origem, através de experiências imersivas e que podem ser mais ou menos prolongadas no tempo e circunscritas territorialmente.

O conceito de Catálogo que está subjacente a estas tipologias de produtos turísticos configura um espaço multidimensional dentro do qual se podem vir a inscrever múltiplas configurações de experiências turísticas, que demonstrem originalidade e viabilidade na combinação de motivações diversas (pelo lado da procura), de uma pluralidade de capital cultural e simbólico (pelo lado da oferta e da procura) e de uma variedade de níveis de experiência (pelo lado da oferta).



As propostas de experiência turística que passarão a integrar o Catálogo serão sempre consideravelmente diferenciadas. Elas responderão com múltiplas soluções criativas aos desafios colocados por: diferentes níveis e intensidades de motivação dos diversos segmentos de turismo; uma enorme diversidade de capital cultural que os turistas transportam consigo, condicionando a forma como estabelecem interações com as comunidades de destino e as suas manifestações culturais; e uma extensa gama de valor cultural e simbólico incorporado nos diversos ativos culturais dos territórios do Alentejo e do Ribatejo.

Para além da sua génese e da sua substância específica, estas experiências turísticas tenderão a assumir no mercado formatos de organização de produto e formas de distribuição, comercialização e de consumo final também diferenciados.

2. Normas e Códigos

Os produtos turísticos para integrar o Catálogo *(im)HERITASTE LIST*, Alentejo&Ribatejo deverão:

- a) Respeitar as normas legais, nacionais e internacionais (comunitárias), que regulamentam a atividade desempenhada;
- b) Aderir aos códigos internacionais que orientam o desenvolvimento da atividade turística, nomeadamente, o Código Mundial de Ética do Turismo, desenvolvido pela Organização Mundial de Turismo.

As entidades promotoras de experiências turísticas – empresas de animação turística, organizações do terceiro setor ou detentores/ protagonistas de PCI, entre outras – que desejem ver incluídos no Catálogo *(im)HERITASTE LIST*, Alentejo&Ribatejo todas ou uma parte dos seus produtos turísticos, devem ter acesso às orientações e aos parâmetros que o Catálogo estabelecer, pelo que a inscrição destas experiências no Catálogo terá de cumprir procedimentos específicos a divulgar e clarificar junto dos seus potenciais promotores.

3. Qualidade da Experiência/ Produto Turístico

A aceitação e integração de um produto turístico no Catálogo *(im)HERITASTE LIST*, Alentejo&Ribatejo implica que a(s) experiência(s) turísticas baseadas no PCI que o compõem cumpram os seguintes parâmetros de qualidade:

- A **Autenticidade** - garantindo o envolvimento direto dos detentores ou protagonistas das manifestações, expressões e práticas culturais abordadas, mesmo que podendo associar alguns mediadores, com competências adequadas para essa mediação, bem como a sua contextualização dentro das comunidades e territórios de origem, salvaguardando a sua compreensão histórico-cultural e social;
- O **Rigor** - exigindo rigor nos conteúdos transmitidos e mobilizados na experiência, associando um trabalho prévio de investigação ou estudo sobre o património cultural imaterial que se pretende abordar, permitindo que a conceção das experiências garanta a autenticidade das formas de expressão desse património cultural, dotando quer eventuais mediadores que acompanhem os turistas, quer o material de suporte e interpretativo, de conteúdos sustentados em conhecimento sistematizado, que pode de qualquer modo assumir diversas formas (científico, empírico, etc.);
- O **Tempo e o Espaço** adequados à experiência – isto é, garantindo que os tempos (duração, momentos do dia, do ano, etc.) e o local ou locais em que os turistas são envolvidos na experiência lhes permitem uma compreensão real, autêntica e aprofundada do património cultural imaterial em questão, no quadro dos seus contextos, social e territorial, próprios;
- A **Individualidade e Coerência do conjunto** - no sentido em que a associação entre diferentes formas de património cultural imaterial dentro da mesma experiência deve acautelar diálogos e relações autênticas entre as manifestações, bem como, relações coerentes dessas com outros serviços turísticos (alojamento, refeições / gastronomia, modos de deslocação, etc.), de modo a melhorar a compreensão da identidade cultural das comunidades e dos territórios e a evitar acumulação desconexa ou descontextualizada de manifestações e expressões culturais.
- A **Diversidade** - optando por formas criativas que privilegiem e garantam a compreensão da diversidade cultural e do diálogo intercultural, tentando neutralizar visões fragmentadas das memórias e do passado histórico.

4. Salvaguarda e Valorização do PCI e Envolvimento e Benefícios para as Comunidades

O conceito de produto turístico que está subjacente a estas abordagens de experiência baseada no PCI pressupõe, pois, o cumprimento de um conjunto de condições no modo como é estabelecida a interação entre os turistas e os detentores de PCI e as suas comunidades, com capacidade de garantir benefícios para ambas as partes e a continuidade futura da própria interação.

Os produtos turísticos deverão assegurar condições para que este segmento de oferta de experiências turísticas baseado nos PCI se desenvolva de forma sustentável, revertendo valor para as comunidades locais e salvaguardando a sua identidade cultural e, deste modo, contribuir para a melhoria de qualidade de vida das populações locais e para a sustentabilidade do território.

Por outro lado, é fundamental garantir limites de carga sobre estas comunidades, os contextos e os protagonistas detentores das manifestações culturais em causa. Nesse sentido, a interação com as manifestações de PCI no âmbito destas experiências deve cumprir limites de dimensão dos grupos adequados às especificidades de cada PCI, formas de presença e de participação dos turistas não evasivas e que evitem a adulteração dos contextos da sua realização.

5. Satisfação do Turista

As experiências oferecidas deverão corresponder plenamente à base motivacional e às expectativas associadas à descoberta e aprofundamento da ligação e compreensão das culturas locais, designadamente na salvaguarda da autenticidade das manifestações garantindo, nomeadamente, que:

- Os protagonistas envolvidos são os detentores dos saberes associados aos PCI;
- Não se verifica a substituição do local e as condições de ocorrência/produção das manifestações;
- Os mediadores detêm um conhecimento aprofundado e rigoroso sobre o PCI.

6. Contributo para o desenvolvimento sustentável do Território

Os bens e manifestações de PCI representam um enorme potencial de conhecimento, de interpretação e de interação com os territórios e as comunidades de que são pertença e, nesse sentido, configuram oportunidades de grande valor no quadro da experiência de natureza turística, sobretudo quando assumida numa relação equilibrada e sustentável entre as comunidades de acolhimento (destinos turísticos) e os seus visitantes.

Pela natureza dos próprios bens do património cultural imaterial, as experiências do Catálogo (im)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo vão gerar fluxos turísticos no território numa lógica de dispersão, o que tem como vantagem, o alargamento dos beneficiários de tais fluxos. A aposta neste tipo de produtos turísticos baseados no PCI permite proporcionar uma repartição mais alargada e equitativa dos benefícios económicos do turismo, reduzindo concentrações de fluxos que sejam prejudiciais ao território e à própria experiência turística.

Neste sentido ainda, os produtos turísticos a integrar neste Catálogo devem cumprir requisitos de:

- **Responsabilidade**, orientando a abordagem à cultura e ao património como fatores de desenvolvimento sustentável, que possam beneficiar as populações locais;

- **Sustentabilidade**, gerando vantagens competitivas que permitam criar valor a partir dos ativos do PCI, em conexão com outros serviços turísticos, contribuindo para a sustentabilidade económica, social e ambiental das manifestações do Património Cultural Imaterial e incentivando o surgimento de um turismo responsável.

2.5. REGULAMENTO

Regulamento de acesso ao Catálogo de Experiências Turísticas do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo (im)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo

Objeto

Artigo 1.º

1. *O presente regulamento estabelece as condições e normas para o acesso ao Catálogo de Experiências Turísticas do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo (im)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo, desenvolvido e gerido pela Turismo do Alentejo, E.R.T.*
2. *O Catálogo de Experiências Turísticas do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo visa:*
 1. *Assegurar a diferenciação entre os produtos turísticos de experiência baseada em PCI que fazem parte do Catálogo e os produtos que aí não se inscrevem, tendo esta que ser perceptível pelo mercado;*
 2. *Exigir a habilitação dos produtos turísticos a integrar no Catálogo pela Turismo do Alentejo, E.R.T., em parceria com outras entidades que se reconhecem como pertinentes para a confiança que os turistas vão depositar no Catálogo, e que integrarão a Comissão de Avaliação;*
 3. *Garantir a gestão e monitorização dos produtos, assegurando o cumprimento de princípios e características para além do momento de lançamento do produto por parte dos seus promotores e intervenientes do mercado;*
 4. *Garantir a gestão e promoção/ divulgação global no mercado de uma Marca que reforça a sustentabilidade dos produtos.*
3. *Todas as empresas e organizações que pretendam propor a integração de experiências turísticas no Catálogo deverão seguir o presente Regulamento.*

Empresas e Organizações Proponentes

Artigo 2.º

1. *As empresas e organizações que pretendam inscrever as suas experiências no Catálogo deverão:*
 1. *Estar devidamente licenciadas e ter regularizadas as suas situações perante as Instituições competentes aplicáveis à sua atividade;*
 2. *Comprometer-se a cumprir o presente Regulamento e assegurar o respeito pelos princípios e orientações constantes da Carta de Princípios do Catálogo de Experiências Turísticas do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo.*
2. *As empresas e organizações cujas experiências turísticas venham a integrar o Catálogo, beneficiarão de:*
 - a. *Apoio técnico e logístico, por parte da Turismo do Alentejo, E.R.T., no decorrer do processo de candidatura ao Catálogo e durante a permanência no mesmo;*
 - b. *Acesso aos canais de comunicação e promoção da Turismo do Alentejo, E.R.T. e a todos os materiais e suportes desenvolvidos no âmbito do Catálogo de Experiências Turísticas;*
 - c. *Integração dos seus produtos e experiências num Catálogo potencialmente diferenciador da oferta turística regional, com ganhos na visibilidade e reconhecimento externo, na sustentabilidade da sua própria atividade e na satisfação dos seus potenciais clientes.*
3. *As empresas e organizações cujas experiências venham a integrar o Catálogo comprometem-se a:*
 - a. *Respeitar o presente Regulamento e informar a entidade gestora do Catálogo de quaisquer alterações que possam eventualmente observar-se no que respeita à propriedade e gestão da empresa/ organização, e outras, que de alguma forma alterem os pressupostos considerados no momento de integração das Experiências no Catálogo;*

- b. *Assegurar o cumprimento dos princípios estabelecidos na Carta de Princípios das Experiências Turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do turismo, para a qualidade de vida das comunidades locais, e para a preservação e valorização das manifestações culturais e do território em que as mesmas ocorrem;*
- c. *Garantir o envolvimento das comunidades locais, e em particular, dos detentores/protagonistas do PCI do Alentejo e Ribatejo na operacionalização e comercialização das experiências turísticas, salvaguardando a justa distribuição de valor e benefícios;*
- d. *Desenvolver os materiais e suportes promocionais específicos das experiências que comercializem e que venham a integrar o Catálogo, garantindo a adequada articulação destes com os materiais mais genéricos desenvolvidos pela Turismo do Alentejo, E.R.T., a qualidade dos conteúdos e as demais orientações constantes na Carta de Princípios;*
- e. *Fornecer à Turismo do Alentejo, E.R.T., informação relativa ao número de experiências comercializadas e ao perfil dos turistas que as realizem (nacionalidade, grupo etário, forma de viagem /grupo/ individual), sempre garantindo a confidencialidade dos dados e o cumprimento do Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) em vigor;*
- f. *Sensibilizar os seus clientes para o preenchimento do Inquérito à Satisfação desenvolvido pela Turismo do Alentejo, E.R.T., e facultado aos promotores. Este Inquérito à Satisfação constituirá um instrumento para a monitorização e avaliação do sucesso das experiências promovidas, e do cumprimento dos requisitos e orientações constantes deste Regulamento.*
- g. *Fornecer à Entidade Gestora e à Comissão de Avaliação por esta designada todos os dados e informações relevantes para o processo de integração, avaliação e monitorização das experiências turísticas.*

Entidade Gestora

Artigo 3.º

1. *A gestão do Catálogo será assegurada pela Turismo do Alentejo, E.R.T. que assume a coordenação e gestão do processo de seleção das Experiências a integrar o Catálogo, de acordo com o presente Regulamento, e com a avaliação feita pela Comissão de Avaliação.*
2. *A Turismo do Alentejo, E.R.T. irá assegurar a mais ajustada promoção do Catálogo e das Experiências dele integrantes, através do desenvolvimento de materiais e suportes de comunicação e promoção a difundir nos seus canais oficiais. Na fase de lançamento do Catálogo está prevista a produção de diversos folhetos e vídeos, de uma versão impressa do Catálogo, e ainda, o desenvolvimento de uma plataforma digital. A promoção realizada pela Turismo do Alentejo, E.R.T. deverá assumir um carácter transversal cabendo aos promotores o desenvolvimento dos suportes e materiais específicos aos produtos por si comercializados que venham a integrar o Catálogo.*
3. *À Turismo do Alentejo, E.R.T. compete ainda a aplicação do Sistema de Avaliação e Monitorização definido, contando para o efeito com a colaboração das entidades integrantes da Comissão de Avaliação, e de outras que venha a considerar relevantes.*
4. *A Turismo do Alentejo, E.R.T., compromete-se a prestar todos os esclarecimentos e apoio necessários às empresas e organizações proponentes, garantindo o sigilo e a confidencialidade dos mesmos.*

Comissão de Avaliação

Artigo 4.º

1. *A Comissão de Avaliação do Catálogo de Experiências Turísticas tem como missão a avaliação e monitorização das experiências turísticas que pretendam e venham a integrar o Catálogo, de acordo com o Sistema de Avaliação e Monitorização definido e constante do presente Regulamento.*
2. *A Comissão de Avaliação do Catálogo de Experiências Turísticas compromete-se a assegurar, em todos os momentos do processo, a total imparcialidade e a rigorosa aplicação dos critérios e indicadores do Sistema de Avaliação e Monitorização definidos, solicitando, sempre que necessário e aplicável, informações adicionais aos proponentes.*
3. *A Comissão de Avaliação será constituída por representantes das seguintes Entidades, de acordo com indicação dos respetivos responsáveis:*
 - i. *Direção Regional da Cultura do Alentejo (DRCA),*

- ii. *Turismo de Portugal, I.P. (TP),*
- iii. *Fundação Eugénio de Almeida (FEA),*
- iv. *Universidade de Évora (EU);*
4. *Integrarão ainda a Comissão de Avaliação peritos e membros da sociedade civil que se considere terem um perfil e conhecimento adequados, podendo neste caso o convite ser feito diretamente pela Turismo do Alentejo, E.R.T..*

Protagonistas do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo

Artigo 5.º

1. *No âmbito do Catálogo de Experiências Turísticas do PCI do Alentejo e Ribatejo consideram-se Protagonistas do PCI, as entidades e/ou indivíduos detentores de saberes fazer associados ao PCI e que assumam, na atualidade, uma ligação viva e constante a estas manifestações culturais.*
2. *O envolvimento dos Protagonistas configura uma condição base para o desenvolvimento e sucesso das Experiências Turísticas, pelo que deve ser assegurada a sua participação ativa, bem como, a sua adequada retribuição, seja em termos materiais e financeiros, seja em termos éticos, culturais e sociais.*
3. *Os Protagonistas devem assegurar a preservação da autenticidade e identidade das manifestações culturais, garantindo, entre outros aspetos, a não substituição do local e das condições de ocorrência/ produção das mesmas inicialmente previstas/ tradicionais.*
4. *Os Protagonistas deverão garantir a disponibilidade para a realização de reuniões com a Comissão de Avaliação, permitindo assim uma mais próxima monitorização do Catálogo, em particular no que respeita ao seu envolvimento e retribuição.*

Experiências Turísticas

Artigo 6.º

1. *As Experiências Turísticas passíveis de integrar o Catálogo deverão respeitar as normas legais nacionais e internacionais em vigor e aplicáveis à atividade turística, garantir o cumprimento das normas e orientações constantes da Carta de Princípios e do presente Regulamento.*
2. *As Experiências/ Produtos Turísticos deverão ainda:*
 - a. *Salvaguardar a autenticidade e identidade das manifestações do PCI a partir das quais são desenvolvidas, promovendo a sua preservação e valorização, bem como a das comunidades locais e territórios em que as mesmas estão presentes.*
 - b. *Garantir que os protagonistas envolvidos são os detentores dos saberes associados ao PCI, e que os mediadores detêm um conhecimento aprofundado sobre o PCI, no sentido de configurarem uma oferta turística diferenciadora, que proporciona aos turistas um contato enriquecedor, de aprofundamento e compreensão das culturas locais.*
 - c. *Disponibilizar materiais de suporte que contenham conteúdos de qualidade facultando ao turista informação sistematizada que permita um aprofundamento e compreensão das culturais locais e dos territórios.*
 - d. *Adotar, em toda a cadeia de operacionalização e comercialização, princípios de responsabilidade, sustentabilidade e de ética, designadamente, no que respeita ao envolvimento das comunidades locais e dos protagonistas do PCI, contribuindo para a mobilização dos ativos culturais como fator de desenvolvimento económico, social e ambiental da região.*
3. *As Experiências Turísticas do Catálogo deverão configurar-se de acordo com as tipologias, componentes e características definidas pela Turismo do Alentejo, E.R.T. e sistematizadas na tabela abaixo, cabendo aos promotores o desenvolvimento e estruturação das componentes e conteúdos específicos de cada Experiência.*

Rota do Património Cultural Imaterial da Humanidade *Produto turístico que associa, de forma integrada, os diversos PCI do Alentejo e Ribatejo inscritos nas Listas da UNESCO, relacionando-se, para além disso, com o interesse turístico de outros bens patrimoniais inscritos na Lista do Património Mundial (casos de Centro Histórico de Évora e a Cidade Fronteiriça e de Guarnição de Elvas e as suas Fortificações), que podem*

servir de “âncoras”. O produto pode beneficiar da elevada notoriedade da marca UNESCO no destino, e sobretudo no mercado turístico internacional, contribuindo para captar novos segmentos de turismo e consolidar outros. Este produto configura um ROTEIRO, com percursos relativamente extensos e dispersos pela área geográfica do Alentejo e Ribatejo, favorecendo uma compreensão geral e uma interação com as manifestações e outras dimensões do património cultural imaterial e da identidade cultural das regiões do Alentejo e Ribatejo e, simultaneamente, com o contexto territorial e as comunidades em que esse património permanece. Estas expressões culturais, reconhecidas como Património Cultural Imaterial, fazem parte da história social e cultural das comunidades e da região do Alentejo e do Ribatejo pelas características de singularidade dos saberes, tradições técnicas e mundividades que lhes deram origem.

**Programas
Turísticos Temáticos**

Produto turístico que assume a tipologia de circuito mas que tem por base, no contato e visita dos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo, um tema agregador de diversas manifestações e elementos do património cultural imaterial presente neste território e nas suas comunidades. O produto apresenta a forma de CIRCUITO TEMÁTICO, que poderá ter percursos mais ou menos extensos e mais ou menos variados, mas que se alicerça sobretudo em atividades em que o turista aborda, experiência e se relaciona com o território e com as suas comunidades, através de Programas Turísticos Temáticos focados num tema específico que, em princípio, apresenta alguns sinais de diferenciação perante outros territórios.

**Programas
Turísticos
Territoriais**

O conceito de programa turístico territorial assenta fundamentalmente na organização da oferta de experiências turísticas relacionadas com o PCI em cada uma das sub-regiões dos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo (coincidindo em termos territoriais com a organização administrativa das Comunidades Intermunicipais). Estes programas permitem densificar a matriz de produtos turísticos baseados no PCI acessíveis em cada uma destas sub-regiões, favorecendo a atratividade junto de segmentos de turismo orientados para a dimensão cultural e criativa, mais motivados para experiências de tipo imersivo, e contribuindo, especialmente, para o alargamento do período de estadia média.

Os produtos dentro desta tipologia assumem formas diversas que podem identificar-se sobretudo com modelos de CIRCUITOS TURÍSTICOS CURTOS ou de EXPERIÊNCIAS DE BASE TERRITORIAL, centrando o seu objetivo na interação autêntica que o turista estabelece com as comunidades e as expressões culturais com significado no contexto do território em que se encontra, configurando dimensões do seu PCI, permitindo ao turista alargar a compreensão desse território.

No caso dos circuitos, a sucessão das experiências com diversas formas de PCI deverá privilegiar um sentido de conexão entre os mesmos, capaz de favorecer a percepção por parte do turista de elementos da história, social e económica, das características biofísicas e da paisagem e das relações culturais que estão presentes e configuram as especificidades deste território. Uma sucessão mais ou menos desligada de visitas e encontros empobrece o potencial de experiência que o próprio território, através das suas componentes, física, humana e social, tem para oferecer.

**Programas
Turísticos
Individuais**

As inúmeras manifestações de PCI que se distribuem pelo território dos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo, conferindo-lhes uma riqueza e diversidade inquestionáveis, podem ser contactadas, com maior ou menor intensidade e profundidade, pelos turistas e visitantes que escolhem estes destinos com interesse pela sua cultura. No entanto, é desejável que estes contactos se estabeleçam de modo a permitir preservar os elementos primordiais que caracterizam tais manifestações culturais e imateriais e, além disso, garantir a sustentabilidade futura das suas comunidades, enquanto detentores e protagonistas das “práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões” que fazem parte do seu património cultural.

O conceito de produto ou experiência turística que está subjacente a estas abordagens individuais do PCI pressupõe, assim, um conjunto de condições em que é estabelecida a interação entre os turistas e os detentores de PCI e as suas comunidades, com capacidade de garantir benefícios para ambas as partes e a continuidade futura da própria interação. Neste sentido, torna-se fundamental que as expectativas e as motivações que estão subjacentes, de parte a parte, nesta relação sejam preenchidas e contribuam para um conhecimento e um respeito mútuo.

Da parte do turista, este conceito de produto ou experiência turística, procura dar respostas de intensidades diferentes e que contribuam para algum ou alguns destes fins: i) aumentar o conhecimento e a compreensão das culturas e dos modos de vida das comunidades do destino; ii) facultar experiências culturais e artísticas autênticas; iii) permitir a participação em manifestações de criatividade, de sociabilidade e de convivialidade no seio das comunidades de destino; iv) viver experiências que aproximem de um sentido de pertença local; v) refletir elementos dos seus modos de vida próprios junto de outras comunidades; v) associar modos de vida saudáveis às dimensões culturais das comunidades e dos territórios de destino; vi) aprender “coisas” novas; vii) estabelecer percursos de aprendizagens, em competências individuais de tipo diverso, incluindo o desenvolvimento das próprias carreiras profissionais.

Da parte dos detentores e das comunidades, este conceito de produto ou experiência turística, procura preservar dimensões essenciais do PCI e contribuir para a sua sustentabilidade, ao nível de: i) precaver a adulteração e a mercantilização das manifestações culturais específicas; ii) evitar a transferência das manifestações para contextos que são totalmente exteriores às suas comunidades; iii) precaver a predominância de estruturas e de atividades que interpretam o PCI de forma desligada dos seus detentores, contextos próprios e comunidades; iv) assegurar uma interação direta dos seus detentores com os turistas, mesmo quando exigem mediadores, os quais devem assumir uma atitude deferente perante tais detentores; v) contribuir para o enriquecimento social e cultural das comunidades de acolhimento e dos detentores do PCI; vi) assegurar que a geração de receitas e de mais-valias se repercute também para os detentores e as suas comunidades, garantindo oportunidades dessa partilha; vii) garantir a continuidade das manifestações do PCI dentro dos contextos evolutivos das próprias comunidades.

Os produtos ou experiências turísticas que fazem parte desta tipologia concentram-se num único PCI, numa interação que pode ser: mais ou menos prolongada no tempo, mais ou menos individualizada, mais ou menos participada, mais ou menos imersiva, mais ou menos vinculativa a uma comunidade local.

Procedimento de Formalização das Candidaturas

Artigo 7.º

1. *As candidaturas estão abertas em permanência pelo que as entidades interessadas poderão formalizar os seus pedidos de integração de Experiências Turísticas no Catálogo a qualquer momento. O processo de avaliação de candidaturas e a posterior integração das Experiências Turísticas no Catálogo serão realizadas em períodos específicos, oportuna e publicamente divulgados.*
2. *O processo para a integração das Experiências Turísticas no Catálogo, é constituído por três fases:*
 - a. *Primeira fase: As candidaturas devem ser formalizadas através do preenchimento do formulário de candidatura anexo ao presente Regulamento e enviado através de e-mail, carta ou outra forma de comunicação para a Turismo do Alentejo, E.R.T., designadamente, através da plataforma digital do Catálogo. A este formulário de adesão devem ser anexados todos os elementos essenciais nele mencionados.*
 - b. *Segunda fase: Será realizada a apreciação das Experiências Turísticas pela Comissão de Avaliação designada para o efeito, de acordo com o presente Regulamento, e nos períodos para tal definidos pela Entidade Gestora.*
 - c. *Terceira fase: Validação e posterior integração das Experiências Turísticas no Catálogo, após verificação da conformidade da candidatura com as respetivas normas.*
3. *Durante o processo de avaliação das candidaturas, pode a Turismo do Alentejo E.R.T., e/ou a Comissão de Avaliação solicitar aos proponentes a prestação de esclarecimentos e/ou documentos complementares, necessários à correta aferição do cumprimento das normas e requisitos definidos.*
4. *A Turismo do Alentejo E.R.T., disponibilizará um Guia de Apoio, anexo a este Regulamento, e do qual constarão todas as informações necessárias à plena compreensão do processo de candidatura, avaliação, monitorização e renovação das Experiências Turísticas no Catálogo.*

Prazo de Validade /Renovação

Artigo 8.º

1. *Após a integração no Catálogo, a Experiência Turística tem assegurada a permanência no mesmo durante o período de um ano, salvo em situações de incumprimento, solicitação da entidade*

responsável pela prestação da mesma, e outras que venham a justificar a retirada da Experiência do Catálogo.

2. *A permanência no Catálogo após o primeiro ano estará dependente da avaliação de monitorização realizada, de acordo com o Sistema de Avaliação e Monitorização definido no presente Regulamento, prevendo-se a renovação por períodos anuais, desde que garantido o cumprimento das normas e requisitos estabelecidos.*
3. *Nos casos em que haja alterações de propriedade e/ou gerência da empresa e/ou organização responsável pela prestação da Experiência, ou outras que se considere alterarem as condições de base da integração da Experiência no Catálogo, a renovação deverá ocorrer no momento em que ocorram e sejam aprovadas pela Turismo do Alentejo, E.R.T., essas mesmas alterações, ainda que possa não ter decorrido o período anual inicialmente considerado.*
4. *A renovação, desde que aprovada pela Comissão de Avaliação, será realizada de forma automática, sem que para o efeito a empresa/ organização responsável pela Experiência precise de desenvolver qualquer outro procedimento que não o fornecimento dos dados requeridos para o efeito, sistematizados em formulário próprio, anexo a este Regulamento.*

Custos

Artigo 9.º

A integração das Experiências Turísticas no Catálogo não terá quaisquer custos para as empresas e organizações proponentes, assim como todos os procedimentos inerentes à respetiva avaliação, monitorização e renovação.

Infrações e Incumprimentos

Artigo 10.º

Constituem infrações ou incumprimentos ao presente Regulamento:

- a. *O uso indevido do Catálogo de Experiências, e de todo e quaisquer materiais promocionais e informativos a este associados, designadamente, em produtos e serviços turísticos não autorizados e/ou não constantes do Catálogo, ainda que promovidos pela mesma empresa ou organização.*
- b. *Alteração das condições que levaram à integração das Experiências Turísticas no Catálogo, sem que as mesmas sejam comunicadas e aprovadas pela Entidade Gestora.*

Disposições gerais

Artigo 11.º

1. *Os casos omissos deste regulamento serão resolvidos no âmbito do departamento jurídico da Turismo do Alentejo, E.R.T.*
2. *Qualquer proposta e/ ou alteração a este regulamento será aprovada e apresentada em sessão a definir pela entidade gestora e comunicada a todos os aderentes.*
3. *O presente regulamento é o documento de referência, a utilizar por todos os interessados, para a integração de Experiências Turísticas no Catálogo, não dispensando a consulta da Carta de Princípios e do Guia de Apoio.*

2.6. CONDIÇÕES PARA A OPERACIONALIZAÇÃO

A operacionalização do Catálogo de Experiências Turísticas do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo (*im*)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo implica o desenho global do modelo de organização e gestão e a definição de um conjunto de instrumentos essenciais para essa gestão.

2.6.1. MODELO DE GESTÃO

O modelo global de gestão do Catálogo será assumido pela Turismo do Alentejo, E.R.T., a quem se atribuem as seguintes competências:

1. Criação e gestão de uma **plataforma digital** de suporte ao Catálogo que tem por objetivo a divulgação e promoção dos produtos turísticos formatados de acordo com a Carta de Princípios e o Regulamento anteriormente descritos, sujeitos à respetiva candidatura ao Catálogo e aprovados por uma Comissão de seleção constituída para o efeito;
2. Produção de outros **suportes de promoção e divulgação** do Catálogo com o objetivo de estimular e favorecer, dentro dos destinos turísticos do Alentejo e Ribatejo, a criação e organização de experiências turísticas baseadas nas manifestações do PCI adequadas aos princípios e objetivos do Catálogo, e de promover no mercado turístico, regional, nacional e internacional, os produtos turísticos que integram o Catálogo;
3. Dinamização nos destinos turísticos do Alentejo e Ribatejo **de novos projetos de experiências turísticas baseadas no PCI** através do estímulo junto de empresas do setor, particularmente empresas de animação, mas também empresas com intervenção noutras áreas de serviços turísticos ou outros, junto de entidades que sejam gestores do PCI ou junto dos próprios protagonistas, envolvendo sempre que pertinente os Municípios, em particular os que detêm já intervenções de valorização e interpretação do PCI em causa;
4. Constituição de uma **Comissão de Avaliação** a quem deverá competir a avaliação das candidaturas de produtos turísticos ao Catálogo, avaliando-os no modo como se propõem cumprir a Carta de Princípios e que será constituída, para além de um representante da própria Turismo do Alentejo, E. R. T., por representantes da Direção Regional da Cultura do Alentejo (DRCA), do Turismo de Portugal, I.P. (TP), da Fundação Eugénio de Almeida (FEA) e da Universidade de Évora (UE);
5. Gestão dos **processos de candidatura** ao Catálogo concretizado através de um conjunto de procedimentos simples, sem excessivas formalidades, mas que simultaneamente garantam o fiel cumprimento dos princípios e dos objetivos enunciados por parte dos promotores de experiências turísticas baseadas em PCI inseridas no Catálogo, na gestão e prestação desses serviços no mercado;
6. Criação e gestão de um **mecanismo de avaliação e monitorização** do Catálogo, capaz de acompanhar o desempenho das experiências turísticas por parte dos promotores e de ter alguma auscultação do mercado, com recolha da apreciação dos turistas.
7. **Gestão do impacto** que uma eventual maior pressão turística sobre o património cultural possa vir a gerar, contribuindo para garantir a salvaguarda desse património, na sua autenticidade e identidade, e as retribuições necessárias junto dos seus protagonistas e das comunidades de origem, que devem tornar-se beneficiários diretos do crescimento dessa dinâmica turística

As prioridades ao nível da operacionalização do Catálogo incidem nas ações que se orientam preferencialmente para a sua promoção e divulgação e para a dinamização de novas experiências / produtos turísticos com perfil para o integrar.

No caso da promoção e da divulgação, a Turismo do Alentejo, E.R.T. tem prevista a constituição e lançamento de uma **plataforma/portal web** que tem por finalidades a divulgação *on-line* no mercado turístico do Catálogo de Experiências Turísticas do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo (*im*) **HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo**, incluindo a clarificação do conceito de produtos turísticos que lhe está associado, disponibilizando informação de interesse e atrativa para os turistas, seus consumidores finais. A arquitetura desta plataforma digital deverá contribuir para garantir uma elevada compreensão dos objetivos e pressupostos subjacentes à criação do Catálogo, em particular: a variedade de experiências turísticas existentes, as manifestações de PCI que lhe estão subjacentes e que transmitem elementos distintivos que compõem a identidade das comunidades presentes nos destinos turísticos do Alentejo e Ribatejo; a diversidade dos territórios em que estas experiências turísticas se localizam e que fazem parte desses mesmos destinos; as entidades parceiras no projeto, que incluem os próprios protagonistas destas manifestações e formas de expressão cultural identitárias, sobre os quais se desenham oportunidades aos turistas de interação, com diferentes intensidades, tempos e formas de relacionamento.

Nos capítulos seguintes incluem-se alguns aspetos mais específicos sobre a estrutura e as soluções que se considera essencial esta plataforma digital cumprir.

Ainda no campo da promoção e divulgação, a Turismo do Alentejo, E.R.T. assumirá também na primeira fase de lançamento do Catálogo a produção de **suportes de divulgação e comunicação** do Catálogo, mas também das “experiências turísticas baseadas no PCI de 1ª geração”, ou seja, as primeiras experiências turísticas que está previsto lançar como modelo inspirador e de estímulo capaz de suscitar novos promotores na organização de produtos similares. Partindo da formulação de protótipos para as 10 “experiências turísticas baseadas no PCI de 1ª geração” e da elaboração de conteúdos em formato de texto e de imagem, conforme descritos também em capítulos seguintes, são elaboradas propostas de *layout* e de formato para esses suportes que se destinam a ser editados e disponibilizados digitalmente, na plataforma *on-line* do Catálogo.

Também nesta fase de conceção e desenvolvimento do Catálogo, relativamente à qual o presente relatório constitui suporte essencial, a Turismo do Alentejo, E.R.T. disporá de uma proposta aprofundada das 10 “experiências turísticas baseadas no PCI de 1ª geração”, matéria essencial para a construção real dos primeiros 10 produtos turísticos que devem suportar a fase inicial de lançamento da plataforma. A

Considerando que esta fase de arranque e organização dos 10 produtos turísticos se encontra em fase de concretização, envolvendo a equipa de consultoria e a Turismo do Alentejo, E.R.T., num trabalho conjunto com empresas do setor do turismo e contando, em certos casos, com a parceria dos próprios protagonistas das atividades de PCI, admite-se traçar um **calendário de lançamento no mercado** do Catálogo.

- I. Até ao final de 2019 será realizada uma **Sessão pública de apresentação** do Catálogo, em data e local a divulgar oportunamente. Após essa sessão de apresentação, deverá ser organizado um primeiro **Concurso para submissão de candidaturas ao Catálogo** por parte de promotores interessados. O *timing* mais adequado de realização deste primeiro concurso deverá ser ponderado pela Turismo do Alentejo, E.R.T., considerando entre outras questões, os resultados e impacto que esta fase de lançamento das “experiências turísticas baseadas no PCI de 1ª geração” venha a produzir. Admite-se que este primeiro concurso seja ainda promovido em 2019, após a sessão de apresentação ou já em início de 2020 (janeiro de 2020). O lançamento do concurso implica os seguintes procedimentos: (i) prazo de submissão de candidaturas entre 2 a 3 meses, pressupondo uma intervenção ativa da Turismo do Alentejo, E.R.T. na

sensibilização dos potenciais promotores; (ii) constituição prévia da Comissão de Avaliação que, durante os dois meses seguintes à data de encerramento das candidaturas, deverá proceder à sua apreciação concluindo com um relatório final que identificará as candidaturas de experiências turísticas baseadas no PCI que estão em condições de integrar o Catálogo e aquelas que não o estão, podendo ser reorganizadas nesse sentido, segundo orientações e comentários estabelecidos pela dita comissão; (iii) comunicação dos resultados de apreciação das candidaturas no mês seguinte, procedendo-se de imediato à integração dos produtos / experiências turísticas selecionadas no Catálogo e respetiva plataforma.

- II. No ano seguinte ao lançamento do Catálogo, em 2020, será realizada, a título excecional, uma **segunda fase de candidaturas**. Os promotores interessados poderão assim submeter as suas candidaturas ao Catálogo igualmente durante os meses de setembro / outubro de 2020. Estas propostas serão apreciadas pela Comissão de Avaliação durante os meses de novembro e dezembro de 2020 e os respetivos resultados divulgados no mês de janeiro de 2021, com imediata inscrição destes novos produtos / experiências turísticas no Catálogo e respetiva plataforma.
- III. Após este período de lançamento, ou seja, a partir de 2021, as candidaturas ao Catálogo poderão ser realizadas em qualquer momento, mantendo-se aberto o respetivo processo de submissão. No entanto, por razões de operacionalidade da Comissão de Avaliação, a apreciação das candidaturas deverá fazer-se quadrimestralmente (três vezes ao ano) ou, no caso de se vir a verificar uma menor intensidade de submissão de candidaturas, semestralmente (duas vezes ao ano). O calendário das fases de apreciação das candidaturas e tomada de decisão por parte da Comissão de Avaliação deverá ser definido e oportunamente comunicada pela Turismo do Alentejo, E.R.T., no início do ano civil (e permanentemente na própria plataforma do Catálogo). Independentemente do cronograma definido para apreciação de candidaturas, os promotores que assim o pretendam poderão, a qualquer momento, solicitar informações relativas ao Catálogo, e apresentar propostas de experiências, sendo, contudo, que as mesmas só serão devidamente apreciadas nos momentos definidos para o efeito.

Assim, conforme referido, o **processo de candidatura** deve integrar três fases, que se passam a descrever em seguida:

Fase 1:

Para candidatar o(s) produto(s) / experiência(s), a entidade proponente deverá solicitar o formulário de candidatura (também disponível para download através do *site* Turismo do Alentejo, E.R.T.), preencher e remeter, conjuntamente com os documentos solicitados, para a Turismo do Alentejo, E.R.T..

Fase 2:

Nesta fase, a Comissão de Avaliação irá proceder à apreciação das experiências turísticas candidatas, e validar o cumprimento das normas e requisitos estabelecidos na Carta de Princípios e no Regulamento do Catálogo, para posterior integração no mesmo.

As entidades proponentes deverão aguardar o contacto por parte da Comissão de Avaliação, que poderá solicitar o fornecimento de dados e/ou esclarecimentos adicionais durante o decorrer do processo de avaliação.

Fase 3:

Após a respetiva avaliação, a Turismo do Alentejo, E.R.T. comunicará da aceitação ou não aceitação do pedido de adesão ao Catálogo, fornecendo indicações para os procedimentos a desenvolver.

Se a avaliação realizada indicar o não-cumprimento dos princípios e requisitos consagrados na Carta de Princípios e no Regulamento do Catálogo, e dependendo da extensão e natureza desse não-cumprimento, poderá:

- Não ser aceite a integração do produto / experiência no Catálogo;
- Ser aceite condicionalmente, mediante a aplicação de medidas corretivas dos elementos/ requisitos em falta.

Após a integração no Catálogo, os produtos / experiências turísticas serão alvo de uma avaliação/ monitorização anual, de forma a garantir a manutenção dos requisitos e pressupostos que conduziram à sua integração. Quer o processo de avaliação inicial, quer o processo de monitorização/ renovação serão desenvolvidos com a colaboração da Comissão de Avaliação que, de forma transparente e imparcial irá apreciar e validar os produtos / experiências turísticas.

Considerando os objetivos inerentes ao desenvolvimento do Catálogo é crucial garantir que as experiências turísticas que dele venham a constar cumprem plenamente todos os princípios e requisitos expressos na Carta de Princípios e no Regulamento, quer no momento da sua candidatura e integração, quer durante a sua vida útil. A criação de um mecanismo de avaliação e monitorização das experiências turísticas que integram o Catálogo assume assim como um instrumento fundamental à prossecução dos objetivos que ele se propõe prosseguir.

A existência e funcionamento de um mecanismo de avaliação e monitorização permite cumprir os seguintes objetivos:

- Garantir o respeito pelos princípios enunciados na Carta de Princípios;
- Garantir o cumprimento de benefícios, obrigações e requisitos estipulados no Regulamento;
- Incentivar as entidades aderentes a desenvolver mecanismos de melhoria contínua dos quais sejam beneficiários os turistas, o território, as comunidades, os protagonistas do PCI, as manifestações e atividades culturais e as próprias entidades.

Os processos de avaliação e monitorização dos produtos / experiências turísticas do Catálogo serão supervisionados pela Comissão de Avaliação designada pela Turismo do Alentejo, E.R.T. para efeitos de gestão do Catálogo. A Comissão de Avaliação, através dos membros seus constituintes, detém o conhecimento técnico e científico considerado adequado à supervisão dos mecanismos de avaliação e monitorização das experiências turísticas e à sua operacionalização e detém as condições propícias para a gestão do processo de forma imparcial, transparente e rigorosa.

A avaliação inicial deverá ser feita, de acordo com os procedimentos enunciados a propósito da submissão das candidaturas. A avaliação dos produtos / experiências baseadas no PCI integradas no Catálogo, indispensável à sua manutenção no Catálogo será realizada anualmente, com base na informação recolhida pelos serviços da Turismo do Alentejo, E.R.T., tendo como suporte a grelha de indicadores apresentada no capítulo dos instrumentos de apoio à gestão. Para o efeito, deverão as entidades promotoras fornecer todos os dados e informações relevantes, através da submissão de formulário específico, sempre assegurando o respeito pela confidencialidade dos mesmos e o cumprimento do Regulamento Geral da Proteção de Dados (RGPD).

O processo de avaliação conducente à renovação do produto / experiência turística no Catálogo pressupõe a aplicação de diferentes mecanismos e suportes de monitorização: (i) um primeiro que se destina à autoavaliação por parte do seu promotor, apoiado na sua realização pelo *Formulário de Monitorização*; (ii) um segundo, que permite a avaliação dos produtos por parte dos turistas/ clientes

após a realização da experiência, apoiado por um *Inquérito à Satisfação dos Turistas*; (iii) um terceiro que se refere à avaliação por parte dos Protagonistas envolvidos na experiência, através de *Entrevistas aleatórias*; (iv) e ainda, uma avaliação elaborada pela Comissão de Avaliação.

A tabela seguinte sistematiza uma proposta de indicadores que devem suportar o processo de monitorização e avaliação dos produtos /experiências disponíveis no Catálogo e que serão trabalhados nos diversos instrumentos de monitorização anteriormente enunciados:

Indicador	Tipo de instrumento de monitorização			
	Autoavaliação da Entidade Proponente / Promotora	Avaliação dos Clientes (Questionário de Satisfação)	Protagonistas	Comissão de avaliação
Nº de experiências comercializadas no período				x
Nº de turistas recebidos e acolhidos no período				x
Relação dos locais de realização da experiência com o PCI			x	x
Grau de conhecimento do PCI por parte dos mediadores envolvidos	x	x	x	
Grau de envolvimento e retribuição dos protagonistas			x	x
Grau de intensidade do contacto com as comunidades locais (Nº e duração dos contactos)		x	x	
Qualidade do material informativo e interpretativo facultado aos turistas				x
Qualidade do acolhimento ao turista (perceção da qualidade global da experiência)		x		
Grau de coerência da integração / articulação da Experiência inscrita em catálogo com as restantes ofertas praticadas pela entidade	x			x

A avaliação dos produtos /experiências baseadas no PCI constantes do Catálogo deverá ter lugar anualmente, durante o mês de maio, pressupondo a aplicação dos diversos instrumentos de monitorização e a sua apreciação final por parte da Comissão de Avaliação com o objetivo de elaborar um relatório anual de avaliação. Quaisquer alterações que venham a ser propostas/ introduzidas, serão oportunamente comunicadas pela Turismo do Alentejo, E.R.T..

Se a avaliação final realizada indicar o não-cumprimento dos princípios e requisitos consagrados na Carta de Princípios e no Regulamento do Catálogo, e dependendo da extensão e natureza desse não-cumprimento, poderá, por decisão da Comissão de Avaliação, um produto / experiência baseado no PCI que integra o Catálogo:

- Ser excluído do Catálogo, deixando de constar nos suportes que o divulgam e promovem;
- Ser renovada condicionalmente a sua integração o Catálogo, mediante a aplicação de medidas corretivas dos elementos/ requisitos em falta.

2.6.2. INSTRUMENTOS DE APOIO À GESTÃO

Consideram-se instrumentos de apoio à gestão do Catálogo de Experiências Turísticas do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo (*im*) *HERITASTE LIST*, Alentejo&Ribatejo:

1. O **Formulário de Candidatura** que deve reunir, de forma clara e simples, a informação considerada relevante para a avaliação da proposta de candidatura ao Catálogo. Esta informação é respeitante à Entidade proponente e à Experiência candidata.

Para além do formulário, o proponente deverá entregar em anexo outros elementos, quer obrigatórios: (i) Declaração comprovativa do cumprimento legal de todos os requisitos aplicáveis à atividade desempenhada pela entidade proponente (Declaração| Compromisso de Honra); quer facultativos: (i) Material promocional e interpretativo habitualmente fornecido pela entidade proponente aos seus clientes; (ii) Quadro de Pessoal/ Recursos Humanos a afetar à Experiência; (iii) Qualquer outro material considerado relevante para a apreciação da Experiência Turística e/ou da Entidade Proponente.

A proposta de formulário de candidatura é apresentada no volume de Anexos do presente Relatório Final.

2. O **Formulário de autoavaliação de entidade proponente /promotora** visa o fornecimento por parte destes das informações consideradas necessárias para a adequada avaliação dos produtos / experiências turísticas baseadas no PCI que integram o Catálogo, sendo estas ainda complementadas com as informações obtidas através da aplicação do Inquérito à Satisfação dos Turistas, das entrevistas com os Protagonistas e do processo de autoavaliação. Reserva-se, contudo, a possibilidade de a Comissão de Avaliação solicitar às entidades promotoras outras informações adicionais que considere relevantes.

As entidades promotoras deverão submeter o Formulário de autoavaliação, nos momentos pré-estabelecidos pela entidade responsável pela gestão do Catálogo, segundo aprovação da Comissão de Avaliação.

A proposta de formulário de autoavaliação é apresentada no volume de Anexos do presente Relatório Final.

3. O **Inquérito à Satisfação dos Turistas** tem por objetivo recolher informações sobre a apreciação por parte dos turistas dos produtos / experiências baseadas no PCI que estes tenham consumido ou participado, e será um elemento fundamental para a permanência destas no Catálogo e um dos instrumentos considerados pela metodologia de avaliação e monitorização.

O preenchimento deste questionário deverá ser solicitado pelas entidades promotoras dos produtos / experiências turísticas do Catálogo, inevitavelmente após o consumo das mesmas. O acesso ao questionário deverá ser realizado por iniciativa da Turismo do Alentejo, E.R.T. após a conclusão da visita e estadia do turismo, pressupondo que cada promotor informa esta entidade dos turistas que recebeu (a completar mediante informação da ERT).

A proposta do inquérito à satisfação do turista é apresentada no volume de Anexos do presente Relatório Final.

3. DESENHO OPERACIONAL DAS 10 EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS DE 1ª GERAÇÃO

3.1. INTRODUÇÃO

No capítulo anterior foi apresentada, em termos essencialmente conceptuais e estratégicos, a abordagem proposta pela equipa da Quaternaire Portugal para a conceção e implementação de um Catálogo de experiências turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo. O presente capítulo centra-se então em dimensões mais operacionais. Na impossibilidade de abordar a variedade de manifestações culturais patrimoniais de cariz intangível existentes neste território, optou-se por desenvolver uma proposta de desenho operacional para apenas 10 experiências turísticas de 1ª geração que permitirão, de algum modo, testar e afinar a implementação “no terreno” do Catálogo. Não se trata, portanto, de encerrar a abordagem a este conjunto experiências turísticas mas, pelo contrário, de impulsionar, a partir deste conjunto de experiências-piloto, o surgimento de novas propostas de experiências, programas e atividades turísticas baseadas nos diversos PCI existentes nesta região, que poderão vir a integrar o Catálogo de Experiências Turísticas (*im*)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo, desde que cumprindo dos critérios de qualidade estipulados pela Carta de Princípios e pelo Regulamento que foi apresentado no capítulo anterior.

Neste sentido, apresentam-se, de seguida, um conjunto de 10 protótipos de experiências turísticas que abrangem as quatro tipologias de produtos turísticos definidas no âmbito do Catálogo, a saber: a Rota do PCI do Alentejo e Ribatejo inscrito nas Listas da UNESCO; os Programas Turísticos Territoriais (com enfoque nos territórios da Lezíria do Tejo e do Alentejo Litoral); os Programas Turísticos Temáticos (incidindo especificamente no tema dos ‘Caminhos da lã’ e da ‘Construção tradicional’); e, por fim, as Abordagens Individuais do PCI (com propostas de experiências turísticas centradas na Cultura Avieira, nas Festas do Povo de Campo Maior, na produção do Figurado em Barro de Estremoz, na manufatura dos Chocalhos e ainda na produção do Vinho da Talha). Para cada tipologia de produto serão abordados, para além de aspetos de cariz mais conceptual, questões relacionadas com a organização e montagem dos produtos; os respetivos segmentos de público-alvo; e questões de distribuição, comercialização e comunicação. Detalham-se ainda para os 10 protótipos de experiências turísticas quais os programas / percursos / atividades a realizar, incluindo uma estimativa de preço de venda ao público.

Segue-se um subcapítulo em que se aborda o caminho crítico para a operacionalização destas 10 experiências turísticas de 1ª geração, detalhando os diversos contactos que foram estabelecidos, ao longo dos últimos meses, pela equipa e apresentando um ponto de situação relativamente aos resultados alcançados nesta fase - que permitiram, em alguns casos, que se conseguisse alcançar já a assinatura de Cartas de Princípio por parte de algumas entidades - bem como às perspetivas de evolução futuras.

Segue-se a apresentação de elementos escritos e visuais, elaborados pela equipa, a partir dos quais se poderá construir uma narrativa turística promocional do Catálogo e das 10 experiências turísticas iniciais que o compõem.

De forma estreitamente articulada com os conteúdos escritos e visuais desenvolvidos, concluiu-se o capítulo apresentando algumas considerações e propostas preliminares relacionadas com a conceção e implementação dos suportes informativos e promocionais associados à divulgação do Catálogo.

3.2. PROTÓTIPOS DE EXPERIÊNCIAS NAS QUATRO TIPOLOGIAS

Neste subcapítulo apresentam-se as propostas operacionais de protótipos de experiências turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo, de acordo com as seguintes quatro tipologias que integram o Catálogo de Experiências Turísticas (*im*)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo:

- Rota do PCI do Alentejo e Ribatejo inscrito nas Listas da UNESCO
- Programas Turísticos Territoriais
- Programas Turísticos Temáticos
- Abordagens Individuais do PCI

Para cada uma destas tipologias, são descritas, de uma forma sistematizada, um conjunto de informações mais gerais relativas ao conceito geral, onde se incluem, para além de um descrição do conceito, notas e observações sobre aspetos relacionados com as componentes do PCI envolvidas em cada produto/ experiência turística, a forma de organização e montagem, segmentos-alvo da procura turísticas e ainda orientações para uma distribuição, comercialização e comunicação adequadas à especificidade de cada produto/ experiência turística.

Num segundo momento, detalham-se então aspetos específicos relacionados com o conjunto de dez propostas de protótipos de experiência turísticas de 1ª geração que foram trabalhados pela equipa, em articulação com os diversos *stakeholders* contactados, auscultados e, tanto quanto possível, envolvidos ao longo de todo este processo. Neste sentido, especificam-se um conjunto de aspetos relacionados com a organização do produtos, apresenta-se uma proposta de percurso protótipo (que, nalguns casos, contém um conjunto de variações possíveis desse mesmo percurso, o que permite enriquecer a oferta a comercializar) e ainda, por fim, e tendo por base o conjunto de pressupostos anteriormente delineados, apresenta-se a estimativa de preço final (preço de venda ao público) para o protótipo de experiência/produto turístico.

3.2.1. ROTA DO PCI DO ALENTEJO E RIBATEJO INSCRITO NAS LISTAS DA UNESCO

3.2.1.1. CONCEITO GERAL

Produto turístico que **associa, de forma articulada, os diversos bens culturais imateriais inscritos nas Listas da UNESCO específicas do Património Cultural Imaterial** existentes nos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo – o **Cante**, a **Manufatura dos Chocalhos**, a **Arte da Falcoaria** e o **Figurado de Estremoz**, relacionando-se, para além disso, com o interesse turístico gerado pela presença de outros bens patrimoniais inscritos na Lista do Património Mundial da UNESCO existentes igualmente nestes destinos turísticos. Esses outros bens podem servir de “âncoras” de atratividade turística.

Este produto configura um **ROTEIRO**, com percursos relativamente extensos e dispersos pela área geográfica do Alentejo e Ribatejo, favorecendo uma compreensão geral e uma interação com as manifestações e outras dimensões do património cultural imaterial e da identidade cultural das regiões do Alentejo e Ribatejo e, simultaneamente, com o contexto territorial e as comunidades em que esse património permanece. Estas expressões culturais, reconhecidas como Património Cultural

Imaterial, fazem parte da história social e cultural das comunidades e da região do Alentejo e do Ribatejo pelas características de singularidade dos saberes, tradições técnicas e mundivivências que lhes deram origem.

No contexto do catálogo de experiências este é o produto mais integrado e que proporciona uma visão e um contacto mais impressivo do território, que permite tomar contacto com as ‘*chef d’oeuvre*’ do Património Cultural Imaterial. Permite tomar contacto com uma grande diversidade de expressões e manifestações culturais identitárias e apreciar e compreender a Paisagem, que é o elemento mais ajustado para enquadrar os testemunhos materiais e imateriais que nos chegaram até hoje e que lhe conferem traços de enorme coerência e unidade,

O produto **beneficia da elevada notoriedade da marca UNESCO** no mercado turístico internacional, contribuindo para captar novos segmentos de turismo e consolidar outros.

Enquanto experiência turística integrada, mas concentrada no tempo, este produto configura essencialmente **uma combinatória de experiências** de interpretação, de interação ligeira com detentores ou seus representantes e de participação passiva em atividades de entretenimento / espetáculo, permitindo abranger a diversidade de expressões e manifestações culturais identitárias e de localizações em que estas se mantêm.

Com características bastante diferenciadas e localização também muito diversa, mesmo dentro de algumas das manifestações (o cante tem presença em comunidades bastante dispersas no território alentejano), **o fio condutor da Rota do PCI assenta no reconhecimento que a UNESCO deu ao valor e à originalidade destas manifestações da cultura e formas de expressão popular das comunidades humanas presentes nestes destinos turísticos.**

A celeridade e a fugacidade dos contactos com as diferentes ofertas culturais identitárias inseridas no roteiro podem ser compensadas com a acessibilidade a suportes de conteúdos (peças de artesanato, livros, CD ou DVD, peças de *merchandising*, etc.) que permitam **prolongar a experiência fora do contexto local.**

A organização da oferta do produto tende a privilegiar um **modelo de parceria liderada por uma entidade de natureza regional** (comum aos dois destinos turísticos, Alentejo e Ribatejo) e a sua distribuição assumirá preferencialmente **modelos de distribuição indireta**, quer por operadores turísticos, quer por agências de viagem.

COMPONENTES DO PCI

Na região do Alentejo e Ribatejo, os quatro bens patrimoniais que se encontram atualmente inscritos nas Lista do PCI da UNESCO são: o **Cante**, a **Manufatura dos Chocalhos**, a **Arte da Falcoaria** e o **Figurado de Estremoz**.

Com características bastante diferenciadas e localização também muito diversa, incluindo mesmo dentro de algumas das manifestações (o cante tem presença em comunidades bastante dispersas no território alentejano), **o fio condutor da Rota do PCI assenta no reconhecimento que a UNESCO já deu ao valor e originalidade destas manifestações da cultura e formas de expressão popular das comunidades humanas presente nestes destinos turísticos.**

O quadro seguinte pormenoriza os elementos mais importantes a incluir dentro do roteiro e identifica o potencial de dimensões da experiência que pode estar associado a cada um dos quatro PCI inscritos nas Listas da UNESCO em concreto:

Cante	Casa do Cante - exposição	Compreender o Cante como manifestação cultural do Alentejo através de exposição documental e imagens Visita de exposição e interação com mediador Acesso a suportes de conteúdos sobre o cante (livros, CD e DVD) para adquirir
	Grupos de Cante em tabernas	Ouvir o cante em contextos próprios tradicionais, mas numa atuação específica direcionada para os próprios turistas Estabelecer breves diálogos com os protagonistas em contexto de convívio
	Ensaaios de Cante	Ouvir o cante em contexto de trabalho artístico Percecionar as dinâmicas próprias dos protagonistas em espaços de acesso não público
Manufatura dos Chocalhos	Oficinas da Fábrica do Pardalinho	Compreender e observar os saberes-fazer associados à manufatura dos chocalhos diretamente em contexto de trabalho Interação direta com protagonistas Percecionar as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho Percecionar as sonoridades dos chocalhos Acesso a produtos artesanais (chocalhos e <i>merchandising</i>)
	Paço dos Henriques - futura exposição sobre o PCI	Compreender a arte da manufatura dos chocalhos enquanto manifestação cultural do Alentejo através de exposição de documentação escrita, visual e sonora Visita de exposição e interação com mediador Acesso a produtos artesanais (chocalhos e <i>merchandising</i>) e a suportes de conteúdos sobre o saber fazer (livros, DVD) para adquirir

Arte da Falcoaria	Falcoaria Real de Salvaterra de Magos	<p>Compreender e perceber a arte criar, treinar e cuidar de falcões e outras aves de rapina para a caça em contexto histórico de um edifício que data do séc. XVIII através da assistência a atividades de treino e tratamento das aves</p> <p>Compreender a Arte da Falcoaria enquanto manifestação cultural no Ribatejo e associada na sua origem a atividades de entretenimento da nobreza (bem como de outras geografias fora de Portugal, onde foi grande a influência holandesa), através de visita do edifício da Falcoaria Real e à exposição documental e imagens</p> <p>Acesso a suportes de conteúdos sobre a arte da falcoaria (livros, CD e DVD) para adquirir</p>
Figurado de Estremoz	Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho (ou no futuro Centro de interpretação de iniciativa municipal)	<p>Compreender o Figurado de Estremoz como manifestação cultural do Alentejo, nas suas dimensões de saber-fazer, estética e simbólica, através de exposição documental, imagens e peças que retratam diferentes períodos e estilos associados a gerações de artesãos</p> <p>Visita da exposição e interação com mediadores</p> <p>Acesso a suportes de conteúdos sobre Figurado de Estremoz (livros e DVD) para adquirir</p>
	Lojas atelier (das Irmãs Flores ou de Afonso Ginja)	<p>Compreender e observar os saberes-fazer associados ao Figurado de Estremoz diretamente em contexto de trabalho</p> <p>Interação direta com protagonistas</p> <p>Percecionar as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho</p> <p>Compreender as dimensões do simbólico</p> <p>Acesso a produtos artesanais (peças de artesanato)</p>
	Centro Interpretativo dos Bonecos de Estremoz (a instalar em 2019)	<p>Compreender o Figurado de Estremoz como manifestação cultural do Alentejo, nas suas dimensões de saber-fazer, estética e simbólica, através de exposição documental, imagens e peças que retratam diferentes períodos e estilos associados a gerações de artesãos</p> <p>Visita da exposição e interação com mediadores</p> <p>Acesso a suportes de conteúdos sobre Figurado de Estremoz (livros e DVD) para adquirir</p>

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM DO PRODUTO

Propõe-se a montagem de um **produto turístico com a tipologia de circuito organizado e vendido em pacote**, considerando que abrange um número elevado de experiências diversas e distribuídas por um território alargado, com distâncias bastante significativas entre cada um dos quatro pontos focais.

Nesse sentido, este produto deverá incluir **todas as atividades associadas às experiências de contacto com os PCI**, mas também o **transporte comum para deslocações**, o **alojamento** e as **refeições**.

Descrição do pacote turístico

- **Duração total do pacote** de 4 dias (mínimo) para o mercado nacional, 6 dias para o mercado internacional (poderá ser de 8 dias se incluir visita ao ponto chegada - Lisboa/Porto/Sevilha)
- **Locais obrigatórios de visita:** Serpa, Alcáçovas, Salvaterra de Magos e Estremoz
- **Origem do circuito** associada a centros urbanos com aeroportos internacionais e a uma distância máxima de 3 horas: Lisboa, Faro ou Sevilha, a grandes aglomerações urbanas ou a outras localizações que distam em média 3 horas de locais de início do roteiro
- **Dimensão do grupo:** 16 ou 24 (máximo) lugares, de acordo com a tipologia de transporte
- **Percursos alternativos**, conforme a origem do circuito
- **Alojamento de 3 ou 5 noites pré reservado** (conforme o mercado) em hotelaria tradicional, tipologia mais adequado a grupos
- **Refeições pré-reservadas** preferencialmente em restaurantes com gastronomia tradicional
- Inclui **experiências** de visita de locais culturais e patrimoniais, tradicionalmente associados à manifestação cultural, experiências de interação com protagonistas em espaços próprios e interação com protagonistas / detentores do PCI
- Pressupõe **acesso suportes de comunicação** com conteúdos desenvolvidos em diferentes línguas
- Pressupõe **acesso a produtos para aquisição** com conteúdos específicos
- Pressupõe um **acompanhamento especializado por guia turístico** que assegure diversos serviços de apoio ao turismo (hotelaria, restauração, etc.).

A **montagem deste pacote** pode ser promovida por uma única entidade que vende diretamente aos operadores turísticos e às agências de viagem e que assegura a parceria com as entidades e agentes locais que detêm a oferta específica das experiências turísticas baseadas no PCI, sejam eles entidades públicas ou privadas ou os próprios protagonistas.

A organização, montagem e gestão do produto pode ser assumida pela própria Turismo do Alentejo, E.R.T. ou por outra entidade privada com perfil para este tipo de organização de produto.

Os **parceiros envolvidos** são os seguintes:

Entidades públicas	Câmara Municipal de Serpa
	Câmara Municipal de Viana do Alentejo
	Junta de Freguesia das Alcáçovas
	Câmara Municipal de Salvaterra de Magos - Falcoaria Real de Salvaterra de Magos
	Câmara Municipal de Estremoz
Entidades privadas empresariais	Proprietários de Adegas
	Fábrica do Pardalinho
	Lojas atelier de Figurado de Estremoz
Entidades privadas do terceiro setor	Associações culturais ou recreativas ligadas ao cante
Protagonistas	Grupos de cante não organizados em entidade coletiva

SEGMENTOS-ALVO

Considerando as tendências de mercado, particularmente no que se refere à procura dos bens inscritos nas listas do Património Cultural da UNESCO e considerando a tipologia de produto – circuito organizado de 4 dias ou de 6 dias (conforme o mercado), e o perfil de experiências propostas, os **segmentos de mercado alvo a apostar** para este produto, que de destina a **grupos organizados** de dimensão média ou grande (25 ou 50 pessoas), devem ser os seguintes:

Mercado nacional	<i>Touring cultural</i>
	Turismo sénior , dentro do turismo social (grupo etário com mais de 65 anos)
	Turismo pedagógico e educacional (comunidade escolar)
Mercado internacional	<i>Touring cultural</i>
	Turismo sénior , dentro do turismo social (grupo etário com mais de 65 anos)

DISTRIBUIÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A distribuição e comercialização deste tipo de produto, que pressupõe uma organização de um circuito de viagem e de pacote de serviços que associam às visitas e experiências propostas, transporte dedicado, alojamento e restauração, tenderão a ser feitas predominantemente de modo indireto, por **operadores turísticos** que operam quer no mercado nacional, quer no mercado internacional.

No caso do **mercado nacional**, o mercado vai orientar-se predominantemente para as grandes concentrações urbanas, de Lisboa e Porto, mas poderá também ter uma expressão bastante mais distribuída geograficamente no caso do turismo sénior.

A intervenção dos operadores turísticos no caso do mercado nacional pode ser menos representativa na distribuição do produto, podendo ganhar algum peso a **comercialização deste produto por agências de viagem** dedicadas ao mercado interno, nomeadamente por aquelas que são especializadas em *touring* cultural ou em turismo sénior. De forma ainda remanescente, este produto pode ainda vir a vender-se diretamente entre o seu promotor e organizações que operam dentro do segmento do turismo sénior ou as escolas / estabelecimentos de ensino, públicos ou privados, no caso do turismo pedagógico e educacional.

No **mercado internacional**, nos segmentos de *touring* cultural e de turismo sénior e à exceção de uma parte do território Espanhol, a distribuição pressupõe a inclusão no pacote de viagem de avião até um dos aeroportos comerciais de proximidades dos destinos, Alentejo e Ribatejo: Lisboa, Faro, e em parte também Sevilha (embora com menos ligações internacionais que os outros dois aeroportos portugueses).

Os **operadores turísticos** a procurar para este tipo de produto devem privilegiar níveis de serviços de qualidade, práticas de viagem responsáveis e visita de lugares com significado e com singularidades, favorecendo experiências que se possam tornar únicas.

Alguns dos operadores deste tipo que já operam no mercado português com propostas no domínio do turismo cultural são a Exodus travels, a G Adventures ou a Indus Travels, entre outras, e muitas outras empresas que operam neste mercado de grupos e com interesse geral cultural, têm presença em mercado de outros países da Europa (por exemplo a Great Value Vacation).

A **comunicação** neste tipo de mercados internacionais deverá ser feita recorrendo às agências de promoção externa, de forma sistemática, embora no mercado nacional se possam encontrar suportes de comunicação diversos, quer orientados para as agências de viagem que trabalham no mercado interno, quer para as próprias organizações que promovem turismo sénior dentro do mercado nacional e alargando-se ao mercado espanhol de proximidade (Estremadura e Andaluzia, especialmente).

3.2.1.2. PROPOSTA DE PROTÓTIPO DE EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

ORGANIZAÇÃO DO PRODUTO

Trata-se de um produto turístico com a tipologia de **circuito organizado e vendido em pacote**. O produto deverá incluir todas as atividades associadas às experiências de contacto com os PCI, mas também o transporte comum para deslocações, o alojamento e as refeições.

O **pacote turístico** integra as seguintes especificações:

Duração total do pacote, variável segundo o mercado: 4 dias (mínimo) para o mercado nacional, 6 dias para o mercado internacional (poderá ser de 8 dias se incluir visita ao ponto chegada - Lisboa/Porto/Sevilha).

Locais obrigatórios de visita: Serpa, Alcáçovas, Salvaterra de Magos e Estremoz.

Origem do circuito: associada a centros urbanos com aeroportos internacionais, localizados a uma distância máxima de 3 horas até ao ponto de início do circuito, a cidade de Beja; destacam-se as origens (pontos de chegada de turistas por via aérea) de Lisboa, Faro ou Sevilha, enquanto grandes aglomerações urbanas, mas podem admitir-se outras localizações que distam em média 3 horas do local de início do roteiro.

Dimensão do grupo: 16 ou 24 (máximo) lugares, de acordo com a tipologia de transporte.

Transporte: meio de transporte em autocarro turístico dedicado.

Alojamento: 3 ou 5 noites pré reservado (conforme o mercado) em hotelaria tradicional, tipologia adequado a grupos

Refeições: pré-reservadas preferencialmente em restaurantes com gastronomia tradicional

Tipologias de experiência turística predominantes: visita de locais culturais e patrimoniais, tradicionalmente associados à manifestação cultural, experiências de interação com protagonistas em espaços próprios, assistência a pequenos eventos /espetáculos, preferencialmente em contextos comunitários.

Outros suportes: Acesso a suportes de comunicação com conteúdos desenvolvidos em diferentes línguas. Acesso a produtos para aquisição com conteúdos específicos

Serviços turísticos associados: Acompanhamento especializado por guia turístico, que assegure a articulação com os diversos serviços turísticos (transporte, hotelaria, restauração, etc.).

Comercialização: tenderá a ser feitas predominantemente de modo indireto, por operadores turísticos. Os operadores turísticos a procurar para este tipo de produto devem privilegiar níveis de serviços de qualidade, práticas de viagem responsáveis e visita de lugares com significado e com singularidades, favorecendo experiências que se possam tornar únicas.

- A. **Mercado nacional:** orienta-se predominantemente para as grandes concentrações urbanas, de Lisboa e Porto, mas poderá também ter uma expressão bastante mais distribuída geograficamente no caso do turismo sénior ou do turismo educacional. A intervenção dos operadores turísticos pode ser menos representativa na distribuição do produto, podendo ganhar peso a comercialização por agências de viagem dedicadas ao mercado interno, nomeadamente por aquelas que são especializadas em touring cultural ou em turismo sénior. De forma remanescente, pode vir a vender-se diretamente entre o seu promotor e

organizações que operam no segmento do turismo sénior ou as escolas / estabelecimentos de ensino, públicos ou privados, no caso do turismo educacional.

- B. **Mercado internacional:** operadores que já operam no mercado português no domínio do turismo cultural - Exodus travels, a G Adventures ou a Indus Travels, entre outras, e muitas outras que operam neste mercado de grupos e com interesse geral cultural (por exemplo a Great Value Vacation); nos segmentos de touring cultural e de turismo sénior e à exceção de uma parte do território Espanhol, a distribuição pressupõe no pacote a viagem de avião até um dos aeroportos: Lisboa, Faro ou Sevilha (embora com menos ligações internacionais).

PROPOSTAS PROTÓTIPO

A proposta visa dentro de um **circuito organizado com uma duração de 5 dias**, dar a conhecer e facilitar o contacto com as manifestações do património cultural imaterial das comunidades que habitam as regiões do Alentejo e Ribatejo reconhecidas pela UNESCO pelas características de singularidade e expressão identitária. Admite-se a possibilidade de percursos alternativos, conforme a origem do circuito, embora este percurso modelo ganhe coerência pelo facto de se iniciar num ponto de explicação sobre os objetivos e as propostas da UNESCO em termos de preservação, valorização e reforço das comunidades baseados no património cultural imaterial.

Dia 1 – Viagem até ao local de início da Rota

A concentração dos participantes no programa turístico faz-se no **Centro UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial**, na cidade de **Beja**, onde tem início a experiência turística de contacto com o PCI que integra as Listas da UNESCO. É um local de grande significado na abordagem ao tema, com intensa programação dedicada e de recursos de conhecimento onde se pode obter uma contextualização dos pressupostos e dos processos da classificação UNESCO.

Rota do PCI do Alentejo e Ribatejo inscrito nas Listas da UNESCO



Dia 1 - Viagem até ponto de início da Experiência – Beja

- ✦ Viagem de Lisboa – 175km (1h 50min)
- ✦ Viagem de Faro – 147km (1h 38min)
- ✦ Viagem de Sevilha – 218km (2h 58min)
- ✦ Viagem do Porto – 455km (4h 10min)
- ✦ Viagem de Badajoz – 184km (2h 11min)
- ✦ Dormida em Beja (hotel)

D1 – 1. Jantar e dormida em Beja

Dia 2 – Dedicado ao CANTE ALENTEJANO (insc. UNESCO 2014)

D2 - 1. Visita guiada (*sightseeing*) à cidade de **Beja**

Logo pela manhã propõe-se ao viajante um passeio a pé pelo **centro histórico de Beja**. A cidade implanta-se num morro dominando a vasta planície envolvente. O campo rodeia a cidade e pontua a fronteira natural entre a vida urbana e a vida rural. A cidade romana de *Pax Julia* terá sido fundada por Júlio César ou por Augusto. Foi uma *Civitas* que administrava juridicamente uma das regiões que constituíam a província da Lusitânia (as outras duas capitais eram Santarém e Mérida).

D2 - 2. A visita à cidade culmina na visita ao **Centro UNESCO** para tomar contacto com o **Cante**, uma manifestação com forte presença na vida social das comunidades alentejanas.

O Cante Alentejano é uma forma de música vocal cantada coletivamente, sem recurso a instrumentos musicais, e que é considerada como sendo originária da sub-Região Histórica do Baixo Alentejo.

Predominam os grupos corais masculinos, há, no entanto, um número crescente de grupos femininos, mistos e infantis. As vozes em cada grupo coral são organizadas em três vozes e papéis: ponto, alto e baixos. Os cantores aproximam-se e estão profundamente envolvidos numa unidade emocionalmente intensa de vozes.

O Centro UNESCO, em colaboração com a Câmara Municipal de Beja e a MODA – Associação do Cante Alentejano, organiza o programa ‘Serões do Cante – assista a um ensaio’ em que se convida quem está de visita a Beja para assistir a um ensaio de um dos Grupos Corais do concelho. Com uma duração de cerca de 40 minutos os visitantes terão oportunidade de escutar, de forma bastante próxima, esta expressão musical.

D2 - 3. Almoço em restaurante na cidade de Beja

D2 - 4. Deslocação Beja - Serpa (27Km)

Neste percurso o turista poderá apreciar a paisagem de Montado no Baixo Alentejo povoada de azinheiras que abrigam à sua sombra as varas de porcos que se alimentam dos seus frutos, a bolota. Algumas das herdades mantêm a tradição do porco de montanha, porco em pastagem extensiva, que constitui um elemento singular desta paisagem uma vez que é o único sistema agro-silvo-pastoril do mundo onde o porco é criado em pastagens extensivas.

D2 - 5. Visita à Casa do Cante, em Serpa

D2 - 6. Jantar com cante em ambiente de taberna tradicional

Propõe-se ao viajante, para acabar este dia cheio, um jantar especial para os sentidos: do paladar à descoberta dos produtos da terra e das mil e uma formas de os combinar, à fruição visual de um espaço e ambiente tradicionais de encontro e de convívio e ao ambiente sonoro raro com a possibilidade de ouvir cante alentejano, assistindo no local à apresentação de um grupo de cante na taberna do **Grupo Camponeses de Pias**.

D2 – 7. Dormida em alojamento em Beja



Dia 3 – Dedicado à MANUFATURA DOS CHOCALHOS (insc. UNESCO 2015)

Prepare-se o viajante para que, depois das sonoridades harmónicas das vozes humanas do cante alentejano que ouviu ontem, escutar hoje o som, também com uma afinação específica e rigorosa, das famílias dos chocalhos que o rebanho há-de reconhecer nos montes, fruto de uma grande mestria técnica e um grande domínio da arte dos sons de uns idiofonos de metal que levam o nome de chocalhos e são produzidos na Península Ibérica já desde o séc. I a.C.

D3 - 1. Deslocação Serpa-Alcáçovas (95Km) – Saída de Beja às 9H00

D3 - 2. Visita à Fábrica Pardalinho (Alcáçovas)

Aqui o viajante poderá acompanhar, em contexto de trabalho e com interação direta com os protagonistas, as diversas etapas de manufatura dos chocalhos, e assim compreender e observar os saberes fazer a elas associados. Poderá ainda percecionar o trabalho subtil de as sonoridades dos chocalhos. Poderá experimentar o embarramento, que consiste em fazer um casulo de barro

amassado com moinha de palha dentro do qual o chocalho irá depois ao forno. No final poderá adquirir diversos produtos artesanais à venda na loja.

D3 - 3. Visita ao Centro Interpretativo do Chocalho – Paço dos Henriques (Alcáçovas)

O viajante ficará a conhecer o que justificou a inscrição desta arte tradicional na Lista do Património Cultural Imaterial com necessidade de salvaguarda urgente na UNESCO numa visita guiada à exposição permanente que se encontra no Paço dos Henriques ou Paço Real da Vila, que foi a residência real de Portugal no século XIV, onde se realizaram os casamentos dos pais de D. Manuel I de Portugal e da rainha Isabel I de Castela, a Católica.

D3 - 4. Almoço em Alcáçovas

D3 - 5. Viagem Alcáçovas- Évora

D3 - 6. Visita acompanhada por guia ao Centro Histórico de Évora - Património Mundial

D3 - 7. Jantar em Évora

D3 - 8. Dormida em alojamento entre Évora e Estremoz (incluindo deslocação desde Évora)



Esta produção artesanal, documentada desde o séc. XVII, caracteriza-se pela manufatura de peças de barro de caráter eminentemente religioso, simbólico, lúdico ou decorativo, vivamente policromáticas que foram sendo sucessivamente desenvolvidas e incorporadas na tradição artesanal local. Os produtores tradicionais são conhecidos pelo nome de Barristas de Estremoz.

D4 - 1. Deslocação do alojamento até Estremoz

D4 - 2. Visita ao Museu / Centro Interpretativo do Figurado

O viajante, na interação com mediadores, poderá compreender o Figurado de Estremoz como manifestação cultural do Alentejo, nas suas dimensões de saber fazer e simbólica, através de exposição documental, imagens e peças da lavra de vários autores, ao longo de várias décadas.

Poderá ainda ter acesso a suportes de conteúdos sobre o figurado de Estremoz (livros, CD e DVD) para consultar ou adquirir.

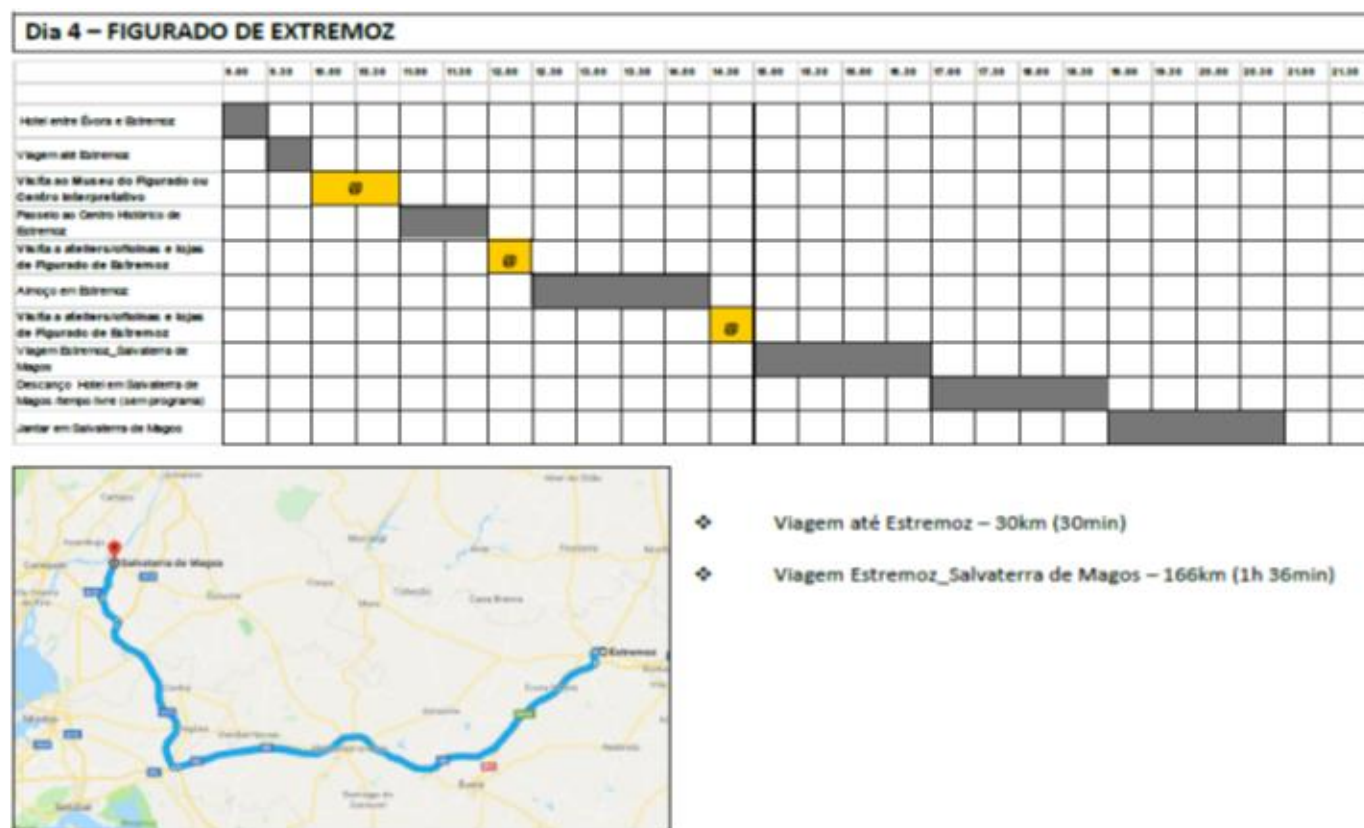
D4 - 3. Passeio no Centro Histórico de Estremoz

D4 – 4. Visita a oficinas e lojas de figurado, incluindo almoço em Estremoz

Visita a duas oficinas de barristas: Irmãs Flores e Afonso Ginja, que têm oficina aberta ao público, onde criam, produzem e vendem os seus *arte-factos*, ‘feitos com arte’, em tradução literal. Aí o viajante poderá ver os artesãos a modelar, a pintar e a cozer as peças do figurado de Estremoz. No final poderá levar consigo alguns destes testemunhos de uma arte rara porque feita por gente rara. Caso a visita ao figurado de Estremoz se efetue a um sábado poder-se-á visitar e adquirir figurado no Mercado de sábado.

D4 - 5. Deslocação Estremoz-Salvaterra de Magos – 166Km

D4 - 6. Jantar e dormida em Salvaterra de Magos



Dia 5 – Dedicado à Arte da Falcoaria (insc. UNESCO 2016)

O Viajante terá oportunidade, no último dia da Rota que liga os Bens classificados pela UNESCO como Património da Humanidade, tomar contacto com a Falcoaria que é uma modalidade de caça praticada em Portugal desde o séc. XII e assinalada no território desde a fundação da nacionalidade. Com maior expressão em Portugal no século XIV, foi no século XVIII que a Casa Real Portuguesa retoma a prática da Falcoaria e manda construir a Real Falcoaria de Salvaterra de Magos.

D5 - 1. Visita à Falcoaria Real com demonstração em campo

Na Falcoaria Real de Salvaterra de Magos realizam-se, diariamente, visitas guiadas com duração aproximada de 1 hora. Estas visitas devem ser previamente marcadas se forem para grupos superiores a 10 pessoas.

Na visita à Falcoaria Real, o Viajante terá oportunidade de:

- descobrir, através de uma exposição, o mundo da Falcoaria desde o Neolítico até aos nossos dias, os motivos que conduziram ao aparecimento desta arte, bem como, a sua importância na Vila de Salvaterra de Magos, que desde sempre reuniu condições favoráveis para a realização de grandes caçadas;

- conhecer o quotidiano destas aves em cativeiro e as instalações principais da Falcoaria;
- assistir ao treino de ave e à sua demonstração de voo em liberdade, onde as aves mostram toda a sua perícia, na tentativa de capturar a "Falsa Presa" lançada pelos falcoeiros, responsáveis pela sua aprendizagem – adestramento.

D5 - 2. Almoço em Salvaterra de Magos

D5 – 3. Deslocação de regresso ao ponto de origem /aeroporto.


Dia 5 – ARTE DA FALCOARIA

	8.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Salvaterra de Magos (ponto de encontro - Hotel)																										
Visita à Falcoaria Real com demonstração em campo																										
Tempo livre (sem programa)																										
Almoço em Salvaterra de Magos ou no cantinho de regresso																										
Partida																										

- ❖ Viagem até Lisboa – 62km (54min)
- ❖ Viagem até Faro – 273km (2h 31min)
- ❖ Viagem até Sevilha – 444km (4h 20min)
- ❖ Viagem até ao Porto – 281km (2h 43min)
- ❖ Viagem até Badajoz – 223km (2h 11min)

ESTIMATIVA DO PREÇO DO PRODUTO

O quadro seguinte apresenta uma estimativa de custo global do produto, considerando as diversas componentes de despesa que fazem parte do pacote.

Rota do PCI do Alentejo e Ribatejo inscrito nas Listas da UNESCO 			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário (€)	Valor total (€)
1. Entradas			
1.1 Visita ao Centro Unesco Beja	25	0	0
1.2 Visita à Casa do Cante Serpa	25	0	0
1.3 Ensaio de Cante	25	5	125
1.4 Fábrica de Chocalhos Pardalinho	25	3,69	92,25
1.5 Paço dos Henriques	25	1,5	37,5
1.6 Monumentos do Centro Histórico de Évora*	25	7,5	187,5
1.7 Falcoaria Real	25	0	0
1.8 Museu Municipal Estremoz	25	0,62	15,55
Sub total		18,31	457,8
2. Alojamento em quarto duplo c/ pequeno almoço (4 estrelas)			
2.1 Beja	25	90	2250
2.2 Serpa (nota: alojamento difícil)	25	65	1625
2.3 Évora/Estremoz	25	75	1875
2.4 Salvaterra de Magos (nota: alojamento difícil)	25	70	1750
Sub total		300	7500
3. Refeições - Almoço e Jantar			
3.1 jantar em Beja	25	25	625
3.2 Almoço Beja	25	25	625
3.3 Jantar Serpa c/ degustação vinica	25	30	750
3.4 Almoço em Alcáçovas	25	25	625
3.5 Jantar em Évora	25	30	750
3.6 Almoço em Estremoz	25	25	625
3.7 Jantar em Salvaterra de Magos	25	30	750
3.8 Almoço Salvaterra de Magos ou na viagem de regresso	25	25	625
Sub total		215	5375
4. Transporte (mini autocarro de 25 lugares) - unidade_dia	5	450	2250
Sub total		450	2250
5. Guia turístico credenciado unidade_dia*	5	260	1300
Sub total		260	1300
Total			
		(valor por pessoa quarto individual 703€)	16882,8
		(valor pessoa quarto duplo 547€)	13132,8
*Igreja de S. Francisco, Capela dos Ossos, Igreja e Convento da Graça, Praça do Giraldo, Domus Municipalis, Banhos Romanos, Porta de Santa Isabel, Mouraria, Aqueduto da Água de Prata, Templo Romano, Catedral, Portas de Moura, Igreja do Espírito Santo, Universidade de Évora e Colégio do Espírito Santo			
** valor médio entre trabalho à semana e ao fim-de-semana			

3.2.2. PROGRAMAS TURÍSTICOS TERRITORIAIS

3.2.2.1. CONCEITO GERAL

O conceito de programa turístico territorial assenta fundamentalmente na **organização da oferta de experiências turísticas relacionadas com o PCI em cada uma das sub-regiões dos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo** (coincidindo em termos territoriais com a organização administrativa das Comunidades Intermunicipais). Estes programas permitem densificar a matriz de produtos turísticos baseados no PCI acessíveis em cada uma destas sub-regiões, favorecendo a atratividade junto de segmentos de turismo orientados para a dimensão cultural e criativa mais motivados para experiências de tipo imersivo, e contribuindo, especialmente, para o **alargamento do período de estadia média**.

O conceito de **programa turístico territorial** baseado no PCI propõe (i) explorar os diversos elementos do PCI existentes no território de referência, aumentando a sua capacidade de acolhimento e organizando experiências múltiplas dirigidas as turistas numa relação sustentável com os detentores do património e as comunidades locais; (ii) favorecer as oportunidades de experiência dos turistas que escolhem estes destinos com uma motivação de contacto e de imersão com as expressões culturais tradicionais, bem como, de relacionamento com as comunidades e os seus contextos territoriais ou dos turistas que, chegados a estes destinos, descobrem a possibilidade de uma relação mais intensa e um conhecimento da sua cultura e das suas comunidades; (iii) deixar a decisão de escolha e de organização de um programa, que pode ter durações de um ou vários dias, aos turistas alojados na sub-região, sugerindo experiências de intensidade e extensão variável, de acordo com opções de alojamento, de transporte e de refeições que serão tomadas pelo próprio turista; (iv) o tipo de experiências deverá a adequar-se a várias configurações dos participantes (em família, em pequenos grupo de amigos ou individualmente).

Os produtos turísticos que **disponibilizam, de uma forma segmentada, um conjunto de experiências turísticas nos domínios do Património Cultural Imaterial** existentes em cada um destes territórios, especialmente vocacionados para turismo criativo e turismo cultural.

As experiências disponíveis nestes programas serão selecionadas pelos próprios turistas em função dos seus interesses e disponibilidades, podendo ser oferecidas combinatórias de experiências pré-formatadas. As experiências podem ter durações diversas – desde um dia 1 a 4 ou 5 dias, favorecendo diversos tipos de procura por parte dos turistas.

A acessibilidade pressupõe que o turista opta preferencialmente por apenas **um local de estadia, de onde pode aceder a um ou vários produtos do território**, permitindo, sempre que desejado pelo turista ou pequeno grupo de turistas (família, grupo de amigos), um nível de contacto mais elevado com as comunidades e um aprofundar do conhecimento do território envolvente.

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM DO PROGRAMA

A disponibilização no mercado turístico destes programas territoriais relacionados com o PCI pressupõe a **montagem**, por diversos agentes locais e regionais, de **produtos turísticos baseados em experiências consistentes e coerentes associadas a esse património, que podem ser realizadas cada uma de per si**, considerando que durante o período de estadia do turista ou pequeno grupo de turistas, este ou estes tendem a manter um único local para o alojamento.

Dada **a proximidade territorial e a afinidade temática de alguns bens patrimoniais o turista terá oportunidade de organizar também combinações de experiências** que respondam aos seus interesses, motivações e à especialização das empresas turísticas desta região, sem implicar um esforço de deslocação significativo (em distância e em tempo).

Relativamente aos serviços turísticos complementares, admite-se **em determinados casos que os produtos / experiências oferecidas associem outros serviços** que incluam: o transporte / *transfer* entre o alojamento e o local da experiência baseada no PCI; as refeições, especialmente em casos em que a gastronomia está associada a outras manifestações culturais tradicionais; outras visitas complementares que enriquecem o conhecimento e a experiência do turista com o território (nomeadamente, visita a alguns núcleos urbanos e históricos mais significativos ou a determinados tipos de estruturas museológicas e de interpretação cultural e artística).

Descrição dos termos gerais do programa turístico

- ❖ **Duração total da estadia:** variável, definida pelo turista ou grupo de turistas que optam pelo destino, podendo ter uma base motivacional ligada com a descoberta e o aprofundamento da ligação e compreensão do território e da cultural local. Admite-se com mais frequência uma duração de 1 ou 2 dias.
- ❖ **Locais de visita:** variável de acordo com a seleção do turista ou do grupo de turistas e baseada na oferta que o Catálogo faz no caso particular de cada um dos programas territoriais.
- ❖ **Dimensão do grupo:** este tipo de programa adequa-se a grupos reduzidos, preferencialmente previamente formados (família, grupos de amigos). Os grupos poderão ter dimensões que variem entre as 2 pessoas e as 8 a 10 pessoas.
- ❖ **Transporte:** pode ser oferecido o *transfer* (ida e volta) entre o alojamento e o local ou locais de realização da experiência, mas, em geral, admite-se que as deslocações são feitas por meios próprios do turista ou do grupo de turistas.
- ❖ **Refeições:** podem ser incluídas no serviço prestado as refeições associadas e durante o período das experiências, desde que organizadas pelos agentes promotores dos programas, nomeadamente, em articulação com protagonistas.
- ❖ **Alojamento:** não incluído no produto, podendo ser sugeridas alternativas de alojamento nos suportes de comunicação das experiências.
- ❖ O programa permite também um **acesso livre às experiências disponíveis, podendo aconselhar a sua contratualização prévia** pelo turista ou pelo grupo de turistas, quando implica alguma disponibilidade e organização por parte do protagonista que acolhe.
- ❖ Dependendo da experiência, pode assegurar o **acesso a suportes de comunicação** com conteúdos desenvolvidos em diferentes línguas, bem como o **acesso a produtos para aquisição** com conteúdos específicos.

A **montagem dos produtos turísticos relativos a um determinado espaço territorial e que se vão enquadrar nos respetivos programas territoriais** tenderá a ser preferencialmente promovida por empresas locais de animação turística, existentes ou a criar, ou pelos protagonistas do PCI (incluindo organizações do terceiro setor que lhes estão frequentemente associadas) sempre que estes possuam estrutura organizativa suficientemente sólida e sustentada, favorecendo o direcionamento de benefícios para as comunidades.

O universo de empresas de animação turística, de organizações do terceiro setor ou de protagonistas que decidam organizar ou que já dispõem deste tipo de experiências baseadas em PCI e que desejam ver inscritas no quadro destes programas territoriais, deve ter **acesso às orientações e aos parâmetros que o Catálogo de Experiências Turísticas baseadas no PCI virá a estabelecer**. A inscrição destas experiências no Catálogo terá de cumprir procedimentos específicos a divulgar e clarificar junto dos seus promotores.

Aceite uma experiência relativa a determinado PCI esta pode ser associada a outras propostas de experiências de PCI (da responsabilidade da mesma entidade ou de várias). As entidades poderão associar-se e pré-formatar combinatórias de experiências e a própria procura encarregar-se-á de definir preferências.

SEGMENTOS-ALVO

Considerando as tendências de mercado relativamente a bens culturais imateriais e atendendo à tipologia de experiências associadas aos PCI disponíveis em determinado espaço territorial dentro do destino turístico, as quais podem ser usufruídas de forma isolada ou numa combinatória, em função dos interesses e disponibilidades da procura, e considerando ainda o caráter imersivo das experiências, os **segmentos de mercado-alvo a apostar** para estes produtos devem ser os seguintes:

Mercado nacional	Turismo cultural
	Turismo criativo
	Ecoturismo
	Turismo social: turismo familiar; turismo acessível, turismo jovem
Mercado internacional	Turismo cultural
	Turismo criativo
	Ecoturismo
	Turismo social: turismo jovem

DISTRIBUIÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A **distribuição e comercialização** deste tipo de produtos, que pressupõe uma organização centrada nas experiências de cada PCI, podendo ou não associar transporte e refeições, mas que tem por finalidade especialmente enriquecer e diversificar a oferta de experiências em determinados territórios dos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo, tenderá a ser **feita preferencialmente de uma forma descentralizada**.

Estas duas fases da cadeia de valor tenderão a concentrar-se nos mesmos atores do sistema turístico, valorizando a relação direta entre eles e os turistas ou intermediadas por outros

stakeholders, em especial, os serviços de alojamento e de refeições turísticas, os postos de turismo (de iniciativa predominantemente pública) ou outras entidades do setor cultural.

De qualquer modo, mesmo que a comercialização seja realizada de forma direta pelos promotores (qualquer que seja o seu estatuto organizativo), pode através de **uma comunicação on line favorecer e viabilizar a decisão e escolha do turista ainda na fase de organização da viagem e na origem**. Deste modo, a aquisição ou contratualização do produto turístico /experiência pode ser realizada na fase de reserva das viagens (transporte) e do alojamento.

Em alternativa, se o turistas ou grupo de turistas não decide previamente a aquisição deste tipo de produtos turísticos ou não procura previamente conhecer a oferta de experiências no destino, mas no entanto vem motivado ou disponível para aceder a essas experiências, **a comunicação, veiculada por diversos stakeholders, privados e públicos, já no destino deve orientar o turista ou turistas para soluções simplificadas de aquisição ou contratualização** – no próprio alojamento, nos postos ou centro de acolhimento turístico, nas organizações detentoras ou que representam detentores do PCI.

Neste sentido, conjugando estas duas alternativas, a **comunicação** destes produtos nos mercados nacional e internacional deve ser orientada, fundamentalmente, para **plataformas ou sítios digitais**, recorrendo-se para **divulgação local a vários tipos suportes de comunicação**, assegurados pelos agentes e entidades que os irão promover.

3.2.2.2. PROGRAMA TURÍSTICO TERRITORIAL – LEZÍRIA DO TEJO

CONCEITO GERAL

Os produtos dentro desta tipologia de Programa Turístico Territorial assumem formas diversas que podem identificar-se sobretudo com modelos de CIRCUITOS TURÍSTICOS CURTOS ou de EXPERIÊNCIAS DE BASE TERRITORIAL, centrando o seu objetivo na interação autêntica que o turista estabelece com as comunidades e as expressões culturais com significado no contexto do território em que se encontra, configurando dimensões do seu PCI, permitindo ao turista alargar a compreensão desse território.

Os produtos podem combinar **experiências com intensidades e tipologias diversas**, incluindo experiências de teor mais passivo, que apelam sobretudo à mente e aos sentidos através de visitas que podem ser mediadas, com experiências ativas, com intensidade diferenciada, desde interações com protagonistas dessas expressões culturais ou saberes-fazer tradicionais, à participação em atividades ou manifestações ou à iniciação às práticas tradicionais por parte do turista.

No caso dos circuitos, a **sucessão das experiências com diversas formas de PCI deverá privilegiar um sentido de conexão entre os mesmos**, capaz de favorecer a perceção por parte do turista de elementos da história, social e económica, das características biofísicas e da paisagem e das relações culturais que estão presentes e configuram as especificidades desse território. Uma sucessão mais ou menos desligada de visitas e encontros empobrece o potencial de experiência que o próprio território, através das suas componentes, física, humana e social, tem para oferecer.

As diversas formas de PCI presentes são elementos matriciais deste território atravessado pelo rio Tejo e marcado por amplos **espaços agrícolas e naturais, na diversidade que distingue a Lezíria da Charneca, para além da beira-rio, “Beira do Tejo” ou Bairro**. A Lezíria, nas margens do rio com solos de aluvião, é um espaço de grande fertilidade, onde predominam a vinha, as culturas de tomate, melão ou cereais e, para além disso as extensas pastagens para bovinos e equinos; a Charneca, por sua vez, presente na margem sul do rio, com solos especialmente arenosos, mantém nas terras mais baixas e mais irrigada a presença de plantações de arroz (embora em determinadas

zonas em desaparecimento), e nas zonas relativamente mais altas, o montado de sobro, onde em complemento da exploração de cortiça, também pasta gado bovino. As áreas de Bairro, predominantemente a norte do rio, apresentam características que se aproximam das mediterrânicas, com solos argilosos, onde se dão as culturas da oliveira, mas também o vinho, o trigo ou o milho.

COMPONENTES DO PCI

No espaço territorial da Comunidade Intermunicipal da Lezíria do Tejo concentram-se um conjunto de bens do património cultural imaterial que se associam, por um lado, a processos e a atividades produtivas tradicionais que se relacionam particularmente como o rio – a **Cultura Avieira** –, outras associadas predominantemente à Lezíria – as **Coudelarias / Equitação à Portuguesa / as Correarias** –, e outras às áreas de montado que ocupam parte da Charneca – a **Tiragem da cortiça** –, algumas delas não exclusivas destas geografias.

Por outro lado, encontram-se presentes bens do PCI enraizados nas manifestações de natureza artística, associadas a festividade e celebração – no caso do **Fandango**, que se estende pelos territórios da Lezíria, do Bairro e da Charneca –, ou ligadas com as atividades produtivas – **Manufatura dos Chocalhos**.

Ainda nesta região marca presença outra manifestação cultural tradicional, marcadamente associada à fruição da natureza e da paisagem e ao entretenimento das pessoas das classes mais altas que aqui passavam momentos de lazer e que para cá trouxeram a **Arte da Falcoaria**.

O conjunto destas diversas manifestações culturais permite explorar diversas formas de interação com as comunidades locais e com as especificidades do sistema de paisagem deste território, favorecendo experiências de enriquecimento mútuo, dos turistas, mas também dos detentores desse património cultural.



Figura 2 - Lezíria do Tejo

A organização da oferta de experiências turísticas a inserir dentro do programa da Lezíria do Tejo parte de um conjunto de promotores e dimensões, conforme a apresenta o quadro seguinte:

Arte da Falcoaria	Falcoaria Real de Salvaterra de Magos	<p>Compreender e perceber a arte de criar, treinar e cuidar de falcões e outras aves de rapina para caça em contexto histórico de um edifício da data do séc. XVIII</p> <p>Conhecer o contexto histórico e regional desta prática, em especial e mais profundidade, da Falcoaria Real</p> <p>Interagir com os detentores do saber-fazer em contexto de manejo das aves.</p> <p>Assistir e experimentar, com participação direta e acompanhada, operações de manejo das aves, que podem ir desde: colocar o material básico e manutenção do bico das aves de presa; colocar e retirar uma ave do poleiro de forma segura; realizar o manejo da ave na luva de forma segura; realizar voos de treino ao punho e ao rol (a abrangência e o nível de participação dependem do número de horas de participação).</p> <p>Aceder ao centro de documentação da Falcoaria Real, incluindo material didático.</p> <p>Aceder a suportes de conteúdos sobre a Falcoaria Real (livros, CD ou DVD), com possibilidade de aquisição</p>
Fandango	Museu Rural e do Vinho do Cartaxo	<p>Compreender o Fandango e o contexto de presença desta manifestação e expressão cultural do Ribatejo através da interação e participação em práticas da comunidade</p> <p>Interagir com os elementos dos grupos folclóricos, em contexto de ensaio ou de representação</p> <p>Participar em ações de iniciação sobre os passos e a variantes de coreografia do Fandango, em espaços que representação institucional, envolvendo reportório e elementos dos vários grupos folclóricos do Cartaxo</p> <p>Interagir com as comunidades locais em contexto de festividades ou de práticas quotidianas</p> <p>Acesso a suportes de conteúdos sobre o fandango (livros, CD ou DVD) com possibilidade de aquisição</p> <p>Assistir a ensaios de dança do Fandango nos espaços próprios dos diversos grupos folclóricos do Cartaxo.</p> <p>Percecionar as dinâmicas dos grupos e interagir com os protagonistas e com as comunidades locais</p> <p>Participar, no final dos ensaios, nas danças com passos e coreografias simplificadas</p>
	Grupos etnográficos de Fandango (a especificar)	

Cultura Avieira	Museu “Escaroupim e o Rio”, Salvaterra de Magos	<p>Compreender e perceber as vivências da comunidade Avieira através de visita à exposição permanente deste espaço e no contacto com seu espólio etnográfico, em particular a construção e utilização da Bateira Avieira.</p> <p>Interação com mediadores</p> <p>Acesso a suportes de conteúdos sobre a cultura Avieira (livros, CD ou DVD) com possibilidade de aquisição</p>
	Aldeia Avieira de Escaroupim	<p>Visitar e fruir do ambiente local e paisagístico da aldeia de Escaroupim e interagir com a sua comunidade</p> <p>Assistir ao processo de reparação e manutenção das embarcações e das artes de pesca e interagir com os seus protagonistas em contexto de trabalho</p> <p>Imergir nesta comunidade participando em atividades e vivências características e tradicionais locais, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acompanhar a faina de pesca com os pescadores locais, na época da lampreia e do sável (fevereiro e março); • Degustar as especialidades do rio no restaurante “O Escaroupim”, como as enguias fritas ou em ensopado, o sável e a lampreia; • Conviver e participar nas atividades do rancho folclórico.
	Aldeias Avieiras de Porto da Palha, Palhota e Caneiras	<p>Compreender a comunidade avieira e o contexto paisagístico e territorial em que se instalou e interagir com as comunidades de outras aldeias avieiras da Lezíria, visitando-as a partir de um passeio de barco, associando, ainda, as perspetivas natural e ambiental de contacto com o rio Tejo, a sua fauna e flora.</p>
Coudelarias/ Equitação à Portuguesa /Correarias	Coudelarias da Lezíria (entre coudelarias da região selecionar as mais adaptadas a este produto)	<p>Compreender e observar os espaços e atividades associadas ao maneio e treinamento dos cavalos, em particular os de raça Puro-Sangue Lusitano;</p> <p>Interagir diretamente com protagonistas das coudelarias;</p> <p>Realizar passeios a cavalo nos espaços naturais envolventes das Coudelarias;</p> <p>Fazer uma iniciação à prática de equitação, com principal enfoque na equitação à portuguesa;</p> <p>Ficar alojado nas instalações turísticas de uma coudelaria.</p>
	Correaria Silvério, Pombalinho, Golegã; Correaria Equilusa, Marinhais, Salvaterra de Magos Casa Farto, Samora Correia, Benavente	<p>Compreender, observar e tomar contacto com os saber fazer relacionados com a manufatura de correaria - artigos em pele e couro como botas, polainas, cabeçadas, chapelaria, estribos, arreios, correias, selas e selins, em contexto oficial,</p> <p>Interagir diretamente com os detentores do saber-fazer</p> <p>Percecionar as dinâmicas próprias dos detentores em contexto de trabalho</p> <p>Assistir à execução de uma peça simples, com possibilidade de alguma participação nessa execução</p>

Manufatura dos Chocalhos	Oficinas da Fábrica A. Sim Sim, na Ereira, Cartaxo	<p>Compreender e observar os saberes fazer associados à manufatura dos chocalhos diretamente em contexto de trabalho</p> <p>Interação direta com os seus protagonistas</p> <p>Percecionar as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho</p> <p>Assistir à execução das peças, com possibilidade de alguma participação em parte do processo de fabrico: “embarramento”, ou outra</p> <p>Percecionar as sonoridades dos chocalhos</p> <p>Acesso a produtos artesanais (chocalhos e <i>merchandising</i>)</p>
“Tiragem da cortiça” / Processo de descortiçamento	Territórios corticeiros e montados dos concelhos da Lezíria (Benavente, Chamusca e Coruche)	<p>Compreender e observar os saberes fazer associados à esta atividade diretamente em contexto de trabalho</p> <p>Observar e compreender a paisagem corticeira, de sobreirais e de montados, bem como a história da economia da cortiça local e nacional</p> <p>Interação direta com protagonistas</p>
	Observatório do Sobreiro e da Cortiça (Coruche)	<p>Compreender e percecionar o saber fazer da tiragem da cortiça no contexto da temática mais alargada do sobreiro e da cortiça, incluindo as aplicações da cortiça no <i>design</i>, moda e arquitetura</p> <p>Interação com mediadores, incluindo hipótese de interação com técnicos dos laboratórios e das oficinas do Observatório que se dedicam ao estudo das temáticas do binómio sobreiro/cortiça</p>
	Loja do Montado (Coruche)	<p>Acesso a produtos de cortiça e <i>merchandising</i></p>
	Centro de Interpretação de Paisagem/Observatório da Charneca – Casal do Gavião do Meio (Chamusca)	<p>Compreender e interpretar a paisagem da Charneca do Ribatejo como contexto da atividade de produção de cortiça e que enquadra o saber-fazer de tiragem da cortiça</p> <p>Acesso a atividades – <i>workshops</i>, exposições, percurso pedestres e rotas, que ajudam a interpretar a atividade suberícola e os saberes-fazer tradicionais associados.</p> <p>Interação direta com mediadores e peritos</p>
	Núcleo Museológico Agrícola do Museu Municipal de Benavente	<p>Compreender e observar os saberes fazer associados às atividades suberícolas</p> <p>Observar e compreender a paisagem corticeiras, de sobreirais e de montados, bem como a história da economia da cortiça local e nacional</p> <p>Interação direta com protagonistas</p>

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM ESPECÍFICAS DOS PRODUTOS

A dispersão dos bens património cultural imaterial do território da Lezíria do Tejo e a diversidade de formas de expressão e manifestação justificam uma rede bastante complexa de agentes, entidades, detentores e protagonistas que podem ser parceiras deste programa de experiências turísticas que o Catálogo visa estruturar que conferem ao destino uma maior atratividade em termos dos segmentos do turismo já anteriormente identificados – cultural, criativo, ecoturismo e alguns subsegmentos do turismo social, incluindo famílias e jovens.

No programa turístico territorial para a Lezíria do Tejo, os **parceiros que podem vir a participar** e que ficaram nesta fase já identificados, são os seguintes:

Entidades públicas	Câmara Municipal do Cartaxo: Museu Rural e do Vinho
	Câmara Municipal de Coruche: Observatório do Sobreiro e da Cortiça, Loja do Montado,
	Câmara Municipal da Golegã
	Câmara Municipal de Salvaterra de Magos: Falcoaria Real de Salvaterra de Magos; Museu “Escaroupim e o Rio”
	Câmara Municipal de Benavente: Museu Municipal e Núcleo Museológico Agrícola
Entidades privadas e empresariais	Coudelarias da região
	Correarias da região
	Fábrica A. Sim Sim (Chocalhos)
	Centro de Interpretação de Paisagem/Observatório da Charneca – Casal do Gavião do Meio
Entidades privadas do terceiro setor	Associações culturais ou recreativas ligadas ao Fandango
	Rancho Folclórico "Os Avieiros do Escaroupim"
Detentores / Protagonistas	Outros ranchos que têm fandango dentro do seu reportório tradicional
	Pescadores avieiros
	Descortiçadores

A organização deste programa, conforme referido no texto geral, pode implicar ou não a configuração de pacotes pré-formatados ou de circuitos.

Admitindo que a **iniciativa do inter-relacionamento e a agregação de temas e de geografias dentro desta região parte dos próprios turistas**, seja na origem, na fase de preparação da viagem, seja no destino, na procura de experiências de imersão nas comunidades e de compreensão e interpretação do seu património cultural imaterial, o Catálogo deverá privilegiar uma oferta mapeada e bem informada sobre os produtos turísticos disponíveis, clarificando bem os níveis de experiência e os tipos de imersão disponibilizados pelos detentores e protagonistas desse património.

Neste caso, a **componente comunicacional é fundamental** e deve estar bem estruturada e ser bem apropriada e gerida pelo tecido organizativo, de base local e regional, a operar no destino (sejam do setor do turismo ou de outros setores, culturais, sociais, etc.), favorecendo estratégias de parceria

entres os promotores de produtos e experiências e os agentes turísticos que intervêm noutros ramos, como o alojamento, as refeições, os transportes, mesmo os agentes de *incoming*, etc.

PROPOSTAS PROTÓTIPO

A Lezíria do Ribatejo é uma sub-região de Portugal claramente marcada pela presença do rio Tejo, apresentando sistemas biofísicos, sociais e culturais diversificados. As experiências turísticas que se pretende inscrever nesta fase da constituição do Catálogo, 1ª fase de conceção e desenvolvimento de protótipos, incidem fundamentalmente na perceção dessas diferenças, explorando as componentes da paisagem e os elementos específicos das três áreas Lezíria, Charneca e Bairro. As manifestações e expressões culturais com que o turista pode ser convidado a relacionar-se e a viver estão associadas às atividades tradicionais de exploração da terra, das pastagens, à exploração do sobreiro para extração da cortiça, à pesca ou aos arrozais, particularmente nos saberes-fazer tradicionais; às festividades e práticas sociais, com destaque para a dança tradicional do fandango, a que se associam trajes tradicionais que se distinguem entre essas diferentes áreas; às formas de vida, incluindo a gastronomia; ou a outras práticas relacionadas com a natureza.

As propostas protótipo apresentadas configuram experiências que têm a duração de 2 dias, podendo ser segmentadas e realizadas só em parte (1 dia) de acordo com os interesses e disponibilidades dos turistas.

O desenho das propostas pressupõe que em cada um dos 2 dias, os turistas se encontrem num determinado ponto de encontro a estabelecer ou em unidade hoteleira onde estejam instalados, e a partir daí sigam para a jornada turística e no fim do dia regressem ao ponto de partida. Admite-se que os grupos possam atingir um máximo de 8 pessoas, considerando a hipótese de transporte específico, em carrinha de 9 lugares.

Admite-se, excecionalmente, que o grupo possa associar diversos turistas que não viagem conjuntamente, desde que estes optem por esta alternativa. Nesse caso, o operador deve fazer um curto périplo, por vários locais, para recolha de turistas, inclusive no respetivo alojamento, para cada jornada.

Será possível ainda que, de acordo com a preferência dos turistas, possam ser organizados produtos que associam mais do que uma experiência, favorecendo um conhecimento de toda a região da Lezíria, num máximo de 6 dias (mas com a possibilidade de estabelecer alternativas de menos dias).

Os circuitos devem, em geral, ser acompanhados por mediadores que detenham conhecimentos específicos, nas vertentes da história, da cultura e da paisagem, e que podem favorecer o contacto com as comunidades locais e alguns protagonistas dos principais patrimónios imateriais que se pretende conhecer e experienciar.

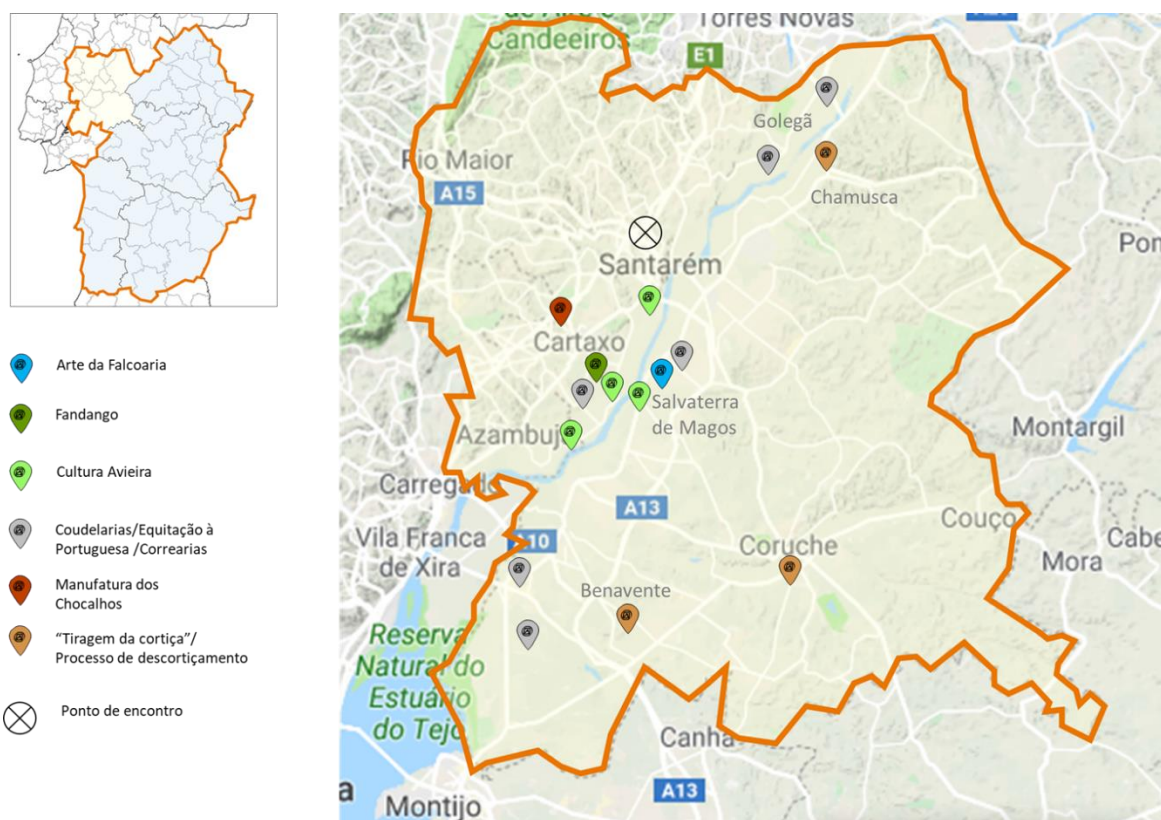


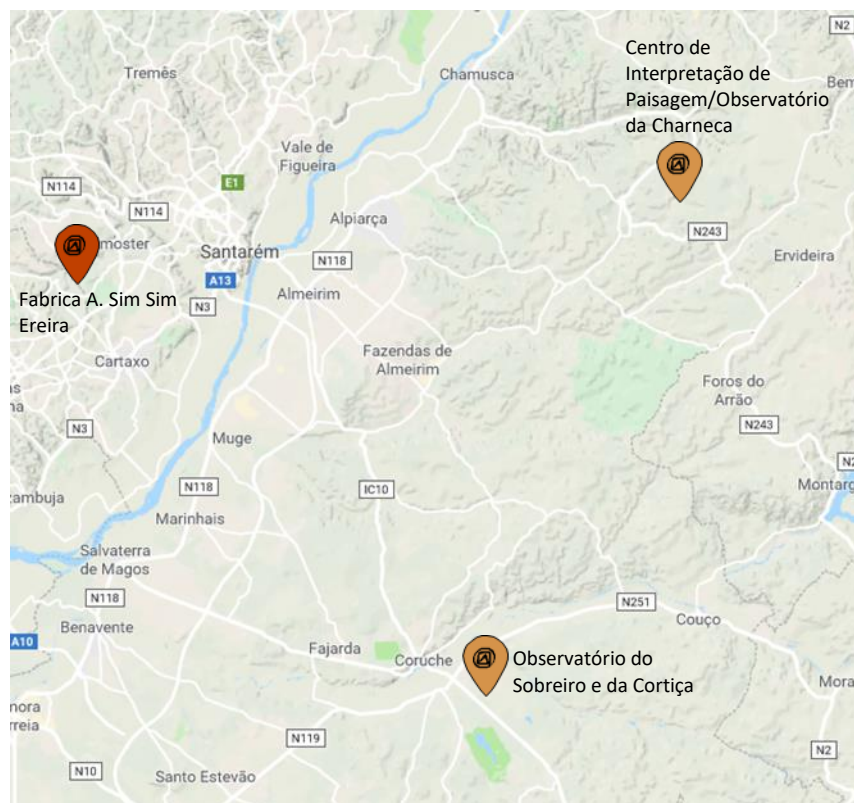
Figura 3 - Enquadramento territorial da Lezíria do Tejo com identificação (não exaustiva) de componentes de PCI

Os três circuitos turísticos que propomos procuram favorecer uma imersão dos turistas nestes três espaços do território da Lezíria, imersão compreendida através de experiências baseadas em PCI:

- Circuito Turístico 1 – **“A paisagem de montado da Charneca do Ribatejo”**
- Circuito Turístico 2 – **“Comunidades e manifestações culturais na Beira-Tejo”**
- Circuito Turístico 3 – **“Campinos e pastagens da Lezíria”**

Apresentam-se, de seguida, e de uma forma mais concreta, as três hipóteses de circuitos.

Circuito Turístico 1 – “A paisagem de montado na Charneca do Ribatejo”



Dia 1 – Paisagem de montado na Charneca

P1 – 1. Visita ao Centro de Interpretação de Paisagem/Observatório da Charneca – Casal do Gavião do Meio (Chamusca)

A visita começa com uma passagem pelo Centro de Interpretação da Paisagem, instalado na propriedade Casal do Gavião do Meio, situada na localidade de Gaviãozinho, com cerca de 550 hectares. Aí serão apresentados, em modelo de workshop, os principais componentes deste território da charneca do Ribatejo, nos sistemas de paisagem, social e humana que a compõe.

Serão evidenciados aspetos relacionados com a sustentabilidade desta paisagem na atualidade, estabelecendo inter-relações com as questões das alterações climáticas, das ameaças à floresta, dos setores económicos determinantes associados ao montado – a exploração da cortiça e a pecuária em pastagens extensivas, com presença do bovino, do touro e do cavalo.

Serão ainda feitas referências à importância dos arrozais na charneca, nas zonas mais baixas e próximas do rio, que são inundáveis.

Os turistas adquirem uma compreensão geral sobre as principais características desta área da região, antes de se dirigirem acompanhados por mediadores para visitas e percursos pedestres.

P1 – 2. Almoço em restaurante ou em alternativa, em algum casal com disponibilidade para refeições pré-marcadas

P1 – 3. Percurso pelo montado

Em seguida serão realizados percursos pedestres por uma áreas de montado, preferencialmente acompanhados ou, em alternativa, sinalizados, evidenciando os aspetos da sua multifuncionalidade, as exigências do manejo do sobreiro, etc., sempre que possível, na época própria (entre maio ou princípios de junho e meados ou fim de agosto) presenciando as atividades de descortçamento, saber-fazer singular associado à paisagem de montado ou corticeira, que recorre a um instrumento único como é o machado corticeiro. Esta oportunidade pode ser enriquecida com workshops sobre este saber-fazer, os seus instrumentos, dos quais o machado se encontra em processo de registo no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, e outros elementos associados – marcação das árvores, empilhamento das placas de cortiça, etc.

Propõe-se fazer nota da presença frequente do touro e do cavalo, que distingue em particular esta paisagem de montado de outras localizadas mais a sul, em todo o Alentejo, onde o gado predominante são os bovinos e os ovinos / caprinos.

P1 – 4. Percurso pelos arrozais

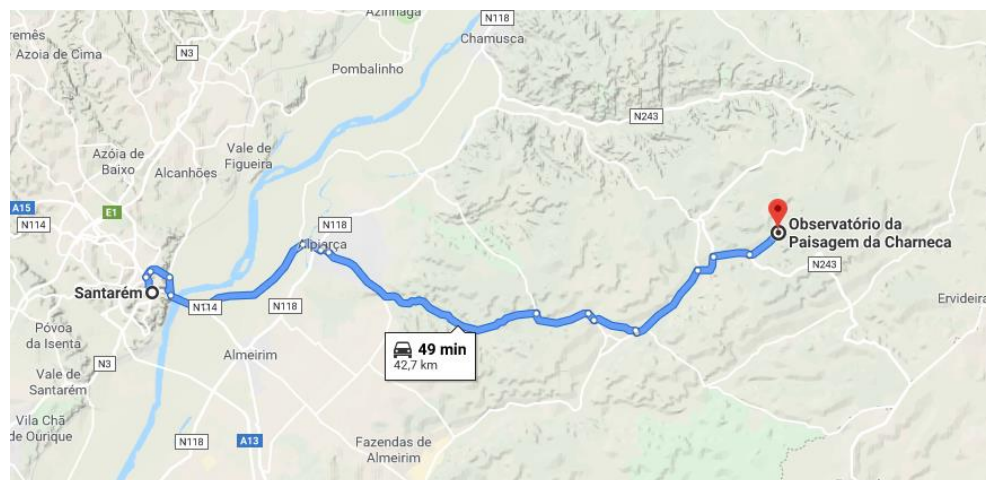
Podem ser complementarmente visitadas algumas áreas de arrozais que ainda se mantenham cultivadas, que ocupam as terras mais baixas da charneca, mas que têm sido objeto de maior abandono.

É possível vir a trabalhar a história da freguesia de Ulme, antigo concelho, e fazer um percurso pelas margens da ribeira de Ulme.

Circuito Turístico 1 – “A paisagem de montado da Charneca do Ribatejo”

Dia 1 – Visita ao Centro de Interpretação de Paisagem/Observatório da Charneca

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Santarém ou Hotel (ponto de encontro)																										
Viagem até Casal de Gavião do Meio																										
Visita ao Centro de Interpretação de Paisagem/Observatório da Charneca																										
Almoço no Centro																										
Tempo de descanso /convívio																										
Percursos pelo montado e pelos arrozais																										
Viagem até ponto de encontro																										



❖ Viagem
Santarém (ou
outro ponto
de encontro)
| Casal do
Gavião do
Meio –
42,7km
(49min)

Dia 2 – Visita ao Observatório do Sobreiro e da Cortiça (Coruche)

A cortiça, como elemento central da economia da charneca, é objeto de um forte investimento em termos de investigação e de inovação, mas também de saber fazer tradicional.

P2 – 1. Visita ao Observatório do Sobreiro e da Cortiça e à Loja do Montado

A visita no 2º dia deverá iniciar-se pelo Observatório do Sobreiro e da Cortiça, localizado na vila de Coruche, instalado num edifício cujo projeto do Arq.º Manuel Couceiro, que procura criar uma orgânica que remete para “a metáfora do sobreiro como elemento vivo”. Na sua área de exposições, este equipamento disponibiliza em geral exposições temporárias sobre o tema do sobreiro e da cortiça, que podem ir desde explicações relacionadas com a cultura suberícola, às condicionantes do manejo da árvore, única pelo facto de fornecer ao homem subproduto do seu tronco que não exige o seu derrube, aos aspetos particulares do descortiçamento, às características da cortiça e às suas novas aplicações no campo da arquitetura e construção, dos bens utilitários ou dos bens decorativos e artísticos.

Passa-se pela Loja do Montado, onde é possível adquirir produtos de cortiça e de merchandising.

P2 – 2. Almoço em Coruche

P2 - 3. Viagem por zonas de Montado

A partir de Coruche propõe-se uma viagem pela Charneca do Montado de Sobro, numa experiência mais direta de contacto com este *habitat* e seus recursos naturais, admitindo-se paragem em herdades, quando em época de descortiçamento (realiza-se entre meados de maio ou princípios de junho até meados ou fim de agosto), observado o saber fazer.

O encontro com produtores de cortiça e com os detentores do saber-fazer de descortiar permitirá uma compreensão mais aprofundada desta cultura de grande relevância no vale do Tejo, especialmente na margem sul, e que se estende por terras de “além-tejo” (Alentejo) até ao Algarve.

P2 – 4. Visita à Fábrica A. Sim Sim, na Ereira

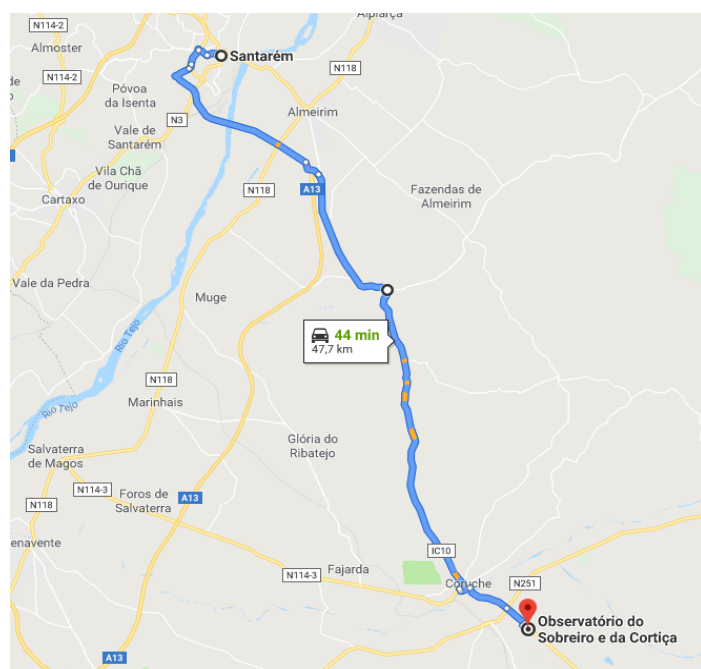
O dia termina na Ereira (Cartaxo) com a visita às oficinas da Fábrica A. Sim Sim.

Nesta fábrica o turista pode acompanhar as diferentes fases da manufatura dos chocalhos, em contexto de trabalho e com interação direta com os protagonistas. Poderá assistir à execução das peças e perceber as diferentes sonoridades dos chocalhos em exposição. No final poderá adquirir diversos produtos artesanais à venda na oficina.

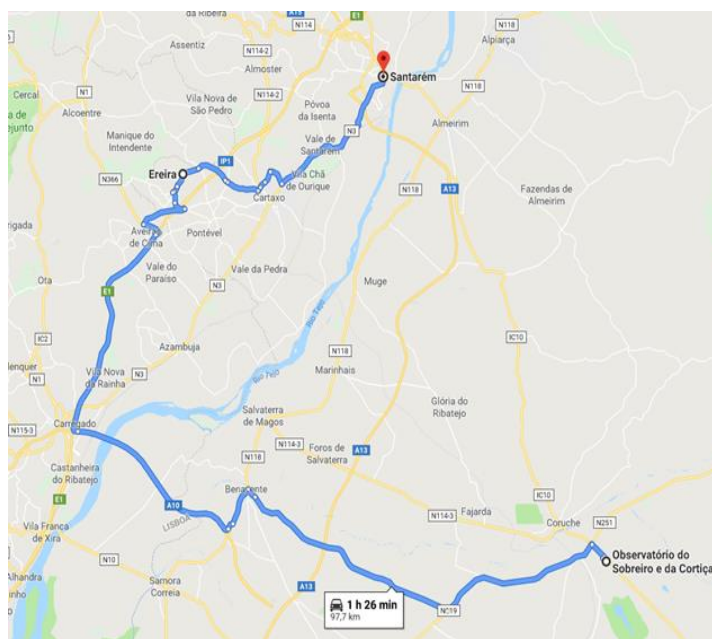
Circuito Turístico 1 – “A paisagem de montado da Charneca do Ribatejo”

Dia 2 – Visita ao Observatório do Sobreiro e da Cortiça

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Santarém ou Hotel (ponto de encontro)																										
Viagem até Coruche																										
Visita ao Observatório do Sobreiro e da Cortiça																										
Almoço em Coruche																										
Tempo de descanso /convívio																										
Viagem por zonas de montado e interação com protagonistas																										
Viagem até Ereira																										
Visita à Fábrica de Chocalhos A S.M. S.M.																										
Viagem até ponto de encontro																										



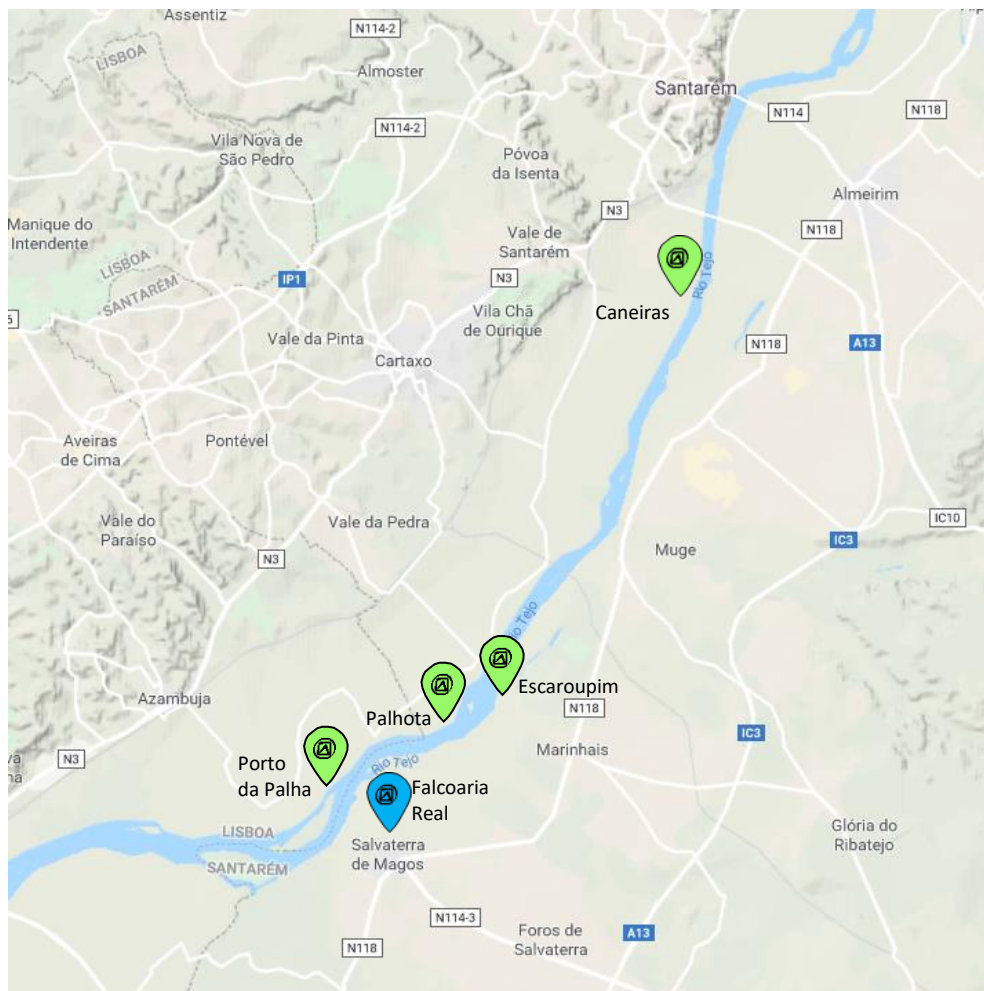
❖ Viagem Santarém (ou outro ponto de encontro) | Coruche – 47,7km (44min)



- ❖ Viagem Coruche | Ereira –
77,8km (1h 4min)
- ❖ Viagem Ereira | Santarém
(ponto de encontro) -
27,5km (26min)

A ordem das visitas pode depender da localização do alojamento em que os turistas se encontram alojados e da opção por transporte específico ou carro próprio. Igualmente as refeições podem ser adaptadas às localizações certas de cada um dos pontos de visita, procurando privilegiar as ofertas de gastronomia mais específicas e que são igualmente ricas nesta área da Charneca.

Circuito Turístico 2 – “Comunidades e manifestações culturais na Beira-Tejo”



Dia 1 – Aldeias Avieiras do Tejo. Este dia dedicado à cultura Avieira poderá incidir sobre as comunidades de avieiros que se distribuem ao longo do rio (de acordo com a localização do alojamento em que os turistas se encontrem hospedados). A cultura Avieira permite uma experiência diferente com a paisagem ribeirinha, na zona do Bairro ou “Beira-Tejo”, porquanto estas comunidades mantiveram sempre modos de vida e práticas culturais próprias, elas também diferentes face às comunidades ribatejanas mais ribeirinhas.

P3 – 1. Visita à Aldeia Avieira de Caneiras

A Jornada inicia-se com uma viagem até à Aldeia Avieira de Caneiras (Santarém), junto ao rio Tejo.

Esta aldeia cresceu de norte para sul há cerca de 130 anos, sendo que o núcleo original foi levado nas cheias de 1941, pelo que a aldeia atual se situa mais a sul já com estacaria de betão ou tijolo. Aí propõe-se um passeio por esta aldeia apreciando as suas casas palafíticas, inicialmente construídas em madeira e assentes em troncos de árvores como defesa perante as cheias do Tejo. Neste caso o mediador que acompanhe o grupo deverá ter um conhecimento mais aprofundado sobre esta técnica de construção em desaparecimento, podendo viabilizar-se uma conversa com alguém da comunidade local que mantenha o saber fazer deste tipo de construções.

Serão promovidos contactos com residentes que permanecem na aldeia, alguns dos quais mantêm a sua atividade de pesca e a manutenção dos seus barcos – a Bateira Avieira.

P3 – 2. Viagem pela Lezíria entre as Caneiras e Escaroupim

Este passeio permite um contacto muito próximo com o ambiente da zona de Bairro, muito marcada pelas atividades agrícolas ribeirinhas e pelo ecossistema do Tejo.

Em Porto de Muje observa-se o dique que protege a Lezíria das cheias e atravessa-se o rio através da ponte Rainha D. Amélia (inaugurada em 1904), notável exemplo da denominada "Engenharia do Ferro". Esta estreita ponte foi construída para o movimento ferroviário, sendo recentemente convertida para tráfego rodoviário.

P3 – 3. Almoço no restaurante “O Escaroupim”

Na chegada ao final da manhã a Escaroupim, os turistas serão conduzidos para o restaurante local com gastronomia tradicional associada ao rio. A carta deste restaurante é baseada nos produtos das estações e naquilo que o rio dá. Destacam-se as enguias fritas ou em ensopado como especialidades da casa, bem como, na época, o sável e a lampreia. A refeição com gastronomia específica destas comunidades, que dependem/ dependiam no essencial dos produtos do rio, é mais um momento de experiência que poderá ser aprofundado com oportunidade de conversa com quem a confeccionou.

P3 – 4. Visita ao Museu e à aldeia de “Escaroupim e o Rio”

Apos o almoço, o grupo começa por dirigir-se ao Museu, situado numa antiga escola da aldeia localizada no concelho de Salvaterra de Magos, onde pode ficar com uma ideia geral e histórica da vivência e da comunidade avieira de Escaroupim.

O atual Museu constrói um percurso expositivo que dá a conhecer a importância do rio Tejo e dos seus afluentes, enquanto elemento de fixação humana e apresenta as atividades socioeconómicas que marcaram das comunidades locais ao longo dos séculos.

Propõe-se em seguida um passeio pelas ruas de Escaroupim, visitando a Casa Avieira, no largo dos Avieiros apreciando o rio, penetrando nos vários pontões palafíticos e observando as suas típicas embarcações (bateira Avieira) quer no rio, quer em terra em manutenções. Este percurso será enriquecido com contactos e conversas com protagonistas da comunidade local, através de uma mediação que facilita esse contacto e que evita que o mesmo não se torne numa devassa para a comunidade local.

P3 – 5. Passeio de Barco com visita às Aldeias Avieiras de Palhota e Porto da Palha

O dia pode terminar com um passeio de barco, especialmente em épocas de clima mais adequada (primavera, verão e início do Outono). Admite-se que este passeio de barco apenas tem sentido se acompanhado por algum pescador, transformando-o num momento de compreensão do que foi (e ainda poderá ser) a vida destas comunidades piscatórias que se dirigiram para o Tejo em busca de recursos que escasseavam em determinados locais do litoral. Recheado com as histórias de vida no Tejo que o pescador se disponha a transmitir ao grupo de turistas, estes podem ainda descobrir as paisagens naturais das margens do rio Tejo, os seus mouchões e a sua avifauna.

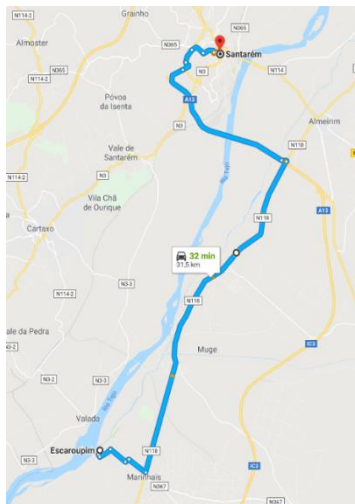
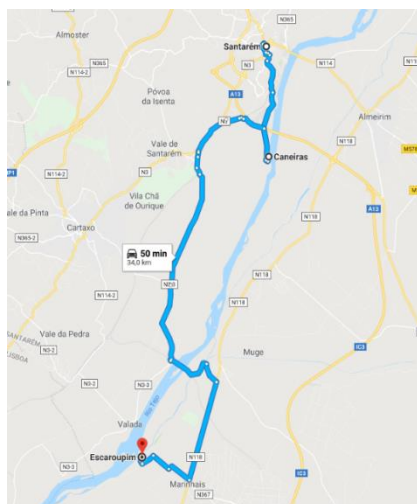
Este passeio poderá ainda ser acompanhado com a leitura de alguns textos que descrevem de forma literária, a cultura Avieira (exemplo do Alves Redol no seu livro “Avieiros”).

No caso do dia centrado nas comunidades Avieiras, é possível fazer variar a vista inicial à aldeia das Caneiras com visitas alternativas à Aldeia Avieira da Palhota, pequena aldeia do município do Cartaxo, constituída por algumas casas de madeira, tipo palafitas, em duas filas paralelas ao rio, cuja origem se perde nos tempos. Por aqui chegou a viver Alves Redol, grande escritor português que muito escreveu acerca do Tejo e das suas gentes; ou à Aldeia Avieira de Porto da Palha (Azambuja), situada na quinta do Lezirão, cujo proprietário dava permissão para a construção de barracas; chama-se assim pois era o porto onde se descarregava palha para as quintas.

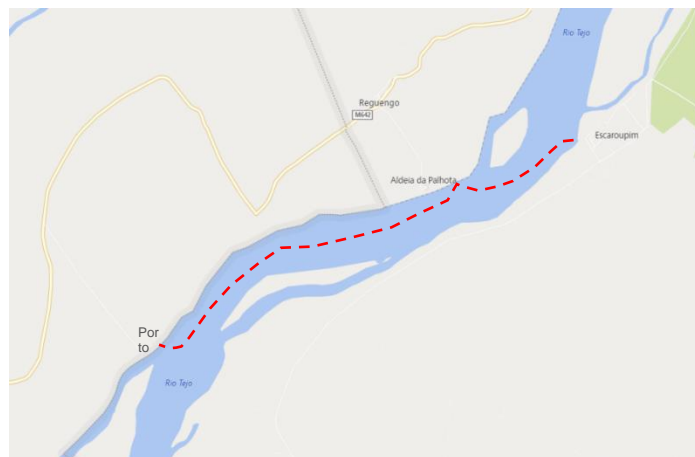
Circuito Turístico 2 – “Comunidades e manifestações culturais na Beira-Tejo”

Dia 1 – Aldeias Avieiras

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Santarém ou Hotel (ponto de encontro)																										
Viagem até Caneiras																										
Passeio pela Aldeia de Caneira (contacto com protagonistas)																										
Viagem Caneiras_Escaroupim (Lezíria)																										
Visita ao Museu “Escaroupim e Rio”																										
Passeio pela Aldeia de Escaroupim (contacto com protagonistas)																										
Almoço em Escaroupim																										
Passeio de barco no rio Tejo																										
Passeio pela Aldeia de Palhota (contacto com protagonistas)																										
Passeio de barco no rio Tejo																										
Passeio pela Aldeia de Porto da Palha (contacto com protagonistas)																										
Passeio de barco no rio Tejo																										
Viagem até ponto de encontro																										



- ❖ Viagem Santarém (ou outro ponto de encontro) | Caneiras – 7km (14min)/ (máximo 45minutos)
- ❖ Viagem Caneiras | Escaroupim – 27,4km (36min)
- ❖ Viagem de Escaroupim | Santarém (ponto de encontro) – 31,5km (32min)



- ❖ Passeio de barco Escaroupim | Palhota | Porto da Palha e regresso a Escaroupim – 11,4km

Dia 2 – A Falcoaria Real nas margens do Tejo. Este segundo dia será dedicado a uma outra manifestação tradicional inscrita no património cultural imaterial do vale do Tejo. Destino frequente da monarquia e aristocracia residente em Lisboa, esta zona oferecia ambiente qualificado para atividades de lazer favoritas da corte predominantemente associadas à caça. A Falcoaria, enquanto saber-fazer específico de manejo das aves de rapina agrupadas pela designação de falcões, tornou-se durante as estadias da corte um passatempo suplementar, que se mantém nesta região até ao presente.

P4 – 1. Deslocação até à Falcoaria Real

A deslocação do grupo acompanhada por mediador até à Falcoaria Real, localizada em Salvaterra de Magos (de acordo com o ponto inicial definido para o circuito dos dois dias), permitirá uma observação deste espaço da zona de Bairro (quer pela margem norte, quer pela margem sul do rio Tejo), compreendendo as principais características desta paisagem cultural, as vivências das suas gentes e a importância que a presença do rio tem na sua atividade e nos seus modos de vida.

P4 – 2. Visita à Falcoaria Real

À chegada à Falcoaria Real o grupo de turistas depara-se com um edifício e um conjunto arquitetónico, que apesar das influências, mantém algumas características que se repetem na região. Trata-se de um edifício do século XVIII, de influência holandesa, cuja história está intimamente associada à história do Paço Real – Casa de Campo da Coroa nesta vila ribatejana. Situada junto ao Tejo, envolvida por excelentes coutadas de caça, próxima de Lisboa, era o local ideal para que a corte apreciase uma das suas atividades favoritas: a caça. Depois de um longo período de degradação, desde a partida da corte, este equipamento foi recuperado pela Câmara Municipal de Salvaterra de Magos e volta a abrir as suas portas no ano de 2009.

A visita inclui uma apresentação do espaço, explicações e visionamento de filmes, permitindo descobrir o mundo da Falcoaria desde o Neolítico até aos nossos dias, os motivos que conduziram ao aparecimento desta arte, bem como, a sua importância na Vila de Salvaterra de Magos, que desde sempre reuniu condições favoráveis para a realização de grandes caçadas.

Hoje residem permanentemente, neste equipamento, aves com características distintas que permitem a caça de diferentes espécies. Assim a visita, que se prolongará até ao final da manhã, permite observar e compreender o quotidiano destas aves em cativeiro e interagir com os detentores do saber-fazer em contexto de manejo das aves.

P4 – 3. Almoço em Salvaterra de Magos

O almoço será marcado num restaurante com gastronomia regional, preferencialmente em Salvaterra de Magos.

P4 – 4. Continuação da Visita à Falcoaria Real

A visita à Falcoaria Real retoma-se a seguir ao almoço para assistir ao treino da uma ave, com demonstração de voo em liberdade. Neste tipo de voo a ave mostra toda a sua perícia, na tentativa de capturar a "Falsa Presa" lançada pelos falcoeiros, responsáveis pela sua aprendizagem - adestramento.

A tarde completa-se com a participação num workshop de falcoaria previamente preparado com a Falcoaria Real em função das pretensões do grupo e das suas características, ou apenas workshops disponíveis e regularmente oferecidos pela estrutura.

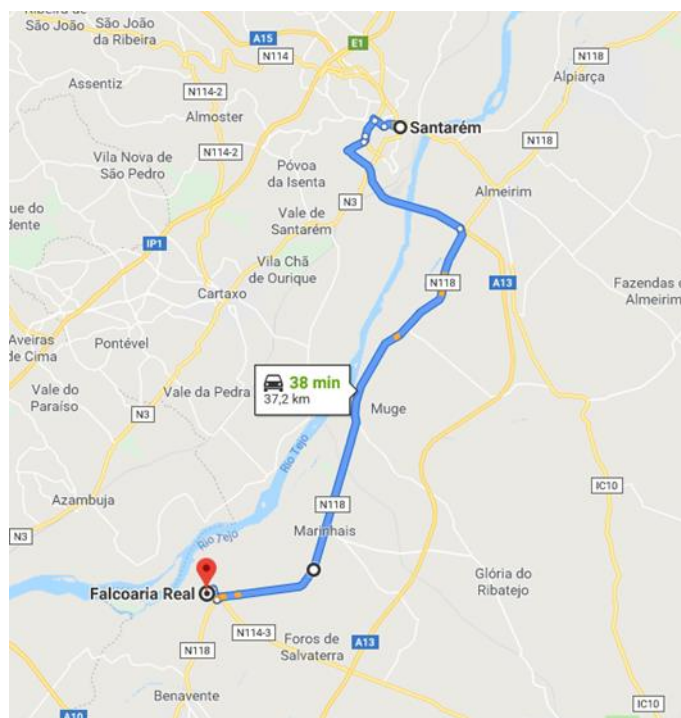
É possível que, de acordo com a programação oferecida pela Falcoaria Real, este dia seja completamente ocupado com um curso de iniciação à Falcoaria, com uma duração que poderá prolongar-se entre as 9.30 e as 18.30. “O Curso de Iniciação à Falcoaria procura transmitir aos formandos os conhecimentos básicos necessários a uma iniciação correta nesta atividade. O formando irá aprender o fundamental ao processo de treino de uma ave de presa desde a sua aquisição até à sua introdução na caça.”²

² In <https://www.falcoariareal.pt/pt/curso-de-iniciacao-a-falcoaria>

Circuito Turístico 2 – “Comunidades e manifestações culturais na Beira-Tejo”

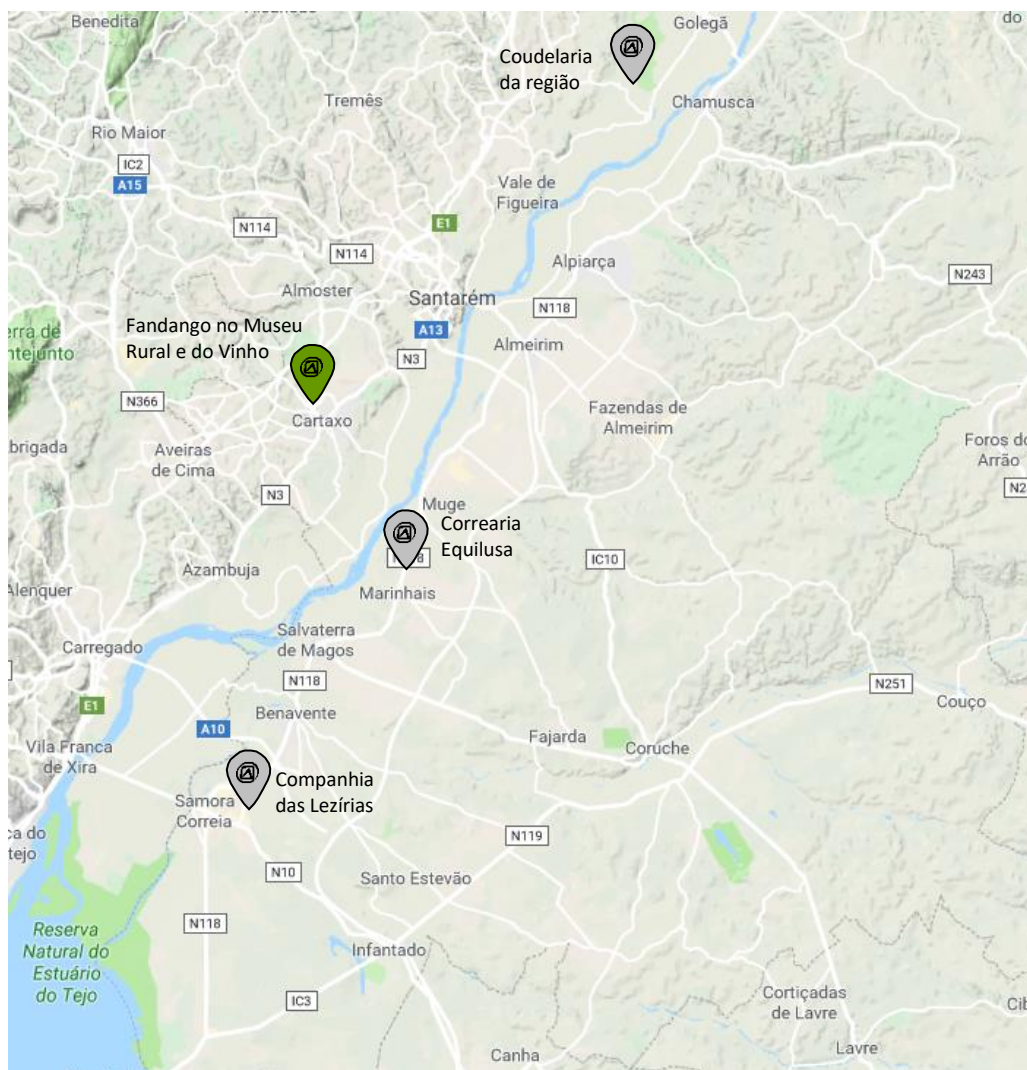
Dia 2 – Falcoaria

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Santarém ou Hotel (ponto de encontro)																										
Viagem até Salvaterra de Magos																										
Visita à Facoaria Real																										
Almoço em Salvaterra de Magos																										
Visita à Facoaria Real (continuação)																										
Viagem até ponto de encontro																										



❖ Viagem Santarém (ou, em alternativa, no alojamento do grupo)
| Salvaterra de Magos – 37,2km (38min)

Este circuito pretende dar ao turista a oportunidade de compreender e de desenvolver uma experiência imersiva nas terras da grande lezíria, extensa área plana onde a presença de gado – os cavalos, os touros bravos e outro gado bovino marca de forma evidente a paisagem. A perceção da imensidão da paisagem e das presenças de grandes propriedades cuja principal atividade económica se associa à ganadaria, passam a ser os grandes vetores de interesse para esta imersão do visitante. Criar oportunidades de contacto do visitante com as comunidades locais instaladas nos casais ou herdades e nos centros urbanos constitui o principal propósito deste circuito.



Dia 1 – Coudelarias e Equitação à portuguesa

P5 – 1. Visita a uma Coudelaria (no município da Golegã)

O dia começa por viagem desde o ponto de partida (que poderá ser Santarém ou qualquer alojamento da região onde se encontre instalado o grupo de turistas) até uma coudelaria da região - sugere-se uma herdade dedicada à coudelaria e localizada no concelho da Golegã, que pelas manifestações que contempla se tornou a capital do Cavalo (assinala-se a hipótese deste programa ser enriquecido por uma visita à Feira Nacional do Cavalo ou Feira da Golegã, quando esta se realiza, na primeira quinzena de Novembro, época de S. Martinho), onde se localizam as coudelarias mais antigas, com prestígio significativo.

Neste espaço propõe-se uma visita às suas instalações, por forma a compreender e observar os espaços e as atividades diárias associadas ao maneio e treinamento dos cavalos. Propõe-se uma explicação desenvolvida sobre a raça Puro-sangue Lusitano, permitindo uma compreensão do reconhecimento que esta raça hoje tem no domínio internacional e as suas ligações com outras coudelarias estrangeiras.

Pretende-se que os turistas interajam durante a visita diretamente com os proprietários e profissionais ligados às coudelarias de forma a compreenderem os saberes-fazer e as manifestações tradicionais associadas à ganadaria e à arte equestre.

P5 – 2. Almoço na Coudelaria

No fim da manhã e das visitas aos vários espaços da coudelaria propõe-se uma pausada refeição no campo, nas instalações da coudelaria.

P5 – 3. Assistir a um pequeno evento de arte equestre

A relevância que a arte equestre mantêm nos modos de vida das gentes da Lezíria, de que as coudelarias são o seu fator valorizador, pela oferta que fazem de formação, de eventos e de participação em provas, nacionais e internacionais, pode ser mais um elemento para o contacto de visitantes com a Lezíria do Ribatejo. Assistir a um pequeno evento ou a um simples treino de arte equestre e conversar com pessoas que praticam esta arte, ocupará os turistas no período a seguir ao almoço, em que o clima aperta mais nas temperaturas (sobretudo na época de verão).

P5 – 4. Passeio a cavalo na Lezíria

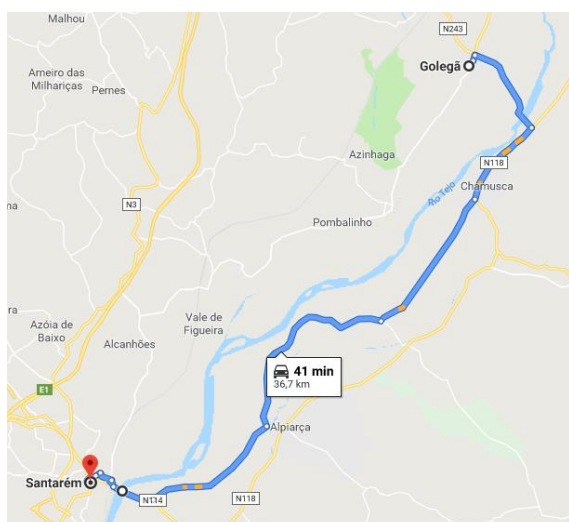
Mais tarde, para os mais afoitos ou familiarizados com o Cavalo, sugere-se um passeio a cavalo pelos espaços naturais de proximidade da Coudelaria e para os que preferirem uma aventura mais repousada oferece-se um passeio de charrete.

Após o passeio a cavalo ou em charrete, acompanhados por um mediador que vai fornecendo informação sobre o contexto paisagístico e humano da região, os turistas voltam à coudelaria para terminar a sua visita.

Circuito Turístico 3 – “Campinos nos extensos pastos da Lezíria”

Dia 1 – Coudelarias e Equitação à Portuguesa

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Santarém ou Hotel (ponto de encontro)																										
Viagem até à Golegã																										
Visita à uma Coudelaria																										
Almoço na Coudelaria																										
Pequeno evento de arte equestre																										
Passeio a Cavalho na Lezíria																										
Viagem até ponto de encontro																										



❖ Viagem Santarém (ponto de encontro) | Golegã – 36,7km (41min)

Dia 2 – Campinos, Correarias e Fandango

P6 – 1. Visita à Companhia das Lezírias

A manhã será totalmente ocupada por uma visita e tempo passado nas explorações que integram a Companhia das Lezírias. Esta é a exploração agropecuária e florestal de maior dimensão (cerca de 5.000ha) no espaço nacional, incluindo diversas unidades, a Lezíria de Vila Franca de Xira, a Charneca do Infantado, o Catapereiro e os Paulis (Magos, Belmonte e Lavouras). A sua proximidade aos rios Tejo e Soraia oferecem características edafo-climáticas favoráveis às várias explorações: pastagens, arrozais, vinho, olival e milho, montado e cortiça.

P6 – 2. Almoço na Companhia das Lezírias

Almoço com prova gastronómica de vinhos e azeites.

P6 – 3. Visita a uma Correaria

A tarde será passada na Correaria Equilusa, em Marinhais (Salvaterra de Magos), uma oficina/atelier tomar contacto com os saber fazer relacionados com a manufatura de correaria - artigos em pele e couro como botas, polainas, cabeçadas, chapelaria, estribos, arreios, correias, selas e selins.

Na visita haverá interação com Sr. Marco, assistindo e eventualmente participando na execução de uma peça simples, por forma a compreender esta arte de trabalhar o couro, arte que requer muitos anos de experiência e dedicação e que tem sido transmitida de geração em geração.

P6 – 4. Visita ao Museu Rural e do Vinho de Cartaxo e ensaio de Fandango

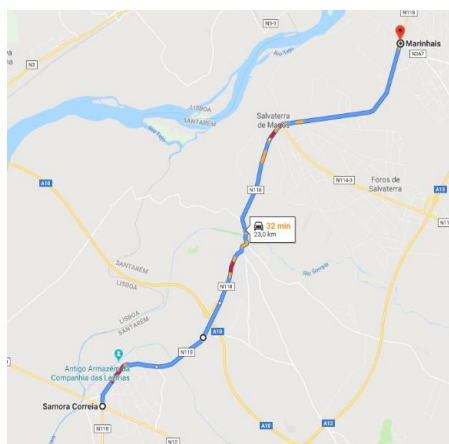
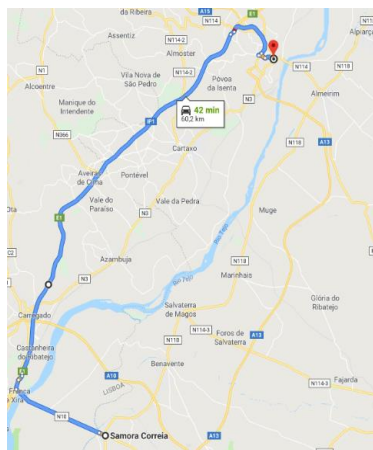
Em seguida será feita uma visita ao Museu Rural e do Vinho do Cartaxo com uma prova gastronómica que antecede uma apresentação comentada de um grupo folclórico local, ensinando os passos e as variantes de coreografia do Fandango.

Após esta visita, o grupo dirigir-se-á para uma associação local onde possa participar num ensaio ou encontro de fandango. Será um fim de tarde de convívio e de interação com os elementos do grupo folclórico em presença, podendo culminar com a participação dos turistas nas danças, acompanhados por elementos do grupo que introduzem passos e coreografias simplificadas desta forma de manifestação popular festiva.

Circuito Turístico 3 – “Campinos nos extensos pastos da Lezíria”

Dia 2 – Campinos, Correarias e Fandango

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Santarém ou Hotel (ponto de encontro)																										
Viagem até Samora Correia																										
Visita à Companhia das Lezírias																										
Almoço na Companhia das Lezírias																										
Viagem até Marinhais																										
Visita a uma Correaria																										
Viagem até ao Cartaxo																										
Prova gastronómica regional																										
Assistir/participar em ensaio de Fandango																										
Viagem até ponto de encontro																										

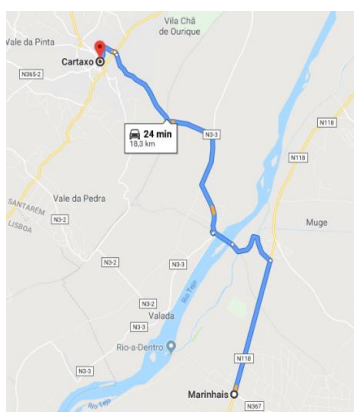
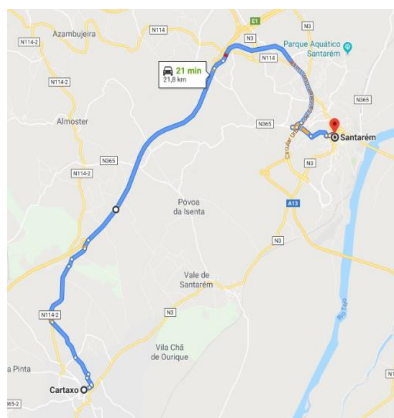


❖ Viagem Santarém
(ponto de encontro) | Samora
Correia - 60,2km
(42min)


❖ Viagem Samora
Correia | Marinhais -
23,0km (32min)

❖ Viagem
Marinhais | Cartaxo -
18,3km (24min)

❖ Viagem
Cartaxo | Santarém
(ponto de encontro) -
21,8km (21min)



ESTIMATIVA DE PREÇO DAS PROPOSTAS

Programa turístico territorial - Lezíria do Tejo - Circuito Turístico 1 – “A paisagem de montado da Charneca do Ribatejo”				
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total	
1. Entradas e passeios				
1.1 Centro de Interpretação de Paisagem/Observatório da Charneca	7	5,0	35	
1.2 Percorso pelo montado	7	5,0	35	
1.3 Percorso pelos arrozais	7	0,0	0	
1.4 Visita ao Observatório do Sobreiro e da Cortiça	7	0,0	0	
1.5 Viagem por zonas de Montado	7	5,0	35	
1.6 Visita à Fábrica de Cocalhos A Sim Sim	7	5,0	35	
Sub total			140	
2. Refeições - Almoço e degustações				
2.1 Almoço perto do Observatório da Charneca	8	25	200	
2.2 Almoço em Coruche	8	25	200	
Sub total			400	
3. Transporte (mini autocarro de 9 lugares) - unidade_dia	2	400	800	
Sub total			800	
4. Mediador conhecedor e preparado unidade_dia	2	350	700	
Sub total			700	
Total			2040	
		(valor por pessoa)	291	

Programa turístico territorial - Lezíria do Tejo - Circuito Turístico 2 – “Comunidades e manifestações culturais na Beira-Tejo”				
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total	
1. Entradas e passeios				
1.1 Visita ao Museu "Escaroupim e o Rio"	7	0,0	0	
1.2 Contactos e interações c/ protagonistas (Caneiras/Escaroupim/Palhota/Porto da Palha)	7	20,0	140	
1.3 Passeio de barco no Tejo (visita a Palhota e a Porto da Palha)	7	25,0	175	
1.4 Visita à Falcoaria Real	7	0,0	0	
1.5 Workshop de falcoaria	7	10,0	70	
Sub total			385	
2. Refeições - Almoço e degustações				
2.1 Almoço em Escaroupim	7	30	210	
2.2 Almoço em Salvaterra de Magos	7	25	175	
Sub total			385	
3. Transporte (mini autocarro de 9 lugares) - unidade_dia	2	400	800	
Sub total			800	
4. Mediador conhecedor e preparado unidade_dia	2	350	700	
Sub total			700	
Total			2270	
		(valor por pessoa)	324	

Programa turístico territorial - Lezíria do Tejo - Circuito Turístico 3 – “Campinos e as grandes pastagens da Lezíria”			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Entradas e passeios			
1.1 Visita a uma Coudelaria	7	5,0	35
1.2 Pequeno evento de arte equestre	7	10,0	70
1.3 Passeio a Cavalo na Lezíria	7	10,0	70
1.4 Visita á Companhia das Lezírias	7	10,0	70
1.3 Visita a uma Correaria	7	5,0	35
1.4 Assistir a ensaio de Fandango	7	5,0	35
Sub total			315
2. Refeições - Almoço e degustações			
2.1 Almoço na Coudelaria	7	25	175
2.2 Almoço na Companhia das Lezírias	7	30	210
2.3 Degustação no Cartaxo	7	20	140
Sub total			525
3. Transporte (mini autocarro de 9 lugares) - unidade_dia	2	400	800
Sub total			800
4. Guia turístico credenciado unidade_dia	2	350	700
Sub total			700
Total			2340
		(valor por pessoa)	334

3.2.2.3. PROGRAMA TURÍSTICO TERRITORIAL – ALENTEJO LITORAL

CONCEITO GERAL

O Alentejo Litoral, que se prolonga entre o Sado e a Serra Algarvia e que estabelece ligação intensas com a costa atlântica, diferencia-se, contudo, nas suas paisagens e nos sistemas sociais e culturais que a ocupação humana foi desenvolvendo ao longo dos tempos. A norte, para além da faixa litoral arenosa, entre Sines e o estuário do Sado, ainda mantém a presença de uma zona de charneca, associada ao vale do Sado e abrange uma parte da área da serra de Grândola, com presença florestal intensa, onde para além de sobreiro se têm intensificado a presença de pinheiro manso. A sul de Sines e até ao concelho de vila do Bispo (Algarve), em toda a faixa litoral que abrange o vale do rio Mira, estende-se a zona do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, que integram o Parque Natural - Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. Esta faixa para o interior mantém as características de zona de transição, com algumas diferenças relativamente à parte a norte (Grândola), uma vez que apresenta características mais acentuadas de peneplanície, ainda com presença de sobreiro em sistema de montado, mas onde o cereal ocupou extensos terrenos, com efeitos na densidade da componente arbórea. Em síntese, apesar dos traços comuns, o Alentejo Litoral contém no seu interior algumas diferenças que permitem justificar uma perceção mais fina por parte de quem visita esta região.

O conceito de programa turístico para o Alentejo Litoral propõe a organização da oferta de experiências, explorando os diversos elementos do PCI existentes, designadamente a Cultura Avieira, a Jangada de S. Torpes, as Correarias, a Tiragem da cortiça, a Construção tradicional em Terra e o Cante.

A extensão desta área e a sua diversidade interna é bem representada nesta variedade de manifestações culturais e nos elementos de PCI que mais se distinguem no seio das suas comunidades. Pretende-se, assim, que as experiências propostas permitam **aprofundar o conhecimento e a fruição deste espaço territorial**, na multiplicidade das suas unidades de paisagem, bem como **estabelecer contactos e relações com as comunidades e particularmente com os protagonistas que preservam na sua vida quotidiana, de trabalho, social e cultural, os elementos PCI enunciados**.

A configuração territorial do Alentejo Litoral aconselha a desenhar propostas vocacionadas para turistas que estejam alojados nos municípios a norte e propostas para turistas que estejam hospedados nos municípios mais a sul.

Neste contexto, para as propostas protótipo elegeram dois pontos de partida para esta tipologia de experiências (**Alcácer do Sal e Odemira**) permitindo cobrir os programas mais a norte e mais a sul. No entanto, estas propostas podem ser reconfiguradas para ter como ponto de partida outro local deste território onde os turistas estejam alojados.

Refira-se, por último, a flexibilidade destas propostas que permitem seduzir vários perfis de turistas com diferentes interesses, bem como se adaptam a várias configurações dos participantes (em família, em pequenos grupos de amigos ou individualmente).

COMPONENTES DO PCI

As manifestações culturais e os elementos do património cultural imaterial do Alentejo Litoral representam uma diversidade bem patente na extensão desta área, que se prolonga entre o Sado e a Serra Algarvia e que estabelece ligação intensas com a costa atlântica. A matriz de influências culturais desta região é bastante diversa, dada a sua exposição natural ao mar e a facilidade de acessos de provos provenientes de outras paragens, e de certo modo, as manifestações culturais hoje inda presentes e vivas podem traduzir, de algum modo, essa mesma diversidade.

O PCI ligado à **Cultura Avieira** e à **Jangada de São Torpes**, que em qualquer um dos casos se encontram em fase e risco de desaparecimento, manifestam indubitavelmente as atividades marítimas e fluviais que representam este território, onde também se encontram os saberes fazer associados à produção corticeira e ao montado - **Tiragem da cortiça** ou ligados à **Coudelaria** e à **Correaria**. Nos saberes-fazer ligados à **Construção em barro / arquitetura da terra** encontramos sinais e marcas de expressões e formas de vida culturalmente diversas. Dentro das tradições orais, o **Cante** estende-se por todo o Alentejo e vem até às terras mais litorais, onde mantém forte expressão.



Figura 4 - Alentejo Litoral

No caso do Alentejo Litoral a organização de produto turístico baseado no PCI e capaz de oferecer tipologia e dimensões de experiência diversificadas, alicerçadas nas especificidades deste território, podem assentar nos seguintes promotores, conforme se apresenta no quadro seguinte:

Cante	Grupos de Cante	<p>Ouvir o cante em contextos próprios e tradicionais mas numa representação específica direcionada para o turismo</p> <p>Percecionar as dinâmicas próprias dos protagonistas em espaços de acesso não público</p> <p>Conviver de perto com a vida associativa destes grupos, incluindo nos seus quotidianos</p> <p>Compreender todas as dimensões representativas e simbólicas (trajes, etc.) associadas aos grupos de cante</p> <p>Acesso a suportes de conteúdos sobre o cante (livros, CD e DVD) para adquirir</p>
	Ensaaios de Cante	<p>Ouvir e acompanhar de forma repetida o cante em contexto de trabalho artístico</p> <p>Ensaiai experimentalmente formas de cantar polifónico tradicional acompanhado por detentores com função de direção/ ensaiador de cante</p> <p>Estabelecer diálogos com os protagonistas</p>
	Grupos de Cante em tabernas	<p>Ouvir o cante em contextos próprios tradicionais, mas numa atuação específica direcionada para os próprios turistas</p> <p>Estabelecer relações, mais ou menos individualizadas, com os protagonistas em contexto de convívio</p>
Cultura Avieira	Cais palafítico e aldeia Avieira da Carrasqueira	<p>Compreender e percecionar as vivências da comunidade Avieira através do contacto direto, mais ou menos prolongado, com o local – cais palafítico e com os detentores deste modo de vida e da sua cultura</p> <p>Visitar e fruir do ambiente local e paisagístico da aldeia da Carrasqueira e do cais palafítico e interagir com a sua comunidade</p> <p>Assistir ao processo de reparação e manutenção das embarcações e das artes de pesca e interagir com os seus protagonistas em contexto de trabalho</p> <p>Imergir nesta comunidade participando em atividades e vivências características e tradicionais locais, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acompanhar a faina de pesca com os pescadores locais; • Degustar as especialidades do rio nos restaurantes da Aldeia; • Dar um passeio pelo rio Sado até Alcácer do Sal.
	Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira (Carrasqueira)	<p>Contactar com membros da comunidade Avieira em contextos de convivialidade</p> <p>Compreender e percecionar as vivências da comunidade Avieira através da participação em eventos e manifestações organizadas pela associação, incluindo a Festa em Honra de Nossa Senhora dos Navegantes.</p>
Jangada de São Torpes	Museu de Sines	<p>Compreender e percecionar os saberes-fazer associados à construção da Jangada de São Torpes, bem como às vivências desta comunidade piscatória, visitando o espaço interpretativo do Museu de Sines (que possui exemplares da jangada e um vídeo em que um construtor de jangadas a ensina crianças e faz uma experiência de entrada no mar)</p>

		<p>Interação com mediadores</p> <p>Participação em atividades de animação promovidas pelo Museu na Praia de S. Torpes</p> <p>Acesso a suportes de conteúdos sobre a jangada de São Torpes (livros, CD e DVD) para adquirir</p> <p>Visitar e fruir do ambiente local e paisagístico da praia de São Torpes</p> <p>Contactar com os últimos pescadores de São Torpes e compreender os seus modos de vida tradicionais associados ao mar</p> <p>Degustar as especialidades do mar nos restaurantes de São Torpes.</p> <p>Participar em <i>atelier</i> de construção de uma jangada tradicional e experimentar a sua utilização no mar junto à costa.</p>
Praia de São Torpes		
Arte de Correaria	Artesanato Godinho (Cercal do Alentejo), Correaria J P (Santiago do Cacém), Correaria Simões (Alcácer do Sal), Correaria Machado (Alcácer do Sal), Correaria Goucha (Alcácer do Sal)	<p>Compreender, observar e tomar contacto com os sabe- fazer relacionados com a manufatura de correaria - artigos em pele e couro como botas, polainas, cabeçadas, chapelaria, estribos, arreios, correias, selas e selins, artigos de caça, em contexto oficial,</p> <p>Interagir diretamente com os detentores do saber-fazer</p> <p>Percecionar as dinâmicas próprias dos detentores em contexto de trabalho</p> <p>Assistir à execução de uma peça simples, com possibilidade de alguma participação nessa execução</p>
Arte de Coudelaria	Alcácer do Sal Odemira Santiago do Cacém Sines	<p>Compreender, observar e tomar contacto com os saber-fazer relacionados com as artes da coudelaria, incluindo contacto com espaços e técnicas específicas de treino equestre, para além de permitir um contacto direto com as espécies autóctones de eguadas e garanhões.</p> <p>De uma forma inter-relacionada, é ainda possível tomar contacto com as artes de correaria – artigos em pele e couro como botas, polainas, cabeçadas, chapelaria, estribos, arreios, correias, selas e selins, artigos de caça, produzidos em contexto oficial.</p> <p>Interagir diretamente com os detentores do saber-fazer</p>
Construção em barro / Arquitetura da terra	Associação Centro da Terra (Santiago de Cacém)	<p>Compreender os saberes-fazer e as técnicas tradicionais de construção através de visitas orientadas / guiadas a estaleiros de obras de recuperação do património</p> <p>Conhecer e interpretar as morfologias construtivas tradicionais da região, as suas utilizações originais e as transformações e adaptações contemporâneas</p> <p>Participação em oficinas temporárias de iniciação a técnicas tradicionais de construção em barro: adobe, blocos de terra comprimida, revestimento e reboco em terra, etc.</p> <p>Participação em eventos associados à construção sustentável</p>

	Diversidade de formas do património vernacular Modos de vida e Paisagem (a trabalhar posteriormente)	Conhecer e interpretar <i>in loco</i> a arquitetura vernacular da região em contextos de paisagem diferenciados, urbana e rural Interação com mediadores Mobilizar competências ao nível da fotografia / registo documental alargando a experiência de contemplação à expressão da imagem fotografada
“Tiragem da cortiça” / Processo de descortiçamento	(a trabalhar posteriormente)	Compreender e observar os saberes fazer associados à esta atividade diretamente em contexto de trabalho Observar e compreender a paisagem corticeira, de sobreirais e de montados, bem como a história da economia da cortiça local e nacional Interação direta com protagonistas

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM ESPECÍFICAS DOS PRODUTOS

O território do Alentejo Litoral apresenta uma diversidade de bens PCI, que se encontram igualmente dispersos em termos físicos. A organização do programa de produtos e experiências turísticas baseadas nessas manifestações e expressões identitárias destes territórios, que o presente Catálogo tem por finalidade, justifica uma rede muito complexa de agentes, entidades, detentores e protagonistas que podem ser parceiras do programa. A organização destes produtos e experiências turísticas no âmbito do programa turístico para o Alentejo Litoral visa orientar-se primordialmente para um conjunto de segmentos de mercado, já anteriormente identificados – cultural, criativo, eco turismo e alguns subsegmentos do turismo social, incluindo famílias e jovens.

No programa turístico territorial para o Alentejo Litoral, os **parceiros que podem vir a participar** e que se encontram nesta fase identificados, são os seguintes:

Entidades públicas	Junta de Freguesia da Comporta (Alcácer do Sal) Câmara Municipal de Sines (Museu de Sines)
Entidades privadas empresariais	Restaurante da Carrasqueira, Restaurantes de São Torpes Artesanato Godinho (Cercal do Alentejo), Correaria J P (Santiago do Cacém), Correaria Simões (Alcácer do Sal), Correaria Machado (Alcácer do Sal), Correria Goucha (Alcácer do Sal)
Entidades privadas do terceiro setor	Associações culturais ou recreativas ligadas ao Cante, nomeadamente do Torrão (Alcácer do Sal), Lousal (Grândola), Grândola, Odemira e Vila Nova de Mil Fontes Associação Centro da Terra (Santiago de Cacém) Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira (Carrasqueira)
Protagonistas	Grupos de Cante não organizados em entidade coletiva Pescadores avieiros Pescadores de S. Torpes (Sines)

A organização deste programa turístico, conforme referido no seu enquadramento conceptual, não pressupõe a configuração de roteiros, circuitos ou de pacotes pré-formatados. Pode admitir, contudo, a constituição de algum pacote ou circuito, por exemplo, que decorra de uma combinatória de diversos produtos turísticos, com experiências de intensidade diferenciada e com temáticas também diferentes, permitindo uma compreensão mais profunda da paisagem cultural do Litoral Alentejano.

Admitindo que a **iniciativa do inter-relacionamento e a agregação de temas e de geografias dentro desta região parte dos próprios turistas**, seja na origem, na fase de preparação da viagem, seja no destino, na procura de experiências de imersão nas comunidades e de compreensão e interpretação do seu património cultural imaterial, o Catálogo deverá privilegiar uma **oferta mapeada e bem informada sobre os produtos turísticos disponíveis**, clarificando bem os níveis de experiência e os tipos de imersão disponibilizados pelos detentores e protagonistas desse património.

Neste caso, a **componente comunicacional é fundamental** e deve estar bem estruturada e ser bem apropriada e gerida pelo tecido organizativo, de base local e regional, a operar no destino (sejam do setor do turismo ou de outros setores, culturais, sociais, etc.), favorecendo estratégias de parceria entre os promotores de produtos e experiências e os agentes turísticos que intervêm noutros ramos, como o alojamento, as refeições, os transportes, mesmo os agentes de *incoming*, etc.

PROPOSTAS PROTÓTIPO

As propostas protótipo apresentadas configuram experiências que têm a duração máxima de 2 dias, situadas mais a norte e mais no sul do Alentejo Litoral, podendo estas experiências ser segmentadas e realizadas só em parte (1 dia) de acordo com os interesses e disponibilidades dos turistas.

O desenho das propostas pressupõe que em cada um dos 2 dias, os turistas se encontrem num determinado ponto de encontro (Alcácer do Sal ou Odemira, ou em unidade hoteleira onde estejam instalados, a combinar) e a partir daí sigam em grupo, no máximo de 8 pessoas (em mini autocarro ou carrinha de 9 lugares) para jornada turística e no fim do dia regressem ao ponto de partida. Apesar da preferência destes produtos se orientar para grupos que estão previamente construídos, que podem ser de menos de 8 pessoas, admite-se que, desde que os turistas não se oponham, o operador possa fazer um curto périplo, por vários locais, para recolha de turistas para cada jornada.

A realização destes circuitos deverá ser feita preferencialmente acompanhada por um mediador, com competências específicas que lhe permitam fornecer informação e intensificar a dimensão imersiva da experiência que os turistas vão fazer, facilitando também o contacto local com as comunidades e com os detentores de saberes e de formas de expressão e manifestação cultural que se enquadram no PCI mais relevante.

As propostas de circuitos turísticos para o Alentejo Litoral vão sublinhar os aspetos específicos de cada uma das áreas e das paisagens culturais predominantes, favorecendo condições de imersão do turista nestas paisagens através, fundamentalmente, do contacto com o PCI e as comunidades detentoras. Incluem-se desse modo dois circuitos:

Circuito turístico 1 – “**Artes da ‘Borda d’água’ e da Serra Grândola**”

Circuito turístico 2 – “**Construção tradicional no Sudoeste Alentejano**”

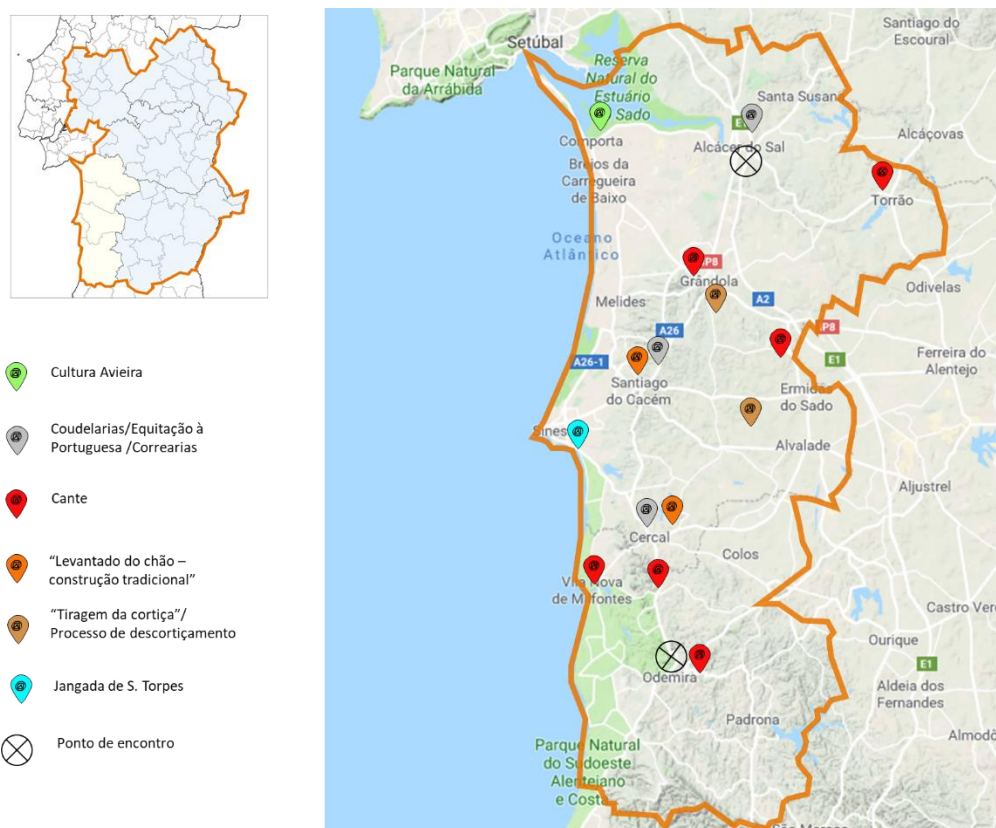
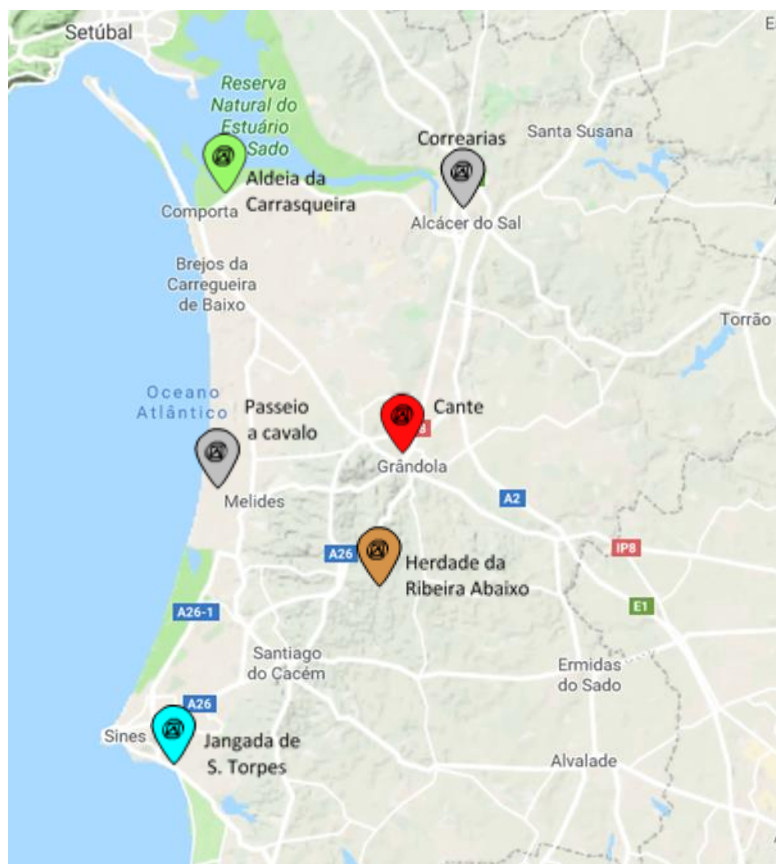


Figura 5 - Enquadramento territorial do Alentejo Litoral, com identificação (não exaustiva) de componentes de PCI

Circuito Turístico 1 – “Artes da Borda d’água e da Serra de Grândola”

Este circuito fornece ao turista uma percepção e compreensão desta zona do litoral alentejano, dedicando alguma atenção e tempo às comunidades da Borda d’água, quer no caso das comunidades Avieiras, mas também remetendo para os vestígios dentro da comunidade de S. Torpes da construção das jangadas. A presença de montado, quer na charneca do Sado, quer nas zonas da Serra de Grândola, justificam, para uma melhor relação com esta paisagem humana, que o turista se cruze com algumas das suas manifestações. Na atividade de exploração do sobreiro e da cortiça, os saberes-fazer especialmente ligados ao descortiçamento são um valor singular destes destinos (do sul do país), a que se associam também práticas comunitárias de expressividade musical, como é o cante.



Dia 1 – Cultura Avieira

Um dia de descoberta da Cultura Avieira e de contacto com rio Sado, compreendendo e percecionando as vivências da comunidade piscatória da Carrasqueira. O ponto de partida para a visita neste dia será Alcácer do Sal ou um outro ponto dentro da área onde se encontre alojado o grupo de turistas.

P1 – 1. Passeio de barco no rio Sado e no seu estuário até à Aldeia de Carrasqueira

A Jornada inicia-se em Alcácer do Sal com um passeio de barco pelo rio Sado e pelo seu estuário até à Aldeia Avieira da Carrasqueira.

Este é um passeio por uma das reservas naturais nacionais - Reserva Natural do Estuário do Sado – que permite uma perspetiva única da cidade branca de Alcácer do Sal e uma observação próxima da paisagem ribeirinha, com os seus sapais, salinas e arrozais. Destacam-se neste percurso locais como Batalha (última salina ativa), Cachopos e Murta (moinho com um marco geodésico no telhado).

P1 – 2. Visita ao Cais Palafítico da Carrasqueira

Este passeio termina no Cais Palafítico da Carrasqueira, de aparência periclitante, obra de arquitetura popular única, construída de estacas de madeira irregular, das décadas de 1950 e 1960, que servem de embarcadouro aos barcos de pesca desta comunidade.

Para além da abordagem, observação e compreensão das técnicas de construção relacionadas com o cais palafítico, pretende-se que seja uma visita interativa com esta comunidade piscatória de 50 a 60 elementos em que participa o homem e a mulher nesta faina diária.

P1 – 3. Almoço num dos restaurantes da Carrasqueira

A sugestão é a escolha de um espaço que valorize as propostas gastronómicas ligadas ao Sado, centradas nas espécies piscícolas da época e nas produções agrícolas locais (como é o caso do arroz).

P1 – 4. Visita à Aldeia de Carrasqueira

A Aldeia revela uma outra particularidade interessante que era o modo de vida dos seus habitantes, estes eram mesmo tempo, pescadores e agricultores, aproveitando as condições que a charneca do Sado oferecia para a exploração de atividades no rio e em terra. Eram agricultores que trabalhavam nos arrozais e nas salinas e que por se terem fixado próximo da água, viraram-se para a pesca como meio complementar de subsistência. Hoje, esta uma realidade residual, pois outras atividades ligadas à restauração e ao turismo ocupam a população local.

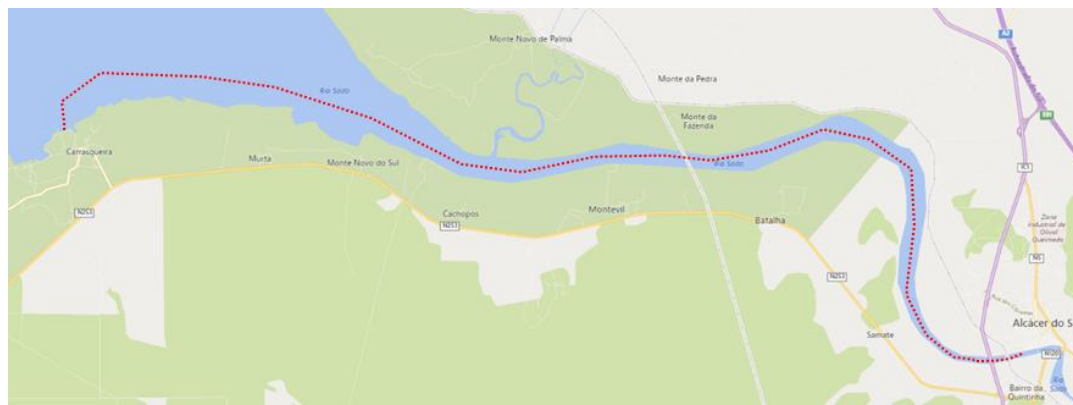
Era uma população pobre que vivia em cabanas de colmo, estruturas de madeira revestidas por fibras vegetais provenientes das dunas litorais. As paredes eram preenchidas por ramagens e caniços e depois colmatas por uma argamassa à base de argila. São estruturas altamente inflamáveis, por isso cada família construía duas cabanas, com funções distintas: numa ficavam os quartos e a sala, enquanto na outra funcionava como uma cozinha. Atualmente ainda existem alguns exemplares destas cabanas na Aldeia, embora grande parte esteja vocacionada para funções turísticas.

Propõe-se, assim, uma visita mais prolongada junto desta comunidade, ouvindo os testemunhos deste modo de vida e das transformações que têm vindo a ocorrer e promovendo ainda algumas trocas de informação que possam também interessar à comunidade local.

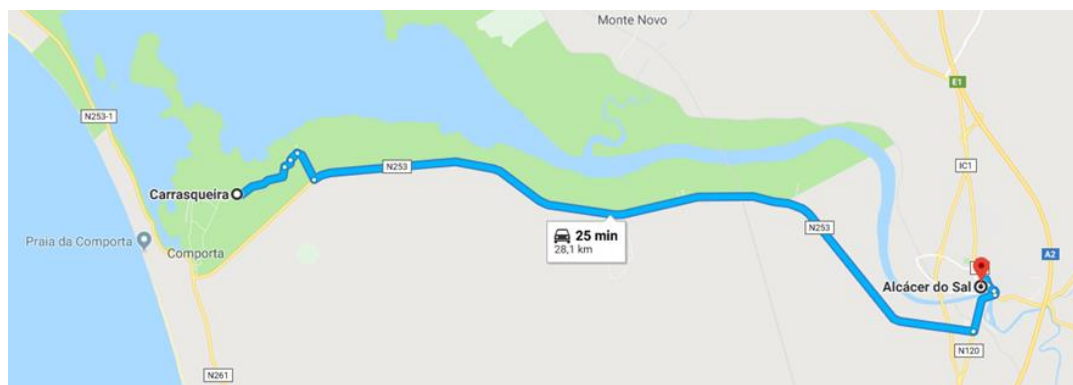
Circuito Turístico 1 – “Artes da Borda d’água e da Serra de Grândola”

Dia 1 – Cultura Avieira

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Alcácer do Sal ou Hotel (ponto de encontro)																										
Passeio de barco no estuário do Sado até Carrasqueira																										
Visita ao Cais Palafítico da Carrasqueira e interação com protagonistas																										
Almoço na Carrasqueira																										
Passeio na Carrasqueira com interação com protagonistas																										
Viagem até Alcácer do Sal																										



- ❖ Passeio de barco no rio e estuário do Sado entre Alcácer do Sal | Carrasqueira – 26,5km



- ❖ Viagem Carrasqueira | Alcácer do Sal (ponto de encontro) – 28,1km (25min)

Dia 2 – Da Borda d'água ao montado

Este segundo dia concentra-se na transição entre as atividades de Borda d'água e as zonas mais interiores onde está marcada a presença do sistema agro-silvo-pastoril do montado. O ponto de partida para a visita neste segundo dia será na mesma Alcácer do Sal ou um outro ponto dentro da área onde se encontre alojado o grupo de turistas.

P2 – 1. Visita a duas correarias em Alcácer do Sal

A manhã começa com visitas às Correaria Simões e Correaria Machado & Goucha (ou apenas a uma delas), oficinas onde será possível tomar contacto com os saber fazer relacionados com a manufatura de correaria – artigos em pele e couro como botas, polainas, cabeçadas, chapelaria, estribos, arreios, correias, selas e selins.

Na visita haverá interação com os correeiros destas oficinas, podendo-se assistir à execução de uma peça simples, por forma a compreender esta arte de trabalhar o couro, arte que requer muitos anos de experiência e dedicação e que tem sido transmitida de geração em geração.

P2 – 2. Passeio pelo litoral Melides / Sines ou junto aos montados da Serra de Grândola

Complementarmente à visita em Alcácer do Sal às correarias, pode ser associado a um passeio a cavalo pela zona de Melides, de praia e de serra (no essencial arborizada de pinheiro) ou, em alternativa, um passeio por áreas onde o sobreiro é a árvore que predomina, estabelecendo um contacto com os montados e a exploração de cortiça

P2 – 3. Almoço em S. Torpes

A refeição em S. Torpes, num restaurante local que ofereça boa gastronomia de peixe, pode ser valorizada com descrições e contactos com a comunidade piscatória que mantém as memórias da utilização da jangada para apoio na pesca.

P2 – 4. Visita aos montados da Serra de Grândola

O encontro com o montado pode ser feito na Herdade da Ribeira Abaixo, que tem participado nos últimos anos em projetos importantes de investigação e de monitorização deste tipo de sistema mediterrânico, para além das questões da biodiversidade.

A herdade funciona como Estação de Campo do cE3c - Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Climáticas, pelo que os painéis de conteúdos incluem igualmente informação sobre as metodologias de amostragem de diversos grupos biológicos. A Estação de Campo foi criada para providenciar alojamento e outras instalações a estudantes, investigadores e cientistas convidados, interessados em desenvolver projetos de investigação na área da Ecologia.

Durante a época de descortiçamento (de Junho a finais de Agosto) e sempre que possível os grupos poderão estabelecer contacto com os descortecedores e o seu saber-fazer particular, incluindo o manejo do machado corticeiro. Nas restantes épocas, os saberes fazer associados ao manejo do montado e à pastorícia podem ser um instrumento de apoio à imersão do turista nesta paisagem cultural em que o sobreiro continua a predominar.

Segue-se uma visita ao monte alentejano – Casa Museu Manuel Chainho, núcleo museológico localizado na bonita aldeia de Santa Margarida da Serra, muito próximo da herdade visitada. O edifício, recuperado, permite encontrar o ambiente tradicional da vivência doméstica e quotidiana das comunidades locais, com enfoque igualmente para as técnicas e os saberes-fazer tradicionais da construção.

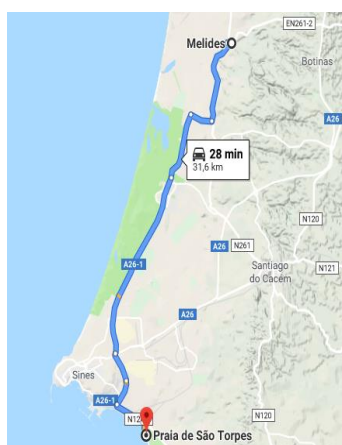
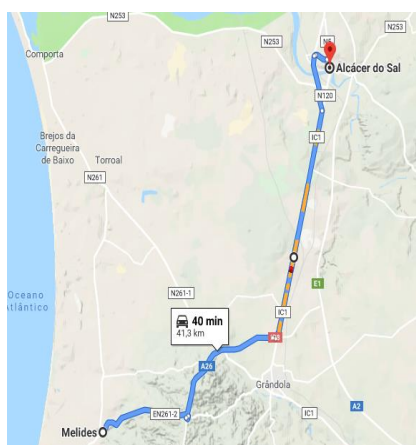
P2 – 5. Visita à vila de Grândola e participação num ensaio de Cante

O dia termina na vila de Grândola, num encontro com o Grupo Coral Vila Morena – Associação Cultural de Cante Alentejano ou com o Grupo Coral e Etnográfico Coop de Grândola, onde se propõe ao grupo de turistas um diálogo e, eventualmente, assistir a um ensaio em local próprio.

Circuito Turístico 1 – “Artes da Borda d’água e da Serra de Grândola”

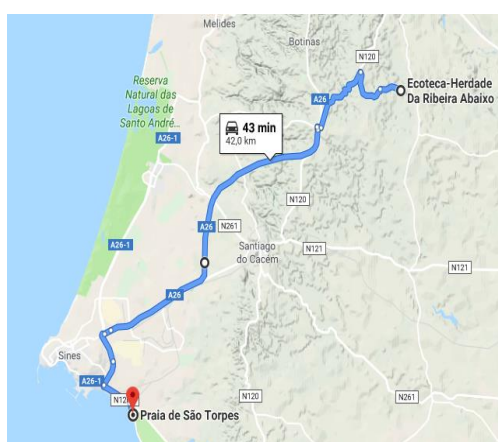
Dia 2 - Da Borda d’água ao montado

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Alcácer do Sal ou Hotel (ponto de encontro)																										
Visita a Correarias em Alcácer do Sal																										
Viagem até ao litoral de Melides																										
Passeio a cavalo pelo litoral de Melides ou em montado																										
Viagem até S. Torpes																										
Almoço em S. Torpes																										
Viagem até à Herdade da Ribeira Abaixo com paragem na Aldeia de Santa Margarida da Serra																										
Visita à Herdade da Ribeira Abaixo																										
Visita até Grândola																										
Assistir a ensaio de um grupo de Cante em Grândola																										
Viagem até ponto de encontro																										



❖ Viagem Alcácer do Sal | Melides – 41,3km (40min)

❖ Viagem Melides | S. Torpes – 31,6km (28min)

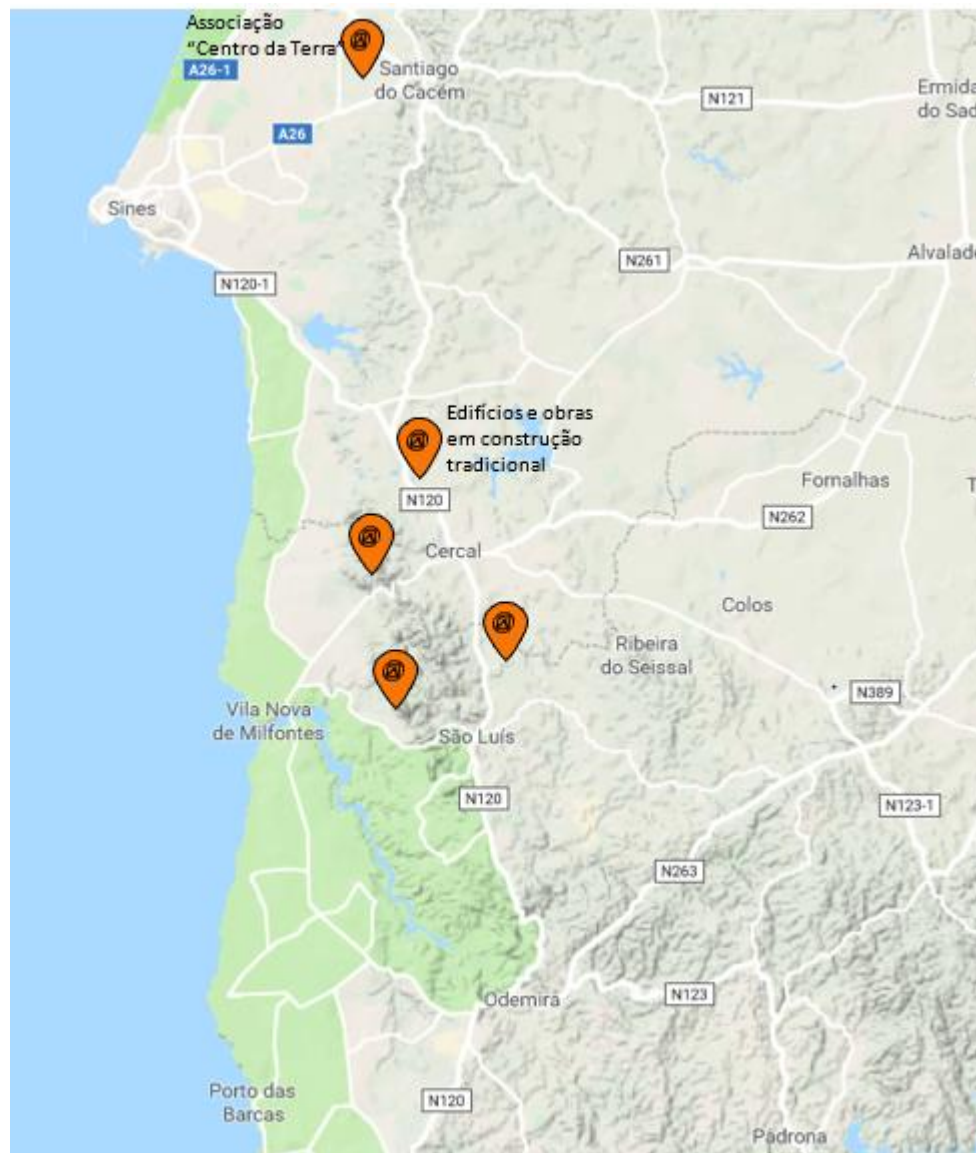


❖ Viagem S. Torpes | Herdade da Ribeira Abaixo – 42,0km (43min)

❖ Viagem Herdade da Ribeira Abaixo | Grândola - 13,4km (22min)

Circuito Turístico 2 – “Construção tradicional no Sudoeste Alentejano”

O circuito alternativo para a zona sul do Alentejo Litoral foca, mais uma vez, na paisagem do montado, tendo a duração de apenas um dia. A oportunidade de emergir também numa paisagem de grande valor natural, na faixa litoral do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, onde ainda se podem encontrar alguns pequenos aglomerados de interesse patrimonial significativo, abrem a oportunidade de trabalhar também as questões das técnicas tradicionais da construção em terra alentejana e os saber-fazer que lhe estão associados.



Este produto poderá ser extensível a um segundo dia, com visitas em montado de interior, nos concelhos de Odemira ou de Santiago do Cacém.

Dia 1 – CONSTRUÇÃO TRADICIONAL EM TERRA e CANTE

P3 – 1. Visita à Associação Centro da Terra

A visita começa com uma passagem pela sede da Associação Centro da Terra, instalada numa antiga escola em Santiago do Cacém. Apesar da sua localização, esta associação apresenta atualmente competências e capacidade para poder vir a trabalhar alguns produtos /experiências dentro do tema da construção tradicional em terra, nomeadamente em zonas do sudoeste alentejano.

A vista poderá configurar uma introdução ao tema da construção tradicional em terra no Alentejo, aos saberes-fazer que lhe estão associados, às características da arquitetura vernacular, preparando a imersão na paisagem que se pretende oferecer ao grupo de turistas. Esta apresentação pode ser realizada em modelo de *workshop*, mobilizando conhecimento e experiência que a equipa da associação tem a partir de estudos e trabalhos de valorização das técnicas e dos ofícios ligados à construção tradicional em terra.

P3 – 2. Visita obras em curso em construção tradicional

Pretende-se de seguida, estabelecer um circuito de visita de espaços onde estejam a decorrer obras que utilizem técnicas associadas à construção tradicional em terra.

Além da observação das práticas dos operários / artífices que detêm os conhecimentos tradicionais associados à construção em terra, haverá espaço para uma interação mais profunda através do mediador que acompanha o grupo (que pode ser também um elemento da associação Centro da Terra) com esses detentores.

P3 – 3. Almoço no Cercal

P3 – 4. Visita a edifícios reabilitados segundo as técnicas de construção em tradicional

Depois do almoço, a perspetiva da visita centra-se em obras concluídas e em utilização, verificando a qualidade e as especificidades destes espaços construídos de modo tradicional. Procurar-se-á auscultar os utilizadores destes edifícios, avaliando as suas motivações e balanço que fazem desta opção construtiva.

Poder-se-ão optar por alguns aglomerados mais litorais, começando pelo núcleo histórico do Cercal ou visitando aglomerados urbanos litorais, como Porto Corvo ou Vila Nova de Milfontes, mas também podendo encontrar nas construções dispersas na paisagem pequenos montes que mantenha essa traça arquitetónica.

P3 – 5. Prova gastronómica e participação num ensaio de Cante

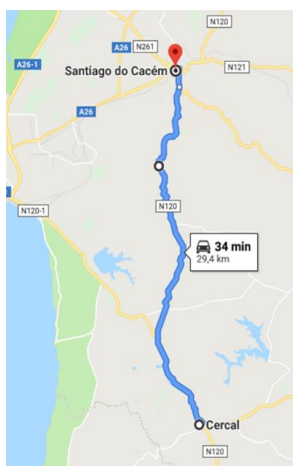
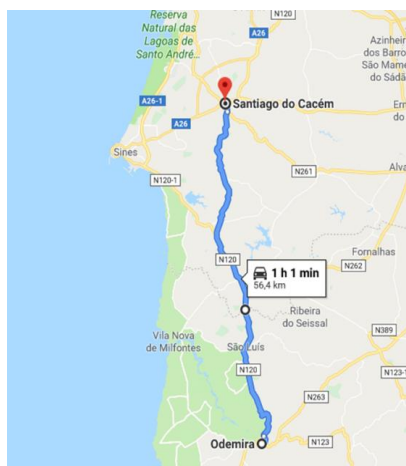
O dia termina com uma paragem para descanso e retemperar de forças em Vila Nova de Milfontes ou em S. Luís, associando uma prova gastronómica e a possibilidade de assistir a um ensaio de Cante.

Pretende-se mobilizar para esta atividade um dos grupos de Cante locais – o Grupo Coral de Vila Nova de Milfontes ou o Grupo de Cantares da Associação de Reformados de Vila Nova de Milfontes ou Grupo Coral de São Luís.

Circuito Turístico 2 – “Paisagem de montado no Sudoeste Alentejano”

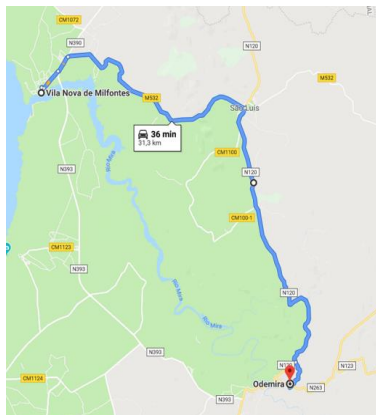
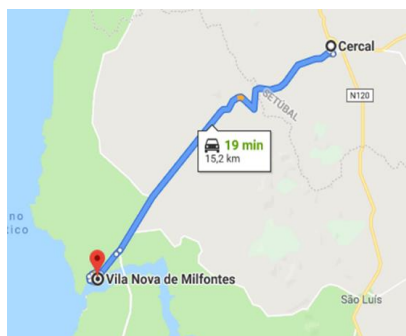
Dia 1 – Construção tradicional em terra e Cante

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Odemira ou Hotel (ponto de encontro)																										
Viagem até Santiago do Cacém																										
Visita à Associação “Centro da Terra”																										
Viagem com visita a edifícios/obras em construção tradicional																										
Almoço na zona do Cercal																										
Deslocações até aos locais de visita																										
Visita a edifícios/obras em construção tradicional																										
Viagem até Vila Nova de Milfontes																										
Prova gastronómica regional em Vila Nova de Milfontes																										
Assistir a ensaio de um grupo de Cante em Vila Nova de Milfontes ou S. Luis																										
Viagem até ponto de encontro																										



❖ Viagem Odemira (ponto de encontro) | Santiago do Cacém - 56,4km (1h1min)


❖ Viagem Santiago do Cacém | Cercal – 29,4km (34min)




❖ Viagem Cercal | Vila Nova de Milfontes – 15,2km (19min)

❖ Viagem Vila Nova de Milfontes | Odemira (ponto de encontro) - 31,3km (36min)

ESTIMATIVA DE PREÇO DAS PROPOSTAS

Programa turístico territorial - Alentejo Litoral - Circuito Turístico 1 – “Artes da Borda d’água e da Serra de Grândola”				
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total	
1. Entradas e passeios				
1.1 Passeio de barco no Sado (Alcácer do Sal / Carrasqueira)	7	40,0	280	
1.2 Interação com protagonistas Carrasqueira	7	10,0	70	
1.3 Interação com protagonistas reparação barcos Alcácer do Sal	7	5,0	35	
1.4 Interação com protagonistas Correarias	7	10,0	70	
1.5 Passeio pelo litoral Melides	7	10,0	70	
1.6 Visita à Casa Museu Manuel Chainho	7	0,0	0	
1.5 Assistir a ensaio de Cante	7	10,0	70	
Sub total			595	
2. Refeições - Almoço e degustações				
2.1 Almoço na Carrasqueira	8	30	240	
2.2 Almoço em S. Torpes	8	30	240	
Sub total			480	
3. Transporte (mini autocarro de 9 lugares) - unidade_dia	2	400	800	
Sub total			800	
4. Mediador conhecedor e preparado unidade_dia	2	350	700	
Sub total			700	
Total			2575	
	(valor por pessoa)		368	

Programa turístico territorial - Alentejo Litoral - Circuito Turístico 2 – “Construção tradicional no Sudoeste Alentejano”				
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total	
1. Entradas e passeios				
1.1 Visita à associação "Centro da Terra"	8	5,0	40	
1.2 Visitas a edifícios e Obras em construção tradicional	8	15,0	120	
1.3 Ensaio de Cante em V.N. Milfontes ou S. Luís	7	5,0	35	
Sub total			195	
2. Refeições - Almoço e degustações				
2.1 Almoço no Cercal	7	25	175	
2.2 Degustação em Milfontes	7	20	140	
Sub total			315	
3. Transporte (mini autocarro de 9 lugares) - unidade_dia	1	400	400	
Sub total			400	
4. Mediador conhecedor e preparado unidade_dia	1	350	350	
Sub total			350	
Total			1260	
	(valor por pessoa)		180	

3.2.3. PROGRAMAS TURÍSTICOS TEMÁTICOS

CONCEITO GERAL

Produto turístico que assume também a **tipologia de circuito**, mas que **tem por base, no contacto e visita dos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo, um tema agregador de diversas manifestações e elementos do património cultural imaterial presente neste território e nas suas comunidades.**

O produto apresenta a forma de **CIRCUITO TEMÁTICO**, que poderá ter percursos mais ou menos extensos e mais ou menos variados, mas que se alicerça sobretudo em atividades em que o turista aborda, experiência e se relaciona com o território e com as suas comunidades, através de um tema específico que, em princípio, apresenta alguns sinais de diferenciação perante outros territórios e de distintividade.

Este produto pode retirar benefícios, no mercado turístico, de **relações que estabelece com a marca UNESCO**, reforçando a sua competitividade dentro dos segmentos do turismo cultural e do *touring* cultural.

O produto configura uma **combinatória de experiências com um fio condutor temático comum, favorecendo tempos e níveis de imersão distintos**. A sucessão de experiências deverá privilegiar a sua interdependência (relações temáticas, geográficas, históricas, etc.), de forma a aumentar a perceção dos ambientes e das vivências e a compreensão do espaço territorial (destinos turísticos) e de modo também a favorecer as oportunidades de aprendizagem por parte do turista. Nesse sentido, é essencial combinar experiências de tipo passivo, apelando mais à mente ou aos sentidos, de interpretação e leitura de documentação ou de outros suportes de comunicação, de assistência a atividades de entretenimento / espetáculo, com experiências ativas, de interação com protagonistas e detentores do PCI, de participação em atividades promovidas pelos protagonistas, ou mesmo de aprendizagem.

A intensidade das experiências turísticas pode ser reforçada paralelamente, com a disponibilização de **suportes com conteúdos, de diversos tipos**, que complementem a experiência e a aprendizagem. Também se pode favorecer condições de **prolongamento das experiências fora do contexto local**, nomeadamente através da disponibilização de suportes de conteúdos transacionáveis (peças de artesanato, livros, CD ou DVD, peças de merchandising, etc.) ou de peças que resultem da própria participação dos turistas nas atividades em causa.

A organização da oferta do produto tende a privilegiar um **modelo de parceria liderada por uma entidade de natureza regional** (comum aos dois destinos turísticos, Alentejo e Ribatejo) e a sua distribuição poderá assumir **modelos de distribuição indireta**, quer por operadores turísticos, quer por agências de viagem, mas também poderá assumir, apesar de forma complementar, **modelos de comercialização direta**, aos turistas que chegam aos destinos do Alentejo e do Ribatejo e dispõem de tempo e motivação para a realização deste tipo de experiências.

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM DO PRODUTO

Propõe-se a montagem de um produto turístico **em formato de circuito organizado e vendido em pacote**, considerando que abrange um número elevado de experiências diversas, distribuídas por um território alargado, com distâncias que em alguns casos, podem ser bastante significativas.

Nesse sentido, este produto deverá incluir **todas as atividades associadas às experiências de contacto com os PCI inseridos dentro de uma mesma temática**, mas também o **transporte comum para deslocações**, o **alojamento** e as **refeições**.

O facto de o circuito incluir tempos relativamente prolongados nos contactos, graus de interação estreitos com protagonistas, bem como níveis de imersão significativos e pessoais, pressupõe a sua configuração para **dimensões de grupo mais restritas**. Considerando que, por facilidade de logística no transporte de grupos, se devem privilegiar transportes dedicados, os grupos deverão ter uma dimensão preferencial até ao **máximo de 8 pessoas**, com transporte de lotação reduzida (carrinhas de 9 lugares) ou, em alternativa, até ao **máximo de 15 pessoas**, com transporte em *minibus* (de 17 lugares). Esta diferença de dimensão poderá justificar-se em função do mercado para que se destina o produto e da sua forma de distribuição e comercialização.

Descrição dos termos gerais do pacote turístico

- **Duração total do pacote** de 4 dias (mínimo) para o mercado nacional e de 8 dias (mínimo) para o mercado internacional
- **Dimensão do grupo** de 8 pessoas (máximo) preferencialmente para o mercado nacional e de 15 pessoas (máximo) preferencialmente para o mercado internacional
- **Origem do circuito** associada a centros urbanos com aeroportos internacionais e a uma distância máxima de 3 horas: Lisboa, Faro ou Sevilha ou, no caso do mercado nacional, a partir das cidades de Évora, Lisboa ou Faro
- **Percursos alternativos**, conforme a temática do produto e os PCI envolvidos
- **Alojamento pré reservado** em hotelaria tradicional, adequada à dimensão dos grupos (grupo de 15 pessoas hotelaria tradicional, grupos de 8 pessoas hotelaria tradicional ou TER); os alojamentos devem, preferencialmente, deter características arquitetónicas e de ambiência relacionadas com a temática do circuito
- **Refeições pré-reservadas**, preferencialmente em restaurantes com gastronomia tradicional e com eventuais ligações à temática do circuito
- Inclui **experiências diversas: visita a locais culturais e patrimoniais**, tradicionalmente associados às manifestações culturais imateriais integradas dentro da temática; **experiências de interação com protagonistas** em espaços próprios, de trabalho, sociais ou domésticos; **participação em atividades específicas** a realizar em local igualmente próprio; etc.
- Pressupõe **acesso a suportes de comunicação** com conteúdos desenvolvidos e de estímulo ao aprofundamento da interação entre os turistas, as comunidades recetoras e detentores do PCI, que podem melhorar as condições de relacionamento e de aprendizagem
- Pressupõe **acesso a produtos e suportes de conteúdos para aquisição**, que favoreçam o prolongamento da experiência para além do circuito.

A **montagem deste pacote** pode ser promovida por uma única entidade, que vende diretamente aos operadores turísticos e às agências de viagem e que assegura a parceria com as entidades e agentes locais que detêm a oferta específica das experiências turísticas baseadas no PCI, sejam eles entidades públicas ou privadas ou os próprios detentores.

A organização, montagem e gestão do produto pode ser assumida pela própria Turismo do Alentejo, E.R.T. ou por outra entidade privada com perfil para este tipo de organização de produto, desde que devidamente monitorizada a sua exploração económica e evolução.

SEGMENTOS-ALVO

O mercado turístico cultural e social, incluindo no primeiro, os segmentos mais específicos do *touring* cultural e do turismo criativo, têm demonstrado uma tendência robusta e sustentada de crescimento, quer ao nível internacional, quer ao nível nacional. Considerando a presente tipologia de produtos turísticos, que se destinam preferencialmente a **grupos organizados de reduzida dimensão**, os **segmentos de mercado alvo a apostar** devem ser os seguintes:

Mercado nacional	<i>Touring</i> cultural
	Turismo cultura
	Turismo sénior , dentro do turismo social (grupo etário com mais de 65 anos)
	Turismo familiar , dentro do turismo social (podendo agregar dois ou três núcleos familiares que perfaçam as 8 pessoas)
Mercado internacional	Turismo pedagógico e educacional
	<i>Touring</i> cultural
	Turismo cultural
	Turismo sénior , dentro do turismo social (grupo etário com mais de 65 anos)
	Turismo familiar , dentro do turismo social

DISTRIBUIÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A distribuição e comercialização deste tipo de produto turístico, que pressupõe a organização de um circuito de viagem e de pacote de serviços, associando às visitas e experiências propostas, transporte dedicado, alojamento e restauração, podem assumir **diferentes modelos consoante o mercado-alvo, mas também de acordo com o segmento de procura** a que se destina.

No caso do **mercado internacional**, a opção por **modelos de distribuição de tipo indireto** parece ser mais adequada para este produto, com a intervenção de operadores turísticos que tenham perfil para operar neste género de produtos e de destinos, quer para os segmentos do *touring* cultural, quer para os outros segmentos, de turismo cultural, de turismo pedagógico e educacional ou de turismo sénior. De qualquer modo, os dois primeiros segmentos poderão ter maior mercado e escala.

No mercado internacional, por outro lado, à exceção de uma parte do território Espanhol, a distribuição pressupõe a inclusão no pacote da viagem de avião até um dos aeroportos comerciais de proximidades dos destinos Alentejo e Ribatejo: Lisboa, Faro, e em parte também Sevilha (embora com menos ligações internacionais que os outros dois aeroportos portugueses).

Os **operadores turísticos** a procurar para este tipo de produto devem privilegiar níveis de serviços de qualidade, práticas de viagem responsáveis e visita de lugares com significado e com singularidades, favorecendo experiências que se possam tornar únicas. Alguns dos operadores deste tipo que já operam no mercado português, com propostas no domínio cultural, são a *Exodus travels*, a *G Adventures* ou a *Indus Travels*, entre outras, e muitas outras que operam neste mercado, orientados para grupos organizados e em temas com interesse geral cultural e de imersão nas comunidades locais, têm presença em mercado de outros países da Europa (por exemplo a *Great Value Vacation*).

Já no caso do **mercado nacional**, este tipo de produto deverá orientar-se predominantemente para as grandes concentrações urbanas, de Lisboa e Porto, mas poderá também ter uma expressão bastante mais distribuída geograficamente, quer no caso do turismo sénior, quer no caso do turismo familiar e do turismo pedagógico-educacional.

A intervenção dos operadores turísticos no caso do mercado nacional pode ser menos representativa na distribuição do produto, podendo ganhar algum peso a **comercialização deste produto por agências de viagem** dedicadas ao mercado interno, nomeadamente especializados no *touring* cultural e no turismo sénior.

De forma ainda remanescente, este produto pode ainda vir a **comercializar-se diretamente pelo seu promotor** junto de organizações que trabalham com a população sénior (IPSS, etc.) e com a população escolar (escolas) ou ainda, diretamente, no caso do segmento de turismo familiar.

A **comunicação do produto** nos mercados internacionais deverá ser feita recorrendo às agências de promoção externa, de forma sistemática. Já no caso do mercado nacional, é possível optar por suportes de comunicação diversos, quer orientados para as agências de viagem que trabalham no mercado interno, quer para as próprias organizações que promovem turismo sénior e turismo pedagógico e educacional, bem como para as famílias, alargando-se mesmo, no caso do turismo sénior, ao mercado espanhol de proximidade (Estremadura e Andaluzia, especialmente).

3.2.3.1. PROGRAMA TURÍSTICO TEMÁTICO 'CAMINHOS DA LÃ'

CONCEITO GERAL

O programa Turístico Temático assume a forma de um PERCURSO TURÍSTICO TEMÁTICO com um tema agregador de diversas manifestações e elementos do PCI presente neste território e nas suas comunidades, com sinais de diferenciação perante outros territórios; formado por percursos mais ou menos extensos e mais ou menos variados, alicerça-se sobretudo em atividades em que o turista aborda, experiência e se relaciona com o território e com as suas comunidades.

Este produto pode retirar benefícios de relações que estabelece com a marca UNESCO.

Combinatória de experiências com um fio condutor temático comum, favorecendo tempos e níveis de imersão distintos - experiências de tipo passivo, apelando mais à mente ou aos sentidos, com experiências ativas, de interação com protagonistas e detentores do PCI; sucessão de experiências

interdependentes (relações temáticas, geográficas, históricas, etc.) que aumentam a perceção dos ambientes e das vivências e a compreensão do espaço territorial (destinos turísticos) e favorecem aprendizagem por parte do turista.

A intensidade das experiências turísticas pode ser reforçada com a disponibilização de suportes com conteúdos que complementam a experiência e a aprendizagem. Também se podem favorecer condições de prolongamento das experiências fora do contexto local

A organização da oferta do produto tende a privilegiar um modelo de parceria liderada por uma entidade de natureza regional (comum aos dois destinos turísticos, Alentejo e Ribatejo) e a sua distribuição poderá assumir modelos de distribuição indireta ou direta.

COMPONENTES DO PCI

A organização deste produto turístico inscreve-se na **ideia base de tomar contacto e experienciar dentro do território do Alentejo o património cultural imaterial que sustenta a sua relação com a lã**. Nesse sentido, pretende-se não apenas explorar os elementos da presença da lã neste território ao longo dos tempos, desde a época em que a transumância determinou os sistemas de ocupação e de economia até à atualidade, como a presença de manifestações culturais associadas às diversas fases e atividades dentro da cadeia de valor do ciclo da lã, como ainda as diversas utilizações do produto na produção de bens de uso, sejam sob a forma artesanal ou da manufatura, e outras ligações à paisagem e às comunidades.

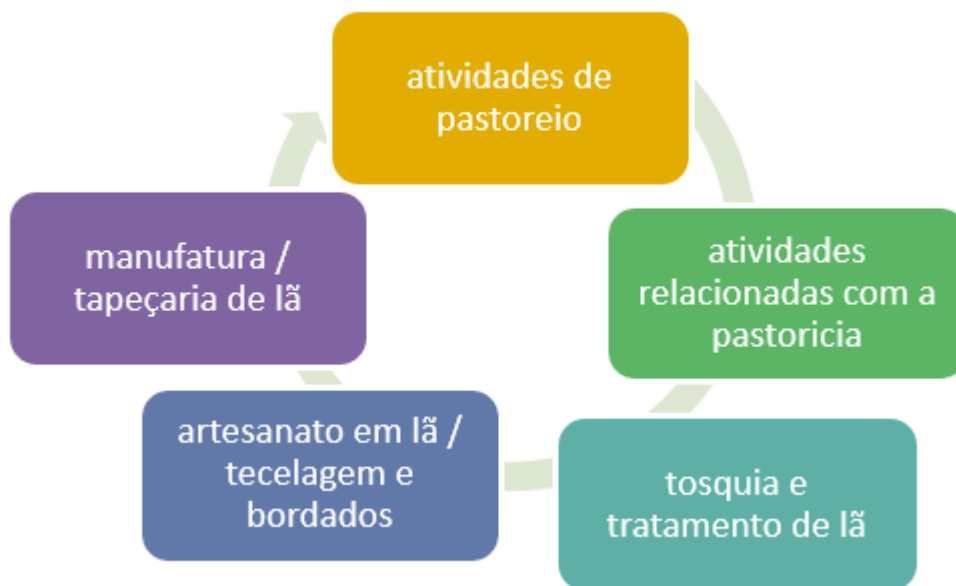


Figura 6 - “Caminhos da Lã”

As atividades e as manifestações e expressões do PCI relacionadas com o ciclo da lã, “os caminhos da lã”, distribuem-se por locais muito distintos no território do Alentejo e apresentam um potencial enorme de experiências turísticas dentro dos seus diversos tipos.

Entre as diversas componentes de PCI ligadas à temática da lã e considerando o objetivo de construir uma narrativa que permita aos turistas compreender e experienciar as singularidades e especificidades ligadas a este território, à sua história e às suas comunidades, é possível integrar dentro deste circuito um conjunto de detentores e de entidades relacionadas com os seus contextos, conforme se apresenta no quadro seguinte:

Atividade de pastoreio	Castro Verde – Museu da Ruralidade (Entradas)/ Polo da tecelagem no Lombador	<p>Compreender a atividade de pastoreio e as características das pastagens do Alentejo</p> <p>Interação com um pastor ou com pastores inserida num percurso pedestre com rebanho</p> <p>Percecionar as sonoridades dos chocalhos</p> <p>Acesso a produtos artesanais (arte pastorícia)</p>
Atividades relacionadas com o pastoreio	Oficinas da Fábrica do Pardalinho – manufatura de chocalhos	<p>Compreender e observar os saberes-fazer associados à manufatura dos chocalhos diretamente em contexto de trabalho</p> <p>Interação direta com protagonistas</p> <p>Percecionar as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho</p> <p>Acesso a produtos artesanais (chocalhos e <i>merchandising</i>)</p>
Tosquia e tratamento de lã	Castro Verde – Museu da Ruralidade (Entradas)/ Polo de tecelagem do Lombador Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola	<p>Compreender e observar as atividades tradicionais de tosquia e de tratamento da lã</p> <p>Interação com os detentores dos saberes-fazer</p> <p>Percecionar as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho ou em espaços coletivos e nas suas comunidades</p> <p>Interação com as comunidades de acolhimento em contexto de convívio</p>

Mantas alentejanas de Mértola	Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola	<p>Compreender e observar os saberes fazer associados à tecelagem de lã diretamente em contexto de trabalho</p> <p>Percecionar as dinâmicas próprias dos detentores do saber em contextos de trabalho coletivo</p> <p>Experimentar de forma inicial as técnicas da tecelagem em lã</p> <p>Acesso a produtos tradicionais (mantas e outros produtos confeccionados a partir de tecido artesanal em lã)</p>
	Núcleo Islâmico do Museu Municipal e Mértola	<p>Compreender e observar os saberes-fazer associados à tecelagem de lã diretamente em contexto de interpretação museológica</p> <p>Compreender a tecelagem como manifestação cultural do Alentejo e as suas raízes e influências islâmicas</p> <p>Visita de exposição e interação com mediador e com suportes de conteúdos diversos (incluindo documentos, digitais, peças, etc.)</p> <p>Acesso a produtos artesanais ou a suportes de conteúdos sobre o saber fazer e outras manifestações culturais relacionadas</p>

Mantas alentejanas de Reguengos de Monsaraz	Fábrica Alentejana de Lanifícios	<p>Compreender e observar os saberes fazer associados à tecelagem de lã diretamente em contexto de trabalho</p> <p>Percecionar as dinâmicas próprias dos detentores do saber em contextos de trabalho coletivo</p> <p>Acesso a produtos tradicionais (mantas e outros produtos confeccionados a partir de tecido artesanal em lã)</p>
--	---	---

Tapetes de Arraiolos	Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos	<p>Compreender e observar os saberes-fazer associados ao tapete de Arraiolos em contexto de interpretação museológica</p> <p>Compreender o bordado em lã de Arraiolos como manifestação cultural do Alentejo e as suas raízes</p> <p>Observar demonstrações do bordado com presença de artesãos</p> <p>Experimentar de forma inicial a técnica de bordado de lã em ponto de Arraiolos</p> <p>Visita da exposição e interação com mediador e com suportes de conteúdos diversos (incluindo documentos, digitais, peças, etc.)</p> <p>Acesso a produtos artesanais ou a suportes de conteúdos sobre o saber fazer e outras manifestações culturais relacionadas</p>
-----------------------------	---	---

Lojas comerciais de Tapetes de Arraiolos	<p>Observar demonstrações de bordado, presentes nas lojas</p> <p>Interação com detentores</p> <p>Aquisição de produtos artesanais</p>
---	---

Tapeçaria de Portalegre	Manufatura de Tapeçarias de Portalegre	<p>Compreender e observar os saberes fazer associados à tapeçaria de Portalegre diretamente em contexto fabril e de trabalho</p> <p>Interação com protagonistas em contexto de trabalho~</p> <p>Possibilidade de encomendar (para aquisição) uma ou mais peças de Tapeçaria de Portalegre</p>
--------------------------------	---	---

Museu Municipal Guy Fino	<p>Compreender e observar os saberes-fazer associados à Tapeçaria de Portalegre em contexto de interpretação museológica</p> <p>Compreender a tapeçaria de lã de Portalegre como manifestação cultural do Alentejo e as suas raízes</p> <p>Visita à exposição e interação com mediador e com suportes de conteúdos diversos (incluindo documentos, digitais, peças, etc.)</p>
---------------------------------	---

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM ESPECÍFICAS DO PRODUTO

Considerando a significativa dispersão territorial destas manifestações e das estruturas que suportam as atividades tradicionais e os saberes-fazer que lhes estão associados, e considerando que o circuito deve cumprir uma lógica de narrativa em torno do ciclo e da cadeia de valor da lã, a organização do produto pressupõe um determinado percurso:

- **Locais obrigatórios de visita por ordem de narrativa: Castro Verde, Mértola, Reguengos de Monsaraz, Arraiolos e Portalegre,**
- É possível introduzir ainda uma deslocação a Alcáçovas (concelho de Viana do Alentejo), que deveria acontecer antes da visita de Mértola, mas que obrigaria a uma deslocação muito grande e, portanto, admite-se que essa visita seja introduzida entre as visitas a Reguengos de Monsaraz e a Arraiolos;
- Os **locais de alojamento** devem privilegiar contextos ligados aos PCI, preferencialmente: **Mértola ou Serpa**, neste caso, em instalações de TER que fiquem imersos em locais de pastagens, particularmente áreas de montado; **Monsaraz** (em substituição de Reguengos de Monsaraz) pela sua beleza e enquadramento paisagístico, donde se podem observar espaços que foram importantes rotas de transumância, ou **Arraiolos**, que apresenta uma estrutura comercial fortemente associada ao tapete de lã; **Serra de S. Mamede / Parque Natural da Serra de S. Mamede**, em alojamentos localizados em contexto rural onde se favoreça o contacto com as paisagens da serra e das pastagens e antigas rotas de transumância;
- As **refeições** podem privilegiar restaurantes com propostas de gastronomia tradicional, ao longo do percurso e nos principais pontos de alojamento indicados (especialmente Mértola, Monsaraz e Arraiolos)

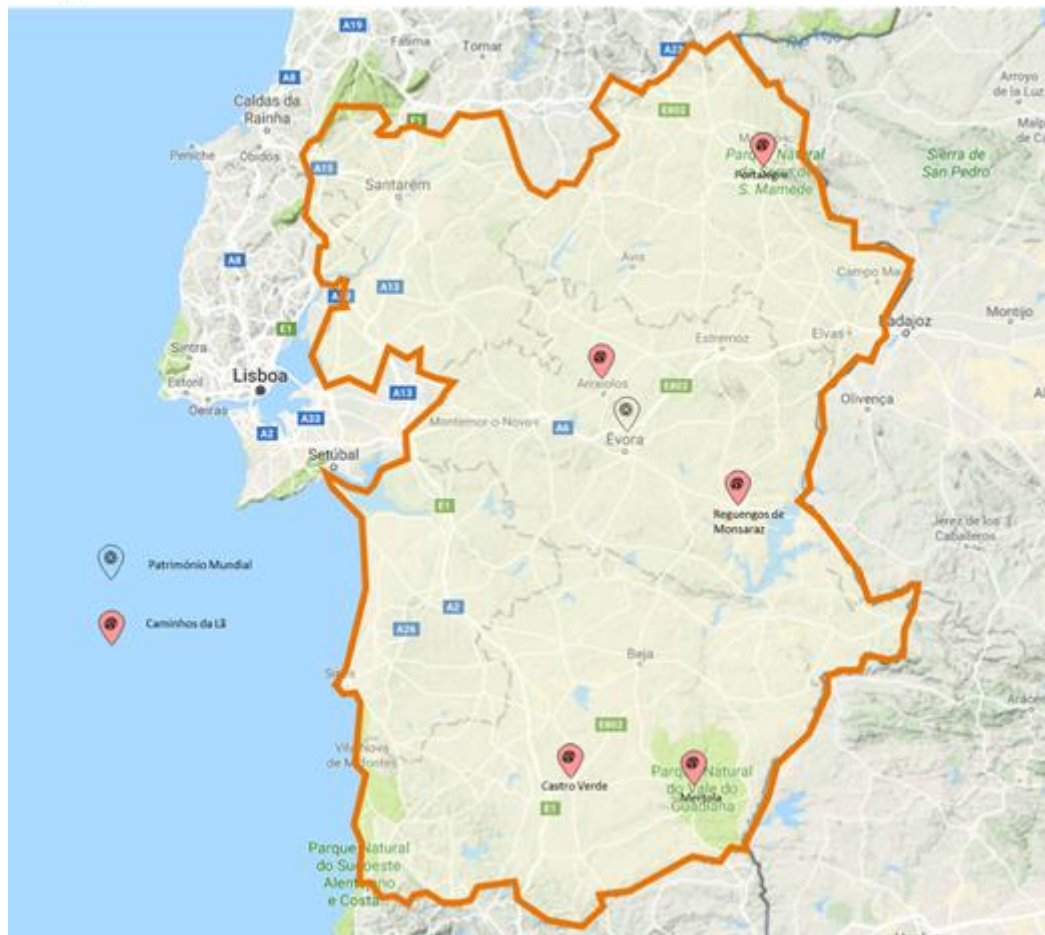
PERCURSO PROTÓTIPO

Propomos-lhe a descoberta dos longos caminhos da lã, na sua expressão geográfica, evocando os tempos das grandes transumâncias que levavam os rebanhos num trânsito sazonal à procura de pastos, seja na sua expressão do longo percurso que a lã percorre desde que envolve e protege a ovelha do frio e das intempéries, até que é tosquiada, cardada, penteada, fiada no fuso e na roda, urdida e finalmente tecida; seja ainda na descoberta e fruição da imensidão cromática que pinta a terra alentejana e cujas cores se vão encontrar nos trabalhos de lã, tecidos e bordados com técnicas, formatos e padrões diversos.

A atividade da pastorícia e a transumância dos rebanhos que atravessavam o Alentejo caracterizam desde sempre este território. A utilização da lã das ovelhas depende de um ciclo longo de atividades de transformação e associadas a um conjunto de artes e ofícios de raiz mais popular da tecedeira das mantas de lã de Reguengos e de Mértola, até ao bordado de Arraiolos ou às tapeçarias de Portalegre. Estes caminhos levam o visitante a contactar e a experimentar as artes e as técnicas de transformação da lã começando por partilhar uma jornada de pastoreio a acompanhar o pastor do rebanho.

A proposta visa dentro de um circuito organizado com uma duração de 6 dias, dar a conhecer e facilitar o contacto com as manifestações que abarcam o ciclo cultural e produtivo da lã que tão bem expressam os percursos históricos e as formas de vida das comunidades presentes neste território.

Programa Temático - Caminhos da Lã



Dia 1 – Viagem até ao ponto de início da experiência – Castro Verde

Dia 2 – Castro Verde e Mértola

2.1. Levantar com o Pastor e visita ao Pólo do Lombador

Há que levantar de manhã cedo que o pastor ou a pastora começa o seu trabalho pela alvorada com a recolha do rebanho do seu ovil e logo parte para o monte. O encontro está marcado junto à antiga Escola Primária do Lombador, onde atualmente funciona um dos três polos do Museu da Ruralidade de Castro Verde, dedicado à Tecelagem.

Caminhar com o pastor, identificar a paisagem sonora ouvindo o som dos chocalhos que os animais transportam ao pescoço, e de que reconhecem a tonalidade e afinação do rebanho; ouvir as histórias do pastor passadas com o rebanho, em tempos de calor inclemente ou de intempéries de susto, partilhar a sua refeição juntando à que leva no seu bernal, conhecer os seus trabalhos de escultor de varas que encontra no caminho com o seu canivete, a que chamamos arte pastoril, ou os

agasalhos que as agulhas vão fazendo surgir. Partilhar a dureza e frugalidade do trabalho, mas também o privilégio da contemplação da paisagem e do que nela há.

No polo do museu da ruralidade do Lombador em época apropriada, aí por Abril ou Maio, consoante os anos, poderá ver e até experimentar a arte da tosquia e tratamento da lã

Sabia que a tosquia se inicia pelos membros inferiores do animal passando ao peito e barriga terminando no lombo?

2.2. Visita ao Museu da Ruralidade (Entradas)

O nome de Entradas refere-se ao local de chegada das rotas da transumância das ovelhas que vinham do Norte, e os Caminhos da Lã seguem essa inspiração e bússola.

A visita ao Museu fornece um quadro explicativo da evolução do mundo rural que aqui sofreu um processo de mecanização intensiva nas décadas de 1950/60

2.3. Visita à Cooperativa de Tecelagem de Mértola

As várias operações de transformação da lã, da fiação à tecelagem, nos saberes e técnicas, nos motivos decorativos e nas formas refletem, de forma que o Viajante terá aqui oportunidade de observar e compreender, os saberes-fazer associados à tecelagem de lã em contexto de produção e constatar as suas raízes e influências islâmicas. Tudo isto poderá ver como ainda se faz com grande mestria na Cooperativa de Tecelagem.

Poderá ainda aceder a produtos artesanais ou a suportes de conteúdos sobre o saber fazer e outras manifestações culturais relacionadas

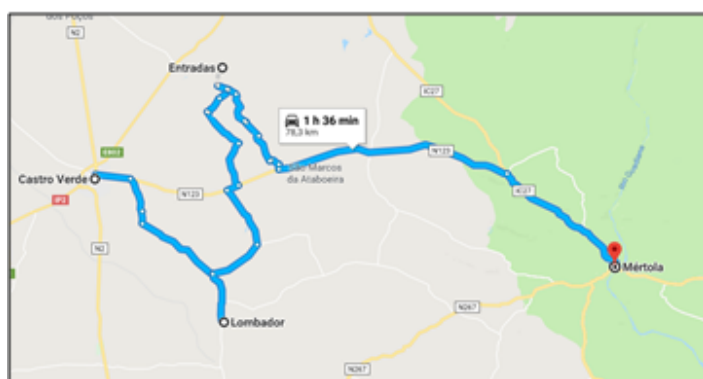
2.4. Visita ao centro histórico de Mértola

Mértola é eloquente no modo como transmite ao visitante a presença dos vários estratos que atestam a presença e o legado de vários povos aqui presentes em diferentes. Respira-se ainda a presença árabe que se destaca nas marcas deixadas nos espaços habitados e edifícios de raiz militar, religiosa e civil. Mas também a presença romana e medieval têm aqui evidências com significado.

2.5. Jantar em Mértola

Dia 2 – Castro Verde e Mértola

	7.00 / 9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
"Levantar com o Pastor" e visita ao Pólo do Lombador	Ⓢ																									
Deslocação entre Lombador e Entradas																										
Visita ao Museu da Ruralidade (Entradas)				Ⓢ																						
Viagem Entradas_Mértola																										
Almoço em Mértola																										
Visita à Cooperativa da Tecelagem - Mértola													Ⓢ													
Visita ao Centro Histórico de Mértola																										
Passagem pelo Hotel - Mértola																										
Jantar em Mértola																										



- ❖ Viagem Castro Verde_Lombador – 17km (18min)
- ❖ Viagem Lombador_Entradas – 24km (35min)
- ❖ Viagem Entradas_Mértola – 38km (44min)

Dia 3– Reguengos de Monsaraz

Ponto de encontro no Hotel em Mértola para seguir viagem para Reguengos de Monsaraz para cumprir uma outra etapa dos caminhos da lã.

3.1. Visita à Fábrica Alentejana de Lanifícios

A visita a esta Fábrica permitirá ter ao Viajante ter a perceção de que a tecelagem manual em moldes tradicionais poderá conjugar os valores da tradição e do design, com base nas tradicionais mantas e tapetes/passadeiras alentejanas. Esta empresa, que há muito se internacionalizou, foi criada nos anos 30 e em 1958 foi-lhe atribuída, em Bruxelas, a medalha de ouro para o melhor design e qualidade. Os padrões e cores utilizados estão intimamente relacionados com a paisagem do Alentejo e com a sua paleta de cores que a dinâmica cromática anual vai enriquecendo.

A visita à fábrica deverá ajustar-se aos condicionalismos do processo produtivo, que é também um dos pressupostos dos produtos turísticos que integram este Catálogo. No final da visita poderá visitar a exposição e a loja de venda de produtos elaborados na fábrica.

3.2. No final da visita é tempo de almoçar num dos restaurantes de Reguengos de Monsaraz

3.3. Tempo de descanso no hotel

3.4. Jantar num restaurante em Monsaraz

Dia 3 – Reguengos de Monsaraz

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Mértola (ponto de encontro - Hotel)																										
Viagem Mértola_Reguengos de Monsaraz																										
Visita à Fábrica Alentejana de Lanifícios - Reguengos de Mons.																										
Almoço em Reguengos de Monsaraz																										
Passeio até Monsaraz - com visita à exposição/teja da F. A. de Lanifícios																										
Descanso Hotel em Reguengos																										
Monsaraz tempo livre																										
Jantar em Reguengos de Monsaraz ou zona próxima																										



❖ Viagem Mértola_Reguengos Monsaraz – 124km (1h 42min)

❖ Viagem Reguengos Monsaraz_Monsaraz – 15km (16min)

Dia 4 – Visita ao Centro Histórico de Évora – Património Mundial

Este dia será dedicado a visitar uma cidade que já conta três décadas desde que viu classificado o seu centro histórico com Património Mundial da UNESCO. Aproveite-o bem.

Constituído por ruas estreitas e travessas, pátios e largos, onde pontua o casario branco ou decorado com azulejos e varandas de ferro forjado, datado sobretudo dos séculos XVI a XVIII, o centro histórico é claramente demarcado pelas muralhas medievais. Contudo, quando percorremos este núcleo central muito facilmente encontramos vestígios notáveis da passagem de diversas civilizações e culturas: Celtas, Romanos, Árabes, Judeus e Cristãos. Ao final da tarde, e antes de jantar, aproveite para descansar e tomar um aperitivo numa das esplanadas da Praça do Giraldo

Dia 4 – Évora																							
	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00
Reguengos (ponto encontro - Hotel)																							
Viagem até Évora																							
Visita ao centro Histórico de Évora – Património Mundial																							
Tempo livre (sem programa)																							
Almoço em Évora																							
Visita ao Centro Histórico de Évora – Património Mundial																							
Descanso / Hotel em Évora / tempo livre (sem programa)																							
Jantar em Évora																							



❖ Viagem Reguengos de Monsaraz_Évora – 39km (36min)

Dia 5 – Visita a Arraiolos e aos seus tapetes

Cedo, na manhã, se inicia este dia dos caminhos da lã em direção a Arraiolos para ver e conhecer o fabrico dos tapetes que levam o seu nome.

Este ponto do percurso é de enorme importância e significado para iluminar o longo caminho da lã. Nesta estação ficamos a saber da densidade histórica verificada no trabalho do bordado da lã, que aqui é documentado desde o séc. XVI, sendo reconhecida uma nítida influência dos processos de manufatura dos tapetes clássicos da Pérsia e Turquia. Parecem ter sido tapeteiros mouros convertidos a iniciar a produção dos tapetes de Arraiolos.

Descubra aqui ainda outra preciosidade que é o processo do tingimento da lã com corantes naturais e cujo conhecimento aqui é igualmente antigo. Os rapazes percorriam os campos em busca do lírio e do trovisco, vegetais necessários para a confeção dos amarelos e dos verdes. Outro património notável e raro, é o complexo de fossas, descobertas em escavações arqueológicas realizadas na praça do município, que pela sua dimensão e característica se assemelham a tinturarias existentes no norte de África, revela a existência de uma grande tinturaria nos sécs. XIV e XV, ligada à presença da comunidade muçulmana em Portugal.

5.1. Visita ao Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos

Propõe-se a visita ao Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos que permite um contacto muito próximo com este bem patrimonial de Arraiolos e tem sempre em funcionamento exposições permanentes e temporárias relacionadas com o Tapete de Arraiolos e organiza visitas guiadas globais e temáticas para todos os públicos. O visitante poderá frequentar um workshop vocacionado para ensinar a execução de tapetes de Arraiolos e designadamente os contornos em “ponto pé-de-flor”.

5.2. Visita às lojas de tapetes de Arraiolos

É tempo de deambular pela vila de Arraiolos e contactar com as artesãs e os seus produtos à venda nas lojas que povoam o centro histórico. Os espaços referenciados como oficinas de manufatura e comércio de tapetes de Arraiolos são abertos ao público e podem ser visitados e é possível tomar contacto com a execução das várias fases dos tapetes.

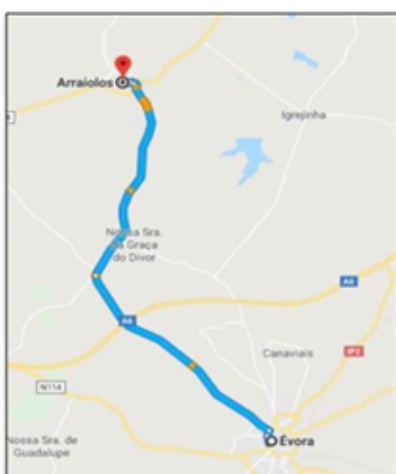
Se vier em junho, saiba que o Município de Arraiolos promove a iniciativa “O Tapete está na Rua” que tem como objetivo promover – salvaguardar, divulgar e dar a conhecer – os “saberes e saberes-fazer”, da região. Este evento integra um conjunto de atividades culturais, nomeadamente espetáculos, exposições, colóquios, com especial destaque para a “Mostra de Tapetes de Arraiolos”.

5.3. Dormida na Pousada Convento de Arraiolos

Retemperar as forças e dormir o sono dos justos é mesmo na Pousada Convento de Arraiolos. A recuperação do antigo convento dos Lóios que o ocuparam no séc. XVI, e a sua transformação em pousada, obra dirigida pelo arq. João Paulo Santos, é considerada uma das recuperações de referência de edifícios históricos, de conjugação harmoniosa da sobriedade da função original com o conforto de uma estadia que se revela um ótimo pretexto para melhor conhecer a tradicional arte da tapeçaria.

Dia 5 – Arraiolos

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Évora (ponto encontro - Hotel)	■																									
Viagem até Arraiolos		■																								
Visita ao Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos			■	■	■	■	■																			
Tempo livre (sem programa)							■																			
Almoço em Arraiolos								■	■	■	■	■	■													
Visita às Lojas de Tapetes de Arraiolos no Centro Histórico													■	■	■	■	■									
Descanso - Hotel em Arraiolos tempo livre (sem programa)																■	■	■	■	■						
Jantar em Arraiolos																					■	■	■	■	■	



❖ Viagem até Arraiolos – 23km (26min)

Dia 6 – Visita a Portalegre e à sua Tapeçaria

A visita à Manufatura das Tapeçaria e ao Museu Guy Fino é o culminar deste périplo pelos caminhos da lã, que deu a conhecer ao Viajante que atravessou o Alentejo ao encontro de múltiplas artes da transformação da lã, desde a extração da matéria prima no sul do Alentejo até ao trabalho sofisticado da reprodução fiel (a partir de uma paleta de 7000 cores da Manufatura) de obras de arte contemporânea, já no Alto Alentejo. É de destacar a importância do “ponto de nó de Portalegre”, que é um elemento de originalidade e de reconhecimento internacional.

A tapeçaria de Portalegre é seguramente um dos mais ilustres e valorizados testemunhos do património cultural imaterial, do Alentejo e do país, pela incorporação de elementos de diferenciação numa produção de raiz industrial, mas que assenta na redescoberta e revalorização da peça única, feita de forma manual, e pelo reconhecimento, nacional e internacional de artistas e clientes privados e públicos, da excelência de execução e da fidelidade à obra de arte original. Utilizando uma técnica totalmente manual, tem como ponto de partida um original de pintores reconhecidos, portugueses ou estrangeiros, desde o início da sua produção.

Jean Lurçat, famoso pintor francês nascido no dobrar do séc. XIX para o XX, e justamente considerado o renovador da tapeçaria francesa, reconhecia as tecedeiras de Portalegre como as melhores tecedeiras do mundo.

6.1. Visita à Manufatura de Tapeçaria de Portalegre

A Manufatura de Tapeçaria de Portalegre mantém as suas portas abertas, através das encomendas e das visitas ao espaço, onde pode ser observadas todas as fases de produção das suas famosas tapeçarias, desde o momento de escolha de cores, com um espetro de cores (infinito), à produção de uma tapeçaria, no espaço oficial original. A Manufatura permite um acompanhamento nas visitas, assim como um contacto direto com as lãs, os processos de tingimento, e permite um exercício de experimentação do “ponto de Portalegre” num tear em funcionamento.

6.2. Museu de Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino

O Museu Municipal, em homenagem ao empresário e fundador da Manufatura de Tapeçaria de Portalegre, é um espaço expositivo de várias obras de tapeçaria, cedidas e de autoria da Manufatura.

Na área de exposições temporárias procura-se mostrar influências e testemunhos dos vários artistas nacionais e estrangeiros que utilizaram as tapeçarias de Portalegre como um suporte particular da sua expressão artística, ilustrando desta forma o percurso produtivo da Manufatura de Tapeçaria de Portalegre desde o seu início (nos anos 40 do séc. XX até ao presente). A visita ao Museu da Tapeçaria de Portalegre permitirá ao visitante observar, entre muitas outras, reproduções das obras de Júlio Pomar, Lima de Freitas, Maria Keil, Vieira da Silva, Almada Negreiros, Fred Kradolfer, Costa Pinheiro, Eduardo Nery, Arpad Szenes e José de Guimarães.

6.3. Visita ao Centro Histórico de Portalegre

Dia 6 – Portalegre

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Arraial (ponto encontro - Hotel)																										
Viagem até Portalegre																										
Visita à Manufatura de Tapeçaria de Portalegre																										
Tempo livre (sem programa)																										
Almoço em Portalegre																										
Museu da Tapeçaria de Portalegre - Guy Fino																										
Visita ao Centro Histórico de Portalegre																										
Descanso - Hotel em Portalegre - tempo livre (sem programa)																										
Jantar em Portalegre																										




❖ Viagem até Portalegre – 98km (1h 14min)

Dia 7 – Viagem de Regresso

- ❖ Viagem até Lisboa – 229km (2h 38min)
- ❖ Viagem até Faro – 382km (3h 34min)
- ❖ Viagem até Sevilha – 290km (3h 17min)
- ❖ Viagem até ao Porto – 294km (3h 15min)
- ❖ Viagem até Badajoz – 69km (1h 4min)

ESTIMATIVA DO PREÇO DO PRODUTO

Programa turístico temático - “Caminhos da Lã” 			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Interação com protagonistas			
1.1 Estar com o Pastor	15	3,0	45
2. Entradas			
2.1 Visita ao Pólo de Tecelagem do Lombador (Museu da Ruralidade)	15	0,0	0
2.2 Visita ao Museu da Ruralidade nas Entradas	15	0,0	0
2.3 Visita à Cooperativa de Tecelagem de Mértola	15	3,0	45
2.4 Visita à Fábrica Alentejana de Lanifícios (Reguengos de Monsaraz)	15	3,0	45
2.5 Monumentos do Centro Histórico de Évora*	15	7,5	112,5
2.6 Visita ao Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos	15	0,0	0
2.7 Visita à Manufatura de Tapeçaria de Portalegre	15	3,0	45
2.8 Museu da Tapeçaria de Portalegre - Guy Fino	15	1,0	15
Sub total		17,50	307,5
3. Alojamento em quarto duplo c/ pequeno almoço (4 estrelas)			
3.1 Castro Verde	15	75	1125
3.2 Mértola	15	80	1200
3.3 Reguengos de Monsaraz	15	70	1050
3.4 Évora	15	90	1350
3.5 Arraiolos	15	120	1800
3.6 Portalegre	15	70	1050
Sub total		505	7575
4. Refeições - Almoço e Jantar			
4.1 jantar em Castro Verde	15	25	375
4.2 Almoço em Mértola	15	25	375
4.3 Jantar em Mértola	15	30	450
4.4 Almoço em Reguengos de Monsaraz	15	25	375
4.5 Jantar em Reguengos de Monsaraz	15	30	450
4.6 Almoço em Évora	15	25	375
4.7 Jantar em Évora	15	30	450
4.9 Almoço em Arraiolos	15	25	375
4.10 Jantar em Arraiolos	15	30	450
4.11 Almoço em Portalegre	15	25	375
4.12 Jantar em Portalegre	15	30	450
Sub total		300	4500
5. Transporte (mini autocarro de 25 lugares) - unidade_dia	7	450	3150
Sub total		450	2250
6. Guia turístico credenciado unidade_dia**	7	260	1820
Sub total		260	1300
Total		(valor por pessoa quarto individual 1062€)	15932,5
		(valor pessoa quarto duplo 810€)	12145

3.2.3.2. PROGRAMA TURÍSTICO TEMÁTICO ‘CONSTRUÇÃO TRADICIONAL’

CONCEITO GERAL

Este programa propõe explorar as temáticas da construção tradicional, sublinhando especialmente as técnicas e saberes-fazer tradicionais da construção, bem como a sua relação com a diversidade de formas da arquitetura vernacular, que marcam profundamente a paisagem urbana e rural destes territórios e representam a expressão singular e a identidade das suas comunidades. Começando por dar a conhecer e informar sobre os recursos naturais associados à construção tradicional em terra, que ao longo dos tempos condicionaram de forma decisiva as morfologias da construção vernacular, a narrativa mobiliza informações, documentos e ativos, de carácter histórico, económico, social e artístico, decisivos para a compreensão, a interpretação e a experimentação da arquitetura tradicional e, com ela, da sua economia e dos seus modos de vida. Para além da taipa e do adobe, a construção tradicional em terra na região utiliza o tijolo, o ladrilho, a abobadilha e a cal

O interesse para os turistas não se esgota no contacto com o PCI associado à construção tradicional em terra, prolonga-se na relação dos saberes-fazer tradicionais com o seu contexto humano e espacial, que configuram as paisagens características do Alentejo e do Ribatejo e outros sinais culturais das suas comunidades.

COMPONENTES DO PCI

Este produto turístico temático, organizado em forma de circuito que se propõe abranger diferentes locais dos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo, propõe-se **explorar as temáticas da construção tradicional, sublinhando especialmente as técnicas e saberes-fazer tradicionais da construção, bem como a sua relação com a diversidade de formas da arquitetura vernacular, que marcam profundamente a paisagem urbana e rural destes territórios e representam a expressão singular e a identidade das suas comunidades**. Começando por dar a conhecer e informar sobre os recursos naturais associados à construção tradicional em terra, que ao longo dos tempos condicionaram de forma decisiva as morfologias da construção vernacular, a narrativa que se propõe trabalhar neste circuito turístico mobiliza informações, documentos e ativos, de carácter histórico, económico, social e artístico, decisivos para a compreensão, a interpretação e a experimentação da arquitetura tradicional do Alentejo e Ribatejo e, com ela, da sua economia e dos seus modos de vida.

“A taipa e o adobe consistem na utilização direta do barro como material, de construção, obtido no geral em qualquer cova, pelos próprios construtores, próximo das casas ou muros”³. Para além da taipa e do adobe, a construção tradicional em terra na região utiliza o tijolo, o ladrilho, a abobadilha e a cal.

Apesar dos traços comuns que a arquitetura tradicional do Alentejo detém, as diversas influências que sofreu ao longo da história, seja durante a época romana, ou durante a ocupação islâmica, contribuíram para enriquecer a matriz de formas e estruturas construtivas, de modos de fazer e de habitar.

Atualmente, a salvaguarda e a valorização do património construído e da paisagem têm contribuído para a recuperação e sustentabilidade de projetos oficiais que guardam saberes-fazer tradicionais

³ Orlando Ribeiro, in “Geografia e civilização temas portugueses”, Livros Horizonte, pp 34

e que os colocam ao serviço da reabilitação e da recuperação dos imóveis, dentro dos traços arquitetónicos e das soluções construtivas tradicionais, apesar da frequente alteração das suas funções originais.

O interesse para os turistas não se esgota no contacto com o PCI associado à construção tradicional em terra, antes se prolonga na relação desses saberes-fazer tradicionais com o seu contexto humano e espacial, que configuram as paisagens características do Alentejo e do Ribatejo e outros sinais culturais das suas comunidades.



Figura 7 - "Construção tradicional"

A diversidade de elementos relacionados com o PCI que se pretendem abordar no âmbito deste circuito apresentam uma distribuição geográfica bastante grande e associam ativos, estruturas e manifestações culturais com um enorme potencial de diversificação de experiências para o turista.

O circuito turístico que se pretende organizar pode mobilizar diferentes atores e agentes, diversos ativos culturais e naturais, para além de ambientes associados à arquitetura vernacular que oferecem formas de alojamentos versáteis, que testemunhem formas exemplares de reabilitação do património, e que podem permitir experiências bastante enriquecedoras. O conjunto de detentores e entidades relacionadas que nos propomos mobilizar inscrevem-se no quadro seguinte:

A terra: recurso base para a construção tradicional	Telheiro da Encosta do Mosteiro da Associação Cultural Oficinas do Convento (Montemor-o-Novo)	<p>Percursos pedestres para a recolha de matéria-prima para a construção em barro</p> <p>Compreender as características específicas de diferentes materiais disponíveis no território</p> <p>Compreender as razões da utilização da terra na construção tradicional</p>
Saberes-fazer e técnicas de construção tradicional Morfologias e tipologias construtivas	Telheiro da Encosta do Mosteiro da Associação Cultural Oficinas do Convento (Montemor-o-Novo)	<p>Compreender e observar os saberes-fazer associados à construção de materiais para a construção e artísticos</p> <p>Interação com detentores de saberes-fazer e com mediadores (arquitetos, escultores, artistas plásticos, etc.)</p> <p>Interação direta com protagonistas</p> <p>Experimentar de modo inicial as técnicas de trabalho do barro</p> <p>Compreender as técnicas de construção tradicional a partir dos materiais construtivos e das suas características (abordagens teórico-práticas)</p>
	CAOP –Centro de Artes e Ofícios do Património (Elvas)	<p>Compreender os saberes-fazer e as técnicas tradicionais de construção através do contacto com estaleiros de obras de recuperação do património</p> <p>Conhecer e interpretar as morfologias construtivas tradicionais da região, as suas utilizações originais e as transformações e adaptações contemporâneas</p> <p>Interação com detentores de saberes-fazer e mediadores (arquitetos, historiadores de arte, etc.)</p>
	Museu do Barro (Redondo)	<p>Compreender e observar os saberes-fazer associados à construção de materiais para a construção e artísticos</p> <p>Interação direta com protagonistas em contexto oficial</p> <p>Experimentar de modo inicial as técnicas de trabalho do barro</p>

Associação Centro da Terra (Santiago de Cacém)

Compreender os saberes-fazer e as técnicas tradicionais de construção através de estaleiros de obras de recuperação do património

Conhecer e interpretar as morfologias construtivas tradicionais da região, as suas utilizações originais e as transformações e adaptações contemporâneas

Percurso Pedestre de Beja nº6 – Trigaches/ Caminhos da Cal. (Beja)

Compreender e observar os saberes-fazer associados à utilização da cal na construção tradicional

Interpretação de atividades associadas aos fornos de cal artesanal, nomeadamente através de mediadores

Interação direta com protagonistas

Fornos da Cal - Aldeias de Nora e Barro Branco (Borba)

Compreender e observar os saberes-fazer associados à utilização da cal na construção tradicional

Interação direta com protagonistas

Influências ao longo da história

Ruínas Romanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira)

Conhecer e interpretar as morfologias construtivas tradicionais da região, compreendendo as influências culturais diversas através da visita a sítios arqueológicos interpretados

Interação com mediadores

Centro Histórico de Mértola

Conhecer e interpretar as morfologias construtivas tradicionais da região, compreendendo as influências culturais diversas com o apoio das estruturas documentais e museológicas

Interação com mediadores

Compreender e contactar com exemplares notáveis da arquitetura tradicional alentejana

Diversidade de formas do património vernacular	<i>(a trabalhar posteriormente)</i>	Conhecer e interpretar <i>in loco</i> a arquitetura vernacular da região em contextos de paisagem diferenciados, urbana e rural
Modos de vida e Paisagem		Interação com mediadores Mobilizar competências ao nível da fotografia / registo documental alargando a experiência de contemplação à expressão da imagem fotografada

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM ESPECÍFICAS DO PRODUTO

A organização deste produto pressupõe um percurso relativamente extenso no território, combinando espaços de visita, de interação com detentores de saberes-fazer e entidades que suportam investigação, recuperação e reutilização das técnicas, saberes-fazer a materiais de construção tradicionais, com a fruição e contemplação de exemplares da arquitetura tradicional e da sua inserção na paisagem. Neste sentido, os elementos estruturantes deste circuito específico são os seguintes:

- **Locais obrigatórios de visita** (sendo que não se impõe uma ordem específica para a narrativa, admitindo uma interação entre as suas diferentes perspetivas): **Mértola [campo arqueológico /centro histórico]; Ruínas Romanas de S. Cucufate [Vila de Frades, Vidigueira]; Montemor-o-Novo; Redondo; Elvas; Santiago do Cacém.**
- Os **locais de alojamento e de restauração** devem privilegiar acomodações em edifícios de traça tradicional, com elementos construtivos relevantes dentro da arquitetura tradicional, bem recuperados quando a adaptados à nova função de alojamento turístico.

PERCURSO PROTÓTIPO

Venha descobrir o Alentejo a partir das técnicas e saberes-fazer tradicionais da construção, bem como a sua relação com a diversidade de formas da arquitetura vernacular, que marcam profundamente a paisagem urbana e rural deste território e representam a expressão singular e a identidade das suas comunidades. Através deste programa turístico ficará a conhecer melhor os recursos naturais associados à construção tradicional em terra, que ao longo dos tempos condicionaram de forma decisiva as morfologias da construção vernacular tipicamente alentejana, bem como moldaram a economia e os modos de vida tradicionais desta região.

Após a viagem pelo interior do Alentejo, chegamos finalmente a um dos seus pontos mais extremos: a cidade fortificada de Elvas, que se situa a apenas 8 km da fronteira com Espanha, onde se destaca a cidade de Badajoz, outrora um importante polo comercial especialmente atrativo para os habitantes desta região raiana. Ao jantar, aproveite para desfrutar de algumas das iguarias regionais e, depois, é tempo para descansar e recuperar forças para o dia seguinte.

Dia 2 – Elvas

Acordamos em Elvas e, após o pequeno-almoço, é tempo de nos dirigirmos ao centro histórico para ficarmos a conhecer o Centro de Artes e Ofícios do Património (CAOP), que aqui se localiza, e o trabalho que tem vindo a desenvolver nos domínios da valorização das técnicas e dos ofícios ligados à construção tradicional. Nesta visita, além de ser possível ficar a conhecer melhor o trabalho que o CAOP tem vindo a desenvolver, poder-se-á ainda observar e até experimentar *in loco* algumas destas técnicas de construção tradicional, uma vez que o edifício sede do Centro, de traça arquitetónica tradicional, constitui um verdadeiro laboratório vivo, cujo património (material) está em permanente recuperação, mantendo assim vivos os saberes-fazer ligados a este tipo de construção tradicional, um património imaterial que é, ele próprio, fundamental preservar, valorizar e divulgar).

Após uma curta pausa para almoço numa das tasquinhas tipicamente alentejanas que aqui ainda podemos encontrar, é tempo de aproveitar a tarde para visitar e conhecer o centro histórico de Elvas que alberga o maior conjunto de fortificações abaluartadas do mundo, onde se destacam as muralhas abaluartadas do século XVII, o Forte de Santa Luzia, o Forte da Graça, o Aqueduto da Amoreira e os três fortins de São Pedro, de São Mamede e de São Domingos (ou da Piedade). Este conjunto vasto e único de elementos patrimoniais de cariz militar, resultante da importante posição de Elvas enquanto ponto estratégico de defesa da fronteira, encontra-se, desde 2012, inscrito na Lista de Património Mundial da UNESCO e que é certamente merecedor da sua visita. Se ainda houver tempo, vale a pena conhecer o Museu de Arte Contemporânea de Elvas (MACE) que, além de um interessante acervo de arte contemporânea portuguesa (resultante da Coleção António Cachola que aqui se encontra em depósito), está instalado num edifício notável, de grande valor patrimonial (o antigo Hospital de Misericórdia) que foi, para esta nova função museológica, recuperado e adaptado por uma equipa que integrou o arquiteto Pedro Reis, o designer de equipamento Filipe Alarcão e o designer gráfico Henrique Cayatte.

Rumamos então a Arraiolos, localidade que dista cerca de 90km de Elvas e onde iremos jantar e pernoitar, disfrutando de um espaço muito especial: a Pousada Nossa Senhora da Assunção. Erguido no século XVI, este imóvel patrimonial apresenta uma arquitetura austera, onde se destacam a capela, os claustros e o jardim interno, aos quais foi acrescida uma área nova de suítes, decorada de forma moderna e sóbria, com varandas voltadas para a piscina e para o vale. O conjunto é complementado por um campo de ténis.

Dia 3 – Montemor-o-Novo e Évora

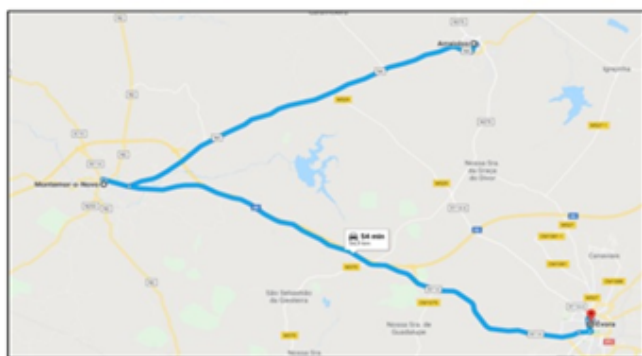
Amanhece em Arraiolos e, após um revigorante pequeno-almoço é já tempo de partir, rumando a Montemor-o-Novo, localidade que fica a apenas 23km de distância. É aqui que vamos visitar o Telheiro da Encosta do Castelo, espaço oficial dedicado à produção de materiais construtivos autóctones e utilizando as técnicas tradicionais. Localizado num antigo telheiro, que foi recuperado na década de 1990, junto à Encosta do Castelo de Montemor o Novo, aqui se produzem materiais de construção tradicional como tijolo burro, tijoleira, azulejos, entre outros. Além disso, dispõe ainda de um Laboratório de Terra que se dedica à investigação e produção em terra crua (BTC, taipa, adobe e rebocos), que será possível conhecer. Finalmente, visitaremos uma antiga escola primária recuperada, localizada junto ao telheiro, onde decorrem cursos, workshops e residências artísticas na área da cerâmica e das técnicas de construção em terra.

Para abrir o apetite, propõe-se um breve périplo pelas apertadas ruelas do centro histórico que nos conduzem até ao Castelo de Montemor-o-Novo, classificado como Monumento Nacional, de onde é possível observar-se panoramicamente a vila e a paisagem envolvente. Vale ainda a pena tentar ver e, se possível, visitar o Convento da Saudação, onde atualmente funciona o Espaço do Tempo, estrutura artística multidisciplinar liderada pelo coreógrafo Rui Horta, oferecendo uma rica programação cultural (cinema ao ar-livre, dança, música, etc.).

Após o almoço, é tempo de nos fazermos à estrada para uma curta viagem (32km) até Évora, cujo centro histórico está, desde 1986, inscrito na Lista de Património Mundial da UNESCO. Formado por ruas estreitas e travessas, pátios e largos, onde pontua o casario branco ou decorado com azulejos e varandas de ferro forjado, datado sobretudo dos séculos XVI a XVIII, o centro histórico é claramente demarcado pelas muralhas medievais. Contudo, quando percorremos este núcleo central muito facilmente encontramos vestígios notáveis da passagem de diversas civilizações e culturas: Celtas, Romanos, Árabes, Judeus e Cristãos. Ao final da tarde, e antes de jantar, aproveite para descansar e tomar um aperitivo numa das esplanadas da Praça do Giraldo.

Dia 3 – Montemor-o-Novo e Évora

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	13.30	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Arraiolos (ponto de encontro - Pousada)	■																									
Viagem Arraiolos_Montemor-o-Novo		■																								
Visita ao Telheiro da Encosta do Castelo - Oficinas do Convento																										
Tempo livre (sem programa)																										
Almoço em Montemor-o-Novo																										
Viagem Montemor-o-Novo_Évora																										
Visita ao Centro Histórico de Évora - Património Mundial																										
Passagem pelo Hotel - Évora (p. Recuperação)																										
Jantar em Évora																										



❖ Viagem Arraiolos_Montemor-o-Novo – 23km (22min)

❖ Viagem Montemor-o-Novo_Évora – 32km (31min)

Dia 4 – Reguengos de Monsaraz e Vidigueira

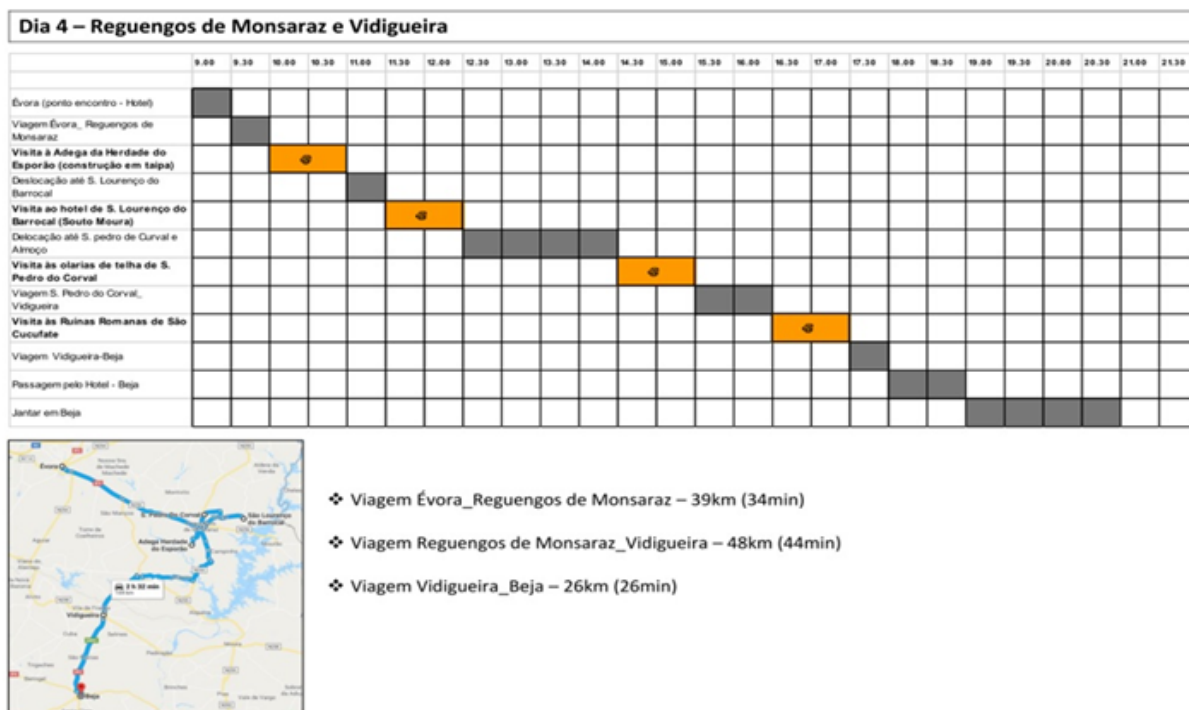
Logo pela manhã, partimos de Évora rumo a Reguengos de Monsaraz, vila localizada a cerca de 40km. Nas imediações do centro urbano, tempo para uma curta visita à Adega da Herdade do Esporão com o objetivo de conhecer a Adega dos Lagares, um exemplo notável e muito especial de uma adega construída utilizando taipa da própria herdade, e cujo projeto, da autoria do atelier de arquitetura Skrei (2014-15), foi pensado de raiz para estar em equilíbrio com a natureza.

Em seguida, partimos à descoberta de um outro projeto notável, que combina de uma forma muito particular as arquiteturas vernacular e contemporânea: a herdade de S. Lourenço do Barrocal, em Monsaraz, que, pela mão do arquiteto Eduardo Souto de Moura, se transformou num dos mais qualificados complexos turísticos da região do Alentejo.

É, entretanto, tempo de almoçar, pelo que rumamos até à freguesia de São Pedro do Corval onde, após degustarmos algumas das iguarias que caracterizam a gastronomia tipicamente alentejana, visitaremos o mais importante centro oleiro de Portugal, concentrando mais de duas dezenas de olarias que ainda hoje se mantêm em constante funcionamento. Embora seja aqui preponderante a cerâmica decorativa, como ficaremos a saber através da visita à Casa do Barro – Centro Interpretativo da Olaria de S. Pedro do Corval, também é aqui produzida cerâmica construtiva, como teremos ocasião de observar e de dialogar com os artesãos da olaria da Fábrica de Tijolo Rústico.

Seguimos então para a Vidigueira, mais concretamente para a freguesia de Vila de Frades (localizada a aproximadamente 50km de Reguengos de Monsaraz), onde teremos contacto com as formas de construção em terra que caracterizaram o período de ocupação romana deste território. O sítio arqueológico da *villa* romana de São Cucufate reúne vestígios de termas, tanque, jardim e um templo romano que foi posteriormente adaptado ao culto cristão: o convento dedicado a São Cucufate. Através da visita a esta ainda *villa* romana, datada do século I, será possível compreender os modos de organização do espaço doméstico e agrícola neste período, tal como o tipo de materiais construtivos então utilizados.

No final do dia, rumamos a Beja (uma curta viagem de cerca de 26km), onde iremos jantar e pernoitar.

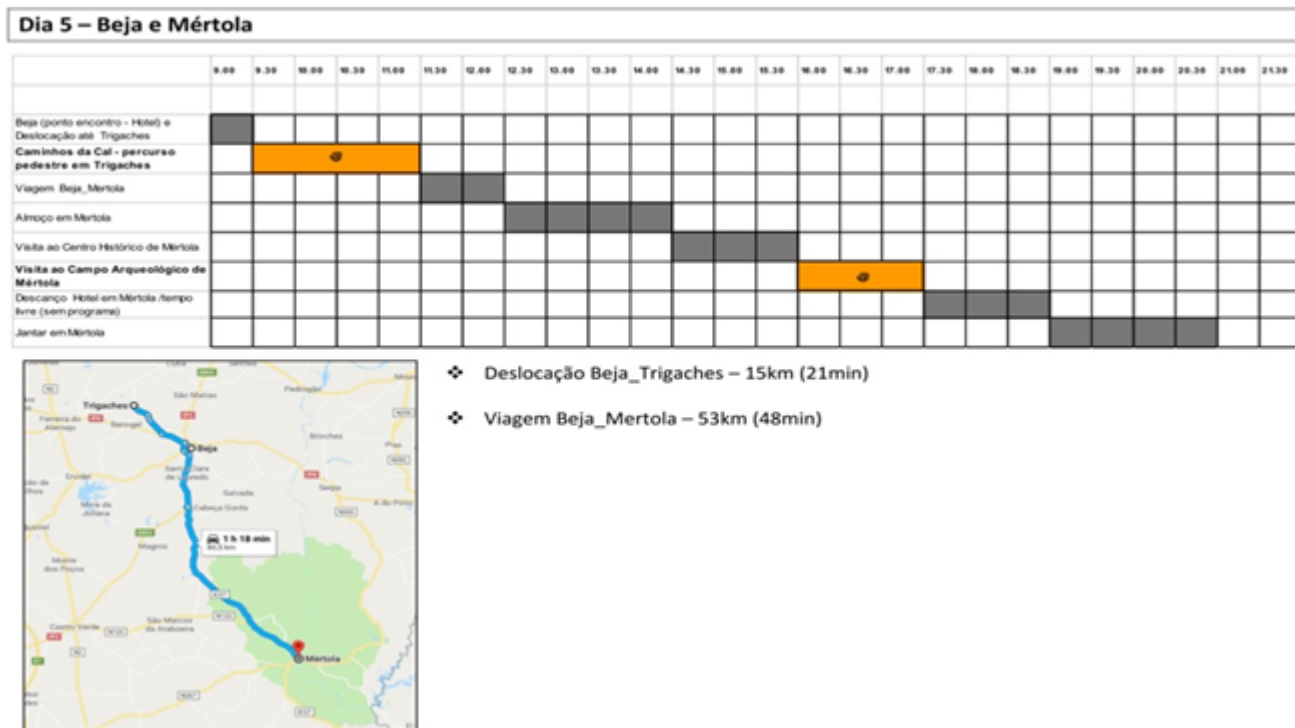


Dia 5 – Beja e Mértola

Após o pequeno-almoço, temos de partir rumo à aldeia de Trigaches (concelho de Beja), onde teremos a oportunidade de realizar um percurso pedestre explorando os “caminhos da cal”. Em tempos conhecida pelo ‘mármore de Trigaches’, foi da terra de Trigaches que terá sido proveniente boa parte da matéria construtiva que alimentou a cidade de Beja. Por toda a freguesia estão localizados vários fornos de cal, alguns dos quais ainda hoje visitáveis, e que espelham bem a dinâmica outrora associada à atividade da pedreira, bem como aos impactos desta atividade na paisagem da região.

Rumamos então a Mértola, onde visitaremos o Centro Histórico, após o almoço, tomando assim contacto com os vestígios da passagem de vários povos por este local que chegou a ser um importante porto fluvial – o porto mais ocidental do Mediterrâneo –, erguendo o seu castelo em posição dominante sobre aquele trecho do rio Guadiana, chegando mesmo a ser, durante um curto período do século XI, capital de um pequeno emirado islâmico independente, a Taifa de Mértola. A visita ao Campo Arqueológico de Mértola permitirá aprofundar o conhecimento sobre a influência das civilizações islâmica e romana nesta região raiana, focando em particular os aspetos relacionados com o modo como a presença destes dois povos se veio a refletir em formas particulares de ocupação do território e nas técnicas e materiais construtivos utilizados

Ao final do dia, é tempo para desfrutar das comodidades do alojamento hoteleiro em Mértola, descansando um pouco antes do jantar.



Dia 6 – Ourique e Santiago do Cacém

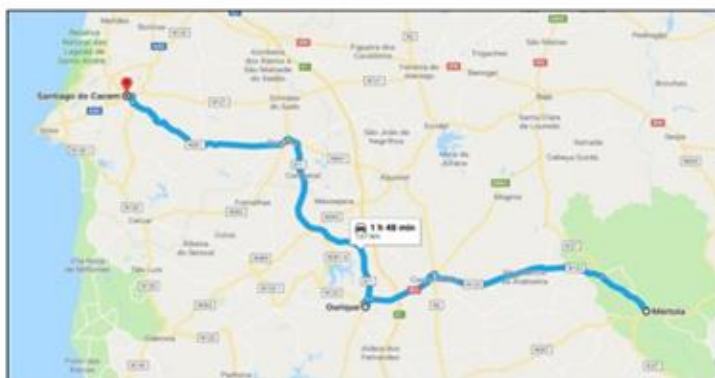
Logo pela manhã, partida de Mértola rumo a Ourique, numa viagem curta de cerca de 60km. Pelo caminho visitaremos a aldeia tradicional alentejana de Vales Mortos cujo projeto de recuperação /preservação da traça original do casario é particularmente interessante

Daqui seguimos rumo a Santiago do Cacém onde, após almoço, teremos oportunidade de visitar o Centro da Terra, um espaço de conhecimento ligado às técnicas de construção tradicional em terra, algumas das quais teremos oportunidade de aprender e experimentar.

Ao final da tarde, é tempo para descansar em alojamento turístico localizado em Santiago de Cacém, onde também iremos jantar.

Dia 6 – Ourique e Santiago do Cacém

	9.00	9.30	10.00	10.30	11.00	11.30	12.00	12.30	13.00	14.00	14.30	15.00	15.30	16.00	16.30	17.00	17.30	18.00	18.30	19.00	19.30	20.00	20.30	21.00	21.30
Hotel (ponto encontro - Hotel)																									
Viagem Mértola_Ourique																									
Visita a uma aldeia tradicional alentejana recuperada																									
Viagem Ourique_Santiago do Cacém																									
Almoço em Santiago do Cacém																									
Visita ao Centro da Terra																									
Descanso Hotel em Santiago do Cacém (tempo livre (sem programa))																									
Jantar em Santiago do Cacém																									




- ❖ Viagem Mértola_Ourique – 60km (48min)
- ❖ Viagem Ourique_Santiago do Cacém – 77km (57min)

Dia 7 – Viagem de Regresso

- ❖ Viagem até Lisboa – 148km (1h 34min)
- ❖ Viagem até Faro – 173km (1h 54min)
- ❖ Viagem até Sevilha – 361km (3h 39min)
- ❖ Viagem até ao Porto – 422km (3h 48min)
- ❖ Viagem até Badajoz – 250km (2h 21min)

ESTIMATIVA DO PREÇO DO PRODUTO

Programa turístico temático - “Construção Tradicional” 			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Entradas			
1.1 Visita ao Centro de Artes e Ofícios do Património - Elvas	15	0,0	0
1.2 Visita ao Centro Histórico de Elvas – Património Mundial**	15	3,0	45
1.3 Visita ao Telheiro da Encosta do Castelo - Oficinas do Convento	15	0,0	0
1.4 Monumentos do Centro Histórico de Évora*	15	7,5	112,5
1.5 Visita à Adega da Herdade do Esporão (construção em taipa)	15	15,0	225
1.6 Visita ao hotel de S. Lourenço do Barrocal (Souto Moura)	15	0,0	0
1.7 Visita às olarias de telha de S. Pedro do Corval	15	0,0	0
1.8 Visita às Ruínas Romanas de São Cucufate	15	2,5	37,5
1.9 Caminhos da Cal - percurso pedestre em Trigaches	15	0,0	0
1.10 Visita ao Campo Arqueológico de Mértola	15	0,0	0
1.11 Visita a uma aldeia tradicional alentejana recuperada	15	0,0	0
1.12 Visita ao Centro da Terra	15	0,0	0
Sub total		28,00	420
2. Alojamento em quarto duplo c/ pequeno almoço (4 estrelas)			
2.1 Elvas	15	80	1200
2.2 Arraiolos	15	120	1800
2.3 Évora	15	90	1350
2.4 Beja	15	90	1350
2.3 Mértola	15	80	1200
2.4 Santiago do Cacém	15	90	1350
Sub total		550	8250
4. Refeições - Almoço e Jantar			
3.1 Jantar em Elvas	15	25	375
3.2 Almoço em Elvas	15	25	375
3.3 Jantar em Arraiolos	15	30	450
3.4 Almoço em Montemor-o-Novo	15	25	375
3.5 Jantar em Évora	15	30	450
3.6 Almoço em S. Pedro do Corval	15	25	375
3.7 Jantar em Beja	15	30	450
3.9 Almoço em Mértola	15	25	375
3.10 Jantar em Mértola	15	30	450
3.11 Almoço em Santiago do Cacém	15	25	375
3.12 Jantar em Santiago do Cacém	15	30	450
Sub total		300	4500
5. Transporte (mini autocarro de 25 lugares) - unidade_dia	7	450	3150
Sub total		450	2250
6. Guia turístico credenciado unidade_dia***	7	260	1820
Sub total		260	1300
Total			
	(valor por pessoa quarto individual 1115 €)		16720
	(valor por pessoa quarto duplo 840 €)		12595

3.2.4. ABORDAGENS INDIVIDUAIS DO PCI

3.2.4.1. CONCEITO GERAL

Os Bens do Património Cultural Imaterial (PCI) representam um **enorme potencial de conhecimento, de interpretação e de experiência com os territórios e as comunidades de que são pertença** e, nesse sentido, configuram oportunidades de grande valor no quadro da visita de natureza turística, sobretudo quando assumida numa interação equilibrada e sustentável entre as comunidades de acolhimento e os seus visitantes.

As inúmeras manifestações de PCI que se distribuem pelo território dos destinos turísticos do Alentejo e do Ribatejo, conferindo-lhes uma riqueza e diversidade inquestionáveis, podem ser contactadas, com maior ou menor intensidade e profundidade, pelos turistas e visitantes que escolhem estes destinos com interesse pela sua cultura. No entanto, é desejável que estes contactos se estabeleçam de modo a permitir preservar os elementos primordiais que caracterizam tais manifestações culturais e imateriais e, além disso, garantir a sustentabilidade futura das suas comunidades, enquanto detentores e protagonistas das “práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões” que fazem parte do seu património cultural.

O conceito de produto ou experiência turística que está subjacente a estas abordagens individuais do PCI pressupõe, assim, **um conjunto de condições em que é estabelecida a interação entre os turistas e os detentores de PCI e as suas comunidades, com capacidade de garantir benefícios para ambas as partes e a continuidade futura da própria interação**. Neste sentido, torna-se fundamental que as expectativas e as motivações que estão subjacentes, de parte a parte, nesta relação sejam preenchidas e contribuam para um conhecimento e um respeito mútuo.

Da parte do turista, este conceito de produto ou experiência turística, procura **dar respostas de intensidades diferentes e que contribuam para algum ou alguns destes fins**: i) aumentar o conhecimento e a compreensão das culturas e dos modos de vida das comunidades do destino; ii) facultar experiências culturais e artísticas autênticas; iii) permitir a participação em manifestações de criatividade, de sociabilidade e de convivialidade no seio das comunidades de destino; iv) viver experiências que aproximem de um sentido de pertença local; v) refletir elementos dos seus modos de vida próprios junto de outras comunidades; v) associar modos de vida saudáveis às dimensões culturais das comunidades e dos territórios de destino; vi) aprender “coisas” novas; vii) estabelecer percursos de aprendizagens, em competências individuais de tipo diverso, incluindo o desenvolvimento das próprias carreiras profissionais.

Da parte dos detentores e das comunidades, este conceito de produto ou experiência turística, procura **preservar dimensões essenciais do PCI e contribuir para a sua sustentabilidade**, ao nível de: i) precaver a adulteração e a mercantilização das manifestações culturais específicas; ii) evitar a transferência das manifestações para contextos que são totalmente exteriores às suas comunidades; iii) precaver a predominância de estruturas e de atividades que interpretam o PCI de forma desligada dos seus detentores, contextos próprios e comunidades; iv) assegurar uma interação direta dos seus detentores com os turistas, mesmo quando exigem mediadores, os quais devem assumir uma atitude deferente perante tais detentores; v) contribuir para o enriquecimento social e cultural das comunidades de acolhimento e dos detentores do PCI; vi) assegurar que a geração de receitas e de mais-valias se repercute também para os detentores e as suas comunidades, garantindo oportunidades dessa partilha; vii) garantir a continuidade das manifestações do PCI dentro dos contextos evolutivos das próprias comunidades.

Os produtos ou experiências turísticas que fazem parte desta tipologia **concentram-se num único PCI, numa interação que pode ser: mais ou menos prolongada no tempo, mais ou menos**

individualizada, mais ou menos participada, mais ou menos imersiva, mais ou menos vinculativa a uma comunidade local.

As abordagens individuais ao PCI devem aglutinar um conjunto de produtos e experiências turísticas, de natureza diversa, que podem ser promovidas e geridas por diferentes atores ou agentes, de natureza diferente, disponíveis para os turistas através do Catálogo. O conjunto de produtos ou experiências turísticas disponíveis deverá evoluir no tempo e distribuir-se nos territórios de destino em função da localização dos detentores do PCI respetivo.

O perfil de produtos e de experiências turísticas que se prevê virem a integrar cada uma das abordagens individuais tenderá a privilegiar modelos de distribuição e comercialização direta, por via *on-line*, aos turistas no seu local de origem, sendo igualmente possível fazer a venda direta ao turista no destino, seja através dos próprios promotores, seja ainda de empresas e agências de *incoming*, de outros *stakeholders* do setor – hotelaria, restauração, etc. –, ou através das entidades públicas que acolhem os turistas no destino (postos de turismo municipais ou regionais, etc.).

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM DOS PRODUTOS

Os produtos turísticos que se englobam dentro desta tipologia, que integra o Catálogo de experiências turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo **têm em comum o facto de se concentrarem numa única expressão ou manifestação imaterial da cultura destes destinos, podendo no entanto assumir formatos de organização bastante diferenciados**, decorrendo da opção e das estratégias específicas dos seus promotores diretos e da forma como pretendem envolver os detentores e protagonistas dos bens culturais em causa.

Consideram-se, neste caso, as seguintes **dimensões determinantes para a configuração das experiências** que vão ser oferecidas dentro destas abordagens individuais ao PCI:

- ❖ **A intensidade e nível da experiência para o turista,**
- ❖ **A forma de inserção do turista no contexto de destino, incluindo das comunidades locais,**
- ❖ **A duração total da estadia,**
- ❖ **O papel assumido pelos detentores e protagonistas na interação com os turistas.**

Por sua vez, a **montagem dos produtos turísticos**, no caso das abordagens individuais, tendem a ser preferencialmente promovidas por empresas locais de animação turística ou que intervêm no mercado turístico, bem como outras entidades que assumem o desenvolvimento de atividades direcionadas para o mercado turístico, em especial, nos segmentos do turismo cultural e do turismo social, como são entidades do terceiro setor e os próprios detentores e protagonistas dos bens.

Segmentos-alvo

No que se refere aos segmentos alvo a privilegiar e, considerando que neste caso o nível de imersão da experiência turística é uma variável determinante, consideram-se em particular os seguintes:

Mercado nacional	Turismo cultural
	Turismo criativo
	Ecoturismo
	Turismo social: turismo jovem
Mercado internacional	Turismo cultural
	Turismo criativo
	Ecoturismo
	Turismo social: turismo jovem

DISTRIBUIÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Atendendo às características que foram anteriormente descritas para os produtos turísticos que integram a presente tipologia, das abordagens individuais, admite-se que a **sua distribuição e comercialização nos mercados turísticos, nacional e estrangeiros, assuma predominantemente modelos do tipo direto**, sem mobilizar operadores turísticos ou agências de turismo, com exceção de algumas agências de *incoming* que possam estar vocacionadas para segmentos de mercado de turismo cultural e criativo, de ecoturismo ou de turismo jovem.

Quem procura este tipo de produtos turísticos, que se baseiam em experiências com nível de imersão significativo e em contactos diretos com as comunidades de destino e com os protagonistas das manifestações culturais, **tende a privilegiar uma pesquisa mais direta e aprofundada sobre o âmbito da experiências, as suas condições, o contexto em que a mesma virá a ser realizada, os preços**, remetendo por vezes para segundo plano, as questões relativas ao perfil de alojamento, de restauração e de outros serviços turísticos que lhes está associado.

A oferta por via on-line tende deste modo a ganhar cada vez mais relevância nestes mercados, sobretudo se as condições em que é feita facilitam uma interação prévia com os promotores diretos da experiência turística, esclarecendo dúvidas e completando informação e o turista reconhece de relevância para a sua tomada de decisão. Por outro lado, uma parte significativa do mercado que procura este tipo de produtos turísticos, mais imersivos, pertence ao segmento de mercado jovem (no qual podemos destacar grupos como os *Millennials* ou a Geração Z), que privilegia todo o contacto com o mercado turístico através da internet e de plataformas, dentro do conceito de economia de partilha.

Esta **tendência crescente da aquisição direta, via on-line, do produto turístico fundamenta a necessidade de uma aposta qualificada por parte dos promotores desta tipologia de produto na comunicação**. A tendência vai no sentido de o próprio turista realizar as suas reservas e a aquisição do produto via Internet, baseando a sua decisão na maioria dos casos nas informações que obtém *on-line* através dos comentários disponíveis (*“review”*). Este tipo de turista associa frequentemente à escolha da experiência turística, uma seleção de alojamento, dentro de formatos que podem ser bastante diversos, e opções de meios de transporte também diferentes (é frequente,

no segmento de turismo jovem, a opção pela utilização de transportes públicos até ao destino, associando ao voo, uma opção por comboio ou mesmo por redes rodoviárias de transporte público). Deste modo, a aquisição deste tipo de produtos turísticos por via de entidades intermediárias, que operam no setor ao nível da distribuição, tende a ser cada vez menos frequente, a não ser evidentemente no caso das plataformas eletrónicas que intervêm neste mercado.

Para além deste modelo de comercialização que tende de facto a adquirir um posicionamento dominante neste tipo de mercados, os **produtos turísticos que integram esta tipologia de abordagens individuais ao PCI podem em alternativa ser promovidos e vendidos diretamente ao turista no destino**, seja através dos próprios promotores, seja ainda através de empresas e agências de *incoming*, de outros *stakeholders* do setor – hotelaria, restauração, etc., seja ainda através das entidades públicas que acolhem os turistas no destino (postos de turismo municipais ou regionais, etc.). Admitimos, de qualquer modo e neste caso, que sejam mais representativos produtos ou experiência turísticas de duração mais curta e que não exigem uma prévia decisão e preparação da viagem por parte do turista.

Eventualmente, estes formatos de comercialização que não pressupõe uma antecipação maior na decisão podem estar mais vocacionadas para os segmentos de turismo cultural e menos para os segmentos do ecoturismo e do turismo jovem, ou mesmo do turismo criativo.

No que se refere à comunicação, **quer num caso, de venda *on-line*, quer no outro, venda presencial na região, é indiscutível a importância decisiva da comunicação das experiências turísticas que o destino tem para o oferecer**. A comunicação tem de ser aprofundada e de qualidade, tem de contribuir para aumentar a oportunidade de aprendizagem e de valorização pessoal do turista, tem de ser clara quanto às condições de acolhimento e de interação com os detentores da manifestação cultural, tem de contribuir para contextualizar os mesmos, e sempre que possível, poderá associar e remeter para outras fontes de informação que possam permitir ao turista aprofundar, posteriormente, a sua experiência. É essencial, neste caso, que os **promotores das experiências turísticas trabalhem em grande articulação com os detentores do PCI os conteúdos base dessa comunicação**.

3.2.4.2. CULTURA AVIEIRA - ARTES E SABERES DE CONSTRUÇÃO E USO DA BATEIRA

ELEMENTOS BÁSICOS DE CARACTERIZAÇÃO DO PCI

A “Artes e Saberes de Construção e Uso da Bateira Avieira no rio Tejo” trata-se de uma manifestação inscrita no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial desde 2016.

As artes e os saberes de construção e uso da bateira avieira constituem um conjunto de técnicas e conhecimentos de base tradicional, característico, predominante, mas não exclusivamente, das comunidades de pescadores das zonas ribeirinhas do Tejo. Estas comunidades identificam-se coletivamente como “avieiros”, categoria evocativa da sua condição de descendentes de migrantes originários da praia de Vieira de Leiria.

Na bacia do Tejo persistem 4 comunidades: Porto da Balha (Azambuja); Palhota (Cartaxo); Escaroupim (Salvaterra de Magos); Caneiras (Santarém). Nestas podemos encontrar diversos elementos patrimoniais que suportam as atividades marítimas e piscatórias que mobilizam estas artes e saberes, incluindo cais, casas palafitas, barcos avieiros. No caso de Escaroupim existe também o Museu “Escaroupim e o Rio” dedicado aos Avieiros.

Esta manifestação não é exclusiva do rio Tejo, pois estas comunidades migrantes, provenientes predominantemente da praia de Vieira de Leiria, estenderam-se pelo rio Sado e pelo Litoral Alentejano. Encontramos hoje, na bacia do Sado, a comunidade de Carrasqueira (Comporta, Alcácer do Sal), e na Lagoa de Santo André uma comunidade piscatória dispersa.

Neste Catálogo pretende-se explorar o conceito de Cultura Avieira, alargando as experiências a outros aspetos das vivências destas comunidades migrantes como a casa avieira, as artes da pesca e a gastronomia típica proveniente das águas do Tejo e Sado, mas também os saberes ecológicos que contemplam a relação com os ecossistemas terrestre e aquático.

Considerando ainda que, neste momento, muitas destas aldeias avieiras evidenciam níveis de degradação e, por vezes, até de uma certa descaracterização relativamente elevados, equaciona-se ainda a possibilidade de algumas destas experiências turísticas contemplarem uma dimensão de turismo voluntário, através do envolvimento e participação, devidamente orientada e enquadrada, destes visitantes em ações de restauro e de interpretação destas tipologias construtivas tradicionais.

Experiências turísticas

As experiências turísticas baseadas nas Artes e Saberes de Construção e Uso da Bateira devem mobilizar os seus detentores e protagonistas, bem como, outras entidades que se apresentem como mediadores destas manifestações culturais imateriais, favorecendo, deste modo, uma interação significativa do turista e benefícios dessa interação para os próprios detentores.

Considerando as múltiplas dimensões associadas a este PCI e os diversos contextos territoriais em que estas manifestações perduram, torna-se viável oferecer um campo diversificado de experiências turísticas, conforme enunciado no quadro seguinte:

Artes e saberes de construção da Bateira avieira	Pescadores de Escaroupim, Porto da Balha, Palhota ou Caneiras (Lezíria do Alentejo); ou da Carrasqueira (Alcácer do Sal)	<p>Apreender o saber-fazer da construção da Bateira avieira diretamente durante os processos de reparação e de manutenção das respetivas embarcações</p> <p>Interação direta com os detentores</p> <p>Lidar com as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho e em espaços específicos de estaleiro</p> <p>Interação com as comunidades piscatórias</p> <p>Compreender as diversas dimensões deste PCI através da visita a estruturas interpretativas e a interação com mediadores</p>
	<p>Associação de Amigos das Caneiras, Associação Palhota Viva, Associação de Defesa do Ambiente, Rancho Folclórico “Os Avieiros do Escaroupim”, Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira, Museu “Escaroupim e o Rio”, gerido pelo Município de Salvaterra de Magos</p>	
Artes e saberes do uso da Bateira avieira	<p>Pescadores de Escaroupim, Porto da Balha, Palhota ou Caneiras (Lezíria do Alentejo)</p> <p>Pescadores da Carrasqueira (Alcácer do Sal)</p>	<p>Experienciar as atividades de pesca da lampreia ou do sável acompanhadas por pescadores locais nas suas próprias bateiras</p> <p>Apreender a arte do uso da bateira avieira e a arte de pesca avieira (no rio Tejo ou no rio Sado)</p> <p>Experienciar pernoitar uma noite (no rio Tejo ou no rio Sado) numa embarcação tradicional do tipo bateira avieira</p> <p>Interação direta com os seus detentores</p> <p>Lidar com as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho e em espaços específicos de estaleiro</p> <p>Apreender e experienciar a gastronomia associada à pesca das comunidades de avieiros</p> <p>Interação com as comunidades piscatórias</p> <p>Compreender as diversas dimensões deste PCI através da visita a estruturas interpretativas e a interação com mediadores</p>
	<p>Associação de Amigos das Caneiras, Associação Palhota Viva, Associação de Defesa do Ambiente, Rancho Folclórico “Os Avieiros do Escaroupim”, Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira, Museu “Escaroupim e o Rio” (Município de Salvaterra de Magos)</p>	

Cultura e vivência das comunidades avieiras

Comunidades avieiras de Escaroupim, Porto da Balha, Palhota ou Caneiras (Lezíria do Alentejo)
Pescadores da Carrasqueira (Alcácer do Sal)
Associação de Amigos das Caneiras, Associação Palhota Viva, Associação de Defesa do Ambiente, Rancho Folclórico “Os Avieiros do Escaroupim”, Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira

Viver um período curto (alguns dias ou semanas) no seio de uma comunidade avieira e participar nas suas atividades quotidianas de trabalho e de convívio e sociabilidade, particularmente associadas ao uso da bateira avieira

Ficar alojado numa casa avieira (se disponível)

Compreender as especificidades dos cais e casas palafitas, que caracterizam as aldeias avieiras, em termos arquitetónicos, eventualmente participando em ações de restauro e valorização destas tipologias construtivas tradicionais (a promover, no contexto de atividades de turismo voluntário)

Experienciar as atividades de pesca acompanhadas por pescadores locais nas suas próprias bateiras

Apreender a arte do uso da bateira avieira e a arte de pesca avieira (no rio Tejo ou no rio Sado)

Lidar com as dinâmicas próprias dos protagonistas em contexto de trabalho e em espaços específicos de estaleiro

Apreender e experienciar a gastronomia associada à pesca das comunidades de avieiros

Interação quotidiana com as comunidades piscatórias

Interação com as comunidades em contexto de espaços coletivos de convívio e de sociabilidade

Participação em atividades de natureza simbólica, artística ou festiva, incluindo com rancho folclórico

Compreender a forma como, historicamente, vários autores ligados à corrente estética e política do Neorrealismo abordaram, do ponto de vista da escrita e/ou do desenho, a dureza que marcava o quotidiano das comunidades de avieiros

Ecossistemas naturais de inserção da cultura avieira	Associação Palhota Viva, Associação de Defesa do Ambiente, Associação da Comunidades Piscatórias da Carrasqueira	<p>Compreender e interpretar os ecossistemas naturais que acolhem as comunidades avieiras no vale do Tejo ou no vale do Sado</p> <p>Compreender os modos de vida e as expressões culturais destas comunidades e a sua relação com os ecossistemas naturais de acolhimento</p> <p>Participação em atividades ligadas à preservação e salvaguarda destes ecossistemas naturais</p> <p>Interação com as comunidades avieiras</p> <p>Compreender os modos de vida e as expressões culturais destas comunidades e a sua relação com os ecossistemas naturais de acolhimento</p> <p>Interação com mediadores</p>
	Museu “Escaroupim e o Rio” (Município de Salvaterra de Magos)	

ORGANIZAÇÃO DE PRODUTO

O tipo de experiência turística que se inscreve nesta tipologia exige uma **organização bastante mais complexa** e que envolva necessariamente os detentores e protagonistas do respetivo PCI. Para além de questões de transporte, alojamento e de refeições, este tipo de produto turístico com um nível de imersão bastante profundo, procura oferecer oportunidades de interação do turista com as comunidades de acolhimento, de experiência ou aprendizagem de saberes-fazer, de desenvolvimento de *soft skills* que não se encontram apenas diretamente relacionadas com esses saberes-fazer e com as manifestações culturais em causa, mas também com as vivências quotidianas e todo o contexto cultural e ambiental / territorial em que estas se inscrevem.

A **iniciativa da organização do produto turístico pode partir de organizações do terceiro setor que representam os protagonistas, dos próprios protagonistas ou de empresas de animação turística que operam e conhecem bem estas comunidades e estes territórios ou possuem competências para lidar com os mesmos**. De qualquer modo, a organização do produto, mesmo que parta da iniciativa destes últimos, deve contemplar sempre o envolvimento dos detentores ou de entidades que os representam diretamente, onde eles participam ou detêm um papel significativo. Os Municípios em que se encontram inseridas estas comunidades podem também assumir um papel de parceiro na iniciativa de promoção e organização dos produtos, ou mesmo assumir-se como seus promotores, embora esta seja uma solução menos conveniente, considerando que não é sua vocação a promoção de atividades económicas de mercado (neste caso, no mercado turístico).

Dentro da montagem do produto turístico podem considerar-se diversas componentes que adquirem, cada uma delas, prerrogativas específicas na montagem do produto. Apresentam-se, de seguida, algumas opções alternativas de abordagem:

Alojamento: é possível equacionar alternativas de alojamento, seja recorrendo a estruturas de alojamento turístico de tipologias que se inserem mais nos contextos territoriais e de comunidades (TER, alojamento local) ou propondo, em alternativa, soluções de alojamento viabilizadas por elementos das comunidades piscatórias, utilizando casas disponíveis nestas aldeias (privilegiando o recursos às tipologias de habitação tradicionais – as casas palafitas); além disso, é possível equacionar ainda a hipótese de combinar a experiência de uma ida à pesca com a pernoita de uma noite no rio, numa bateira avieira, tal como ocorria tradicionalmente.

Refeições: as refeições podem ficar ao critério dos turistas, que confeccionam as suas próprias refeições ou acedem à restauração local, mas este tipo de experiências deve desejavelmente assegurar sempre que algumas refeições possam ser feitas com membros da comunidade piscatória, incluindo atividades da sua confeção ou apenas momentos de convívio com os protagonistas do PCI.

Atividades: a participação dos turistas nas atividades relacionadas com o PCI e nas vivências locais pode ser mais ou menos mediada. É aconselhável que essa mediação seja reduzida de forma a facilitar uma relação direta dos turistas com os detentores da manifestação cultural. considera-se, no entanto, que a intensidade da mediação deve corresponder à necessidade ou à solicitação do turista. O ajuste do nível de mediação pretendido deverá ser realizado na fase de reserva e de preparação da atividade, entre o promotor do produto turístico e o turista que decide a sua aquisição, garantindo, deste modo, que as questões de segurança e a confiança na qualidade da experiência estão suficientemente garantidas. Em casos específicos, pode ser necessário assegurar condições específicas de segurança para a participação em atividades (por exemplo na participação em atividades de pesca, na realização de atividades oficinais, etc.). Por último, salientar que o envolvimento e à participação de turistas em ações de restauro e de interpretação das tipologias construtivas tradicionais que caracterizam as aldeias avieiras (cais e casas palafitas), bem como das próprias embarcações tradicionais, inscritas no INPCI, as bateiras avieiras, exige igualmente que estejam assegurada condições específicas, nomeadamente em termos de *know-how*, assegurando que estas atividades de preservação do património são devidamente orientadas e acompanhadas, garantido as condições de segurança adequadas.

A organização do produto pressupõe **um trabalho aprofundado entre os promotores e os detentores do PCI e alguns elementos das comunidades**, salvaguardando um acolhimento aberto e confiante de parte a parte. Também é importante assegurar junto dos detentores e das comunidades que se dispõem a acolher o turista que a experiência turística que se pretende oferecer no mercado não coloca em causa a autenticidade e a integridade do bem e que reverte também a favor dos próprios protagonistas.

PROPOSTAS DE PROTÓTIPO

Como foi já anteriormente referido, pretende-se desenvolver neste Catálogo PCI uma abordagem à Cultura Avieira que extravase uma abordagem circunscrita às “Artes e Saberes de Construção e Uso da Bateira Avieira no rio Tejo”, manifestação que se encontra inscrita no INPCI, considerando, assim, uma multiplicidade de outros elementos (sociais, territoriais, ambientais) que caracterizam os modos de vida que tradicionalmente estão associados a estas comunidades piscatórias, localizadas junto ao Tejo e ao Sado.

Esta proposta de experiência turística-protótipo assume como pressuposto de partida a ideia de que esta será uma experiência profundamente marcada por uma certa frugalidade, criando, ainda assim, todas as condições necessárias para que o visitante possa ter um contacto aprofundado os ecossistemas que caracterizam este território e com as comunidades humanas que nele habitam.

Privilegia-se, assim, uma lógica mais imersiva de inserção do turista no contexto, potenciada por um contacto direto deste com os diferentes membros da comunidade, que se prolonga por vários dias. Idealmente, o alojamento dos turistas far-se-á nas próprias aldeias, utilizando casas que estiverem disponíveis para esse efeito, privilegiando as tipologias construtivas tradicionais, que estão associadas a este PCI – as casas palafitas.

No entanto, verificou-se que neste momento não existe qualquer tipo de oferta de alojamento turístico disponível nas aldeias avieiras, pelo que se deverão encontrar alternativas no território envolvente, nomeadamente aproveitando a existência de oferta de Alojamento Local e Turismo em Espaço Rural em áreas relativamente próximas (distância máxima 15km) de algumas destas aldeias. Idealmente,

deveria ser disponibilizado ao turista uma bicicleta elétrica que permitisse uma deslocação rápida e em modo suave entre o alojamento e as aldeias, beneficiando ainda dos percursos pedestre e cicláveis existentes junto às margens ribeirinhas.

Ao longo da sua estadia na aldeia avieira, cuja a duração é variável, mas nunca inferior a 4 dias, o turista terá oportunidade de participar em diversas atividades quotidianas de trabalho, de convívio e de sociabilidade. Embora o programa mais concreto de atividades deva ser discutido especificamente com cada turista ou grupo de turistas (dimensão reduzida, idealmente não exceder as 4 pessoas), é possível identificar, desde já, algumas atividades passíveis de realização:

- (i) sair ao rio Tejo para acompanhar os protagonistas locais na atividade pesca numa bateria avieira, momento que será antecipado por um conjunto de atividades preparatórias, orientadas por estes mesmos pescadores locais e utilizando as suas próprias bateiras;
- (ii) participar nas atividades de pesca, preparação dos peixes e sua confeção e, por fim, na degustação de pratos gastronómicos típicos destas comunidades de avieiros (pratos variáveis, de acordo com a época do ano e o tipo de espécies disponíveis), recorrendo quer a estabelecimentos de restauração locais (caso do restaurante *O Escaroupim*, localizado na aldeia de Escaroupim, concelho de Salvaterra de Magos), quer utilizando as próprias habitações de moradores destas aldeias avieiras;
- (iii) visitar a um estaleiro para, em diálogo com um artesão local, ficar a conhecer em detalhe as várias etapas de trabalho que estão associados à construção e reparação de bateiras avieiras;
- (iv) participar em atividades de natureza simbólica, artística ou festiva que estão associadas ao quotidiano destas aldeias, incluindo com rancho folclórico;
- (v) pernoitar uma noite numa bateira avieira, experiência multissensorial que pode ser enriquecida com a evocação de elementos que descrevam a dureza dos modos de vida que tradicionalmente estavam associadas a estas comunidades piscatórias e cuja presença na literatura neorrealista é notável (vejam-se, por exemplo, o romance *Avieiros*, de Alves Redol, de 1942);
- (vi) realizar percursos nas várias aldeias avieiras, onde será feita, com o auxílio de um mediador especializado, mas também eventualmente através de um contacto com alguns residentes locais, uma interpretação dos elementos mais particulares que caracterizam estas tipologias construtivas tradicionais (com destaque para os cais e as casas palafitas);
- (vii) visita guiada ao Museu “Escaroupim e o Rio”, sedado na aldeia de Escaroupim, no concelho de Salvaterra de Magos.

Pontual e complementarmente, e de acordo com o perfil e os interesses específicos de cada grupo de turistas, propõe-se que possam ser organizadas atividades de valorização de algumas aldeias avieiras mais desagradadas e/ou descaracterizadas, participando estes grupos de visitantes em *workshops* e ações de restauro e valorização de tipologias construtivas tradicionais, como os cais e as casas palafitas. Inserindo-se numa lógica de turismo voluntário, estas sessões de trabalho teriam sempre um caráter supletivo às restantes atividades prevista, ocupando apenas algumas horas, durante o período global da estadia. Além disso, a sua realização exigirá sempre um enquadramento conveniente, nomeadamente do ponto de vista técnico-científico. Esta constitui, contudo, uma hipótese muito interessante de, através da sua participação direta, envolver os próprios turistas no esforço de reabilitação do património associados à aldeias avieira, aumentando a sustentabilidade futura.

Em termos territoriais, a experiência-protótipo deverá realizar-se nas quatro aldeias avieiras que se localizam junto à bacia do rio Tejo: Porto da Balha (Azambuja); Palhota (Cartaxo); Escaroupim (Salvaterra de Magos); e Caneiras (Santarém). De entre estas quatro aldeias avieiras, aquela que

atualmente parece reunir as melhores condições para acolher o tipo de proposta de atividade turística anteriormente descritas – nomeadamente, em termos da presença de uma comunidade local com certo dinamismo, bem como de alguns equipamentos de apoio a esta atividade, incluindo restauração e interpretação – é Escaroupim. Tal não significa, contudo, que a proposta não inclua a visita e a interação com outras aldeias ribeirinhas e suas comunidades.

Em termos da operacionalização desta proposta de produto turístico, na sua fase protótipo, considera-se o Município de Salvaterra de Magos, em articulação com a Junta de freguesia de Escaroupim, podem assumir aqui um papel de liderança, apoiando no estabelecimento de contactos com os vários intervenientes locais que, em conjunto, poderão assegurar o acolhimento de turistas (alojamento) e a dinamização do conjunto de atividades acima indicadas.

Admite-se ainda que outros operadores turísticos privados – como a Ollem Turismo Fluvial (sedeada na Azambuja), a Rio A Dentro e a PROMARTUR (ambas sedeadas em Salvaterra de Magos), por exemplo – possam eventualmente participar na comercialização e operacionalização do produto, devendo assegurar-se sempre que o desenho das atividades é realizado em estreita ligação com as comunidades e protagonistas locais.

ESTIMATIVA DE PREÇO DO PRODUTO

Conforme anteriormente referido, o programa específico de atividades a realizar, no quadro desta experiência turística baseada no PCI da cultura avieira, deve ser previamente discutido e acordado com cada turista ou grupo de turistas (dimensão reduzida, idealmente não exceder as 4 pessoas), ajustando-o assim aos seus interesses particulares. Entendeu-se, no entanto, que seria benéfico realizar uma estimativa de preço para este produto, tendo para tal estabelecidos um conjunto de pressupostos em termos duração e do tipo de atividades a realizar, descritas no quadro síntese seguinte:

Cultura Avieira - Artes e Saberes de Construção e Uso da Bateira			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Atividades			
1.1 Visita ao Museu "Escarpupim e o Rio"	4	0,0	0
1.2 Passeio de barco no Tejo acompanhado por pescadores (noturno)	4	10,0	40
1.3 Pescaria com posterior preparação e degustação do pescado	4	25,0	100
1.4 Acompanhamento do trabalho de manutenção das embarcações e das artes da pesca	4	5,0	20
1.5 Passeios de bicicleta à beira Tejo entre Aldeias Avieiras	4	5,0	20
1.6 Participação em ensaio do rancho folclórico	4	5,0	20
Sub total			200
2. Alojamento em quarto duplo c/ pequeno almoço	16	35,0	560
Sub total			560
3. Refeições - almoços e jantares (não inclui a degustação da pescaria)	28	15,0	420
Sub total			420
4. Aluguer de bicicletas (elétricas) - 4 dias de aluguer	4	160	640
Sub total			640
5. Mediador conhecedor e preparado unidade_dia	4	40	160
Sub total			160
Total (grupo de 4 pessoas)	(valor por pessoa quarto individual 495€)		1980
	(valor por pessoa quarto duplo 405 €)		1820

3.2.4.3. FESTAS DO POVO DE CAMPO MAIOR

ELEMENTOS BÁSICOS DE CARACTERIZAÇÃO DO PCI

As “**Festas de Campo Maior**” inscrevem-se na categoria de PCI de ‘Práticas sociais, rituais e eventos festivos’ e apresentam-se já inscritas no INPCI, encontrando-se em curso o processo de candidatura à Lista Representativa da UNESCO, após a sua apresentação junto da Comissão Nacional da UNESCO.

As Festas do Povo constituem uma manifestação popular de ampla participação da comunidade de Campo Maior, que reúne um conjunto de atributos únicos, em si e na sua conjugação: a soberania da decisão pela população da sua realização, porque as festas “acontecem quando o povo quer”; uma organização muito complexa baseada na simplicidade de a partir de cada rua, unidade socio-espacial, se conceber, organizar e preparar a festa, sendo que a sua concretização depende da adesão de um número mínimo de ruas; a preparação da festa pressupõe um tempo longo de serões de trabalho por núcleos de rua, em que as mulheres assumem uma posição preponderante na organização, no desenho e na manufatura dos elementos florais de decoração; e, finalmente, à transfiguração completa da imagem e da ambiência da vila, da noite para o dia, conseguida através de uma total decoração das ruas do centro histórico e de algumas áreas adjacentes com milhões de flores de papel com formas, cores e combinações muito diversas, criando um espaço cénico que arquiteta e edifica uma rua dentro da rua e que projeta a cidade ideal, colorida, em festa, de portas abertas, convivial e sem distinções sociais.

A comunidade de Campo Maior participa de corpo inteiro na programação, organização, produção e celebração das festas, envolvendo, em particular, os habitantes das ruas que integram o núcleo urbano histórico e áreas urbanas adjacentes, mas também aqueles que não habitando esses espaços a ele estão ligados por laços familiares e afetivos e que são chamados a participar.

Associado às Festas do Povo, a comunidade canta e baila “as saias”, desde os momentos da sua preparação ao longo do ano até aos dias de festa. Esta forma de expressão, musical e coreográfica, permanece viva na tradição festiva desta comunidade e é um dos seus traços mais emblemáticos. A origem documentada da tradição de cantar e bailar as saias situa-se no séc. XVIII, com acompanhamento rítmico de instrumentos de percussão, adufes, tambores e pandeiros, instrumentos progressivamente substituídos pelas pandeiretas e castanholas desde início do séc. XX.

Os momentos principais das saias são o baile em que a dança vai seguindo o ritmo da cantiga, alternando dança de roda e dança com par. Quando o baile acaba, o rancho de cantores, tocadores e bailadores sai em arruada a percorrer as ruas da vila com o acompanhamento sonoro das percussões.

Os anos sem Festa são preenchidos, por iniciativa da Associação das Festas do Povo e a Câmara Municipal, com a realização de uma pequena réplica das suas típicas Festas no Jardim Municipal, que tem como objetivo manter e mostrar o espírito da Festa a quem visita a vila.

Na organização das Festas do Povo o ‘Povo’ é representado por: “Cabeças de Rua” – membros eleitos, em cada rua, como representante da rua, encarregue pela inscrição da sua rua nas Festas; Associação das Festas do Povo de Campo Maior, entidade que patrocina e impulsiona as Festas, que fornece materiais e é também responsável por manifestações associadas aos jardins de papel, nos anos sem Festa; as “Comissões de Rua”, organizadas por arruamento, cada qual composta pelos seus habitantes, os “festeiros”, que são coordenadas pelos “Cabeças de Rua”,

maioritariamente mulheres, responsáveis pela conceção e concretização do projeto de enramação da respetiva rua.

Entre as atividades que as “Comissões de Rua” asseguram sob a liderança dos respetivos “Cabeças de Rua” contam-se: a definição de quem vai participar na decoração da rua, entre os residentes (e não residentes) que manifestaram a sua disponibilidade; a elaboração do projeto para a decoração da rua, incluindo conceção dos elementos que integram a decoração e do tema cromático; o acerto de questões logísticas, quanto às características e quantidades de materiais necessários, ao local para realização dos trabalhos e ao armazenamento dos materiais; a responsabilidade pela arte de construir todos os elementos decorativos, flores, folhagens e demais elementos decorativos em papel, bem como, a construção das armações que se destinam a suportar todos estes elementos decorativos, que se desenrolam ao longo de vários meses de trabalho (à volta de nove), normalmente à noite.

A Câmara Municipal de Campo Maior tem em curso a criação da Casa das Flores, projeto museológico que estará sedado no centro histórico da vila e que permitirá manter presente, ao longo dos períodos longos de interregno das Festas, a sua imagem e ambiência, assim como contar a sua história no contexto da história da comunidade.

EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

As experiências turísticas a organizar com base neste PCI sofrem do seu carácter cíclico, não permitindo o mesmo tipo de abordagem em períodos em que se estão a preparar ou realizar as Festas e em períodos de interregno, em que apenas se disponibilizam na vila informações e interpretações, em formato de réplicas ou de representações. Os níveis de intensidade e de imersão da experiência virão a ser porventura bastante distintos, mesmo no que se refere à relação com a comunidade local, admitindo que, em certos períodos, se manifesta um espírito de algum afastamento e de fadiga (imediatamente após a respetiva realização).

Poderemos então distinguir a tipologia de experiências a oferecer entre os dois períodos: (i) o período da preparação e realização das ‘Festas do Povo’; (ii) o período entre o final da festa e a decisão de realização da próxima festa, sendo que este ciclo não tem um calendário pré-definido, sendo nesta medida imprevisível. Os protagonistas multiplicam-se no primeiro caso, porque dispomos de “Comissões de Rua” e de “Cabeças de Rua”, enquanto no segundo período, apesar do contacto direto com a comunidade se manter possível, as atividades possíveis serão intermediadas seja pela Associação das Festas do Povo, seja por outras entidades, particularmente a Câmara Municipal de Campo Maior.

Relativamente ao período de preparação e realização das ‘Festas do Povo’, entende-se que o campo de experiências turísticas pode alargar-se dentro dos seguintes domínios:

Artes, expressões culturais e práticas festivas associadas às 'Festas do Povo'	"Cabeças de rua" e "Comunidades de rua"	<p>Interação direta com os protagonistas durante as horas de trabalho coletivo na manufatura das decorações florais</p> <p>Experienciar e aprender técnicas de construção de flores e de conceção e de armação das estruturas de decoração das ruas em locais destinados pelas "comunidades de rua" para estas atividades</p> <p>Experienciar e aprender a cantar e bailar "as saias" com os próprios detentores dessas expressões musicais e coreográficas</p> <p>Participar como "festeiro"/ elemento da comunidade na montagem das decorações das ruas na noite prévia ao primeiro dia das 'Festas do Povo' e no convívio que se prolonga entre a comunidade</p> <p>Aprofundar o conhecimento das diversas dimensões deste PCI através da visita a estruturas interpretativas, da interação com mediadores e detentores (comunidade, ex. "cabeças de rua", etc.), nomeadamente em contexto de arquivo documentais disponíveis</p> <p>Experienciar e aprender a cantar e a dançar "as saias"</p> <p>Participar, de forma relativamente prolongada, num projeto de rua virtual, por iniciativa da futura Casa das Festas, inserido uma "comunidade de rua" ou mesmo experienciando a função de "cabeça de rua"</p>
Cultura e vivência da comunidade campomaiorense	Comunidade de Campo Maior Associação das Festas do Povo	<p>Viver um período curto (alguns dias ou semanas) no seio de da comunidade campomaiorense ao longo dos meses de preparação das 'Festas do Povo'</p> <p>Interação quotidiana com a comunidade campomaiorense, as suas vivências ao longo do período de preparação as 'Festas do Povo'</p> <p>Apreender e experienciar a gastronomia associada à comunidade campomaiorense e ao convívio das 'Festas do Povo'</p> <p>Interagir com a comunidade campomaiorense em contextos de espaços coletivos de convívio e de sociabilidade</p>

Já no que se refere a períodos fora do âmbito concreta da preparação e realização das 'Festas do Povo', as experiências turísticas podem assumir diferente carácter, menos imersivo ao nível da participação e contacto com os detentores, designadamente:

**Artes, expressões
culturais e práticas
festivas associadas às
'Festas do Povo'**

**Associação das
Festas do Povo**

**Câmara Municipal
de Campo Maior**

Experienciar e aprender técnicas de construção de flores e de conceção e de armação das estruturas de decoração das ruas em contexto oficial e com membros da comunidade que tenham participado em "comunidades de rua" ou mesmo que tenham cumprido a função de "cabeças de rua"

Experienciar e aprender a cantar e bailar "as saias" com membros da comunidade que detenham estas formas de expressão artística e as saibam transmitir a terceiros, em contextos de salas de ensaio

Compreender as diversas dimensões deste PCI através da visita a estruturas interpretativas e a interação com mediadores

Experienciar e aprender a cantar e a dançar "as saias"

Participar, de forma relativamente prolongada, num projeto de rua virtual, por iniciativa da futura Casa das Festas, inserido uma "comunidade de rua" ou mesmo experienciando a função de "cabeça de rua"

Participar como executante na conceção, manufatura e montagem do Jardim das Flores que o Município promove anualmente, em anos em que não se realizam as 'Festas do Povo'

**Cultura e vivência da
comunidade
campomaiorense**

**Comunidade de
Campo Maior
Associação das
Festas do Povo**

Viver um período curto (alguns dias ou semanas) no seio de da comunidade campomaiorense

Interação quotidiana com a comunidade campomaiorense, as suas vivências e a memória e herança das 'Festas do Povo'

Apreender e experienciar a gastronomia associada à comunidade campomaiorense e ao convívio das 'Festas do Povo'

Interagir com a comunidade campomaiorense em contextos de espaços coletivos de convívio e de sociabilidade

ORGANIZAÇÃO DE PRODUTO

O tipo de experiência turística que se inscreve nesta tipologia exige uma **organização bastante mais complexa** e que envolva necessariamente os detentores e protagonistas do respetivo PCI. Para além de questões de transporte, alojamento e de refeições, este tipo de produto turístico com um nível de imersão bastante profundo, procura oferecer oportunidades de interação do turista com as comunidades de acolhimento, de experiência ou aprendizagem de saberes-fazer, de desenvolvimento de *soft skills* que não se encontram apenas diretamente relacionadas com esses saberes-fazer e com as manifestações culturais em causa, mas também com as vivências quotidianas e todo o contexto cultural e ambiental / territorial em que elas se inscrevem.

No caso das 'Festas do Povo' de Campo Maior **a iniciativa de organização de produtos turísticos de experiências baseados no PCI pode nascer da parte da Associação de Festas ou do Município de Campo Maior (especialmente através do Centro Interpretativo das Festas do Povo de Campo Maior, cuja abertura deverá ocorrer em breve) mas também de empresas de animação turística que sozinhas, ou em parceria com uma destas entidades, se decidam aproveitar esta oportunidade.** No caso da oferta de experiências turísticas durante o período de

preparação e de realização das ‘Festas do Povo’ o envolvimento dos membros da comunidade é desejável, mas também mais facilitado na medida em que as dinâmicas estão presentes. Contudo, a necessidade de preservar alguma reserva relativamente aos motivos florais em que os elementos de uma determinada rua estão trabalhar poderá suscitar algumas reservas e até “resistências” quanto à disponibilidade de acolher elementos estranhos ao grupo, como são neste caso os turistas. Por outro lado, o carácter cíclico desta manifestação de PCI pode retirar algum interesse a um tipo de envolvimento mais empresarial na organização de produto, uma vez que não mantém sempre o mesmo tipo de oferta de mercado, deixando espaço mais aberto às restantes entidades.

Dependendo da natureza da entidade promotora do produto turístico, a sua organização pode ou não incluir as diversas componentes, de transporte, de alojamento e refeições e de atividades propriamente ditas.

Em termos de alojamento, poderão encontrar-se no concelho algumas hipóteses de alojamento turístico, em diferentes tipologias, que incluem duas hospedarias e um hotel que estão localizados no centro da vila, complementados por dois parques de campismo e duas unidades de Agro-Turismo/ Turismo em Espaço Rural que, embora localizados fora da sede de concelho, estão ainda assim a uma distância próxima (inferior a 8km). Futuramente, poderá ainda equacionar-se a hipótese de promover junto da comunidade campomaiorense a organização de serviços de alojamento a turistas durante o período das ‘Festas do Povo’, conferindo uma espaço familiar, social e cultural de abertura que torne a experiência turística de significativa imersão e uma oportunidade de aprendizagem e de intercâmbio cultural, quer para o turista, quer para a família campomaiorense que o acolhe.

Por outro lado, é ainda importante referir que a participação dos turistas nas atividades relacionadas com o PCI e nas vivências locais pode ser mais ou menos mediada. Em geral, é aconselhável que essa mediação seja reduzida de forma a facilitar uma relação direta dos turistas com os detentores da manifestação cultural. No entanto, a intensidade da mediação deve corresponder à necessidade ou à solicitação do turista. O ajuste do nível de mediação deverá ser realizado na fase de reserva e de preparação da atividade, entre o promotor do produto turístico e o turista que decide a sua aquisição, garantindo deste modo que as questões de segurança e a confiança na qualidade da experiência estão suficientemente garantidas.

A organização do produto pressupõe **um trabalho aprofundado entre os promotores e os detentores do PCI e a comunidade campomaiorense**, sobretudo no caso em que o promotor tenha um carácter privado, salvaguardando um acolhimento aberto e confiante de parte a parte. Também é importante assegurar, junto dos detentores que se dispõem a acolher o turista, que a experiência turística que se oferece no mercado não coloca em causa a autenticidade e a integridade do bem e que reverte também a favor dos próprios protagonistas.

PROPOSTAS DE PROTÓTIPO

As propostas de configuração de protótipos de experiências de contacto com esta manifestação que envolve efetivamente o conjunto da comunidade de Campo Maior deverão considerar a circunstância de o ano ser, ou não, de Festa.

Nota: deveria encontrar-se um nome diferenciador que identifique o ano em que há Festas, como acontece com o *Xacobeo*, por exemplo, que é o ano especialmente celebrativo em que o dia de Santiago calha a um domingo.

Os temas que a seguir se apresentam podem ser propostos e realizados de forma autónoma ou em articulação, dependendo do interesse e disponibilidade de tempo de que o turista disponha para o programa:

Tema 1: O Povo é quem mais ordena dentro de ti ó cidade

Descobrir uma comunidade que se mobiliza para erguer as suas Festas e conhecer as estratégias e mecanismos organizativos de uma cogestão que mobiliza centenas de pessoas e produz toneladas de decorações em papel, acolhendo um milhão de forasteiros. Esta experiência de contacto com a estrutura organizativa das Festas do Povo de Campo Maior, cuja eficiência é comprovada por se manter inalterada na organização de uma manifestação mais que centenária e que é hoje já objeto de estudos académicos nas áreas da gestão. Acompanhar a interação que se estabelece entre as “Comissões de Rua”, que elegem os seus “Cabeças de Rua”, e a Associação das Festas do Povo e ainda os serviços do Município, que fornecem materiais e serviços de apoio.

Em ano de Festas esta interação pode ser direta e acompanhar a sua preparação, apoiada na intermediação de um membro da comunidade que tenha tido experiência de cabeça de rua e introduza o visitante na organização que é habitualmente reservada por motivos de algum secretismo até ao erguer da Festa. O programa inclui alojamento e participação, durante o período da noite, na preparação/ concretização das Festas. A duração prevista para o programa é de 7 dias.

Em ano em que não há Festas a experiência de contacto do turista com os meandros desta complexa organização, será feita por via da participação em programas e atividades de *team building*, em que os turistas participantes (grupos de 6 a 8 pessoas) serão confrontados com os desafios que exigem tomadas de decisões acertadas para uma boa organização das Festas: a decisão de ser ou não ano de Festas; escolha do cabeça de rua; discussão e escolha do tema decorativo da rua; seleção, cálculo e encomenda dos materiais à associação das Festas para a execução das decorações; seleção do local para a feitura das flores de papel e outros elementos decorativos e para o seu armazenamento; a comunicação e divulgação das Festas. O programa inclui alojamento no centro urbano. A duração prevista para o programa é de um fim-de-semana.

Tema 2: A Festa das Flores (assim se chamavam antes das Festas do Povo)

Experiência de contacto com as artes e as técnicas de fazer flores de papel e, sobretudo, com os/as artistas. Sendo este trabalho maioritariamente feminino, há componentes que são, contudo, sobretudo asseguradas por homens.


Este programa permitirá, assim, ao turista participar numa sessão de trabalho e convívio com a comunidade local em que se vão experienciar as várias fases da confeção das flores de papel: desenhar, cortar e montar as flores em papel de seda. O corolário deste trabalho coletivo, envolvendo turistas e comunidade, é fazer a enramação, decorando a estrutura de um arco de festa. O programa inclui alojamento no centro urbano. A duração prevista para o programa é de 7 dias (para os anos das Festas) e um fim-de-semana nos outros anos.


As saias


Património coreográfico do Alto Alentejo, as Saias já se dançam e cantam apenas nas Festas do Povo de Campo Maior.

Neste programa, propõe-se que o turista possa aprender a cantar e a bailar as Saias que se cantam nos serões de trabalho, e que se dançam nas Festas do Povo em bailes de danças de roda durante todo o dia ou já de noite, depois da saída dos visitantes, ou que os vários grupos percorrem as ruas engalanadas a cantar de improviso e a tocar. O programa inclui alojamento no concelho. A duração prevista para o programa é de 7 dias (para os anos das Festas) e um fim de semana nos outros anos.

ESTIMATIVA DE PREÇO DO PRODUTO

Festas do Povo de Campo Maior 			
Tema 1: O Povo é quem mais ordena dentro de ti ó cidade (em ano de Festas)			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Atividades			
1.1 Participação nas atividades das Festas c/ mediador local	7	10,0	70
Sub total			70
2. Alojamento			
2.1 Quarto duplo c/ pequeno almoço	7	150	1050
Sub total			1050
3. Refeições			
3.1 Almoços e jantares	14	15	210
Sub total			210
Total (participação individual)			1330
Tema 1: O Povo é quem mais ordena dentro de ti ó cidade (em ano sem Festas)			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Atividades			
1.1 Atividades de team building c/ 2/3 formadores locais	12	25,0	300
Sub total			300
2. Alojamento			
2.1 Quarto duplo c/ pequeno almoço	12	70	840
Sub total			840
3. Refeições			
3.1 Almoços e jantares	24	15	360
Sub total			360
Total (grupo 6 pessoas)		(valor por pessoa quarto individual 250€)	1500
		(valor por pessoa quarto duplo 190€)	1140

Festas do Povo de Campo Maior 			
Tema 2: A Festa das Flores (em ano de Festas)			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Atividades			
1.1 Participação nas atividades das Festas c/ mediador local	7	10,0	70
Sub total			70
2. Alojamento			
2.1 Quarto duplo c/ pequeno almoço	7	150	1050
Sub total			1050
3. Refeições			
3.1 Almoços e jantares	14	15	210
Sub total			210
Total (participação individual)		(valor por pessoa quarto individual)	1330
Tema 2: A Festa das Flores (em ano sem Festas)			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Atividades			
1.1 Workshops de confeção das flores de papel e enramação c/ 2/3 formadores	12	25,0	300
Sub total			300
2. Alojamento			
2.1 Quarto duplo c/ pequeno almoço	12	70	840
Sub total			840
3. Refeições			
3.1 Almoços e jantares	24	15	360
Sub total			360
Total (grupo 6 pessoas)		(valor por pessoa quarto individual 250€)	1500
		(valor por pessoa quarto duplo 190€)	1140

Festas do Povo de Campo Maior 				
Assalas (em ano de Festas)				
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total	
1. Atividades				
1.1 Participação nas atividades das Festas e aprendizagem das Saias c/ formadores	7	35,0		245
Sub total				245
2. Alojamento				
2.1 Quarto duplo c/ pequeno almoço	7	150		1050
Sub total				1050
3. Refeições				
3.1 Almoços e jantares	14	15		210
Sub total				210
Total (participação individual)			(valor por pessoa quarto individual)	1505
Assalas (em ano sem Festas)				
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total	
1. Atividades				
1.1 Workshops de aprendizagem das Saias c/ 3 formadores	12	35,0		420
Sub total				420
2. Alojamento				
2.1 Quarto duplo c/ pequeno almoço	12	70		840
Sub total				840
3. Refeições				
3.1 Almoços e jantares	24	15		360
Sub total				360
Total (grupo 6 pessoas)			(valor por pessoa quarto individual 2704)	1620
			(valor por pessoa quarto duplo 2104)	1260

3.2.4.4. PRODUÇÃO DE FIGURADO EM BARRO DE ESTREMOZ

ELEMENTOS BÁSICOS DE CARACTERIZAÇÃO DO PCI

A “Produção de Figurado em Barro de Estremoz” é uma prática tradicional de carácter marcadamente artesanal, emblemática da comunidade e do centro de produção que lhe conferem a designação, cujos protagonistas assumem o nome de Barristas de Estremoz, que em 2015 foi inscrita no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial e em 2017 foi inscrito na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO.

Esta produção artesanal caracteriza-se pela manufatura de peças de barro de carácter eminentemente religioso, simbólico, lúdico ou decorativo, vivamente policromáticas e é predominantemente transmitida em contexto familiar e oficial. Trata-se de uma prática cultural que hoje mantém os processos tradicionais de modelação do barro e as diversas tipologias de figurado, sucessivamente desenvolvidas e incorporadas na tradição artesanal local.

Após vários períodos de maior ou menor florescimento, a produção do Figurado em Barro de Estremoz, hoje caracteriza-se pela definição formal dos tipos de Figurado, identificativos da tradição local, mas também pela reinterpretação de anteriores tipos de Figurado ou pela introdução de novos modelos inspirados em tradições externas ao centro de produção de Estremoz. Tem-se acentuado, por outro lado, o papel desempenhado por várias entidades na viabilidade e valorização da tradição, a nível local, regional, nacional ou mesmo internacional.

Atualmente, existem no Município de Estremoz nove Barristas em atividade, dos quais apenas cinco têm oficinas na cidade de Estremoz. Todos os artesãos identificados trabalham em oficinas autónomas ou junto às suas habitações, sendo que apenas dois Barristas têm “porta aberta”, o que inclui uma zona expositiva anexa às bancadas de trabalho. Os artesãos trabalham todo o ano e respondem fundamentalmente às encomendas que recebem. As condições climáticas (temperatura e humidade) influenciam o tempo de execução de cada peça de Figurado.

O Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho tem uma exposição com uma área dedicada ao tema do Figurado de Estremoz (ocupa toda a área do rés-do-chão do museu). Para além da realização de visitas guiadas (por marcação no turismo e pagas), o museu proporciona atividades educativas, designadamente focadas no Figurado de Estremoz para o público escolar e público sénior (história, modelação e pintura de um Boneco de Estremoz – atividade que permite que os participantes conheçam não só a história dos Bonecos de barro de Estremoz, mas também tenham a oportunidade de aprender e experimentar a sua técnica de modelação e pintura). O Município pretende atualmente instalar no Palácio dos Marqueses da Praia e Monforte um Centro interpretativo dos Bonecos de Estremoz em 2019, que permita alargar o âmbito das atividades de interpretação e de participação e relacionamento dos visitantes com a arte do figurado em barro e com os seus protagonistas.

EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

As experiências turísticas baseadas na “Produção de Figurado em Barro de Estremoz” pressupõem uma mobilização dos seus detentores, para além de entidades de mediação que, mais recentemente, têm ganho importância local no quadro das políticas e ações de salvaguarda deste saber tradicional, reconhecido de valor cultural universal. Esta preferência não deixa de apresentar claras limitações em termos quer de escala, quer de ameaças para a própria integridade do saber-fazer e dos

contextos específicos e tradicionais da sua execução (oficinas de produção). Conforme foi referido, o decréscimo da atividade de barrista em Estremoz é muito significativo e aqueles que mantêm a sua atividade encontram-se hoje esmagados por uma procura crescente de peças no mercado, nomeadamente em consequência da maior visibilidade e notoriedade que os produtos do figurado em barro de Estremoz ganharam após a inscrição deste saber-fazer tradicional na Lista Representativa da UNESCO.

Dentro deste quadro de compromissos, é possível enunciar algumas características tipológicas de experiência turística no caso da produção barrista de Estremoz:

Saber-fazer tradicional de produção de figurado em barro de Estremoz	“Barristas” /detentores	<p>Experienciar e aprender a técnica tradicional – da extração do barro à modelação e pintura das figuras tradicionais, passando pela produção das tintas a partir da manipulação das têmperas (pigmentos ou tintos naturais) – e compreender as dimensões simbólicas da produção de figurado em barro de Estremoz em contexto oficial e diretamente com “barristas”</p> <p>Compreender o ambiente de trabalho em oficina e as vivências dos “barristas” que se dedicam a esta atividade, mobilizando a sua criatividade e combinando-as com a herança do passado associada ao simbolismo das figuras tradicionais</p> <p>Observar as estruturas de divisão de trabalho no interior da oficina, apreendendo os diferentes papéis desempenhados por mestres e aprendizes, por modeladores e pintores</p> <p>Aprofundar o conhecimento das diversas dimensões deste PCI através da visita a estruturas interpretativas, da eventual interação com mediadores e detentores</p> <p>Aprender a técnica e compreender as dimensões simbólicas da produção de figurado em barro de Estremoz em contexto de <i>atelier</i> artístico, destinado à realização de programas para públicos diversos, e assistido por detentores fora do seu contexto tradicional de trabalho (note-se que o processo de produção de um boneco em barro pode estender-se ao longo de mais de uma semana)</p>
Cultura e vivência da comunidade	Museu Municipal de Estremoz ou futuro Centro Interpretativo dos Bonecos de Estremoz	<p>Conviver com algumas das famílias tradicionais de “barristas” de Estremoz em contexto informal</p> <p>Vivenciar dentro do espaço da cidade as referências históricas e culturais associadas aos “barristas” e ao figurado de Estremoz</p>

ORGANIZAÇÃO DE PRODUTO

O tipo de experiência turística que se inscreve nesta tipologia exige uma **organização bastante mais complexa** e que envolva necessariamente os detentores e protagonistas do respetivo PCI. Para além de questões de transporte, alojamento e de refeições, este tipo de produto turístico com um nível de imersão bastante profundo, procura oferecer oportunidades de interação do turista com as comunidades de acolhimento, de experiência ou aprendizagem de saberes-fazer, de desenvolvimento de *soft skills* que não se encontram apenas diretamente relacionadas com esses saberes-fazer e com as manifestações culturais em causa, mas também com as vivências quotidianas e todo o contexto cultural e ambiental / territorial em que elas se inscrevem.

No caso da “Produção de Figurado em Barro de Estremoz”, **a organização de experiências turísticas com intensidades de imersão mais acentuadas e com especial enfoque na interação entre o turista e os detentores / barristas, deve assegurar condições de equilíbrio entre a preservação da própria atividade artesanal e a prestação de um novo tipo de serviço, de natureza turística.** Note-se, contudo, que o exíguo número de “barristas” no ativo pode vir a inviabilizar a organização de produto em contexto específico de oficina, justificando, por isso, que seja equacionada a hipótese de uma eventual recriação deste de ambiente similar em *atelier*, a implementar no contexto de uma nova estrutura (ou de uma estrutura já existente de iniciativa pública) onde seja possível, mobilizando algum tempo dos detentores deste saber-fazer, dar a oportunidade ao turista de um contacto mais direto, mais profundo e até mesmo mais intimista com o PCI nas suas diversas dimensões.

Para além desta solução organizativa que, em alternativa, responde à dificuldade de criar condições de acesso mais participado do turismo nas oficinas atuais dos Barristas de Estremoz, o Museu Municipal (ou o futuro centro interpretativo, também de iniciativa municipal) ou alguma empresa de animação turística que venha a apostar nesta oportunidade, poderá organizar condições para que o turista além da experiência em *atelier*, possa contactar com vivências ainda presentes na cidade que traduzem o contexto, o ambiente e o simbolismo que a produção e figurado de barro assumiu ao longo dos tempos. Neste caso, poder-se-ão organizar visitas e contextos com famílias de “barristas” e com “barristas” no ativo ou que já não trabalham, ouvi-los e compreender os seus saberes, transmitidos por via familiar e oficial, perceber o carácter simbólico deste figurado, relacioná-lo com a identidade cultural de Estremoz e das suas comunidades locais.

No caso de uma organização centrada no Município de Estremoz, que pode envolver, de forma mais ou menos ativa, alguns detentores do PCI, a organização da experiência pode concentrar-se na atividade (isto é, na experiência turística propriamente dita).

Atividades: a participação dos turistas nas atividades relacionadas com o PCI pode ser, mais ou menos, mediada. É aconselhável que essa mediação seja reduzida de forma a facilitar uma relação direta dos turistas com os detentores da manifestação cultural, no entanto, a intensidade da mediação deve corresponder à necessidade ou à solicitação do turista. O ajuste do nível de mediação deverá ser realizado na fase de reserva e de preparação da atividade, entre o promotor do produto turístico e o turista que decide a sua aquisição, garantindo deste modo que as questões de segurança e a confiança na qualidade da experiência estão suficientemente garantidas.

No caso da organização de uma experiência ligada a este PCI ser promovida por iniciativa de uma empresa de animação turística (ou similar) é possível pensar num produto turístico integrado, que inclua também o alojamento.

Produto integrado de Alojamento + Atividade: organização de produto que inclui, por um lado, alojamento na cidade ou no concelho de Estremoz, compatível com maior oportunidade de convivência com as dinâmicas socioculturais de base local e mais próximas dos centros tradicionais de produção barrista e que, por outro lado, contempla as atividades de aprendizagem e de experiência de produção de uma peça de barro, seja em contexto de *atelier* (de iniciativa mediada pelo município), seja em contexto oficial, se para tal for encontrada capacidade de parceria com algum(s) barrista(s) disponível e com condições de colaborar na organização destas experiências.

Neste caso, a organização do produto / experiência pressupõe um trabalho bem articulado entre os promotores, que organizam e colocam o produto no mercado – admitindo-se que possa ser também eles próprios detentores do PCI – e os detentores do PCI e/ou mediadores culturais, que se disponibilizam a receber o turista e o acompanhar para uma experiência imersiva na cultura local e nas dimensões mais autênticas e particulares deste PCI.

PROPOSTAS PRELIMINARES DE PROTÓTIPO

Esta proposta (preliminar) de experiência turística-protótipo em torno do Figurado de Estremoz pretende oferecer uma experiência diferenciadora de imersão numa das mais singulares manifestações culturais imateriais do Alentejo e do país, que possibilitará aos participantes terem contacto, simultaneamente, com as dimensões técnicas, estéticas e simbólicas que estão associadas a este PCI.

Orientado para um segmento de público particularmente interessado em conhecer e, sobretudo, em *experimental*, propõe-se um produto que terá uma duração mínima de 4-5 dias, podendo ser estendido, caso haja interesse nisso. Ao longo deste período, os participantes (idealmente 1 a 2 pessoas, no máximo), que serão acompanhados por um promotor que, simultaneamente, será também monitor e mediador da sua relação com a comunidade local, terão oportunidade de conhecer, em profundidade, o Figurado de Estremoz, na sua dimensão técnica, estética e simbólica, visitando os espaços oficiais de diferentes barristas do concelho, com os quais poderão interagir demoradamente, para além de ser-lhes facilitado um contacto privilegiado com o Museu Municipal, com uma visita guiada especial. Paralelamente, o participante terá oportunidade de, em estreito diálogo com o seu monitor, conceber um projeto, inspirado na técnica e estética do Figurado, sendo apoiado na sua realização técnica. Haverá ainda a possibilidade de visitar outros locais que estão associados a este saber-fazer (como os barreiros, por exemplo) e/ou de participar no processo de produção das tintas a partir da manipulação das têmperas (pigmentos ou tintos naturais).


Uma vez que o programa de atividades concretamente a desenvolver deve estar estreitamente relacionado com os interesses específicos de cada participante, bem como com a duração da sua estadia no concelho de Estremoz, propõe-se que este seja objeto de um diálogo e de “negociação” inicial, sendo importante assegurar uma grande margem de flexibilidade. Além disso, e novamente em função do perfil de cada turista, admite-se que o monitor e promotor do projeto possa assumir um papel mais ou menos interventivo, seja no processo de discussão e acompanhamento técnico do projeto a desenvolver, seja no acompanhamento do turista pelas diferentes oficinas e outros espaços do concelho.

Em termos da sua operacionalização desta proposta de produto turístico, na sua fase protótipo, considera-se existem hoje já alguns agentes locais que poderão vir a assumir o papel de promotores do projeto. Embora, como foi referido, o tecido de Barristas seja hoje relativamente escasso (cerca de 9) e esteja confrontado com algumas dificuldades em dar resposta ao número crescente de encomendas de peças de Figurado de Estremoz, a verdade é que existem alguns jovens artesão no concelho (caso de José Carlos Rodrigues e de Carlos Fonseca, sendo este último sobrinho e colaborador das conhecidas barristas Irmãs Flores, com estabelecimento de “porta aberta” no centro de Estremoz) que poderão estar em condições de assumir o projeto, enquanto promotores e monitores, dispondo do *know-how* técnico, mas também do “conhecimento tácito” que é fundamental ao sucesso deste produto turístico (nomeadamente ao nível da inter-relações que se pretendem estabelecer com os vários artesãos do concelho).

Simultaneamente, o Município de Estremoz, através do seu Museu Municipal (e, no futuro, do Centro Interpretativo), pode também desempenhar aqui um papel muito relevante, designadamente assumindo-se enquanto parceiro institucional do projeto e, se for necessário, dando até algum apoio na mediação e estabelecimento de contactos entre os turistas e os monitor/promotor do projeto.

Em termos de alojamento e refeições, não estão a ser equacionadas soluções específicas, mas entende-se que o concelho de Estremoz e os concelhos limítrofes dispõem, em conjunto, de uma oferta suficientemente robusta e diversificada, não sendo, pois, necessário estar previamente a equacionar soluções específicas a este nível.

ESTIMATIVA DO PREÇO DO PRODUTO

Produção de Figurado em Barro de Estremoz 			
Custos - Itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Atividades			
1.1 Workshops de Figurado de Estremoz (Influenciador, espaço e materiais)	4	25,0	100
1.2 Visitas acompanhadas a museu e lojas/ateliers (c/guia turístico)	4	25,0	100
Sub total			200
2. Alojamento			
2.1 Quarto duplo c/ pequeno almoço	10	100	1000
Sub total			1000
3. Refeições			
3.1 Almoços e jantares	20	25	500
Sub total			500
Total (grupo 2 pessoas)	(valor por pessoa quarto individual 1700€)		1700
	(valor por pessoa quarto duplo 600€)		1200

3.2.4.5. MANUFATURA DOS CHOCALHOS

ELEMENTOS BÁSICOS DE CARACTERIZAÇÃO DO PCI

A “Manufatura dos Chocalhos” encontra-se, desde 2014, inscrita na Lista de Património Cultural Imaterial da Humanidade a necessitar de Salvaguarda Urgente da UNESCO.

“O fabrico tradicional de chocalhos é uma atividade metalúrgica associada essencialmente à pastorícia. Consiste na produção de um idiofone em ferro forjado que é suspenso ao pescoço dos animais numa coleira. (...) Na pastorícia, o chocalho é usado para localizar, ler o ritmo e a atividade do animal.” Além disso, tradicionalmente, o chocalho constituía ainda “uma proteção mágico-religiosa do animal.” O chocalho ocidental, onde se integra o chocalho fabricado em Portugal, é fabricado com batente interno, que pode ser suspenso ou não. “Tradicionalmente, os chocalhos podem ser feitos em matéria vegetal ou mineral e o batente pode ser em madeira, osso, ferro, chifre ou material sintético (PVC).” Na Península Ibérica o fabrico de chocalhos é muito antigo, existindo vestígios destes artefactos que remontam aos celtiberos, datadas do séc. I a.C., assim como à Época Romana e à Alta Antiguidade. Tradicionalmente, existiam em Portugal duas tradições de fabricantes de chocalhos: “a do ferreiro que fabrica ocasionalmente chocalhos e a do chocalheiro, que se dedica em exclusivo ao fabrico deste objeto sonoro”.⁴

Os principais elementos do processo tradicional de fabrico de chocalhos, em ferro forjado, feito por um chocalheiro, são os seguintes. Começa-se por partir uma chapa que é acertada com a tesoura e depois batida a frio, na bigorna, com um martelo. Primeiro martela-se a chapa nas pontas que é, depois, encurvada na bigorna. Depois dobra-se a chapa ao meio, juntando a chapa em forma de copo. Após esta operação, martela a parte fechada da chapa, começa a dobrar as pontas, subindo-as. Serão estas pontas, repuxadas, que servirão para suportar a asa. Após esta fase, na parte de cima do chocalho, a chapa é perfurada ao centro, e aí é colocada uma argola da parte de dentro, cujas pontas são batidas no exterior. Esta argola designa-se por “céu”. É esta peça que sustenta o badalo. Após este processo, o chocalheiro numa mesa, designada por “mesa do embaraço”, “embarra” o chocalho. Esta operação consiste em envolver o chocalho em barro, colocando-se pequenas peças de latão, ou cobre, em torno da peça e por dentro desta. Tradicionalmente, o chocalheiro fazia esta operação sentado, contudo, atualmente os chocalheiros em Ereira (Tomar) e em Alcáçovas (Fábrica Pardalinho) executam este processo em pé. Colocado na forja, ou no forno, este fica cerca de uma hora ao calor, a 1200°. Quando é retirado do forno, a peça é rebolada, para que o latão possa percorrer toda a peça, soldando-a. Em seguida, é mergulhado em água e retirado do barro. O chocalheiro volta então para o banco, e na bigorna, com um martelo, afina o chocalho. A afinação consiste em fazer com que o som deste corresponda ao desejado pelo pastor, ou seja, a integração identitária do som na paisagem sonora local e /ou regional.

O chocalheiro até há pouco tempo não colocava o badalo no chocalho. Era ao pastor que competia o “embadalamento”. Atualmente, o chocalheiro vende o chocalho completo: com badalo, correia e fivela. E estes são vendidos nos locais de fabrico e em feiras. Os chocalhos são fabricados em diversas formas e tamanhos, podendo variar de um a 50 cm de comprimento. Uma tipologia diversa corresponde a designações diversas, quer entre chocalheiros, quer entre geografias. Mas a esta diversidade corresponde também uma unidade, quer de formas, quer de designações. O chocalho fabricado em Portugal pertence a uma família tipológica que ocupa uma geografia que vai de Portugal aos Pirenéus franceses. Esta unidade parece corresponder a uma unidade de paisagem associada à transumância. O pastoralismo é a grande atividade que absorve o fabrico de chocalhos.

⁴ In dossier de Inscrição da Manufatura dos Chocalhos na Lista de Património Cultural Imaterial da Humanidade a necessitar de Salvaguarda Urgente da UNESCO (2014), páginas 7-10.

Mas este também é usado em diversas manifestações da Cultura Popular, quer em festas cíclicas quer associado a charivaris.”⁵

Tradicionalmente, a manufatura dos chocalhos realizava-se em contexto oficial sobretudo por chocalheiros e também por alguns ferreiros que, ocasionalmente, fabricavam chocalhos. Esta era uma atividade que podia ser encontrada um pouco por todo o país.

Na região do Alentejo e Ribatejo, e de acordo com o dossier de candidatura apresentado à UNESCO em 2014, ainda se podem ser encontrados protagonistas deste PCI nos concelhos de Cartaxo, Estremoz, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo. Apesar desta variedade, é reconhecida a especial relevância, nomeadamente em termos históricos e social, da freguesia das Alcáçovas (concelho de Viana do Alentejo), onde está hoje localizada a mais relevante e reconhecida unidade de produção de chocalhos do país, a Fábrica Pardalinho.

No entanto, a manufatura de chocalhos está hoje reduzida a um pequeno número de fábricas e oficinas que, de um modo, mais ou menos, regular ainda se dedicam à produção de chocalhos em moldes tradicionais. Por outro lado, verifica-se que o contexto de manufatura de chocalhos tem vindo a diversificar-se, havendo a tendência clara para assumir um cariz mais industrial, realizando-se em unidades fabris inseridas em contextos variados – no caso da Fábrica Pardalinho (Alcáçovas, Viana do Alentejo), a infraestrutura de produção localiza-se num Parque Industrial moderno; já a Fábrica de Chocalhos A SIM SIM (Ereira, Cartaxo), a produção distribui-se por um pavilhão fabril moderno e uma oficina tradicional, onde está localizado o forno.

Atualmente, a manufatura de chocalhos realiza-se praticamente durante todo o ano, de acordo com o volume de encomendas existente, estando os períodos de maior volume de trabalho concentrados nos meses de Março, Maio, Agosto e Setembro.

O Município de Viana do Alentejo assumiu-se como o principal promotor da candidatura da manufatura dos chocalhos à Lista de PCI da Humanidade da UNESCO, promovendo algumas iniciativas de valorização deste PCI, seja através de edição de publicações alusivas ao tema da manufatura do chocalho – é o caso, nomeadamente, dos livros “Os chocalhos e a sua relevância na vila das Alcáçovas”, de André Correia (2013), e “Ó, Vitorino!”, de Antonieta Félix e Alexandra Mariano (2016) –, seja através de exposições itinerantes, seja através de uma exposição permanente no Paço dos Henriques (classificado como Imóvel de Interesse Público), equipamento localizado no centro da freguesia de Alcáçovas e que, em simultâneo, funciona como Posto de Turismo. Atualmente, está patente no Paço dos Henriques a exposição “100 Chocalhos de Excelência, Gente Excelente”. Está em fase de finalização a produção e montagem de uma exposição permanente dedicada à manufatura do chocalho, a inaugurar em 2019, e que ficará sediada no Paço dos Henriques. Na freguesia das Alcáçovas existe ainda um outro espaço museológico, privado, igualmente dedicado ao chocalho, mas que se encontra, contudo, desde há já alguns anos, encerrado ao público. O Município de Viana do Alentejo promove ainda anualmente uma outra atividade que está, de alguma forma, relacionada com a temática dos chocalhos – a Feira do Chocalho, que se realiza no quarto domingo de julho, no Largo da Gamita, em Alcáçovas, e que inclui barraquinhas de artesanato, de “comes e bebes”, concertos, exposições e outros elementos de animação.

Finalmente, refira-se ainda que a Banda da Sociedade União Alcaçovense realiza atuações regulares com o ‘chocalhofone alentejano’, instrumento constituído por 32 chocalhos modelo “picadeira” e foi produzido pela Fábrica de Chocalhos Pardalinho e que contou com o apoio do maestro Christopher Bochmann.

⁵ Idem

EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

As experiências turísticas baseadas na “Manufatura dos Chocalhos” pressupõem uma mobilização dos seus detentores, para além de outras entidades de mediação (onde se destaca o papel assumido pela Câmara Municipal de Viana do Alentejo, conforme vimos) que, mais recentemente, têm ganho importância local no quadro das políticas e ações de salvaguarda deste saber-fazer tradicional, reconhecido de valor cultural universal. Esta preferência não deixa de apresentar claras limitações em termos quer de escala, quer de ameaças para a própria integridade do saber-fazer e dos contextos específicos e tradicionais da sua execução (oficinas de produção). Como foi referido, houve um decréscimo muito significativo do número de oficinas de chocalhos nos últimos anos, sendo que as estruturas atualmente existentes assumem um perfil marcadamente mais industrial.

Entende-se ainda, por outro lado, que as experiências turísticas baseadas neste PCI podem benéficamente mobilizar, para além dos seus detentores e protagonistas, outros agentes e entidades locais que permitam apresentar a função deste objeto utilitário “em contexto” – nomeadamente, associando o fabrico e uso dos chocalhos às atividades agrícolas e à pastorícia.

Neste contexto, é possível enunciar algumas características tipológicas de experiência turística no caso da manufatura de chocalhos:

Saber-fazer tradicional da manufatura dos chocalhos	“Chocalheiros” /detentores Palácio dos Henriques (futura exposição permanente dedicada à manufatura do chocalho)	Experienciar e apreender a técnica tradicional do fabrico de chocalhos, nas suas várias etapas de produção, em contexto oficial e diretamente com “chocalheiros” Observar as estruturas de divisão de trabalho no interior da oficina, apreendendo os diferentes papéis desempenhados neste contexto de produção, onde se destaca, nomeadamente, o papel do “afinador” de chocalhos Aprofundar o conhecimento das diversas dimensões deste PCI através da visita a estrutura interpretativa, bem como da eventual interação com mediadores e detentores
Cultura e vivência da comunidade	Comunidade local Banda da Sociedade União Alcaçovense Unidades agrícolas (com gado bovino e ovino)	Conviver e interagir, em contexto de informalidade, com alguns elementos da freguesia das Alcáçovas, apreendendo assim os modos de vida e o quotidiano desta comunidade Assistir a uma atuação da Banda da Sociedade União Alcaçovense utilizando o ‘chocalhofone alentejano’, existindo a possibilidade eventual de realizar uma experiência (<i>workshop</i>) de iniciação à aprendizagem deste instrumento musical Experienciar e compreender o uso e a função dos chocalhos (incluindo aqui a sua dimensão sonora-musical) em contexto da atividade agro-pastoril

ORGANIZAÇÃO DE PRODUTO

O tipo de experiência turística que se inscreve nesta tipologia exige uma **organização medianamente complexa** e que envolva necessariamente os detentores e protagonistas do respetivo PCI. Para além de questões de transporte, alojamento e de refeições, este será um tipo de produto turístico com um nível de imersão relativamente profundo, procurando oferecer oportunidades de interação do turista com as comunidades de acolhimento, de experiência ou aprendizagem de saberes-fazer, de desenvolvimento de *soft skills* que não se encontram apenas diretamente relacionadas com esses saberes-fazer e com as manifestações culturais em causa, mas também com as vivências quotidianas e todo o contexto cultural e ambiental / territorial em que elas se inscrevem.

No caso da “Manufatura de Chocalhos”, **a organização de experiências turísticas com intensidades de imersão mais acentuadas e com especial enfoque na interação entre o turista e os detentores / chocalheiros, deve assegurar condições de equilíbrio entre a preservação da própria atividade artesanal e a prestação de um novo tipo de serviço, de natureza turística.**

Embora, como foi já referido anteriormente, o número de “chocalheiros” no ativo seja atualmente exíguo, verifica-se que as unidades existentes têm, em geral, boas condições adequadas para acolher grupos de turistas, viabilizando assim a organização de produto em contexto específico de oficina. No entanto, observe-se que, por motivos de segurança, o tipo de atividades turísticas que neste momento se realizam, tanto na Fábrica Pardalinho (Alcáçovas, Viana do Alentejo) como na Fábrica A SIM SIM (Ereira, Cartaxo), têm um perfil bastante expositivo e contemplativo, havendo a possibilidade dos visitantes interessados puderem participar de uma forma direta em parte do processo de fabrico dos chocalhos, trabalhando na chamada “mesa do embarramento”, participando diretamente na “embarra” o chocalho. De acordo com as informações recolhidas junto dos detentores deste PCI, dificilmente será possível alargar a profundidade desta participação, pois estamos a tratar de atividades que contêm um certo grau de risco, associado ao trabalho com materiais incandescentes.

Para além desta solução organizativa, a criação de uma exposição permanente dedicado à manufatura do chocalho, que ficará patente no Paço dos Henriques, em Alcáçovas, estrutura municipal que poderá complementar a visita às oficinas, disponibilizando informações adicionais que enriqueçam o conhecimento do turista sobre este PCI.

Complementarmente, considera-se ainda que poderá ser bastante enriquecedor para esta experiência turística a possibilidade de compreender *in situ* a utilidade do chocalho, aqui entendido enquanto um objeto artesanal que é também, e fundamentalmente, um instrumento e uma ferramenta de trabalho de apoio à atividade agro-pastoril tradicional. Neste sentido, importa organizar a experiência no sentido de envolver o contacto com unidades agrícolas e/ou com pastores que permitam demonstrar como são utilizados os chocalhos e abordar qual a importância prática da dimensão sonora/musical associada a este objeto.

De igual modo, considera-se que a atividade pode ser enriquecida através de um contacto direto do turista com a Banda da Sociedade União Alcaçovense, que já utiliza o ‘chocalhofone alentejano’. Neste contexto, interessa estudar a possibilidade eventual de assistir a uma atuação ou ensaio, ou ainda do turista realizar uma experiência (*workshop*) de iniciação à aprendizagem deste instrumento musical.

Atividades: a participação dos turistas nas atividades relacionadas com o PCI pode ser, mais ou menos, mediada. É aconselhável que essa mediação seja reduzida, o que facilitará uma relação direta dos turistas com os detentores da manifestação cultural. No entanto, a intensidade da mediação deve corresponder à necessidade ou à solicitação do turista, pelo que poderá ser ajustada na fase de reserva e de preparação da atividade, entre o promotor do produto turístico e o turista que decide a sua aquisição, garantindo deste modo que as questões de segurança e a confiança na qualidade da experiência estão suficientemente garantidas.

No caso da organização de uma experiência ligada a este PCI ser promovida por iniciativa de uma empresa de animação turística (ou similar) é possível pensar num produto turístico integrado, que inclua também o alojamento.

Produto integrado de Alojamento + Atividade: organização de produto que inclui, por um lado, alojamento na cidade ou no concelho das Alcáçovas, compatível com maior oportunidade de convivência com as dinâmicas socioculturais de base local e mais próximas dos centros tradicionais de produção chocalheira (como é o caso, nomeadamente, da dinâmica musical associada à Banda da Sociedade União Alcaçovense) e que, por outro lado, contempla as atividades de aprendizagem e de experiência de produção de um chocalho, se houver capacidade e disponibilidade de alguma fábrica disponível para a organização destas experiências.

Neste caso, a organização do produto / experiência pressupõe um trabalho bem articulado entre os promotores, que organizam e colocam o produto no mercado – admitindo-se que possa ser também eles próprios detentores do PCI – e os detentores do PCI e/ou mediadores culturais, que se disponibilizam a receber o turista e o acompanhar para uma experiência imersiva na cultura local e nas dimensões mais autênticas e particulares deste PCI.

PROPOSTAS PRELIMINARES DE PROTÓTIPO

Esta proposta (preliminar) de experiência turística-protótipo em torno da Manufatura dos Chocalhos pretende oferecer uma experiência turística que seja diferenciadora relativamente ao tipo de oferta atualmente já existente para todos aqueles que se interessam em conhecer esta manifestação cultural imaterial inscrita, desde 2014, na Lista de PCI da Humanidade a necessitar de Salvaguarda Urgente da UNESCO.

Neste sentido, propõe-se um produto turístico, com uma duração prevista de cerca de 1-2 dias, que proporcionará aos participantes uma visão mais abrangente, completa e complexa da importância da Manufatura dos Chocalhos. Propõe-se, assim, que os turistas possam visitar um espaço de fabrico de chocalhos, a Fábrica do Pardalinho, interagindo com os diferentes chocalheiros e, na medida do possível e do cumprimento das condições de segurança, participando nas diferentes fases do processo de fabrico do chocalho – do inicial corte da chapa a tesoura à afinação do chocalho, passando pelas etapas de modelação, do embarramento e da ida à forja. Durante toda esta primeira etapa da atividade os grupos de participantes (que não devem exceder as 8-10 pessoas máximo) serão sempre acompanhados por protagonistas que, para além de auxiliarem na interpretação deste PCI, assumirão também a figura de monitores, apoiando tecnicamente os turistas na realização das diferentes tarefas.

Num segundo momento, e já fora do espaço oficial, será realizada uma atividade *outdoor*, demonstrando como é utilizado o chocalho como importante instrumento de apoio à atividade agro-pastoril tradicional. Para tal, e através de uma parceria com uma unidade de exploração agrícola da freguesia das Alcáçovas, a Herdade da Mata, localizada nas imediações da Fábrica do Pardalinho, realizar-se-ão um conjunto de atividades ao ar-livre que podem incluir percursos pedestres acompanhando um pastor e o seu rebanho de ovelhas, mas também o “afinador” de chocalhos que irão, na prática, demonstrar a importância da dimensão sonora/musical associada aos chocalhos. Ainda de acordo com os interesses do grupo, poder-se-ão equacionar outras atividades de fruição e contacto com a atividade agro-pastoril, evidenciando sempre a estreita ligação do PCI com o território alentejano e com os modos de vida que, histórica e tradicionalmente, caracterizavam esta região do país. Sugere-se ainda que o programa pode incluir uma componente gastronómica, tipo piquenique, associando assim alguns dos produtos típicos da região a esta experiência.

Complementarmente, e em função de uma estadia mais ou menos prolongada, admite-se ainda a realização de outras atividades que poderão incluir uma experiência de convívio e interação informal com outros elementos da comunidade local, assistindo a uma atuação da Banda da Sociedade União Alcaçovense que utiliza o ‘chocalhofone alentejano’, por exemplo. Caso haja interesse da parte do

grupo, admite-se ainda a possibilidade da ser realizada uma experiência (*workshop*) de iniciação à aprendizagem deste instrumento musical constituído por 32 chocalhos modelo “picadeira”, que foi produzido pela Fábrica de Chocalhos Pardalinho e que contou com o apoio do maestro Christopher Bochmann.

Igualmente de forma complementar, será sempre possível os participantes visitarem, no início ou final da atividade, o Paço dos Henriques, tomando contacto com a exposição permanente sobre o PCI da Manufatura dos Chocalhos, que certamente contribuirá também para enriquecer esta experiência turística.


Uma vez que o programa de atividades concretamente a desenvolver deve estar estreitamente relacionado com os interesses específicos de cada participante, bem como com a sua disponibilidade para estar e, eventualmente, pernoitar em Alcáçovas (ou no concelho de Viana do Alentejo), propõe-se que este seja objeto de um diálogo e de “negociação” inicial, sendo importante assegurar uma grande margem de flexibilidade.

Em termos da sua operacionalização desta proposta de produto turístico, na sua fase protótipo, considera-se existem hoje já alguns agentes locais que poderão vir a assumir o papel de promotores do projeto. Importa, em particular, destacar a experiência da Fábrica do Pardalinho na organização e acompanhamento de grupos de turistas, tendo sido já manifestada disponibilidade para desenvolver e ampliar o leque de atividades propostas. Neste sentido, considera-se que este são interlocutores locais que poderão estar em boas condições para assumir o projeto, enquanto promotores e monitores/mediadores, estabelecendo parcerias com outros agentes locais que, em função dos interesses dos turistas, poderão associar-se a este produto turístico – como a Herdade da Mata ou a Banda da Sociedade União Alcaçovense.

Simultaneamente, o Município de Viana do Alentejo, através do Paço dos Henriques, pode também desempenhar aqui um papel relevante, assumindo-se enquanto parceiro institucional do projeto e, se for necessário, dando até algum apoio na mediação e estabelecimento de contactos entre os turistas e os monitor/promotor do projeto.

Em termos de alojamento e refeições, não estão a ser equacionadas soluções específicas, mas entende-se que o concelho de Viana do Alentejo e os concelhos limítrofes dispõem, em conjunto, de uma oferta suficientemente robusta e diversificada, não sendo necessário estar previamente a equacionar soluções específicas a este nível.

ESTIMATIVA DO PREÇO DO PRODUTO

Manufatura dos Chocalhos 			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Atividades			
1.1 Visita à Oficina Pardalinho, acompanhando as fases do fabrico	10	2,5	25
1.2 Visita ao Paço dos Henriques (inclui visita à exposição e ao jardim)	10	2,5	25
1.3 Visita à Herdade da Mata, com atividades de agro-pastorícia e lanche	10	25,0	250
Sub total			300
2. Alojamento			
2.1 Quarto duplo c/ pequeno almoço	10	75	750
Sub total			750
3. Refeições			
3.1 Almoços e jantares	40	15	600
Sub total			600
Total (grupo 10 pessoas)	(valor por pessoa quarto individual 165€)		1650
	(valor por pessoa quarto duplo 140€)		1400

3.2.4.6. PRODUÇÃO DE VINHO DE TALHA

ELEMENTOS BÁSICOS DE CARACTERIZAÇÃO DO PCI

Está em curso a preparação do dossier de inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial da “Produção Tradicional de Vinho de Talha”, por iniciativa da Câmara Municipal da Vidigueira, juntamente com as autarquias de Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Beja, Cuba, Ferreira do Alentejo, Moura, Serpa, Borba, Estremoz, Évora, Mora, Mourão, Reguengos de Monsaraz e Viana do Alentejo, Arronches, Campo Maior, Elvas e Marvão; e as seguintes entidades: Centro de Formação Profissional para o Artesanato e Património, Comissão Vitivinícola Regional do Alentejo (CVRA), Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural, Direção Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo, Direção Regional de Cultura do Alentejo, Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo, e Vitifrades – Associação de Desenvolvimento Local.

A produção tradicional de vinho de talha remonta à época do império Romano, desde a técnica de produção do vinho como a produção e uso das respetivas talhas.

Atualmente, o vinho de talha é feito em adegas – rurais e industriais –, dependendo da dimensão da sua produção. Os produtores de vinho de talha que podem ter (ou não) uma produção de vinho mais alargada e elaborada (ou seja, produção em adega pessoal ou adega industrial). A maior parte – se não toda – a população de Vila de Frades, produz vinho de talha. O vinho de talha também é conhecido como “o vinho dos amigos”, o que realça o fator social e ambiente de convívio que lhe é característico. Tradicionalmente, o vinho de talha é consumido em tabernas ou em casa, “onde se convida os amigos e vizinhos para provar o vinho do ano”.

Atualmente, existem grandes produtores de vinho que também produzem vinho de talha (em menores quantidades), como é o caso dos seguintes: Herdade do Esporão, Casa Alexandre Relvas, Cortes de Cima, Adega José de Sousa, Adega Piteira, Herdade do Rocim, Amareleja Vinhos, Herdade dos Outeiros Altos, e Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito (ACV).

A Comissão Vitivinícola Regional Alentejana (CVRA), em reação à recente “moda” da produção tradicional de vinho de talha, decretou alguns critérios que os vinhos (e os seus produtores) devem cumprir para serem considerados/classificados como “Vinho de Talha” Denominação de Origem Alentejo. Em termos de aspeto, o vinho deve apresentar-se límpido, ou ligeiramente opalino. Apenas é admitido que o vinho se apresente opalino quando este se encontrar em depósito ou outro tipo de acondicionamento exceto no caso de já estar engarrafado. O vinho branco deve apresentar cor entre amarelado e dourado. O vinho tinto deve apresentar cor entre o vermelho pouco vivo e o acastanhado. Relativamente ao Aroma e Sabor, o vinho deve apresentar como requisitos mínimos aroma (que poderá ser de baixa intensidade) e sabor com ausência de defeito marcado, sendo permitido características resultantes da metodologia de elaboração (oxidação) tais como evolução precoce.

Por norma, a produção tradicional de vinho de talha só é realizada num certo período do ano. O processo começa com a vindima em Setembro, segue-se o processo de fermentação e de vinificação, que só é terminado com a abertura das talhas no dia de S. Martinho (11 de Novembro). O consumo do vinho de talha perdura, normalmente, até ao Carnaval (Fevereiro/Março), com um pico de consumo no segundo fim-de-semana de Dezembro, coincidindo com a realização do evento “Vitifrades: Festas Báquicas”, que é promovido pela Vitifrades – Associação de Desenvolvimento Local, onde é celebrada e certificada a produção de vinho de talha do atual ano, por via de um concurso de vinhos de talha; e onde é realizado, no último dia, um roteiro pelas adegas de Vila de Frades que fazem vinho de talha e o dão a experimentar aos visitantes, consoante a compra de um copo de teste no 1º dia do evento.

Em termos de atividades turísticas associadas a este PCI, destacam-se, para além da “Vitifrades: Festas Báquicas”, dois outros projetos ainda em fase de elaboração. Um deles é a “Rota de Vinho de Talha”, um projeto da Câmara Municipal da Vidigueira, onde o visitante poderá visitar as adegas de produção do mesmo, espalhadas pelo concelho. O outro é o programa/roteiro turístico “Entre Talhas e Petiscos”, que a Vitifrades – Associação de Desenvolvimento Local pretende desenvolver, associando a gastronomia e vinicultura da região, num ambiente taberneiro em todos os pontos do programa.

Relativamente à oferta de espaços e de projetos de cariz interpretativo relacionados com este PCI, destaque-se a Casa do Vinho e do Cante, localizada na antiga Taberna Zé Lélito, no centro de Ferreira do Alentejo, recentemente inaugurado. Este espaço recupera a memória das velhas tabernas alentejanas, abordando, do ponto de vista interpretativo, manifestações culturais de cariz imaterial, como o vinho de talha, a poesia popular, o cante e o receituário tradicional alentejano. Além disso, realizam-se na Casa do Vinho e do Cante provas de vinho de talha e outras bebidas, havendo também uma programação regular com grupos de cante alentejano e recitais de poesia popular.

O Município da Vidigueira tem ainda o projeto de criação de um Centro Interpretativo do Vinho de Talha, a instalar no centro de Vila de Frades.

EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

As experiências turísticas baseadas na “Produção Tradicional de Vinho de Talha” pressupõem uma mobilização dos seus detentores dos saberes do vinho de talha (onde se incluem os produtores tradicionais de vinho de talha, mas também os artesãos que fabricam e restauram as talhas), para além de outras entidades de mediação (destacando-se o papel assumido pela Câmara Municipal da Vidigueira e pela Vitifrades – Associação de Desenvolvimento Local, conforme vimos) que, mais recentemente, têm ganho importância local no quadro das políticas e ações de valorização e de salvaguarda dos saberes-fazer tradicionais que estão ligados ao fabrico das talhas e à vinificação, bem como das práticas comunitárias de vizinhança e de convivialidade que a eles estavam historicamente ligados.

Neste contexto, é possível enunciar algumas características tipológicas de experiência turística no caso da produção tradicional de vinho de talha:

Saber-fazer tradicional da produção de vinho de talha	Produtores de vinho /detentores	Experienciar e apreender a técnica tradicional do fabrico de tradicional de vinho de talha, nas suas várias etapas de produção, em contexto e diretamente com os produtores de vinho Observar e compreender os diferentes tipos de castas de vinho de talha Experienciar os diferentes espaços de fabrico de vinho da talha – das adegas pessoais às adegas de tipo industrial
	Casa do Vinho e do Cante (Ferreira do Alentejo) / Futuro Centro Interpretativo do Vinho de Talha (Vidigueira - Vila de Frades)	Aprofundar o conhecimento das diversas dimensões deste PCI através da visita à futura estrutura interpretativa, bem como da eventual interação com mediadores e detentores

Saber-fazer tradicional da fabrico e restauro de talhas	Artesãos /detentores	Experienciar e apreender a técnica tradicional do fabrico e/ou do restauro de vinho de talha, em contexto e diretamente com os artesãos
Cultura e vivência da comunidade	Comunidade local Convivialidade familiar e de vizinhança Vitifrades: Festas Báuicas Vindimas	Conviver e interagir, em contexto informal, com elementos da comunidade residente na freguesia de Vila de Frades, apreendendo os elementos específicos de convivialidade familiar e de vizinhança que caracterizam as relações desta comunidade com o fabrico tradicional de vinho de talha Participar no evento “Vitifrades: Festas Báuicas” Participar nas vindimas

ORGANIZAÇÃO DE PRODUTO

O tipo de experiência turística que se inscreve nesta tipologia exige uma **organização medianamente complexa** e que envolva necessariamente os detentores e protagonistas do respetivo PCI. Para além de questões de transporte, alojamento e de refeições, este será um tipo de produto turístico com um nível de imersão relativamente profundo, procurando oferecer oportunidades de interação do turista com as comunidades de acolhimento, de experiência ou aprendizagem de saberes-fazer, de desenvolvimento de *soft skills* que não se encontram apenas diretamente relacionadas com esses saberes-fazer e com as manifestações culturais em causa, mas também com as vivências quotidianas e todo o contexto cultural e ambiental / territorial em que elas se inscrevem.

No caso da “Produção Tradicional de Vinho de Talha”, **a organização de experiências turísticas com intensidades de imersão mais acentuadas e com especial enfoque na interação entre o turista e os detentores deste PCI (produtores de vinho, de diferentes dimensões, e fabricantes/restauradores de talhas), deve assegurar condições de equilíbrio entre a preservação da própria atividade artesanal e a prestação de um novo tipo de serviço, de natureza turística.**

Atualmente, existe, fundamentalmente distribuídos pelos concelhos da Vidigueira, Cuba e Reguengos de Monsaraz, um número bastante generoso – e em crescendo – de produtores de vinho da talha, onde se incluem desde pequenos produtores, com as suas adegas pessoais, até às grandes adegas de tipo industrial, que estão geralmente associadas aos grandes produtores de vinho da região do Alentejo, entre os quais se incluem, entre outros, a Herdade do Esporão, Casa Alexandre Relvas, Cortes de Cima, Adega José de Sousa, Adega Piteira, Herdade do Rocim, Amareleja Vinhos, Herdade dos Outeiros Altos, e Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito (ACV). Este aumento do número de produtores está, como referido anteriormente, associado a um certo fenómeno de moda, que despoletou um recrudescimento do interesse pelos saberes-fazer associados a esta forma tradicional de produção vitivinícola. Observe-se que, pelo contrário, o número de artesãos fabricantes de talhas é substancialmente mais reduzido, verificando-se que atualmente apenas parece existir um artesão ativo no concelho da Vidigueira (António Rocha).

Do ponto de vista da solução organizativa a configurar, a Câmara Municipal da Vidigueira e a Vitifrades – Associação de Desenvolvimento Local são dois outros elementos fundamentais, que importa considerar do ponto de vista do enquadramento institucional do projeto, mas também atendendo ao conjunto de projetos que ambas já desenvolvem ou que pretendem vir a envolver – desde logo, o processo em curso de inscrição desta manifestação cultural imaterial no INPCI, mas

também outras iniciativas como o projeto de Centro Interpretativo do Vinho de Talha, entre outras que foram anteriormente referidas. Por último, uma nota relativamente ao evento “Vitifrades: Festas Báquicas”, que atualmente já atrai bastante turistas até Vila de Frades, e com o qual os produtos turísticos a desenvolver têm necessariamente de se articular.

Atividades: a participação dos turistas nas atividades relacionadas com o PCI pode ser, mais ou menos, mediada. É aconselhável que essa mediação seja reduzida, o que facilitará uma relação direta dos turistas com os detentores da manifestação cultural. No entanto, a intensidade da mediação deve corresponder à necessidade ou à solicitação do turista, pelo que poderá ser ajustada na fase de reserva e de preparação da atividade, entre o promotor do produto turístico e o turista que decide a sua aquisição, garantindo deste modo que as questões de segurança e a confiança na qualidade da experiência estão suficientemente garantidas.

No caso da organização de uma experiência ligada a este PCI ser promovida por iniciativa de uma empresa de animação turística (ou similar) é possível pensar num produto turístico integrado, que incluía também o alojamento.

Produto integrado de Alojamento + Transporte + Atividade: organização de produto que inclui alojamento, e transporte entre os concelhos da Vidigueira, Cuba ou Reguengos de Monsaraz, compatível com maior oportunidade de convivência com as várias adegas e respetivas dinâmicas socioculturais de base local que estão mais próximas dos centros tradicionais de produção de vinho de talha.

Neste caso, a organização do produto / experiência pressupõe um trabalho bem articulado entre os promotores, que organizam e colocam o produto no mercado – admitindo-se que possa ser também eles próprios detentores do PCI – e os detentores do PCI e/ou mediadores culturais, que se disponibilizam a receber o turista e o acompanhar para uma experiência imersiva na cultura local e nas dimensões mais autênticas e particulares deste PCI.

PROPOSTAS PRELIMINARES DE PROTÓTIPO

Esta proposta (preliminar) de experiência turística-protótipo em torno da Produção Tradicional de Vinho de Talha pretende oferecer uma experiência turística que seja diferenciadora relativamente ao tipo de oferta atualmente já existente para todos aqueles que se interessam em conhecer esta manifestação cultural imaterial.

Neste sentido, propõe-se um produto turístico, sob a forma de circuito que, com uma duração 3-4 dias, permita proporcionar aos participantes percorrerem os concelhos da Vidigueira, Cuba e Reguengos de Monsaraz proporcionando-lhes uma visão mais abrangente e completa sobre a Produção Tradicional de Vinho de Talha.

O programa oferece a oportunidade para pequenos grupos de turistas (máximo 8 pessoas) para percorrerem este território, visitando e interagindo com produtores de vitivinícolas locais, detentores de adegas de fabrico de vinho da talha que evidenciam dimensões e características muito diversificadas entre si, a variados níveis – da arquitetura aos processos de fabrico utilizados, passando pelas características específicas das castas que utilizam na produção de vinho da talha. Estas visitas a adegas de vinho incluem, para além da oportunidade de acesso a espaços que não são necessárias abertos ao público (uma vez que serão incluídas adegas privadas), oportunidade de interação com produtores de vinho de talha, com os quais os participantes poderão dialogar, obtendo uma melhor compreensão sobre os diferentes modos de vinificação e processos de produção de vinho de talha, em moldes ora mais tradicionais, ora mais modernos (como ocorre nas grandes adegas de perfil industrial), mas também alargar os seus conhecimentos sobre a diversidade de castas existentes e os principais elementos de distinção.

Simultaneamente, as visitas e interações com detentores deste PCI abrange igualmente uma abordagem ao processo de construção e de restauro das talhas em que são tradicionalmente

produzidos estes vinhos, visitando os espaços oficiais de artesão que produzem ou restauram talhas. Estes momentos de interação permitirão aos participantes compreenderem a importância das talhas no processo de produção vitivinícola, bem como ficar a conhecer em maior detalhe todas as etapas que estão associadas ao fabrico e ao restauro das talhas.

Sugere-se ainda que o programa possa incluir uma componente gastronómica, associando assim à experiência vinica o consumo de alguns dos produtos típicos da região.

O espaço do Casa do Vinho e do Cante, em Ferreira do Alentejo, poderá ser um parceiro interessante, assegurando uma articulação entre a componente museológica e interpretativa da produção tradicional de vinha de talha, com uma componente de gastronomia tradicional e de cante alentejano.

Igualmente de uma forma complementar, e logo que o Centro Interpretativo do Vinho de Talha esteja concluído e aberto ao público, em Vila de Frades, considera-se que, sempre possível, será interessante o circuito incluir a visita a este espaço de interpretação, que certamente contribuirá também para enriquecer esta experiência turística.


Uma vez que o programa de atividades concretamente a desenvolver, bem como os locais a visitar, deve estar estreitamente relacionado com os interesses específicos de cada participante, propõe-se que este seja objeto de um diálogo e de “negociação” inicial, sendo importante assegurar uma grande margem de flexibilidade.

Em termos da sua operacionalização desta proposta de produto turístico, na sua fase protótipo, considera-se existem hoje já alguns agentes locais que poderão vir a assumir o papel de promotores do projeto – é o caso da Vitifrades – Associação de Desenvolvimento Local –, assegurando o transporte em *minibus* entre os vários locais, agilizando os contactos com outros detentores de PCI presentes no território e, além disso, desempenhando um papel fundamental de mediador, a quem cabe acompanhando as visitas a todos os espaços.

Simultaneamente, os Municípios da Vidigueira, de Cuba e de Reguengos de Monsaraz podem também desempenhar aqui um papel relevante, assumindo-se enquanto parceiro institucional do projeto e, sempre que tal seja necessário, dando até algum apoio na mediação e no estabelecimento de contactos entre os turistas e o monitor/promotor do projeto.

Em termos de alojamento e refeições, não estão a ser equacionadas soluções específicas, mas entende-se que o concelho de Vidigueira, de Cuba e de Reguengos de Monsaraz, bem como os seus concelhos limítrofes dispõem, em conjunto, de uma oferta suficientemente robusta e diversificada, não sendo, pois, necessário estar previamente a equacionar soluções específicas a este nível.

ESTIMATIVA DE PREÇO DO PRODUTO

Produção de Vinho de Talha 			
Custos - itens a considerar	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
1. Atividades			
1.1 Visita à Casa do Vinho e do Cante, em Ferreira do Alentejo	8	2,0	16
1.2 Visita à Oficina de António Rocha (artesão, construtor de talhas)	8	5,0	40
1.3 Visita a 6 adegas de vinha de talha (inclui prova de vinhos)	48	12,5	600
Sub total			656
2. Alojamento			
2.1 Quarto duplo c/ pequeno almoço	8	75	600
Sub total			600
3. Refeições			
3.1 Almoços e jantares	64	20	1280
Sub total			1280
3. Transporte (mini autocarro de 9 lugares) - unidade_dia	4	350	1400
Sub total			800
4. Mediador conhecedor e preparado unidade_dia	4	50	200
Sub total			700
Total (grupo 8 pessoas)	(valor por pessoa quarto individual 505€)		4036
	(valor por pessoa quarto duplo 475€)		3796

3.3. OPERACIONALIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS DE 1ª GERAÇÃO

Partindo dos protótipos desenvolvidos para cada uma das dez experiências turísticas de 1ª geração, a equipa programou e desenvolveu um conjunto de contactos com promotores turísticos (empresas e organizações) no sentido de lhes dar a conhecer o projeto, motivando-os a participarem, designadamente enquanto promotores e organizadores de propostas de produtos turísticos que possam vir a integrar o Catálogo, de acordo com as condições definidas no Regulamento de Acesso e em respeito pela Carta de Princípios.

Foram ainda desenvolvidos contactos com protagonistas detentores dos diversos PCI, no sentido de estes poderem ter uma participação ativa na organização e concretização das experiências, equacionando também a possibilidade de poderem, nalguns casos, ser os responsáveis pela organização e comercialização dos produtos de experiência.

Este trabalho resultou de um longo processo de mapeamento de protagonistas dos diversos PCI, iniciado na primeira fase do projeto e posterior identificação de operadores turísticos com capacidade para, em articulação com esses mesmos protagonistas, poderem estruturar e operacionalizar as experiências turísticas de 1ª geração com potencial para integrar o catálogo. Este processo decorreu através da realização de reuniões públicas alargadas que contaram com a participação dos diversos municípios onde se encontram estes PCI, bem como de associações e de outras organizações ligadas à preservação e dinamização destas manifestações culturais, que contribuíram de forma relevante para a identificação e promoção do contacto com esses protagonistas. Paralelamente, foi ainda realizado um trabalho de pesquisa e identificação de empresas de animação turística às quais o projeto foi apresentado, quer em reuniões alargadas, quer em contactos mais personalizados, no sentido de virem a ser potenciais promotoras dos produtos que integrarão o catálogo.

Importa referir, contudo, que este é um trabalho que não se encontra concluído e “fechado” mas, pelo contrário, que deverá ser continuado e aprofundado, designadamente através de um esforço em prosseguir com os contactos com promotores e protagonistas PCI, alguns deles em curso e outros ainda a realizar, tendo em vista a consolidação e o alargamento da dinâmica de montagem e operacionalização das primeiras experiências, conforme previsto no regulamento de funcionamento.

Resumem-se, de seguida, as principais diligências efetuadas pela equipa, bem como os resultados alcançados no âmbito dos inúmeros contactos estabelecidos junto dos diversos promotores e protagonistas PCI para cada um dos protótipos de 1ª geração que foram desenvolvidos.

ROTA PCI DO ALENTEJO E RIBATEJO

Para a dinamização e venda/promoção da Rota do PCI do Alentejo e Ribatejo inscrito na Lista Representativa de PCI da Humanidade da UNESCO como produto turístico organizado foi privilegiado o contacto com operadores e empresas de animação turística com estrutura e experiência capazes de dar resposta à exigência e complexidade do produto proposto. Foram contactadas as empresas de animação turística Living Tours, Pinto Lopes Viagens, VAGAR Walking Tours, SPIRA - Agência de Revitalização Patrimonial e Genuine Alentejo.

Em resultado destas abordagens foi possível reunir e apresentar o projeto às empresas SPIRA e Genuine Alentejo. Apesar de todas as tentativas realizadas pela equipa, aguarda-se ainda por uma oportunidade para o agendamento de uma reunião formal com a Pinto Lopes Viagens e VAGAR.

Como resultado dos contactos efetuados, resultou a disponibilidade manifestada, por parte da SPIRA, em assinar a declaração de compromisso em poder assumir o papel de promotor do programa Rota do PCI do Alentejo e Ribatejo inscritos nas Listas da UNESCO (cf. Volume Anexos).

Foram evidentes as dificuldades em garantir a necessária recetividade ao produto, justificáveis, no nosso entender, por se tratar de um produto orientado para nichos de mercado e pelo facto de estas empresas privilegiarem os produtos da sua iniciativa e com maiores probabilidades de aceitação pelo mercado.

Em complemento, foi realizada em Évora, nas instalações da Turismo do Alentejo, E.R.T. uma reunião com as seguintes entidades: Rede de Incubadoras do Alentejo; NERE – Núcleo Empresarial da Região de Évora; Fundação Eugénio de Almeida; Rede Creatour Alentejo/Universidade de Évora, tendo sido nesta última identificadas oportunidades de cruzamento com projetos já em curso.

No que se refere aos protagonistas relacionados com os patrimónios que integram a Rota do PCI do Alentejo e Ribatejo inscritos nas Listas da UNESCO, de todos os contactos efetuados fica a constatação de um interesse geral em participarem no programa, tendo-se identificado vários casos em que já organizam atividades/experiências que podem vir a integrar ou ser adaptadas às atividades/experiências da Rota PCI. Caberá aos promotores do programa da Rota PCI aglutinar estas várias experiências para a operacionalização do programa em articulação com estes promotores.

Resumem-se abaixo os diversos contactos estabelecidos com protagonistas de PCI com possibilidade de virem a integrar a Rota PCI:

CANTE

No contacto com esta manifestação assumem centralidade, a par de um conjunto significativo de grupos organizados espalhados pelo território, o Centro UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, em Beja, e a Casa do Cante, em Serpa, entidades que estabelecem com regularidade contacto direto com o público em apresentações e ensaios abertos ao público. Foram estabelecidos contactos com estas entidades em ordem à sua integração no Catálogo do PCI, tendo havido recetividade e interesse em terem um papel ativo na construção e dinamização do produto baseado neste PCI.

MANUFATURA DE CHOCALHOS

Concretizaram-se dois contactos para o PCI Manufatura de Chocalhos, num primeiro momento de levantamento de protagonistas: Fábrica de Chocalhos Pardalinho, em Alcáçovas, Viana do Alentejo, e Chocalhos A. SIM SIM, em Ereira, Cartaxo. Contudo, tendo em consideração a sua participação e prestação na inscrição da arte chocalheira no registo de PCI da Humanidade, juntamente com as suas condições de receção de visitantes, a Fábrica Pardalinho foi considerada a entidade com maior potencial a participar no projeto da Rota do PCI UNESCO.

Foram realizados alguns contactos com os responsáveis da Fábrica Pardalinho, Srs. Guilherme e Francisco, que se mostraram bastante disponíveis e dispostos a participar na conceção, dinamização e comercialização do programa de experiências turísticas, tendo em consideração a inserção deste produto em diferentes níveis de imersão/participação. Deste contacto resultou o compromisso de montagem de uma experiência para o Produto Individual Manufatura de Chocalhos, conforme se descreve mais à frente no ponto relativo a esse produto individual.

FALCOARIA

Foi realizado um contacto com a Falcoaria Real de Salvaterra de Magos, para apresentação do projeto à responsável Dr.^a Patrícia Leite. Desta reunião, concluiu-se que a visita guiada hoje disponibilizada aos visitantes, no interior e no exterior da Falcoaria (incluindo demonstrações de voo das aves), bem como os cursos de iniciação à Falcoaria, periodicamente realizados, são atividades que podem ser integradas, com as devidas adaptações e ajustamentos, no programa da Rota PCI do Alentejo e Ribatejo inscritos nas Listas da UNESCO. Existe disponibilidade e interesse dos responsáveis da Falcoaria em participarem neste programa de experiências turísticas.

FIGURADO DE ESTREMOZ

Foi realizada uma reunião com o Dr. Hugo Guerreiro, responsável pelo Museu Municipal de Estremoz, e com os artesãos/barristas João Carlos Rodrigues e Ricardo Fonseca. O barrista Ricardo Fonseca demonstrou interesse em explorar o produto “Figurado de Estremoz”, e ficou de apresentar um estudo de viabilidade/preço para a experiência proposta. Apesar das diligências efetuadas, não foi possível obter desenvolvimentos sobre esse mesmo estudo. Saliente-se que o produto individual “Figurado de Estremoz” será de difícil operacionalização, tendo em conta o reduzido número de barristas em atividade e o elevado nível de encomendas a que atualmente têm de responder, retirando disponibilidade e interesse comercial na montagem deste produto.

PROGRAMA TEMÁTICO “CAMINHOS DA LÃ”

Este produto temático apresenta características, em termos de operacionalização, que são bastante semelhantes às da Rota PCI do Alentejo e Ribatejo inscrito nas Listas da UNESCO. Assim, foram seguidos os mesmos princípios e estratégia de abordagem aos operadores contactados para a Rota PCI. Como resultado dos contactos efetuados, resultou a disponibilidade manifestada, por parte da SPIRA, em assinar a declaração de compromisso em poder assumir o papel de promotor do programa Rota do PCI do Alentejo e Ribatejo inscritos nas Listas da UNESCO (cf. Volume Anexos).

No que se refere aos protagonistas relacionados com os patrimónios que integram este programa temático, dos contactos efetuados fica a constatação de um interesse geral em participarem no programa, tendo-se identificado vários casos em que já organizam atividades/experiências que podem vir a integrar ou ser adaptadas às atividades/experiências do programa. Caberá aos promotores do programa aglutinar estas várias experiências para a operacionalização do programa em articulação com estes protagonistas.

Resumem-se abaixo os diversos contactos estabelecidos com protagonistas de PCI com possibilidade de virem a o Programa Temático:

CASTRO VERDE – EXPERIÊNCIA COM PASTOR

Foi feito um primeiro contacto com o Diretor do Museu da Ruralidade Dr. Constantino Piçarra, em que foi manifestado interesse da instituição na participação no programa, na componente de experiência de acompanhamento de pastor, e de tratamento da lã no Polo do Lombador do Museu. Este contacto deverá ser retomado com o(s) promotor(es) que vierem a assumir a operacionalização do programa.

ALCÁÇOVAS – CHOCALHOS

Num contacto mais avançado com os responsáveis da Fábrica de Chocalhos Pardalinho, foi lançada a sugestão de criar um programa que incluía estadia em Alcáçovas, para integrar a experiência de uma jornada de acompanhamento de rebanhos, onde se pode escutar e distinguir as sonoridades dos chocalhos, e partilhar com o pastor esta tradição ancestral. Foram contactadas duas entidades potenciais parceiras e promotoras deste projeto: a Herdade da Burquilha, e Herdade da Mata.

Foi concretizada uma reunião com os proprietários da Herdade da Mata, Bárbara e George Thomann, que se mostraram disponíveis para criar um programa em parceria com a Fábrica Pardalinho, que incluía uma noite de estadia na herdade e onde os visitantes poderão fazer percursos pedestres pela herdade, acompanhando os rebanhos.

Foi feita uma visita às instalações da Herdade Vale de Gatos, em Viana do Alentejo, centro de aprendizagem da arte têxtil cujos responsáveis se mostraram interessados em integrar o catálogo.

MÉRTOLA – MANTAS ALENTEJANAS

Foi apresentado o projeto do Catálogo à autarquia de Mértola e solicitada a indicação de oficinas e artesãos ativos com disponibilidade para acolher e interagir com visitantes. Mantém-se o contacto com a Câmara Municipal com o intuito de organização deste programa.

Foram feitas várias visitas à Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola, sendo que a mais recente teve o intuito de proceder à recolha fotográfica.

REGUENGOS DE MONSARAZ – MANTAS ALENTEJANAS

Foram feitas várias visitas e reuniões com a responsável pela Fábrica Alentejana de Lanifícios e verificou-se a sua participação numa das sessões de apresentação do Catálogo. Recentemente, foi feita uma visita à Fábrica Alentejana de Lanifício com o intuito de recolha fotográfica. Este contacto deverá ser retomado com o(s) promotor(es) que vierem a assumir a operacionalização do programa.

TAPEÇARIA DE ARRAIOLOS

Foi solicitado ao Município de Arraiolos a indicação de lojas com qualidade reconhecida pela Câmara Municipal e artesãos ativos com disponibilidade para acolher e interagir com visitantes. O Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos mostrou disponibilidade para integrar o Catálogo.

Foi realizada uma visita ao Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos, e ao evento anual “O Tapete está na rua” para efeitos de recolha fotográfica.

TAPEÇARIA DE PORTALEGRE

Foram contactados o Museu Municipal Guy Fino, e a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre que demonstraram interesse em participar neste programa. Mais recentemente, foram realizadas visitas aos dois espaços com o intuito de recolha fotográfica. Este contacto deverá ser retomado com o(s) promotor(es) que vierem a assumir a operacionalização do programa.

PROGRAMA TEMÁTICO “CONSTRUÇÃO TRADICIONAL”

Para este programa foi estabelecido o contacto e realizadas reuniões com a associação cultural Oficinas do Conventos, em Montemor-o-Novo, onde foi lançado um desafio de serem ao mesmo tempo Protagonistas e Promotores de uma experiência turística em torno da construção tradicional.

A associação Oficinas do Convento demonstrou, desde o início, uma grande receptividade ao desafio lançado, tendo, entretanto, desenvolvido uma proposta própria de programa, que consta do volume de documentação anexa ao Relatório Final, e que deverá ser objeto um trabalho posterior de aprofundamento, designadamente no sentido de assegurar que reúne todas as condições para poder vir a integrar o Catálogo. Destes contactos resultou ainda disponibilidade manifestada, por parte quer da empresa SPIRA, quer da associação Oficinas do Convento, para assinarem declarações de compromisso em poderem vir a ser promotores deste produto turístico (cf. Volume Anexos).

Foi ainda realizado um contacto com a Associação Centro da Terra, que desenvolve atividade no concelho de Santiago do Cacém, e que manifestou interesse em organizar um programa/circuito de experiências turísticas sobre a construção tradicional, com uma duração de 1 ou 2 dias, e que integra *workshops* demonstrativos e visitas a exemplos de construção tradicional (intervenções de reabilitação e requalificação, obras em curso e concluídas de reabilitação e/ou construção contemporânea, segundo técnicas tradicionais.

PROGRAMA TERRITORIAL LEZÍRIA DO TEJO

Durante o mês de julho deste ano foram realizadas reuniões com empresas de animação turística que atuam na região do Ribatejo, que se traduzem da seguinte forma:

OLLEM TURISMO

A empresa demonstrou forte alinhamento e interesse na dinamização do Programa Lezíria do Tejo, uma vez que já desenvolve muitas das atividades previstas no programa. Demonstrou particular Interesse e capacidade para a dinamização do Produto Individual Cultura Avieira, dado que já realiza este tipo de experiência com participação de protagonistas da aldeia piscatória de Porto da Palha e durante o próximo ano passará a operar com um barco hotel nesta zona do rio, promovendo este mesmo produto. A empresa entregou carta de compromisso relativa à montagem de produto para integração no catálogo, cuja cópia digitalização consta do volume da documentação anexa a este Relatório Final.

PROMARTUR

A empresa demonstrou forte alinhamento e interesse na dinamização do Programa Lezíria do Tejo. Desde há vários anos que desenvolvem várias das experiências propostas, embora com um nível de profundidade mais ligeiro e comercial. Dispõem de meios logísticos e rede de parceiros/protagonistas para a concretização do produto. Apesar das diligências efetuadas, não foi possível obter desenvolvimentos sobre a montagem deste produto.

RIO-A-DENTRO

A empresa desenvolve atividade relacionada com este produto, nomeadamente passeios de barco no rio, embora mais orientados para a observação de aves. Relativamente ao Produto “Cultura Avieira”, este promotor assume dificuldades na sua operacionalização devido à dificuldade de

envolvimento dos protagonistas e falta de condições locais para a realização da experiência desenhada.

OBSERVATÓRIO DE PAISAGEM DA CHARNECA

Foi realizada uma reunião com a responsável do Observatório, Arq^a. Graça Saraiva, que demonstrou interesse na montagem de um produto turístico baseado no observatório e paisagem envolvente. Embora alinhado com o conceito e protótipo desenvolvido para este Programa Territorial, este produto terá de ser ainda trabalhado no sentido de constituir uma proposta válida para integração no catálogo.

SPIRA

Como resultado dos contactos efetuados, resultou a disponibilidade manifestada, por parte da SPIRA, em assinar a declaração de compromisso em poder assumir o papel de promotor do programa Territorial Lezíria do Tejo (cf. Volume Anexos).

No que se refere aos protagonistas relacionados com vários os patrimónios culturais imateriais que integram este programa territorial dos contactos efetuados fica a constatação de um interesse geral em participarem no programa. Caberá aos promotores do programa aglutinar estas várias experiências para a operacionalização do programa em articulação com estes protagonistas.

Resumem-se abaixo os diversos contactos estabelecidos com protagonistas de PCI com possibilidade de virem a o Programa Territorial:

CORREARIAS/EQUITAÇÃO PORTUGUESA

Foi solicitado às Câmaras Municipais da região do Ribatejo indicações de equipamentos ligados ao cavalo e à equitação, como coudelarias, correarias, e artesãos entrançadores com disponibilidade para acolher e interagir com visitantes.

Realizou-se uma visita à correaria Casa Farto para efeitos de recolha fotográfica. O seu proprietário Custódio Farto mostrou-se disponível e interessado em participar no projeto.

CULTURA AVIEIRA

Ver ponto relativo ao Programa Territorial Lezíria do Tejo: os promotores que trabalham o programa territorial são os mesmos que têm experiência na exploração das várias facetas da cultura avieira.

FALCOARIA

Ver Ponto correspondente na Rota PCI - Falcoaria Real.

FANDANGO

Foi contactada a Câmara Municipal do Cartaxo, na pessoa da Dr.^a Helena Montez, e foram visitados e feito o levantamento fotográfico de grupos folclóricos ativos que também praticam o Fandango. Existe a prática de ensaios abertos com ritmo regular que permite acolher visitantes.

PROGRAMA TERRITORIAL ALENTEJO LITORAL

Foram contactadas empresas de animação turística que atuam no Alentejo Litoral, que apresentam objetivos e serviços, nos seus sites, alinhados com este programa:

ALENTOUR

Foi contactado telefonicamente o responsável (Sr. Silvestre Santos) e enviada documentação relativa ao Catálogo de Experiências e ao Programa Territorial. Embora o promotor tenha manifestado muito interesse na participação do projeto, não foi possível realizar nenhum encontro por dificuldade de agenda do responsável.

MAOP (MEMÓRIAS ANTIGAS OUTRORA PERDIDAS)

Foi contactada telefonicamente a responsável (Raquel Arrábida) e enviada documentação relativa ao Catálogo de Experiências e ao Programa Territorial. O promotor mostrou muito interesse na participação do projeto e considerou que o catálogo muito alinhado com os propósitos da sua empresa. Esteve agendada uma reunião de trabalho, mas por dificuldades do promotor a mesma foi transferida para início de outubro.

SPIRA

Como resultado dos contactos efetuados, resultou a disponibilidade manifestada, por parte da SPIRA, em assinar a declaração de compromisso em poder assumir o papel de promotor do programa Territorial Alentejo Litoral (cf. Volume Anexos).

No que se refere aos protagonistas relacionados com os patrimónios que integram este programa territorial, dos contactos efetuados fica a constatação de um interesse geral em participarem no programa. Caberá aos promotores do programa aglutinar estas várias experiências para a operacionalização do programa em articulação com estes protagonistas.

Resumem-se abaixo os diversos contactos estabelecidos com protagonistas de PCI com possibilidade de virem a o Programa Territorial:

CANTE

Ver ponto correspondente no capítulo dedicado à Rota PCI.

Foram contactados os seguintes grupos que se mostraram disponíveis a participar no projeto:

- Grupo Coral de Vila Nova de Milfontes
- Grupo Coral de São Luís, Odemira
- Grupo Coral do Torrão, Alcácer do Sal
- Grupo de Cantares da Associação de Reformados de Vila Nova de Milfontes.

Será desejável prosseguir com os contactos já encetados, tendo em vista a concretização e eventual formalização de uma possível integração neste projeto.

Constatou-se uma grande debilidade dos grupos de Cante em Grândola: dois encontram-se inativos e um com poucos elementos realizando uma atividade regular no restaurante das Minas do Lousal.

CORREARIAS/EQUITAÇÃO PORTUGUESA

Foi solicitado à autarquia de Alcácer do Sal e Santiago do Cacém indicações de equipamentos ligados ao cavalo, como coudelarias, oficinas ou correarias, e artesãos entranchadores com disponibilidade para acolher e interagir com visitantes.

Realizou-se uma visita à oficina/espço comercial Machado & Goucha, propriedade de José Goucha – que se mostrou disponível e interessado no projeto. Foi realizado registo fotográfico.

CULTURA AVIEIRA

Foi realizada uma reunião na Junta de Freguesia da Comporta, que contou com a presença da Presidente Dr.^a Deolinda Florêncio e do técnico Nuno Bacalhau, tendo sido solicitada a indicação de empresas de animação turística que atuem na região e que possam ter interesse em participar no projeto – apenas foi dado conhecimento de barcos turísticos que realizam programas turísticos operado a partir de Setúbal, nomeadamente Sado Emotion, Vertigem Azul, e Cruzeiro SAL. Será desejável prosseguir e aprofundar os contactos já encetados, tendo em vista uma possível integração no projeto.

Foi efetuada visita ao cais palafítico da Carrasqueira para efeitos de recolha fotográfica.

CONSTRUÇÃO TRADICIONAL

Ver ponto correspondente no Programa Temático Construção Tradicional.

JANGADA DE S. TORPES

Foi realizado um contacto com o Museu Municipal de Sines, na pessoa do Diretor Arq.^o Ricardo Pereira, para apresentação do projeto, em Novembro de 2018. A atividade de construção e utilização da jangada está extinta, sendo necessário avaliar a pertinência da sua inclusão neste projeto, porque já não é possível classificar esta atividade como património cultural imaterial visto não cumprir uma das premissas básicas que é estar ativa.

MONTADO/DESCORTIÇAMENTO

Foi solicitado ao Município de Grândola a identificação e contactos de herdades com montado visitável e com prática de descortiçamento, e espaços interpretativos.

Foram realizadas visitas aos seguintes locais: Herdade de Ribeira Abaixo; Herdade das Barradas da Serra; e Herdade Monte das Faias, todas localizadas no concelho de Grândola. Tanto a Herdade das Barradas da Serra como a Monte das Faias se mostraram interessadas e dispostas a integrar o projeto.

A Herdade das Barradas da Serra é a que parece ter uma dinâmica de trabalho que melhor se adequa ao projeto, e que tem maior potencial de participação, devido às atividades que já oferece: passeios no montado com percursos marcados, atividades de manutenção do montado e assistir ao descortiçamento.

Por fim, a Herdade de Ribeira Abaixo, administrada pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, foi contactada e visitada. Trata-se de um terreno dedicado à preservação e investigação científica do ecossistema do montado, que contém espaços de receção a visitantes, atualmente em condições sofríveis.

Foi identificada também a empresa artesanal Corticeira António Chapada, em Grândola, Aldeia do Futuro, que faz transformação de cortiça selecionada, com recurso a métodos e práticas tradicionais de cozimento e corte.

EXPERIÊNCIAS PCI INDIVIDUAIS

VINHO DE TALHA

Foram realizados contactos com a Adega Cooperativa da Vidigueira, Cuba e Alvito, na pessoa de David Borges, e com a Associação Vitifrades, com a presença de membros da direção. No caso da Adega Cooperativa demonstraram forte alinhamento e interesse na dinamização do Produto Vinho de Talha, uma vez que têm em desenvolvimento um programa muito similar no âmbito de candidatura ao Programa Valorizar aprovado, que se prende com a inauguração próxima da Casa das Talhas.

A Associação Vitifrades mostrou interesse na dinamização do produto, embora com menos disponibilidade, já que têm presentemente como prioridade assuntos de gestão interna da Associação.

Previamente foi realizada uma reunião com a Câmara Municipal da Vidigueira, que contou com a presença da Adjunta do Chefe de Gabinete de Apoio à Presidência Dr.^a Ana Patrícia Marreiros, do Chefe de Divisão da Cultura e do Turismo Dr. Jorge Salvador e da Dr.^a Rosa Trole. Foi manifestado interesse na participação da Câmara no projeto tendo sido fornecida uma lista do conjunto de agentes locais que se dedicam à produção tradicional do vinho de talha.

Em sequência, além das reuniões promovidas, foi tentado estabelecer o contacto com duas empresas de animação turística – Janelas do Turismo e Caminhos de Frades-Turismo de Emoções – que, apesar de todos os esforços da equipa técnica, não se concretizou ainda por impossibilidade de agenda.

Como resultado dos contactos efetuados, resultou a disponibilidade manifestada, por parte da SPIRA, em assinar a declaração de compromisso em poder assumir o papel de promotor de experiências baseadas no PCI Vinho de Talha (cf. Volume Anexos).

FIGURADO DE ESTREMOZ

As condições para a operacionalização deste produto individual encontram-se descritas no ponto relativo a este PCI no Capítulo da Rota PCI

Como resultado dos contactos efetuados, resultou a disponibilidade manifestada, por parte da SPIRA, em assinar a declaração de compromisso em poder assumir o papel de promotor de experiências baseadas no PCI Figurado de Estremoz (cf. Volume Anexos).

Festas do Povo de Campo Maior

Foram estabelecidos contactos e concretizada uma reunião com a Câmara Municipal de Campo Maior, que demonstrou interesse no desenvolvimento de um produto turístico com base na tradição das Festas do Povo de Campo Maior, embora tenha alertado para algumas dificuldades na sua operacionalização tendo em conta o espaçamento temporal e a incerteza na periodicidade com que ocorrem as festas, a dificuldade em montar uma experiência baseada neste PCI fora do período de preparação ou em que as festas decorrem e a expectável relutância de população em proporcionar experiências imersivas aos turistas durante a preparação das festas, dado o segredo com que cada rua trabalha a sua preparação.

Como resultado dos contactos efetuados, resultou a disponibilidade manifestada, por parte da SPIRA, em assinar a declaração de compromisso em poder assumir o papel de promotor de experiências baseadas no PCI Festas do Povo de Campo Maior (cf. Volume Anexos).

CULTURA AVIEIRA

As condições para a operacionalização deste produto individual com base na Cultura Avieira na Lezíria do Tejo encontram-se descritas no ponto correspondente no Programa Territorial Lezíria do Tejo, estando em preparação uma proposta de produto pela empresa OLLEM, conforme descrito nesse ponto

Como resultado dos contactos efetuados, resultou a disponibilidade manifestada, por parte da SPIRA, em assinar a declaração de compromisso em poder assumir o papel de promotor de experiências baseadas no PCI Cultura Avieira (cf. Volume Anexos).

MANUFATURA DE CHOCALHOS

Concretizaram-se dois contactos para o PCI Manufatura de Chocalhos, num primeiro momento de levantamento de protagonistas: Fábrica de Chocalhos Pardalinho, em Alcáçovas, Viana do Alentejo, e Chocalhos A. SIM SIM, em Ereira, Cartaxo. Contudo, tendo em consideração a sua participação e prestação na inscrição da arte chocalheira no registo de Património Cultural Imaterial da Humanidade, juntamente com as suas condições de receção de visitantes, a Fábrica Pardalinho foi considerada a entidade com maior potencial a participar no projeto da Rota do PCI UNESCO.

Num contacto mais avançado com os responsáveis da Fábrica de Chocalhos Pardalinho, foi lançada a sugestão de criar um programa que incluía estadia em Alcáçovas, para integrar a experiência de uma jornada de acompanhamento de rebanhos, onde se pode escutar e distinguir as sonoridades dos chocalhos, e partilhar com o pastor esta tradição ancestral. Para tal foi concretizada uma reunião com os proprietários da Herdade da Mata, Bárbara e George Thomann, que se mostraram disponíveis para criar um programa em parceria com a Fábrica Pardalinho, que incluía uma noite de estadia na herdade e onde os visitantes poderão fazer percursos pedestres pela herdade, acompanhando os rebanhos.

Como resultado dos contactos efetuados, resultou a disponibilidade manifestada, por parte da SPIRA, em assinar a declaração de compromisso em poder assumir o papel de promotor de experiências baseadas no PCI Manufatura de Chocalhos (cf. Volume Anexos).

TABELA DE SÍNTESE DE TODOS OS CONTACTOS EFETUADOS

No sentido de sistematizar algumas das informações anteriormente elencadas a propósito dos contactos estabelecidos pela equipa, bem como a facilitar a realização de posteriores contactos quer por parte da Turismo do Alentejo, E.R.T., quer por outros agentes ou entidades que pretendam vir a aprofundar algumas das propostas de produtos e experiências turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo, eventualmente integráveis no Catálogo, apresenta-se, de seguida, uma tabela de síntese com os contactos de todos os agentes e entidades contactados. Esta tabela de síntese encontra-se devidamente organizada de acordo com, em primeiro lugar, a tipologia de PCI e, em segundo lugar, a tipologia de produto turístico.

PCI	Entidades Contactadas
Cante	<p>Centro UNESCO para a Salvaguarda de Património Cultural Imaterial – 284 094 763</p> <p>Cantadores do Desassossego, Beja – Responsável: Miguel Pavia – 967 285 826</p> <p>Grupo Coral do Torrão, Alcácer do Sal – Responsável: João Sousa – 969 044 561</p> <p>Grupo Coral de Vila Nova de Milfontes – Responsável: António Loução – 926 669 132</p> <p>Grupo Coral de São Luís, Grândola – Responsável: António Ledo – 966 487 341</p> <p>Grupo de Cantares da Associação de Reformados de Vila Nova de Milfontes – Responsável: Mário Feliciano – 963 086 415</p>
Construção tradicional	<p>Centro da Terra – Arq.^a Ana Antunes – 934 293 061</p> <p>Oficinas do Convento – Ana João Almeida – 911 121 275</p> <p>JP Bernardino - Construções Ecológicas - Cercal do Alentejo - 963365025</p>

PCI	Entidades Contactadas
Correarias / Equitação Portuguesa	<p>Correaria Machado & Goucha (Alcácer do Sal) – Proprietário José Goucha – 965 411 074</p> <p>Correaria Casa Farto – Proprietário Custódio Farto e filho Afonso Farto – 961 530 001</p> <p>Correaria Silvério (Pombalinho, Golegã) – oficina / loja (Sr. Silvério) – 243459114; 919716907</p> <p>Equilusa (Marinhais, Salvaterra de Magos) – oficina / loja (Sr. Marco Pimentel) - 938480175</p> <p>Companhia das Lezírias (Samora Correia) – 263 650 600</p> <p>Coudelaria Luís Bastos – Responsável: Luís Bastos – Contacto: 937 566 922 – Mail: info@coudelarialuisbastos.com;</p> <p>Coudelaria Jaime Malta Vacas – Responsável: Dr. Jaime Malta Vacas – Contacto: 965 000 137 – Mail:jaimemaltavacas@gmail.com;</p> <p>Coudelaria Ricardo Venâncio – Responsável: Ricardo Venâncio - Contacto: 964 750 947</p> <p>Empresa Cavados na Areia - www.cavalosnaareia.com -</p>
Cultura Avieira	<p>Câmara Municipal de Salvaterra de Magos – Dr. Daniel Rabita responsável da Unidade de Turismo e Desenvolvimento Económico – 263 509 520 e responsável pelo Rancho Folclórico “Os Avieiros” do Escaroupim – 914 648 083</p> <p>Associação da Comunidade Piscatória da Carrasqueira – Samuel Ferreira – 917 010 218</p> <p>Junta de Freguesia da Junta da Comporta – contacto com Presidente Dr.^a Deolinda Florêncio, e Nuno Bacalhau - 265 497295</p>

PCI	Entidades Contactadas
Descortiçamento / Montado	<p>Herdade Monte das Faias – 269 440 003 - David Roldão</p> <p>Herdade das Barradas da Serra – 269 442 320 / 961 776 610 / geral@barradasdaserra.pt - Eng. Luís Dias</p> <p>Herdade Ribeira Abaixo – Grândola - Faculdade de Ciência da Universidade de Lisboa - Prof. Rui Rebelo - rmrebelo@fc.ul.pt</p> <p>Corticeira António Chapada – Aldeia do Futuro – Grândola</p> <p>Observatório da Charneca - Arq^a. Graça Saraiva - gsaraiva@sapo.pt - 966773336</p>
Falcoaria	Falcoaria Real de Salvaterra de Magos (responsável Dra. Patrícia Leite) – 263 509 522 / 925 352 140 / falcoaria@cm-salvaterrademagos.pt
Fandango	<p>Câmara Municipal do Cartaxo Câmara Municipal do Cartaxo, Vereadora Elvira Tristão – 263 509 522 e Dra. Helena Montez) – 243 700 250 / 961 719 360 / hmontez@cm-cartaxo.pt</p> <p>Rancho Folclórico Regional de Vale da Pedra, Alda Semedo (Presidente) – 964 493 763</p>
Festas do Povo de Campo Maior	<p>Câmara Municipal de Campo Maior (contacto com Técnico Superior João Custódio) – 268 680 300 / 962 576 208 / joao.custodio@cm-campo-maior.pt</p> <p>Associação das Festas do Povo de Campo Maior (Presidente João Rosinha) – 268 688 300 / festasdopovo@gmail.com</p>
Figurado de Estremoz	<p>Museu Municipal Professor Joaquim Vermelho (Estremoz) (contacto com Dr. Hugo Guerreiro) – 268 339 219 / museu.municipal@cm-estremoz.pt / hugo.a.guerreiro@cm-estremoz.pt</p> <p>Artesão José Carlos Rodrigues – 966 891 950</p> <p>Artesão Ricardo Fonseca – 964 669 754</p>
Jangada de S. Torpes	Museu Municipal de Sines (Diretor Arq. Ricardo Pereira) – 269 632 237 / 918 809 770 / museu@mun-sines.pt / ricardo.pereira@mun-sines.pt

PCI	Entidades Contactadas
Manufatura de Chocalhos	<p>Fábrica de Chocalhos Pardalinho (Alcáçovas) – 266 954 427 / 968 685 101 / 960 100 969 / geral@chocalhospardalinho.pt</p> <p>Herdade da Burquilheira – Responsável Laura Rebelo - 917 027 210</p> <p>Herdade da Mata – 266 949 011</p> <p>Chocalhos A SIM SIM (Ereira, Cartaxo) – oficina/pavilhão fabril (Sr. Artur Silva) - 963 643 567</p>
Mantas Alentejanas	<p>Fábrica Alentejana de Lanifícios (Reguengos de Monsaraz) – 266 502 179 / mizettenielsen@yahoo.com</p> <p>Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola – 286 612 036 / cotmertola@gmail.com</p>
Tapeçaria de Arraiolos	<p>Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos (Diretor Dr. Rui Lobo) – 266 490 254 / c.i.tapete@cm-arraiolos.pt</p>
Tapeçaria de Portalegre	<p>Manufatura de Tapeçarias de Portalegre (Dra. Fernanda Fortunato) – 245 301 400 / 926 033 799 / manufatura@mtportalegre.pt</p> <p>Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino (Dra. Paula Fernandes) - 245 307 530 / 964 360 172 / museu.municipal@cm-portalegre.pt</p>
Vinho de Talha	<p>Vitifrades: Associação de Desenvolvimento Local (Vila de Frades, Vidigueira; contacto realizado com Presidente Dr. Augusto Palhaço) – 284 441 312 / 925 668 525 / vitifrades@gmail.com</p> <p>Câmara Municipal de Vidigueira – 284 437 400</p> <p>Adega Cooperativa da Vidigueira, Cuba e Alvito – David Borges – 939 190 455 / davidborges@adegavidigueira.pt</p> <p>Herdade “Quinta do Quetzal” (Vila de Frades) – 284 441 618</p> <p>Quinta das Ratoeiras – 918 737 437</p>

Programa / Experiência Turística	Entidades Contactadas
Programa Rota do Património Cultural Imaterial classificado pela UNESCO	<p>Living Tours – 965 149 480 / 228 320 992</p> <p>Spira – Catarina Valença Gonçalves – 284 475 413</p> <p>VAGAR Walking Tours -Melanie - 914 032 561 info@vagarwalkingtours.com</p> <p>Pinto Lopes Viagens – 222 088 098 / geral@pintolopesviagens.com</p> <p>Genuine Alentejo - Jorge Martins - 964 648 162 / info@genuinealentejo.com</p>
Programa Temático “Caminhos da Lã”	<p>Spira – Catarina Valença Gonçalves – 284 475 413</p> <p>VAGAR Walking Tours -Melanie - 914 032 561 info@vagarwalkingtours.com</p> <p>Pinto Lopes Viagens – 222 088 098 / geral@pintolopesviagens.com</p> <p>Genuine Alentejo - Jorge Martins - 964 648 162 / info@genuinealentejo.com</p>
Programa Temático “Construção Tradicional”	<p>Centro da Terra – Arq.^a Ana Antunes – 934 293 061</p> <p>Oficinas do Convento – Ana João Almeida – 911 121 275</p>
Programa Territorial Lezíria do Tejo	<p>OLLEM Turismo – Madalena Viana – 917 204 758</p> <p>Promartur – João Diogo e Madalena Santos – 263 590 000</p> <p>Rio-a-dentro – Rui Domigues – 915 880 518</p> <p>Observatório da Charneca - Arq.^a Graça Saraiva - gsaraiva@sapo.pt - 966773336</p>
Programa Territorial Alentejo Litoral	<p>Alentour - Sr Silvestre Santos - 925321654 - geral@alentour.pt</p> <p>MAOT (Memórias Antigas Outrora Perdidas) - Arq.^a Raquel Arrábida - 912773622 - info.maop@gmail.com</p>

Programa / Experiência Turística	Entidades Contactadas
Experiência Individual Vinho de Talha	<p>Janelas do Turismo – 968 962 645 / janelasdoalentejoturismo@gmail.com</p> <p>Caminhos de Frades - Turismo de Emoções – 960 337 995 / mariajoaoroque.consultora@gmail.com</p> <p>Herdade “Quinta do Quetzal” (Vila de Frades) – 284 441 618</p> <p>Quinta das Ratoeiras – 918 737 437</p> <p>Vitifrades: Associação de Desenvolvimento Local (Vila de Frades, Vidigueira; contacto realizado com Presidente Dr. Augusto Palhaço) – 284 441 312 / 925 668 525 / vitrades@gmail.com</p> <p>Adega Cooperativa da Vidigueira, Cuba e Alvito – David Borges – 939 190 455 / davidborges@adegavidigueira.pt</p> <p>Câmara Municipal de Vidigueira – 284 437 400</p>
Experiência Individual Festas do Povo de Campo Maior	<p>Câmara Municipal de Campo Maior (contacto com Técnico Superior João Custódio) – 268 680 300 / 962 576 208 / joao.custodio@cm-campo-maior.pt</p>
Experiência Individual Cultura Avieira	<p>OLLEM Turismo – Madalena Viana – 917 204 758 info@ollem-turismo.com</p> <p>Promartur – João Diogo e Madalena Santos – 263 590 000 madalena@promartur.pt</p> <p>Rio-a-dentro – Rui Domingues – 915 880 518 / geral@rio-a-dentro.pt</p> <p>Câmara Municipal de Salvaterra de Magos – Dr. Daniel Rabita responsável da Unidade de Turismo e Desenvolvimento Económico – 263 509 520 e responsável pelo Rancho Folclórico “Os Avieiros” do Escarpupim – 914 648 083</p>
Experiência Individual Manufatura de Chocalhos	<p>Fábrica de Chocalhos Pardalinho (Alcáçovas) – 266 954 427 / 968 685 101 / 960 100 969 / geral@chocalhospardalinho.pt</p> <p>Herdade da Burquilha – Responsável Laura Rebelo - 917 027 210</p> <p>Herdade da Mata – 266 949 011</p>

3.4. CONSTRUÇÃO DE NARRATIVA PROMOCIONAL TURÍSTICA

Tendo em vista uma adequada promoção e comercialização do Catálogo de experiências turísticas baseadas no PCI do Alentejo e Ribatejo, é de fundamental relevância dispor de elementos de narrativa (*storytelling*) promocional turística, em termos escritos e visuais, que possibilitem alicerçar uma estratégia de comunicação e de *marketing*, que deverá ser ajustada, num momento posterior, tanto aos diferentes suportes e canais de comunicação, como aos segmentos de público-alvo que se pretendem alcançar. Neste sentido, apresenta-se, de seguida, um conjunto de textos de cariz promocional turístico que foram elaborados pela equipa da Quaternaire Portugal para cada uma das dez experiências turísticas de 1ª geração propostas, e já apresentadas no subcapítulo anterior.

No volume anexo, apresenta-se uma seleção de fotografias originais – reproduzindo, assim, o conjunto de ficheiros digitais das imagens em alta resolução entregues à Turismo do Alentejo, E.R.T. –, que foram expressamente realizadas pela equipa para este projeto⁶, e que pretendem complementar e enriquecer, de um ponto de vista visual, a narrativa promocional turística delineada.

3.4.1. ROTA DO PCI DO ALENTEJO E RIBATEJO INSCRITO NAS LISTAS DA UNESCO

UM PATRIMÓNIO PARA A HUMANIDADE

Foi a terra alentejana que fez o homem alentejano, e eu quero-lhe por isso. Porque o não degradou, proibindo-o de falar com alguém de chapéu na mão. (...) Amo também nele os frutos palpáveis duma harmonia feliz entre o barro e o oleiro. Amo igualmente o que o homem fez e a terra deixou fazer. Diante de um tapete de Arraiolos, ou a ouvir uma canção a um rancho de Serpa, implico o habitante e o habitado no mesmo processo criador, e louvo-os no mesmíssimo entusiasmo. Não há arte onde o homem não é livre e a natureza não quer. Dando às mãos ágeis e fantasistas materiais nobres e moldáveis – o mármore, o cobre, a lã, o coiro, e o barro –, a terra alentejana quis que a vida no seu corpo tivesse beleza.

Miguel Torga (1993), *Portugal*, 6.ª ed., Edição de Autor, Coimbra.

Este roteiro propõe uma viagem à descoberta de algumas manifestações do Património Cultural Imaterial do Alentejo e Ribatejo que foram reconhecidas pela UNESCO e inscritas nas suas Listas pela sua singularidade e excecionalidade. Património vivo transmitido de geração em geração, constantemente recriado pelas comunidades em função do seu meio, da sua interação com a natureza e a sua história, que confere sentimento de identidade e de continuidade e contribui para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.

⁶ Apenas no caso do PCI Festas do Povo de Campo Maior, e uma vez que durante todo o período de realização do trabalho, não se realizaram as Festas, utilizaram-se algumas fotografias gentilmente cedidas pela Câmara Municipal de Campo Maior e que possibilitaram retratar esta manifestação cultural imaterial.

1. AS VOZES DA COMUNIDADE

O itinerário tem o seu início natural no Centro UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, instalado em 2018 em Beja, onde se podem descobrir diversas manifestações culturais que reconhecemos na paisagem cultural deste território, entre as quais o Cante Alentejano.

O Cante Alentejano, expressão musical única no Mundo, é cantado coletivamente sem recurso a instrumentos musicais e tem origem no Baixo Alentejo. Usa um vasto repertório de poesia tradicional (modas) e é reconhecido pelas suas melodias (estilos) existentes ou recriadas. Esta tradição oral tem sido transmitida principalmente através da família e da comunidade no contexto do trabalho agrícola, de reuniões sociais privadas, festas e outros rituais, sendo um elemento fundamental na vida social das comunidades alentejanas.

Encontram-se grupos corais em todo o Alentejo, mas Cuba, Serpa e Beja são os principais epicentros com equipamentos dedicados à interpretação e experimentação.

Foi a primeira manifestação portuguesa a ser inscrita na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade, em 2014, por iniciativa da Casa do Cante, em Serpa.

Somos convidados a entrar, dando-nos assim a oportunidade de assistir a um ensaio de um grupo de cante que aqui acontece segundo um calendário estabelecido e divulgado.

À conversa com os membros do grupo que vão chegando ao ensaio, vindos de mais perto ou mais longe, que deixam afazeres e ocupações várias, se poderá entender o que motiva um elemento mais jovem ou mais velho a deixar o seu ambiente familiar ou de recreação para se disponibilizar para um ensaio semanal do grupo de cante.

Constatamos que o Cante é muito mais do que uma prática musical, é a expressão viva da tradição das práticas conviviais e de encontro no Alentejo que se funda no forte sentido de reunião e de partilha de valores identitários. É nestes lugares e momentos que é possível tomar contacto estreito e participar em ocasiões únicas de convívio e assim surpreender uma comunidade nos seus hábitos quotidianos e informais e até de alguma intimidade em que melhor se apreendem os seus traços culturais.

Ficamos a saber que o Cante se popularizou de uma forma particular nas tabernas, espaço central da sociabilidade masculina. Também por isso, durante muito tempo foi exclusivo dos homens, sendo que só recentemente começaram a surgir grupos femininos, mistos e infantis.

Acomodemo-nos então para ouvir esta música rara, porque não bastam os ouvidos para entender esta manifestação que tanto diz da comunidade onde foi gerado e continua a ser praticado.

Se dermos atenção às vozes e à dinâmica do cante conseguimos perceber que as vozes se organizam em três faixas e papéis: ponto, alto e baixos. Quando a música começa, os cantadores encostam-se uns aos outros e executam movimentos cadenciados e sincronizados que acentuam o envolvimento profundo numa unidade emocionalmente intensa de vozes.

E prepare-se o viajante para ser desafiado a integrar-se no grupo e a cantar uma das vozes que lhe for atribuída.

Poderá levar no final o registo do ensaio em que participou, o que será uma forma expressiva de ficar com esta experiência gravada, a cantar a vozes *a capella* de forma que não se ouve em lugar algum do mundo.

2. O SOM DA PAISAGEM

No Alentejo, o som produzido pelos chocalhos de um rebanho a pastar no montado é um autêntico som da paisagem.

Esqueça o ruído do bulício urbano e das vias rápidas e deixe-se embalar por este som que não se percebe logo de onde vem, deixando a ilusão de ser irradiado pela própria paisagem. Apure o ouvido para escutar o som que o rebanho há-de reconhecer nos montes, fruto de uma grande mestria técnica e do perfeito domínio da arte do fabrico de uns idiofones de metal que levam o nome de chocalhos e são produzidos na Península Ibérica desde o século I a.C.

Notável, porque o chocalho é uma singela campainha cilíndrica em folha de ferro, usada pelo animal de pasto nas pastagens, e que serve para este ser facilmente localizado. A peça é presa ao pescoço do gado com uma fivela de latão ou com uma cágueta (peça de madeira), por vezes com desenhos esculpidos. A inserção de marcas no corpo do chocalho tem como objetivo identificar o fabricante e/ou proprietário do rebanho, sendo a marca de fabrico colocada na frente e a de posse nas costas do chocalho.

Em Alcáçovas, no concelho de Viana do Alentejo, a técnica utilizada na produção de chocalhos é a mesma desde o século XVIII, conforme atestam as peças mais antigas que figuram nas coleções particulares de alguns mestres chocalheiros. O processo manteve-se inalterável até aos dias de hoje, havendo a registar unicamente a substituição da forja pelo forno a gás, inovação introduzida por volta do ano de 1995 pelo mestre chocalheiro Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim e que revolucionou a produção de chocalhos permitindo a cozedura simultânea de um número muito maior de artefactos.

Mas o desinvestimento na agricultura e as mudanças socioeconómicas ditaram o progressivo decréscimo da criação de animais em rebanho, levando a que também o fabrico dos chocalhos entrasse em crise. Atualmente, existem poucas oficinas e as que existem são mantidas por artesãos idosos. Felizmente, a inscrição, em 2015, da Manufatura dos Chocalhos na Lista da UNESCO do Património Cultural Imaterial da Humanidade com Necessidade de Salvaguarda Urgente veio travar o processo de extinção da arte chocalheira.

O fabrico artesanal de chocalhos encontra-se estreitamente relacionado com as práticas ancestrais de pastoreio e transumância de gado que levavam os rebanhos em demanda de pastos verdes e temperaturas amenas num movimento pendular anual entre as serras altas do centro do país e a vasta planície de Castro Verde, no Baixo Alentejo, numa localidade que tem o significativo nome de Entradas. A deslocação prolongada de grandes rebanhos expunha o gado a numerosos perigos, só atenuados pelo uso do chocalho que sinalizava a localização dos animais.

No Alentejo Central, o centro produtivo de chocalhos é a freguesia de Alcáçovas, em Viana do Alentejo. Aqui, a atividade chocalheira tem um carácter marcadamente familiar, existindo gerações inteiras ligadas ao ofício.

Aqui é de visita obrigatória a Fábrica Pardalinho, onde acompanhamos o trabalho dos artífices nas fases do processo de fabrico das peças – do inicial corte da chapa à afinação do chocalho, passando pelas etapas de modelação, do embarramento (fazer um casulo de barro amassado com moinha de palha para levar o chocalho ao forno: é nesta fase que podemos experimentar) e da ida à forja. E ainda perceber o trabalho subtil de obtenção de sonoridades dos chocalhos e perceber a razão de um chocalheiro só ser reconhecido como mestre quando, para além do fabrico, domina também o saber da afinação do chocalho.

Na Herdade da Mata, em pleno montado, acompanhamos o rebanho e o seu pastor de chocalhos e comprovamos a importância do chocalho no apoio à atividade agro-pastoril tradicional. Não

percamos a oportunidade de fazer um piquenique no montado e saborear alguns dos produtos tipicamente alentejanos que o pastor traz no seu bernal!

De regresso à vila, acedemos ao Paço Real, também denominado “Paço dos Henriques”, que atualmente alberga o Centro Interpretativo dos Chocalhos e ficamos a conhecer os motivos que justificaram a inscrição, pela UNESCO, desta arte tradicional na Lista do Património Cultural Imaterial com Necessidade de Salvaguarda Urgente.

O edifício apresenta uma estrutura eclética, em que os vestígios góticos e manuelinos se fundem na arquitetura maneirista. Antiga residência real durante o século XIV, onde D. Afonso V recebeu a embaixada dos Reis Católicos para a assinatura do Tratado de Alcáçovas, que pôs termo à guerra sucessória de Castela. Aqui se realizaram importantes casamentos das famílias reais ibéricas. A capela do paço destaca-se pela exuberância decorativa considerado um dos mais curiosos e antigos conjuntos da arte híbrida, oriental-ocidental da região

Aqui ficará a conhecer os motivos que justificaram a inscrição, pela UNESCO, desta arte tradicional na Lista do Património Cultural Imaterial com Necessidade de Salvaguarda Urgente.

Ao final do dia assistimos a uma atuação da Banda da Sociedade União Alcaçovense, que integra nos seus naipes o ‘chocalhofone alentejano’ instrumento musical constituído por 32 chocalhos modelo “picadeira”, produzido pela Fábrica de Chocalhos Pardalinho e apadrinhado pelo maestro Christopher Bochmann.

Alcáçovas e Viana do Alentejo oferecem vários roteiros e possibilidades. O importante é que o viajante fique a conhecer os segredos da arte chocalheira e dos seus artistas de muitos saberes e sensibilidades, compositores de uma sinfonia que se poderá ouvir em grande harmonia com a paisagem.

3. MODELAR A VIDA EM BARRO

“Modelar a vida em barro” pode muito bem ser o mote da jornada dedicada a uma arte tradicional de carácter marcadamente artesanal, transmitida em contexto familiar e oficial, emblemática da comunidade que lhe confere o nome: o Figurado de Estremoz.

Os Barristas de Estremoz, artífices tradicionais do figurado em barro, mantêm hoje presença na cidade, embora em número menos representativo. Deambulando pelas ruas do centro histórico de Estremoz, onde se podem ir descobrindo sinais dos velhos tempos em que a presença do fabrico artesanal de figurado de barro era expressiva, é possível vivenciar ainda o ambiente das oficinas de barristas. O encontro com Afonso Ginja ou com as Irmãs Flores, nas suas respetivas oficinas, transporta-nos para o mundo simbólico, imaginário ou ilustrativo através dos seus artefactos, “feitos com arte”, de cujo saber estes são os seus genuínos detentores.

A conversa com algum desses barristas permite-nos sentir melhor de que forma o Figurado de Estremoz representa, também, a identidade cultural alentejana. Eles nos ajudam a identificar representações dos diversos mesteres e trabalhos tradicionais locais, o Pastor (nas suas diversas ocupações) ou a Fiadeira; compreender os mitos e as representações simbólicas e de religiosidade da comunidade, como a Primavera, o Amor é Cego ou o Presépio; conhecer imagens que ilustram objetos de uso ou cenas da vida local.

Algumas horas passadas com os barristas projetam-nos para o passado desta arte. Exibem as heranças desse passado, transmitidas através do seu saber-fazer manual, do dom de moldar o barro, transformando-o em figuras que nos relatam factos da história desta região, dos seus povos e dos seus trabalhos agrícolas e domésticos, das suas ideias, crenças e formas de socialização e festividades. Completamos toda essa informação numa visita ao Museu Municipal, cuja exposição

documental inclui imagens e peças da lavra de vários autores, ao longo de várias décadas, com respetivas descrições.

Os momentos de contacto com esta arte podem ainda ser transformados em objetos de memória futura, seja pela simples aquisição de peças que saíram dessas mãos calejadas e desses imaginários, seja por uma eventual imersão mais aprofundada no universo dos barristas, com a produção própria de uma peça no âmbito de um *workshop* de iniciação à olaria de barro figurado.

Ao sábado, é obrigatório visitar e mercar na feira, o mercado tradicional que se realiza, de manhã, no Rossio Marquês de Pombal, onde, para além dos garridos bonecos de barro, se podem também ver e comprar frutas, hortaliças, cereais, azeite, queijos, azeitonas, enchidos...

4. REIS DOS CÉUS AO SERVIÇO DOS REIS DA TERRA

A terminar este périplo pelas jóias da coroa do património cultural imaterial do Alentejo e Ribatejo, entramos no universo fantástico da Falcoaria, modalidade de caça praticada em Portugal desde o século XII e assinalada no território desde a Fundação da nacionalidade.

No século XVIII a Casa Real Portuguesa retomou a prática da Falcoaria, que havia tido grande expressão no século XIV, e mandou construir a Real Falcoaria de Salvaterra de Magos. Desde então, a Falcoaria é praticada por homens ou mulheres um pouco por todo o país que recorrem a técnicas, nomenclatura e materiais que atestam a ancestralidade desta arte. Estas aves de porte e voo soberano foram utilizadas como demonstração de poder e grandeza, e por isso integram armas e brasões, inseridos nos dotes de casamento das princesas e para pagamento de resgates de guerra. O respeito pela ave de presa, pela presa e pela Natureza continuam a ser os fundamentos de cada falcoeiro, responsável pela aprendizagem e adestramento dos falcões.

Somos convidados a visitar a Falcoaria Real, única existente em Portugal e atualmente na Península Ibérica. Deixamo-nos surpreender pela beleza deste Paço Real com instalações magníficas dedicadas à falcoaria. Ficamos a entender o porquê das frequentes estadias reais pelas excelentes condições de localização junto do Rio Tejo, que permitia tanto a caça de aves ribeirinhas como as garças-reais, a proximidade a Lisboa, e às coutadas reais, onde abundavam as presas.

Inteiramo-nos do quotidiano destas aves em cativeiro e das instalações da Falcoaria; podendo assistir ao treino da ave e à sua demonstração de voo em liberdade, em que, na tentativa de capturar a falsa presa lançada pelos falcoeiros, é colocada em evidência toda a sua perícia. Falcão e falcoeiro formam um conjunto com forte ligação, essencial para que o treino da ave a mantenha em excelentes condições. Isto envolve o cuidado da sua saúde e a melhoria contínua da sua condição física.

A exposição permanente revela-nos um pouco da história da Falcoaria Real e da sua importância para a vila de Salvaterra de Magos.

Para estadias um pouco mais longas, a Falcoaria Real promove cursos de iniciação à Falcoaria em que transmitem aos formandos os conhecimentos básicos necessários a uma iniciação correta na atividade.

3.4.2. PROGRAMA TURÍSTICO TERRITORIAL - LEZÍRIA DO TEJO

Lezíria do Tejo, as figuras na paisagem

«O Tejo leva mais saudades que água.»
Alves Redol, in *Avieiros*

A Lezíria do Tejo é o berço do Ribatejo.

O Tejo nunca é o Tejo todo. Há um Tejo feito de vales encaixados, de escarpas agrestes e fortes torrentes. E há o Tejo da Lezíria, das terras de pasto, da horticultura. O Tejo que se expande e alaga, invadindo as terras de ambas as margens, apenas para as separar ainda mais, mesmo quando num ritual de destruição e renovação as une.

A lezíria (do árabe *al-jazira*, «a ilha») designa uma zona agrícola muito fértil, situada na região do Ribatejo. É um ecossistema vivo com uma história inacabada, sistema complexo de relações que se estabeleceram entre o rio e o homem ao longo de várias eras, que levaram a que se olhassem com desconfiança ou com paixão: um visto como obstáculo ou como refúgio, como fonte de vida ou como força destruidora; outro como protetor ou como predador, como viajante ou como autóctone, como guerreiro ou como trabalhador da terra e do rio.

As diversas formas de Património Cultural Imaterial aqui presentes são elementos matriciais deste território atravessado pelo rio Tejo e marcado por amplos espaços agrícolas e naturais, na diversidade que distingue a Lezíria da Charneca, para além da beira-rio, “Beira do Tejo” ou Bairro.

Mescla de paisagens, feições, sabores, vestígios, que identificam a Lezíria de forma evidente para quem lá vive ou viveu mas que fazem dela um território essencialmente definido pelas suas gentes. As práticas culturais, que também são sociais e económicas, são aqui, como em muito poucos lugares, definidas pelo território e pelas condições de vida que ele oferece.

Vamos ao encontro de personagens e comunidades que se tornaram figuras maiores que imprimem carácter à paisagem da Lezíria, reconhecidas e respeitadas pela comunidade: os avieiros, os campinos, os descortiçadores, os correeiros, os falcoeiros, os chocalheiros.

Falamos com um casal avieiro que remata as suas artes de pesca que sentencia “Ninguém é de cá, veio tudo cá parar. É um local de chegada e de partida; onde a comunicação é fácil, a fixação é menor”. Ouvimos o marulhar das águas sentados num dos cais palafíticos, assentes em estacaria desalinhada que aparenta ser frágil, mas que se sabe resistente aos humores das águas, à conversa com um casal de avieiros.

Acompanhamos o casal numa ida ao rio. A especificidade da pesca avieira, nos seus moldes tradicionais, implica a participação da mulher como tripulante em todos os trabalhos da faina. A mulher segue remando, governando o barco, enquanto o homem larga as redes ou prepara as artes, trabalhando na execução ou manutenção de redes e de artes.

O rio foi barreira, fronteira, mas foi também ligação, corredor de comunicação cultural e eixo natural de penetração de povos e civilizações. Cruzamos pontes, em betão, as mais modernas, ou exemplares da arquitetura do ferro do início do século passado, que são hoje marcas essenciais na

paisagem que permitiram melhorar significativamente os acessos ferroviários e rodoviários e vieram destronar o anterior transporte fluvial de pessoas e mercadorias, na ligação local entre as margens ou aos grandes centros urbanos polarizados pela capital.

Apesar de não ser já a atividade mais significativa para o rendimento económico das famílias, a pesca constitui um modo de vida basilar à identidade social, evocada na designação ‘avieiros’. Através da prática piscatória, o avieiro preserva principalmente uma forma de identidade.

Deixamos o rio, desgostosos porque a pesca não foi famosa, porque a época não é propícia e o peixe já não abunda, mas deslumbrados com a visão magnífica da paisagem ribeirinha, das aldeias avieiras que se sucedem ao longo das margens do rio. dos bandos de gansos até às pequenas alvéolas que se movem nos baixios.

Procuramos, na aldeia de Caneiras, um dos últimos construtores de bateiras avieiras embarcações tradicionais utilizadas na pesca no rio. Diz-nos que a construção de barcos, atividade artesanal que era comum a várias povoações ribeirinhas desta zona hoje praticamente desapareceu com a quase extinção das atividades do rio. Nestas artes e saberes da construção naval consubstancia-se ainda uma rica e complexa história de migrações e povoamento humano das margens do Tejo por populações costeiras, oriundas em especial de Vieira de Leiria.

Podemos encontrar aldeias avieiras que se mantêm vivas e ocupadas em ambas as margens do rio: a norte, as aldeias da Palhota e Porto da Palha, ambas no concelho do Cartaxo, e a sul, a aldeia de Escaroupim em Salvaterra de Magos. A construção tradicional de habitações que começaram por ser precárias, as palhotas, assim ditas, eram, na verdade, cabanas construídas a uma certa altura (como defesa contra inundações aquando a época de cheias do rio), para quando a família comesse a aumentar – até então, viviam nos barcos em que pescavam.

«As palhotas são todas iguais. Quatro prumos metidos no chão e varas de madeira a segurar o telhado coberto pelo carrocil das abertas, que é a melhor palha nascida na vegetação da Lezíria. O material das paredes vem da mesma origem. Apodrecer depressa, mas depressa se refaz.» (Alves Redol, Avieiros, p.196)

A aldeia piscatória de Escaroupim, em Salvaterra de Magos, tem sido objeto de reabilitação de edificações e do espaço urbano. No coração da aldeia, no edifício da antiga escola primária, foi criado o Museu «Escaroupim e o Rio», que visitamos. É dedicado à cultura avieira e à contextualização histórica da comunidade que escolheu este local para se radicar.

No restaurante “O Escaroupim” apresentam-nos pratos típicos feitos com produtos locais, e vista para o rio Tejo. As enguias fritas ou em ensopado, o sável e a lampreia, consoante a época do ano, são os pratos de eleição.

Deixamos as margens do rio e partimos à descoberta da Lezíria e das grandes extensões de pastagens e dos seus ocupantes e personagens principais. Pelas planícies ribatejanas, encontramos belas criaturas, cavalos e touros; pelos céus, avistamos outros animais imperiais, os falcões.

Uma figura se destaca nesta paisagem: o campino. Apesar do desenvolvimento das práticas agrícolas, o papel do campino como guardião da Lezíria e dos animais que a percorrem mantém-se ativo e presente na vida e na memória da comunidade ribatejana até hoje. Figura celebrada do guardador de touros, as atividades por ele desenvolvidas com o gado são sobretudo para garantir a boa forma e saúde dos animais para o trabalho da lavoura e para uma engorda saudável.

O campino é aqui «o guardador de rebanhos», em que «o rebanho [são] pensamentos / E os [...] pensamentos são todos sensações» (Alberto Caeiro, O Guardador de Rebanhos).

Do tripé de criação e manejo do gado, além do campino fazem parte o cavalo, que é a sua extensão e instrumento de trabalho, o touro bravo e o gado bovino objeto de toda esta lide.

A concentração de coudelarias e correarias encontrada neste território traduz a importância que as atividades ligadas ao cavalo detêm, e que o torna considerado até aos dias de hoje como um polo da arte equestre. Visitamos uma coudelaria no concelho da Golegã, onde se realiza pelo São Martinho (primeira quinzena de novembro), a Feira Nacional do Cavalo. Ficamos a conhecer as atividades diárias de manejo dos cavalos, e os saber-fazer tradicionais das artes equestres.

A relação da Lezíria, e da sua população, com o cavalo é uma história especial que teve um marco importante na criação da Coudelaria de Alter Real, a 3 kms da vila de Alter do Chão, fundada em 1748 pelo rei D. João V com o objetivo de melhorar a criação cavalar nacional e de dar à "Real Picaria", academia equestre da Corte Portuguesa do séc. XVIII, a exigida qualidade e dignidade. Hoje mantém o mesmo objetivo de dar continuidade à tradição de fornecer o Cavalo Lusitano para a Escola Portuguesa de Arte Equestre, herdeira da Real Picaria, hoje a funcionar no Palácio Nacional de Queluz. É nos explicada a especificidade e a história da raça Puro-sangue Lusitano, permitindo perceber o porquê do reconhecimento que esta raça tem junto de outras coudelarias do mundo. A Coudelaria de Alter Real é igualmente criadora da raça Cavalo do Sorraia, considerada como o primitivo Cavalo Ibérico, em vias de extinção.

Vamos conhecer o correeiro que é uma figura importante nesta história. Na sua oficina encontramos todo o tipo de arreios tradicionais de domaço e aparelhagem do cavalo – trabalhos em pele e couro produzidos de forma artesanal por estes verdadeiros artistas do couro que reivindicam serem detentores “da nobre arte de trabalhar o couro”, reconhecidos além-fronteiras.

Para além dos cavalos, esbeltos e fidalgos, encontramos um gado mais robusto e corpulento e igualmente imponente: O gado bovino ribatejano tradicionalmente força de trabalho possante, fundamental para os trabalhos agrícolas e de manutenção do montado, é também produtor das melhores carnes nacionais, com forte presença na gastronomia tradicional local. Hoje é possível andar no meio destes animais num safari de observação dos animais em liberdade na lezíria.

As manifestações festivas tradicionais como a Festa do Colete Encarnado em Vila Franca de Xira são exemplo claro da importância que adquire para comunidade o trabalho de homens e animais que garantem o seu sustento e que por isso celebra em festa os seus proveitos e reconhece o valor.

Continuando a desbravar o território ribatejano, a partir da margem esquerda do rio, encontramos-nos e perdemos-nos nas paisagens de montado. Procurando algum repouso à sombra de um sobreiro, podemos desfrutar de um pouco da paz que esta paisagem oferece.

A melhor maneira de sermos introduzidos à paisagem do montado na Charneca do Ribatejo é com uma visita ao Centro de Interpretação da Paisagem, no Observatório da Charneca no Casal do Gavião do Meio, onde nos são apresentadas as componentes da paisagem e ficamos a conhecer os seus guardiões e cuidadores e somos alertados para os desafios que se colocam à sua sustentabilidade.

Também aqui as artes e ofícios tradicionais combinam recursos locais e saberes tradicionais, relacionados com a extração e transformação da cortiça dos sobreiros. Uma figura e uma atividade merecem aqui destaque: o descortiçador, herdeiro de saberes e técnicas antigas que

maneja com perícia o “machado da corticeira”, instrumento de características únicas de adequação ao descortiçamento retirar a casca ao sobreiro sem causar danos à árvore.

A tradição de pastorícia no montado justifica aqui a atividade da manufatura dos chocalhos, na povoação da Ereira, no Cartaxo, onde visitamos a oficina A. Sim Sim. de um mestre chocalheiro vindo de Alcáçovas e que aqui se radicou.

Pelas planícies ribatejanas, avistamos belas criaturas em terra, cavalos e touros; nos céus outros animais de porte imperial, os falcões, podem ver-se na evolução dos seus voos de altanaria em círculos antes de picarem sobre a presa a 300km/h. A Falcoaria Real que encontramos em Salvaterra de Magos, é testemunho da presença da Casa Real portuguesa no território, e um polo de uma atividade tradicional encontrada em todo o mundo. A prática da falcoaria para caça continua ativa em vários pontos do país, mas teve as suas origens como passatempo da corte portuguesa, desde o século XII.

Na Falcoaria Real inteiramo-nos do quotidiano destas aves em cativeiro e das instalações da Falcoaria; podendo assistir ao treino das aves e à sua demonstração de voo em liberdade, em que, na tentativa de capturar a falsa presa lançada pelos falcoeiros, é colocada em evidência toda a sua destreza e força.

A terminar um dia de trabalho, chega sempre um momento de lazer. Para os ribatejanos, é grande o prazer de dançar, especialmente o Fandango. Aquilo que deu os seus primeiros passos como uma dança de despique e desafio, entre campinos, hoje torna-se desafiante a experiência e prática desta dança ritmada e animada. O Fandango não é exclusivo da população da Lezíria, mas não há quem lhe deposite tanto amor e dedicação como esta gente! Hoje em dia, faz parte do repertório de quase todos os ranchos folclóricos do território, e é recebido com tanta euforia quanto é desempenhada.

Pelo vasto território, com o rio Tejo aos seus pés, podemos desvendar os segredos mais bem guardados desta região, muitas vezes atravessada apressadamente e com olhos desatentos. Não podemos identificar um único elemento como representativo e/ou identitário da região Na Lezíria, qualquer um pode tomar o papel um campino, ou avieiro, ou até descortizador, mesmo que seja por um dia!

«O rio tem uma memória – um sentido para lá do que é visível por quem não viveu nas suas margens», mas convida qualquer um a descobri-lo, e criar novas memórias, pessoais e transmissíveis.

3.4.3. PROGRAMA TURÍSTICO TERRITORIAL - ALENTEJO LITORAL

Alentejo Litoral

Na margem do país, debruçado sobre o mar, o Alentejo Litoral.

Passeando pelas avenidas de areia, avistamos um grupo de crianças a brincar à beira-mar, a juntar ramos e galhos. Noutros tempos veríamos uma comunidade de pescadores a fazer o mesmo, a construir jangadas na praia de São Torpes. Estas estruturas náuticas frágeis permitem “andar sobre a água”, e eram usadas para aceder a espaços de pesca pequenos e de difícil acesso entre rochas. Hoje em dia, a memória desta embarcação de pesca mantém-se presente em atividades lúdicas das crianças, e como objeto museológico de etno-arqueologia no Museu de Sines, dedicado à cultura e tradições da região.

Estamos no Alentejo Litoral, um retângulo estreito que se prolonga do Sado até à Serra Algarvia e estabelece ligação contínua à costa atlântica, diverso nas suas paisagens e nos sistemas sociais e culturais que a ocupação humana foi moldando ao longo dos tempos. A norte, para além da faixa litoral arenosa, entre Sines e o estuário do Sado, ainda encontramos uma zona de charneca, associada ao vale do Sado que abrange uma parte da serra de Grândola, com manchas de floresta de sobreiro e pinheiro manso.

A sul de Sines e até à praia do Burgau, já na costa algarvia, estende-se o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. No seu interior percebe-se uma zona de transição da paisagem para uma planície extensa e com algumas diferenças de ocupação relativamente ao norte deste território onde sobressai a serra de Grândola. O montado de sobreiro convive hoje com extensos terrenos de cereais em campo aberto. Apesar dos traços comuns, o Alentejo Litoral contém no seu interior diferenças que justificam uma perceção mais fina por parte de quem visita esta região.

A extensão desta área e a sua diversidade interna é bem representada nesta variedade de manifestações culturais e nos elementos de Património Cultural Imaterial que mais se distinguem no seio das suas comunidades. Pretende-se, assim, que as experiências propostas permitam aprofundar o conhecimento e a fruição deste espaço territorial, na multiplicidade das suas unidades de paisagem, bem como estabelecer contactos e relações com as comunidades e particularmente com os protagonistas que preservam na sua vida quotidiana, de trabalho, social e cultural, os elementos do património cultural imaterial.

Este catálogo de experiências turísticas para o Alentejo Litoral propõe que a visita e estadia neste território se organize em torno de um conjunto de experiências, explorando os diversos elementos patrimoniais existentes, designadamente a Cultura Avieira, a Jangada de S. Torpes, as Correarias, a Tiragem da cortiça, a Construção tradicional em Terra e o Cante.

Partimos à descoberta da presença da cultura avieira nas suas atividades no rio Sado, desencobrimos as vivências da comunidade piscatória da Carrasqueira. Estamos na Reserva Natural do Estuário do Sado e do cais palafítico temos uma perspetiva única sobre a paisagem ribeirinha, com os seus sapais, salinas e arrozais.

Tomemos como cicerones da paisagem os herdeiros de uma comunidade de avieiros detentores dos saberes tradicionais de exploradores dos recursos do estuário do Sado, Visitamos a aldeia da Carrasqueira onde no século passado se instalou uma população pobre que vivia em cabanas de colmo, estruturas de madeira revestidas por fibras vegetais provenientes das dunas litorais. As paredes eram preenchidas por ramagens e caniços e depois preenchidas por uma argamassa à base de argila. Como são estruturas altamente inflamáveis, cada família construía duas cabanas, com funções distintas: numa ficavam os quartos e a sala, enquanto a outra funcionava como uma cozinha. Atualmente ainda existem alguns exemplares destas cabanas na aldeia, embora grande parte esteja já vocacionada para funções turísticas.

Demoramo-nos na visita a esta comunidade a ouvir testemunhos da comunidade e dos seus modos de vida e das transformações que têm vindo a ocorrer. Acompanhamos um velho pescador da Carrasqueira pelo cais adentro que nos conta histórias curiosas sobre as pessoas que aqui eram, ao mesmo tempo, pescadores e agricultores, aproveitando as condições que a charneca do Sado oferecia para a exploração de atividades no rio e em terra. Eram agricultores que trabalhavam nos arrozais e nas salinas que, por se terem fixado à beira d'água, se dedicaram à pesca como meio complementar de subsistência. Hoje, esta é já uma realidade residual, pois outras atividades ligadas à restauração e ao turismo ocupam a população local. Hoje, os filhos já não querem seguir as pisadas dos pais nas atividades da pesca.

Outra surpresa da visita é a impressionante rede de estacaria que se estende centenas de metros pelos esteiros lamacentos do rio Sado. O cais continua a cumprir a missão para que foi construído: permitir o acesso dos pescadores aos barcos, mesmo durante a baixa-mar. Ao longo dos diversos cais erguem-se pequenas casas construídas em madeira, que servem de arrecadações “Obra-prima da arquitetura popular, o cais palafítico da Carrasqueira, único da Europa, é construído nas décadas de 1950 e 1960 em estacas de madeira irregulares aparentemente frágeis que servem de embarcadouro aos barcos de pesca que ali acostam. Ora estão enterradas no lodo, ora na água, segundo as marés.” (folheto de apresentação do cais palafítico, Câmara Municipal de Alcácer do Sal).

Das atividades da borda-d'água vamos descobrir zonas mais interiores marcadas pela presença do sistema agro-silvo-pastoril do montado e das suas atividades de manutenção da paisagem nos seus vários elementos.

O encontro com o montado de sobreiros acontece numa das herdades do território onde tomamos contacto com este sistema mediterrânico cuja importância no combate à desertificação e às alterações climáticas e na preservação da biodiversidade é cada vez mais reconhecida. Na herdade Barradas da Serra fazemos passeios no montado, com percursos já definidos, e participamos em atividades de manutenção do montado, acompanhando os descortiçadores que retiram a casca do sobreiro com o hábil manejo do machado corticeiro.

Grândola tem a sua história moderna muito associada à atividade económica e aos movimentos sociais de reivindicação de condições de trabalho e remuneração condignas. Na segunda metade do séc. XIX, industriais catalães instalaram-se em Grândola e aqui deixaram a semente de uma indústria de fabrico de rolhas. Podemos hoje visitar pequenas unidades de produção artesanal de cortiça como a Corticeira António Chapada, na Aldeia do Futuro. Aqui as caldeiras de cozedura tradicional são ainda em cobre, aquecidas a lenha. Completa a cozedura, os fardos são empilhados, em local coberto e arejado, num processo natural de secagem, e muito valorizados por resultarem de uma seleção de cortiça de qualidade superior.

A paisagem do montado, se é repousante e refrescante pela sombra generosa da copa larga dos sobreiros, é também vibrante de cores do tapete de herbáceas e dos cheiros e dos arbustos de aromáticas. A estes vários sentidos se juntam os sons da paisagem dos rebanhos de animais com os seus chocalhos. Na Casa Museu Manuel Chainho, núcleo museológico localizado na bonita aldeia de Santa Margarida da Serra, muito próximo da herdade visitada, encontramos o ambiente tradicional da vivência doméstica e quotidiana das comunidades locais, com enfoque particular nas técnicas e saber-fazer tradicionais da construção.

Partimos à descoberta do Alentejo Litoral em demanda da diversidade de formas da arquitetura vernacular que marcaram profundamente a paisagem urbana e rural deste território e representam a expressão singular e a identidade das suas comunidades.

A construção tradicional tem, neste território, uma expressão particular: as cabanas de colmo, com caniços e madeira, que ainda hoje podemos ver em grande número na Carrasqueira. Estas construções surgiram da necessidade de alojar dos pescadores e dos salineiros e tinham um caráter de abrigo provisório porque os proprietários dos terrenos não permitiam construções duradouras.

Atualmente, as cabanas de colmo são consideradas património cultural, sendo algumas delas usadas como alojamento ecoturístico.

Nas ruínas da cidade romana de Miróbriga, em Santiago do Cacém, existem vestígios de estuques pintados em habitações, nas termas e na hospedaria técnica de decoração ainda hoje muito utilizada que mistura gesso e cal.

É também com cal que se faz a pintura das casas de Santa Susana, em Alcácer do Sal, povoado de casas emolduradas pelas tradicionais barras de cor azul muito forte. Originalmente construídas, há mais de um século, com o objetivo de servirem de alojamento temporário para trabalhadores agrícolas, que acabaram por se fixar na zona dando origem à pequena povoação. Deste conjunto harmonioso fazem parte a igreja de Santa Susana e o teatro da aldeia. Pertence à rede europeia Genuineland. Aqui ainda é comum ver mulheres nos trabalhos, nunca terminados, de caiação das casas. Somos desafiados a participar nessa tarefa, não sem antes nos explicarem a técnica de manejo do pincel da cal no alto de uma vara e advertindo-nos para os cuidados a ter para não pintar as pedras da rua.

Muito associada à configuração do Alentejo Central que combina, de forma única, a extensão de uma costa preservada com um interior igualmente atrativo para práticas de ar livre, a criação e uso do cavalo têm uma expressão significativa neste território, presentemente ligados às atividades de lazer. A presença e atividade, desde o início do século passado, da coudelaria da Herdade do Pinheiro, localizada no estuário do Sado, em Alcácer do Sal, tem sido um fator de incremento da atividade da equitação.

As artes e os ofícios tradicionais associados ao cavalo estão inevitavelmente presentes no território. Visitamos uma correaria onde tomamos contacto com os saber fazer dos artífices, e com os seus produtos: artigos em pele e couro como botas, polainas, cabeçadas, chapelaria, estribos, arreios, correias, selas e selins.

Na visita à Correaria Machado e Goucha, somos introduzidos às técnicas de execução de uma peça simples, que nos permite compreender porque é que esta arte de trabalhar o couro requer tantos anos de experiência e dedicação.

Em complemento à visita à correaria em Alcácer do Sal, experimentamos um passeio a cavalo pela zona de Melides, ao longo da praia e com algumas incursões pela serra coberta por pinheiros mansos. Soberbo!

Faltava ainda a ativação de um sentido essencial: o paladar, indispensável para a compreensão deste território, das comunidades que aqui vivem e dos seus hábitos e vivências: fazer uma refeição em S. Torpes, num restaurante local que ofereça boa gastronomia de peixe, acompanhada por descrições e contactos com a comunidade piscatória que mantém as memórias da utilização da jangada para apoio na pesca é uma experiência que não se esquece com facilidade.

Este périplo termina na vila de Grândola, num encontro com o Grupo Coral Vila Morena – Associação Cultural de Cante Alentejano (ou outro, como o Grupo Coral e Etnográfico Coop de Grândola), onde se propõe um diálogo e, eventualmente, assistir a um ensaio em local próprio.

Constatamos que o Cante é muito mais do que uma prática musical, é a expressão viva da tradição das práticas conviviais e de encontro no Alentejo que se funda no forte sentido de reunião e de partilha de valores identitários. Somos desafiados a integrar-nos no grupo e a cantar uma das vozes que nos é destinada.

É nestes lugares e momentos que é possível tomar contacto estreito e participar em ocasiões únicas de convívio e assim surpreender uma comunidade nos seus hábitos quotidianos e informais e até de alguma intimidade em que melhor se apreendem os seus traços culturais.

3.4.4. PROGRAMA TURÍSTICO TEMÁTICO - 'CAMINHOS DA LÃ'

Caminhos da Lã

Partimos à descoberta dos longos caminhos da lã, evocando os tempos das grandes transumâncias que atravessavam o território e povoavam a paisagem levando os rebanhos num trânsito sazonal à procura de pastos. Mas os caminhos da lã também se descobrem no longo percurso que a lã percorre desde que envolve e protege a ovelha do frio e das intempéries, até que é tosquiada, cardada, penteada, fiada no fuso e na roda, urdida e finalmente tecida ou bordada.

Mas também dos caminhos diversos que junta produções de raiz mais popular e tradicional das mantas de lã de Mértola e de Reguengos de Monsaraz até ao bordado de Arraiolos ou às tapeçarias de Portalegre que representam obras de arte contemporâneas. Algures entre a Natureza, o legado construído e a gastronomia, encontramos a cultura da lã, também ela pilar da identidade do Alentejo, das suas tradições e costumes.

Desde a época da Reconquista que o Alentejo e o Ribatejo conheceram um intenso movimento de transumância de grandes rebanhos com a Beira interior e outros territórios da Meseta Ibérica, essencial à produção de boa lã em quantidade. No final do Verão, os pastores conduziam os seus animais em direção às pastagens do Sul, regressando às terras altas, de novo, na Primavera.

Com o intuito de não danificar as culturas agrícolas, esta prática era regulamentada e impunha que a circulação dos rebanhos se realizasse por uma rede de caminhos largos, as 'canadas reais', e previa que o gado se fosse alimentando em terrenos baldios ao longo do trajeto. A importância social económica era tal que, se alguém impedisse a passagem de rebanhos e pastores, arriscava-se a pesados castigos.

Fazia parte deste sistema uma rede alargada de peculiares chafarizes e fontanários junto às entradas das urbes, onde se abasteciam os moradores, mas que se destinavam fundamentalmente a dessedentar viajantes e rebanhos.

Os **Caminhos da Lã** principiam na vasta planície de Castro Verde, na vila de Entradas, sugestivo nome que sinaliza a "entrada" do Campo Branco, território de destino dos grandes rebanhos de ovelhas, em particular nos séculos XV a XVII.

Aqui chegavam milhares de cabeças de gado todos os anos, no final da sua longa caminhada onde os funcionários régios faziam a contagem dos gados entrados no Campo de Ourique e cobravam direitos de pastagem à coroa.

Começamos estes caminhos da lã fazendo uma caminhada com o pastor e o seu rebanho, utilizando a canada real, numa experiência plena de ressonâncias da história de tráfego intenso de grandes rebanhos. Este mergulho na paisagem do montado ao som dos assobios e chamamentos do pastor, do ladrar do rafeiro alentejano, seu fiel companheiro na interminável tarefa de conduzir o gado por montes e vales, ao som dos chocalhos e das histórias que quem faz disto profissão tem para contar.

Com o pastor, partilhamos uma refeição, mas também a dureza e a simplicidade de um trabalho em que a maior recompensa é a contemplação de uma das mais belas paisagens do país. A ementa é um ensopado de borrego, cozinhado no campo pelo próprio pastor e acompanhado por laranjas, à semelhança do que se fazia nas adiafas (festas rurais). Por momentos, o tempo, que sempre perseguimos sem sucesso, parece suspenso.

Após este percurso pedestre, rumamos à antiga Escola Primária do Lombador, onde funciona o polo de tecelagem do Museu da Ruralidade dedicado à tecelagem e a todas as atividades manufatureiras do ciclo da lã. É aqui que aprendemos a tosquiar animais como manda a tradição (o que é feito entre abril e junho, dependendo do clima) e que a utilização da lã das ovelhas depende de um ciclo longo de treze atividades de transformação que inclui tosquia, cardação, lavagem, tingimento, fiação e tecelagem.

Chegamos a **Mértola**, vila alentejana que foi, durante o período da ocupação muçulmana, um importante centro mineiro de onde saía, para o Norte de África, ouro, prata, cobre e estanho. Um autêntico museu a céu aberto em que as ruínas e artefactos da antiga cidade romana e islâmica dialogam com o rio Guadiana, o grande “senhor” destas terras.

Respira-se ainda a presença berbere que deixou marcas nos espaços habitados e edifícios de raiz militar, religiosa e civil, mas também se detetam as suas marcas em várias artes tradicionais. Um exemplo ilustrativo desta influência são as operações de transformação da lã, da fiação à tecelagem, nos saberes e técnicas, nos motivos decorativos e nas formas.

Entramos na Oficina de Tecelagem de Mértola, na subida da Rua da Igreja, nº 35. Nasceu nos anos de 1980, a funcionar como Núcleo de Tecelagem do Museu de Mértola. Recebe-nos a D. Maria Helena Rosa, que aqui trabalhou mais de trinta anos, e ensina-nos o ‘olhar para pensar’. Ensina-nos como se produzem mantas em lã, o produto nobre da tecelagem tradicional, num processo inalterado ao longo dos últimos 300 anos. As mantas chegaram a ser moeda de troca até meados do século passado.

Os ‘olhinhos de perdiz’, as ‘escaminhas de peixe’, são alguns dos motivos decorativos mais utilizados. As mantas de trabalho, que se levavam para o campo, tinham decoração bem mais simples, o que mais importava é que servissem de capote e abrigo.

Ousamos experimentar.

O passo seguinte do nosso roteiro fica a menos de duas horas de caminho, é a Fábrica Alentejana de Lanifícios de Reguengos de Monsaraz a funcionar num antigo lagar de azeite. A empresária holandesa Mizette Nielsen, renovou a tecelagem de colchas, mantas e tapetes tradicionais alentejanos que hoje têm uma utilização essencialmente decorativa e uma procura de colecionadores graças às suas magníficas combinações de cores e padrões.

A visita a esta fábrica, que se ajusta aos condicionalismos do processo produtivo, permite-nos ter a percepção de que a tecelagem manual em moldes tradicionais poderá conjugar os valores da tradição e do design, com base nas tradicionais mantas e tapetes alentejanos. Os padrões e cores utilizados estão intimamente relacionados com a paisagem do Alentejo e com a sua paleta de cores que a dinâmica cromática anual vai enriquecendo.

A pouco mais de 30 minutos de carro, chegamos a Évora. A cidade é herdeira de um rico e variado património cultural, construído e preservado ao longo do tempo, que está na base da sua classificação como Património Mundial da UNESCO. Praças, templo romano, igrejas, palácios,

museus, conventos, há tanto a visitar em Évora. Um dia é pouco para fruir desta bela cidade e de tudo o que ela tem para oferecer.

Mas aqui também encontramos motivos para continuar esta nossa demanda dos caminhos da lã, desta feita com a visita à empresa Capote's Emotion cuja produção pretende reinventar e promover o tradicional capote alentejano e transformá-lo em peça de vestuário feminino moderno, com novo design e funcionalidade, introduzindo elementos de inovação num dos objetos de vestuário de lã mais tradicionais e icónicos do Alentejo. Este é mais um exemplo em que a lã rima com tradição, inovação e materiais nacionais sustentáveis.

De Évora a **Arraiolos** são cerca de 23 km. Na encosta de um monte, a antiga muralha que protegia e assinala a silhueta desta vila alentejana esconde o segredo dos tapetes mais famosos de Portugal. Os tapetes de Arraiolos são feitos de lã de ovelha pura, tingida com corantes naturais e costurada com o complexo “ponto de Arraiolos”. São mais do que simples tapetes. São uma verdadeira manifestação cultural do Alentejo e das suas raízes.

Este ponto do percurso é de enorme importância e significado para iluminar o longo caminho da lã. Nesta estação ficamos a saber da densidade histórica verificada no trabalho do bordado da lã, que aqui é documentado desde o séc. XVI, sendo reconhecida uma nítida influência dos processos de manufatura dos tapetes clássicos da Pérsia e Turquia. Parecem ter sido tapeteiros mouros convertidos a iniciar a produção dos tapetes de Arraiolos.

Aliás, os primeiros padrões decorativos, com pés-de-flor, eram inspirados nos tapetes persas, tendo mais tarde surgido o bordado com pássaros, pequenos animais, motivos campestres e florais. Calcorreando as ruas da vila, encontramos facilmente artesãos e oficinas onde temos oportunidade de acompanhar as diversas fases da manufatura do afamado tapete.

Esta é uma atividade maioritariamente feminina. Os homens também participam na elaboração de desenhos que virão a ser reproduzidos. Neste momento, existe a produção em fábrica, onde as funcionárias são remuneradas mensalmente; a produção familiar, feita nas aldeias, na habitação das tapeteiras, é depois levada para os pontos de venda, sendo esse bordado pago à peça. A população de artesãos é já envelhecida, havendo muito poucas raparigas novas que ainda vão aprendendo na família mas não fazem disto vida porque a remuneração das tapeteiras é baixa.

Entramos no Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos para conhecer mais sobre o bordado, compreender a história, origens e influências do tapete de Arraiolos, o seu processo artesanal de produção, as suas técnicas e materiais, e a sua evolução artística, material e técnica.

Os materiais para a confeção dos tapetes são simples: Uma base de estopa — um derivado do linho que é utilizada como a “tela em branco” do tapete — e a lã de ovelha pura, que é tingida para dar cor à tapeçaria. A pura lã de ovelha é 100% portuguesa e, atualmente, vem de Minde.

Mão à obra, arriscamos algumas experiências a bordar com o ponto de Arraiolos, tentando fazer como nos explicam com muita perícia e alguma paciência, a teoria é muito fácil de entender: um ponto cruzado oblíquo composto por duas meias cruces, uma das quais tem o dobro do comprimento da outra. Essas duas formam um ponto completo e fazem-se ambas dentro da mesma altura do tecido. Simples, não é?

Descobrimos ainda outra preciosidade que é o processo do tingimento da lã com corantes naturais e cujo conhecimento aqui é igualmente antigo. O lírio e o trovisco, que podemos aqui manipular, são os vegetais necessários, que se encontram na região, para a confeção dos amarelos e dos verdes. Ficamos a conhecer o conjunto patrimonial notável e raro das fossas, descobertas em escavações

arqueológicas realizadas na praça do município, que pela sua dimensão e característica se assemelham a tinturarias existentes no norte de África, o que revela a existência de uma grande tinturaria nos sécs. XIV e XV, que servia a produção de tapetes e estava ligada à presença da comunidade muçulmana em Portugal.

É tempo de deambular pela vila de Arraiolos e contactar com as artesãs e os seus produtos à venda nas lojas que povoam o centro histórico. Em junho, o Município de Arraiolos promove a iniciativa “O Tapete está na Rua” que tem como objetivo a salvaguarda desta arte.

A viagem pelo ciclo da lã está quase a terminar. Mas não sem antes ir a **Portalegre** conhecer ‘as melhores tecedeiras do mundo’, na opinião de Jean Lurçat, grande Mestre da moderna tapeçaria francesa. Na Manufatura de Tapeçarias de Portalegre encontramos estas mulheres exímias na aplicação do singular “ponto de Portalegre” – um trabalho minucioso e moroso, mas também único e original que vale a pena conhecer. A conceção do primeiro cartão de uma tapeçaria de Portalegre, teve o nome de «Diana», executada em 1947.

A tapeçaria de Portalegre surgiu em finais dos anos 40 do século XX. O ponto de partida é sempre um quadro original de um pintor conhecido e a técnica de tecelagem é totalmente manual. Primeiro, o desenho é ampliado para a dimensão final sobre um papel quadriculado próprio, em que cada quadrícula representa um ponto. Depois, são aprimorados os contornos, as formas, as tonalidades das cores e todos os pequenos detalhes que a tecedeira deve passar para a tecelagem. Seguidamente, é feita a escolha das cores, fazendo a equivalência entre o quadro original e as mais de 7000 cores da paleta de lãs da Manufatura. A tapeçaria é, então, tecida manualmente em teares verticais de oito cabos, do avesso, a partir da base.

Depois de acompanhar todo este processo na Manufatura, admiramos alguns destes exemplares de tapeçaria mural decorativa na exposição permanente do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, dedicado à apresentação, conservação e estudo deste produto artesanal. São obras de arte de tapeçaria feitas a partir de obras de pintores como Almada Negreiros, Júlio Pomar, Vieira da Silva, Eduardo Nery, Graça Morais, Jean Lurçat, Le Corbusier e tantos outros. Impossível não ficar absolutamente maravilhado!

No museu termina o périplo pelo ciclo da lã, que começou com o pastor e que revelou que a lã, originalmente tecida para proteger e confortar, conquistou outras serventias que, embora contemporâneas, continuam a obedecer a saberes ancestrais de manufatura, tintura e costura.

Caminhos da Lã: uma tradição intemporal que importa preservar, mas também dar a conhecer.

3.4.5. PROGRAMA TURÍSTICO TEMÁTICO - 'CONSTRUÇÃO TRADICIONAL'

Construção tradicional – nascido da terra

Partimos à descoberta do Alentejo tendo por bússola as técnicas e saber-fazer tradicionais da edificação. A diversidade de formas da arquitetura vernacular marcaram profundamente a paisagem urbana e rural deste território e representam a expressão singular e a identidade das suas comunidades.

A construção tradicional – aquela que por herança é transmitida de geração em geração por mestres de ofício – é também paisagem cultural. No Alentejo, a terra, o barro e a cal condicionaram de forma decisiva as morfologias da construção rústica, moldando a economia e o modo de vida das gentes da região.

Quem construiu Tebas, a das Sete Portas⁷

Rumamos a Elvas, onde marcámos encontro no Centro de Artes e Ofícios do Património, Clube UNESCO. Ficamos a conhecer o trabalho que tem vindo a desenvolver nos domínios da valorização das técnicas e dos ofícios ligados à construção tradicional. A própria sede do Centro, instalada no edifício do Conselho de Guerra, de traça arquitetónica tradicional, constitui um verdadeiro laboratório vivo, cujo património material está em permanente recuperação, mantendo assim vivos os saber-fazer ligados a este tipo de construção tradicional. Descobrimos exemplares de estruturas de construção em terra e de elementos decorativos tradicionais no centro histórico de Elvas.

Num percurso pela cidade, somos conduzidos pelo olhar sabedor do Mestre Pedreiro Adriano Carlos, que iniciou a sua actividade aos 16 anos de idade e trabalha há trinta anos no município de Elvas. Na conversa fica evidente a vasta experiência em trabalhos de manutenção e reparação em edifícios antigos onde a cal é utilizada nos rebocos e nas pinturas. Participou no projeto de transferência de dispositivos de formação da Escola Superior de Arte de Avignon – um dos centros mais reconhecidos do mundo nas áreas da conservação e restauro - para a preparação de formadores portugueses nas técnicas tradicionais de construção com recurso à cal, revestimentos, pinturas, esgrafitos, estuques e pintura a fresco.

Ficamos a saber que integrou a equipa técnica da Câmara Municipal de Elvas durante a conservação das fortificações da cidade na sequência do reconhecimento pela UNESCO, em 2012, do maior conjunto de fortificações abaluartadas do mundo, como Património Mundial. Deste extraordinário conjunto fazem parte o grande Aqueduto da Amoreira, os fortes de Santa Luzia e da Graça, e os três fortins de São Pedro, de São Mamede e de São Domingos.

É extremamente significativo que aqui em Elvas e da conversa com o Mestre Pedreiro tenhamos a percepção clara de que sem artistas não há artes e que sem património imaterial, nas suas diversas artes e saberes, não há património material, edificado, vernacular ou erudito.

⁷ Bertolt Brecht, "Perguntas de um Operário Letrado".

Nascido da terra

A terra, matéria-prima abundante numa zona de carência de materiais, é o elemento construtivo predominante na paisagem alentejana, sendo a taipa e o adobe as técnicas mais usadas na arquitetura tradicional. A taipa é terra ligeiramente humedecida e introduzida numa cofragem, sendo depois compactada manualmente com um pilão. O adobe são blocos ou tijolos de terra amassada, moldados à mão ou colocados em pequenos moldes de madeira, que, uma vez desenformados, são secos ao sol até endurecerem, sendo depois empilhados, para que haja circulação de ar entre eles, até serem necessários.

Pode incorrer-se no erro de pensar que são frágeis, mas as casas construídas com recurso a estas técnicas não só são mais resistentes como apresentam níveis de conforto térmico invejáveis, uma vez que, nos dias quentes de verão, mantêm a casa fresca e, nos dias frios de inverno, impedem as perdas de calor.

Muito provavelmente foram os Muçulmanos que mais divulgaram e generalizaram estas técnicas, apesar de, na Península Ibérica, a utilização da terra em elementos construtivos ser uma prática pré-histórica, existindo estações arqueológicas do Neolítico, Calcolítico e da Idade do Ferro em que foram documentados vestígios do uso destes materiais e saber-fazer.

A construção em terra continuou a ser muito utilizada até meados do século passado, mas começou a cair em desuso com a vulgarização do cimento. Felizmente, em alguns locais esta “civilização de terra” foi mais forte.

Em Montemor-o-Novo manteve-se viva a tradição de usar a terra como material de construção. No Telheiro da Encosta do Castelo, gerido pelas Oficinas do Convento – Associação de Cultural de Arte e Comunicação, ainda se produzem materiais construtivos autóctones (como o tijolo burro, a tijoleira, os azulejos, entre outros) com recurso às técnicas tradicionais.

O cenário encontrado à chegada remete-nos para outros contextos culturais, porque a produção é feita na eira, a céu aberto, durante o período de março a outubro, época que permite a secagem ao sol e a cozedura em fornos a lenha. Este processo, absolutamente artesanal, permite responder a encomendas específicas, ao nível do tamanho e da forma. No inverno, o Telheiro dedica-se à produção de materiais cerâmicos decorativos para pavimentos e revestimentos de interiores e exteriores.

Localizado num antigo telheiro, recuperado na década de 1990, junto à Encosta do Castelo de Montemor-o-Novo, somos levados a conhecer o Laboratório de Terra que se dedica à investigação e produção em terra crua (blocos de terra compactada, taipa, adobe e rebocos), Aqui se avalia e certifica que o produto elaborado com base em técnicas tradicionais cumpre os parâmetros de desempenho e segurança definidos pela legislação construtiva em vigor. Junto ao Telheiro, existe ainda uma antiga escola primária recuperada, onde decorrem cursos, workshops e residências artísticas na área da cerâmica e das técnicas de construção em terra.

Deixamos este ambiente fascinante do Telheiro da Encosta onde saberes e técnicas ancestrais se misturam com residências artísticas e atividades de investigação, análise e ensaios, e partimos para nos deixarmos envolver em novas experiências relacionadas com o mundo da construção em terra. Num percurso com o nome sugestivo de ‘Caiado de Branco e Cor’, ficamos a conhecer um pouco melhor o universo da cal, material de acabamento e proteção das frágeis paredes de terra e elemento indispensável da identidade da construção tradicional alentejana. Na freguesia de Santiago do Escoural, podemos apreciar um conjunto de casas caiadas e os seus proprietários, com quem

conversamos sobre o conforto da casa, as práticas domésticas, os hábitos de trabalho e descanso determinados pelas condições impostas pelo horário solar, a caiação das casas e, se for em altura propícia, poderemos ser desafiados a participar nessa tarefa, tradicionalmente desempenhada por mulheres. O passo seguinte leva-nos aos velhos fornos de cal das Caeiras de São Luís, que se encontram em excelente estado de conservação, e a algumas ruínas de antigos montes onde se revela a cal que sobreviveu ao tempo e que completa esta visão e experiência caiada de branco e cor.

Podemos ainda fazer outra interessante experiência de “Ver Para Além Dos Muros” a descobrir os segredos da construção em terra crua e terracota, igualmente característica da arquitetura alentejana. Em Safira, antiga aldeia de Montemor-o-Novo agora abandonada, as casas e igreja em ruínas mostram o que se esconde para além dos muros – a taipa, o tijolo de burro, as tijoleiras, os tabiques – que contam histórias de sustentabilidade, de paredes vividas intensamente mas que regressarão à terra quando a manutenção dos homens se deixar de fazer.

O programa turístico em Montemor-o-Novo não se esgota no edificado. Até porque a construção tradicional em terra é muito mais do que isso. É quase uma exaltação poética... um património que importa preservar e dinamizar enquanto elemento vivo da memória e identidade cultural da região e da comunidade.

3.4.6. ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - ‘CULTURA AVIEIRA - ARTES E SABERES DE CONSTRUÇÃO E USO DA BATEIRA’

Cultura Avieira

«O Tejo tem uma memória, um sentido, para lá do que é visível por quem não viveu nas suas margens.»

O Tejo é casa de muitas culturas, ao longo das suas margens, para quem buscava começar a vida noutros portos. Os avieiros, imortalizados pela obra homónima de Alves Redol, aproveitaram a generosidade do rio, «ir para o rio de Lisboa tornara-se viagem de muitos; era caminho antigo da gente de Vieira», escreve. Estes «ciganos do rio», que eram ágeis como peixes nas águas do rio, convidam-nos a mergulhar na sua cultura e no seu ambiente.

Donde vem este nome “avieiro”: “comunidade avieira”, “aldeia avieira”, “bateira avieira”?

A partir da segunda metade do Séc. XIX inúmeras famílias de pescadores de Vieira de Leiria viram-se obrigadas a deslocarem-se para as margens do rio Tejo em busca de um sustento à borda d’água. Este movimento, ao início apenas sazonal, levou gradualmente durante o Séc. XX à fixação destas famílias.

Apesar de não ser já a atividade mais significativa para o rendimento económico das famílias, a pesca constitui um modo de vida basilar à identidade social, evocada na designação ‘avieiros’. Através da prática piscatória, o avieiro preserva principalmente uma identidade.

Um marcador identitário da maior importância é a bateira avieira. Mais do que uma embarcação de pesca, é o símbolo de uma comunidade, de um modo de vida. Estas embarcações enchem o rio de memórias de viagens e pescarias passadas – algumas traziam peixes, outras “bebés do rio”. O barco faz parte de uma narrativa que define o que é ser avieiro e onde sobressai a memória do barco-casa e da ordem social que nesta associação se exprime. Espaço antropológico, doméstico e laboral: espaço masculino à ré, espaço dos trabalhos da pesca; a proa é o espaço feminino e da casa. Esta demarcação de espaço distinguia os papéis do casal em que a mulher tomava conta da casa em tarefas que iam do cozinhar à condução literal da casa, aqui associada também à tarefa de remar, de governo do barco, enquanto o companheiro ia preparando, lançando e recolhendo as artes.

Procuramos, na aldeia de Caneiras, um dos últimos construtores de bateiras avieiras embarcações tradicionais utilizadas na pesca no rio. Diz-nos que a construção de barcos, atividade artesanal que era comum a várias povoações ribeirinhas desta zona hoje praticamente desapareceu com a quase extinção das atividades do rio.

Dá-nos oportunidade de acompanhar o restauro de uma bateira, de maneira a compreender as técnicas de construção de uma embarcação tradicional avieira. «A construção do barco começa pelo fundo (...), e o seu restauro segue o mesmo princípio, fortalecendo a base em primeiro lugar, e acompanhando o dorso do barco à medida que se sente necessidade de melhorias ou arranjos.

Deixamos o rio, desgostosos porque a pesca não foi famosa, porque a época não é propícia e o peixe já não abunda, mas deslumbrados com a visão magnífica da paisagem ribeirinha, das aldeias

avieiras que se sucedem ao longo das margens do rio, dos bandos de gansos até às pequenas alvéolas que se movem nos baixios.

Vivendo entre o barco e a barraca de caniços erguida nas margens, estas populações foram estabelecendo aglomerados, surgindo assim as aldeias Avieiras do Tejo.

Podemos encontrar algumas destas aldeias que se mantêm vivas e ocupadas em ambas as margens do rio: as aldeias da Palhota (Cartaxo) e Porto da Palha (Azambuja), a aldeia de Escaroupim em Salvaterra de Magos e a do Patacão em Alpiarça. A construção tradicional de habitações que começaram por ser precárias, as palhotas, assim ditas, eram, na verdade, cabanas construídas assentes em troncos de árvores para defesa perante as constantes cheias.

«As palhotas são todas iguais. Quatro prumos metidos no chão e varas de madeira a segurar o telhado coberto pelo carroicil das abertas, que é a melhor palha nascida na vegetação da Lezíria. O material das paredes vem da mesma origem. Apodrece depressa, mas depressa se refaz.» (Alves Redol, Avieiros, p.196)

A aldeia piscatória de Escaroupim, em Salvaterra de Magos, tem sido objeto de reabilitação de edificações e do espaço urbano. No coração da aldeia, no edifício da antiga escola primária, foi criado o Museu «Escaroupim e o Rio», que visitamos. É dedicado à cultura avieira e à contextualização histórica da comunidade que escolheu este local para se radicar.

No restaurante “O Escaroupim” apresentam-nos pratos típicos feitos com produtos locais, e vista para o rio Tejo. As enguias fritas ou em ensopado, o sável e a lampreia, consoante a época do ano, são os pratos de eleição.

Com um passeio pelo rio, ou uma simples travessia entre as suas margens, conseguimos compreender a escolha daqueles pescadores em tornar aquele local como sua casa. A planície do rio alastra-se pelas planícies da Lezíria, não querendo encontrar o fim. «O rio tem as suas glórias e os seus dramas, mas não se apaixona. O Tejo não pensa – age. Age ao sabor das circunstâncias. Age e constrói; age e destrói.» O Tejo não se apaixona, mas é apaixonante para quem o visita.

3.4.7. ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - ‘FESTAS DO POVO DE CAMPO MAIOR’

Festas do Povo de Campo Maior

Imagine-se numa pacata vila do Alto Alentejo, caiada, com pouco mais de oito mil habitantes, num dia de canícula de agosto. Entra num café, pede uma bebida fresca, comenta o calor que se faz sentir e ouve uma história inacreditável sobre uma terra onde, quando o povo quer, o céu se transforma num jardim de flores. Fruto da imaginação e vigor da comunidade, as Festas do Povo convidam a conhecer a vila de Campo Maior à sombra de um mar de flores que inunda as ruas, levando o visitante numa viagem histórica e colorida.

A comunidade celebra-se demonstrando capacidade empreendedora e fulgor criativo transfigurando o espaço público que se prolonga para os espaços privados, visando sempre bem acolher os visitantes, proporcionando-lhe uma experiência única, de autenticidade e beleza plástica, e receber deles os elogios que fortalecem a autoestima e o sentido de pertença à comunidade”, lê-se no texto de candidatura a Património Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO.

As Festas do Povo de Campo Maior, que acontecem sempre em agosto, são uma celebração do sentimento de comunidade e companheirismo da população desta vila raiana. Durante meses a fio, noite dentro, os moradores de cada uma das ruas juntam-se aos vizinhos para, em escrupuloso segredo, imaginar temas, dar forma às flores de papel e construir as estruturas que as vão suportar.

Nessas longas noites, ao passear pelas ruas da vila, ouve-se o cantar das saias, música tradicional da região que anima a labuta. Dita a tradição que o cantar e bailar das saias, um dos traços mais representativos da comunidade de Campo Maior, acompanhe as Festa do Povo durante a preparação e nos dias de festa. E assim é!

Na madrugada que antecede o início das Festas, os habitantes de cada uma das ruas fazem a “enramação”, levantando, de ambos os lados da rua, paus (denominados “colunas”) sobre os quais se constroem arcos rudimentares, também em madeira, que são enfeitados com flores e vão urdindo um céu colorido sobre as ruas da vila. Nessa noite, que pode ser considerada a primeira das Festas, a população sai à rua para ajudar os vizinhos ou simplesmente ver, em primeira mão, as decorações das Festas nesse ano, mantidas em segredo até então.

E, assim, da noite para o dia, Campo Maior acorda florido. É com a revelação do tema que se manifesta o espírito artístico e criativo daquele povo. Em cada rua, um tema e uma história. Em cada flor, o espírito campomaiorense. São nove dias de Festas, de convívio e de partilha. Na rua, estendem-se longas mesas que convidam quem passa a sentar-se, partilhar uma refeição, petiscar ou a beber um copo. Obrigatório é participar no cantar e bailar das saias, entrando nas danças de roda e apreciando as arruadas dos vários grupos que percorrem as ruas engalanadas a cantar de improviso e a tocar.

Campo Maior, um pedacinho de terra histórica na berma de Portugal que abre os seus braços e as portas das suas casas a quem por ali passa. Quem a visita é convidado a fazer parte da festa: a participar num serão de trabalho, aprendendo e ajudando a fazer flores de papel. Senta-se à mesa com a gente, prova os licores caseiros e os bolinhos feitos pelas senhoras propositadamente para surpreender os companheiros de jornada de trabalho. Ouve e canta as saias e é convidado a entrar

na roda para dançar. E não se vai embora sem antes participar no ritual de abertura das Festas, tomando parte na coreografia coletiva da ‘enramação’, ajudando a erguer a cenografia urbana que constitui o elemento central das Festas e transfigurando a vila para receber milhares de visitantes.

As Festas do Povo de Campo Maior são únicas, não têm uma periodicidade definida e só “acontecem quando o Povo quer!”. O empenho depositado em cada flor e em cada edição é recompensado pelo número de visitantes e pelos seus elogios. Contudo, para que as Festas se repitam, o povo acredita que é preciso sentir saudade. Uma singularidade que é, simultaneamente, uma clara expressão da soberania da população sobre a sua cultura e cujos segredos vale a pena descobrir.

3.4.8. ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - ‘PRODUÇÃO DE FIGURADO EM BARRO DE ESTREMOZ’

Modelar a vida em barro - O Figurado de Estremoz

Deixamo-nos entrar no mundo encantado da arte de modelar a vida em barro, apreciamos o trabalho de representação da vida e não uma mera reprodução da realidade; é sempre um comentário, uma ironia, uma devoção, uma memória.

Barristas de Estremoz é o nome por que são conhecidos os produtores tradicionais de figurado que trabalham somente na cidade de Estremoz, mas têm nome próprio que distingue as suas produções: Afonso Ginja, Duarte Catela, Fátima Estroia, Irmãs Flores, Maria Luísa da Conceição e Ricardo Fonseca.

Facto interessante é o de os artífices desta arte nas referências mais antigas conhecidas (Séc. XVIII) serem na sua maioria mulheres, que nem sequer tinham a sua atividade considerada como ofício de pleno direito, tal era a condição feminina na época.

É um trabalho vincadamente artesanal, em que as mãos são o mais valioso instrumento de trabalho e imprimem a sua marca autoral. Com os dedos se executa quase toda a figura, modelando cabeça, tronco, membros e adereços vários que fazem a composição da figura ou do conjunto;

O Figurado de Estremoz é uma manifestação do Património Cultural Imaterial emblemática da comunidade que lhe confere o nome. Distinguem-no o seu processo de modelação, a diversidade e carácter único dos modelos produzidos, assim como o respetivo carácter estético, expresso em particular na sua viva policromia.

Transmitida em contexto familiar e oficial, esta produção artesanal caracteriza-se pela manufatura de peças de barro de carácter eminentemente religioso, simbólico, lúdico ou decorativo. Apesar de diversas adaptações técnicas e tecnológicas terem sido introduzidas nas últimas décadas, esta prática cultural caracteriza-se atualmente pela permanência dos processos tradicionais de modelação do barro e pelas diversas tipologias de figuras que foram sendo sucessivamente desenvolvidas e incorporadas na tradição artesanal local.

Deambulando pelas ruas do centro histórico de Estremoz, descobrimos sinais do tempo em que a presença do fabrico artesanal de figurado de barro era expressiva. Ainda assim é possível vivenciar o ambiente das oficinas de barristas. O encontro com Afonso Ginja ou com as Irmãs Flores, nas suas respetivas oficinas, transporta-nos para o mundo simbólico, imaginário ou ilustrativo através dos seus artefactos, “feitos com arte”, de cujo saber estes são os seus genuínos detentores.

A conversa com algum desses barristas permite-nos sentir melhor de que forma o Figurado de Estremoz representa, também, a identidade cultural alentejana. Eles ajudam-nos a identificar representações dos diversos mesteres e trabalhos tradicionais locais, o Pastor (nas suas diversas ocupações) ou a Fiadeira; a compreender os mitos e as representações simbólicas e de religiosidade da comunidade, como a Primavera, o Amor é Cego ou o Presépio; a conhecer imagens que ilustram objetos de uso ou cenas da vida local.

Algumas horas passadas com os barristas projetam-nos para o passado desta arte. Exibem as heranças desse passado, transmitidas através do seu saber-fazer manual, do dom de moldar o barro,

transformando-o em figuras que nos relatam factos da história desta região, dos seus povos e dos seus trabalhos agrícolas e domésticos, das suas ideias, crenças e formas de socialização e festividades. A visita ao Museu Municipal é elucidativa do longo percurso da atividade desde as suas origens (as peças devocionais mais antigas que exibe são do séc. XVII), da diversidade de temas abordados na representação, e no cunho pessoal dos diferentes autores ao longo de várias décadas, com respetivas descrições.

Os momentos de contacto com esta arte podem ainda ser transformados em objetos de memória futura, seja pela simples aquisição de peças que saíam dessas mãos calejadas e desses imaginários, seja numa experiência de imersão mais aprofundada no universo dos barristas, em que somos desafiados à produção própria de uma peça em que assumimos por instantes o lugar de artistas desta arte que não apresenta barreiras tecnológicas nem instrumentos sofisticados, e em que a mão é ferramenta do pensamento e expressão da sensibilidade.

Esta é uma das mais singulares manifestações culturais imateriais do Alentejo e do país que não podemos deixar de conhecer e experimentar.

Também podemos encontrar estes bonecos de barro à venda na feira, o mercado tradicional que se realiza, ao sábado de manhã, no Rossio Marquês de Pombal.

Estremoz também se orgulha do seu mármore branco, explorado desde o período romano, reconhecido pela sua qualidade e raridade, e pela arte dos seus mestres canteiros que se notabilizaram no período barroco, na construção de palácios, igrejas, estátuas e fontes. Visitamos uma oficina de cantaria, onde se trabalha já não na escala da miniatura como no figurado, mas na escala real, e já com o apoio de máquinas e instrumentos mais poderosos.

3.4.9. ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - 'MANUFATURA DOS CHOCALHOS'

O Som da Paisagem

Tempo de escutarmos um som especial, produzido por um idiofone de metal que leva o nome de chocalho e é produzido na Península Ibérica desde o século I a.C.

O som produzido pelos chocalhos de um rebanho a pastar no montado é um autêntico som da paisagem. O chocalho é uma espécie de campainha cilíndrica em folha de ferro, usada pelo animal de pasto nas pastagens e que serve para este ser facilmente localizado. A peça é presa ao pescoço do gado com uma fivela de latão ou com uma cágueda, uma peça de madeira, que tem por vezes desenhos esculpidos pelo pastor.

O som do chocalho que o rebanho há-de reconhecer nos montes tem uma afinação específica e rigorosa. Este resultado sonoro é fruto de uma grande mestria técnica que só alguns artesãos atingem porque implica um grande domínio da arte dos sons.

O pastoreio e a transumância de gado marcaram, no passado e ao longo de tempos prolongados, o território alentejano, com movimentos pendulares que deslocavam os rebanhos entre as serras altas do centro do país e a vasta planície de Castro Verde, no Baixo Alentejo, em demanda de pastos verdes e temperaturas amenas. Tais caminhos eram sinalizados pelo som dos chocalhos que permitia aos pastores identificar a localização dos animais que, ao longo de tão extensos trajetos, se encontravam sempre expostos a numerosos perigos.

Hoje não é mais possível cruzar esses movimentos impressionantes de rebanhos que marcaram a paisagem agro-silvo-pastoril do montado alentejano. Mas a presença continuada do gado, em permanente diálogo com os sobreiros e azinheiras que desenhavam as pastagens do Alentejo, permite-nos continuar a ouvir o som ancestral de chocalhos.

Registos da produção de chocalhos remontam pelo menos ao século XV e tem hoje como centro produtivo a freguesia de Alcáçovas, em Viana do Alentejo.

À chegada à Fábrica Pardalinho, centro de produção de chocalhos, as surpresas sucedem-se: primeiro a sua localização, inusitada, porque fica na zona industrial, com pouca distinção das outras fábricas e oficinas. Interrogamo-nos se é aqui que mora a arte tradicional reconhecida pela UNESCO como uma arte antiga com necessidade de salvaguarda urgente. Mas, franqueada a porta, tudo começa a fazer sentido. À entrada descobre-se um instrumento musical estranho e fascinante que se assemelha a um vibrafone só que as suas teclas são chocalhos alinhados por tamanhos e sons: é um 'chocalhofone' que já teve a sua estreia mundial. Isto tudo nos é explicado com enorme competência e simpatia pelos nossos jovens anfitriões.

As portas abrem-se para um espaço amplo de trabalho permitindo uma visão do conjunto das operações de transformação da chapa de ferro em idiofones, alguns gravados com a marca do dono e adquirem o som que o rebanho reconhece como seu.

De seguida acompanhamos, sempre em interação direta com os nossos anfitriões, as diversas etapas de manufatura dos chocalhos. Admiramos o trabalho subtil de obtenção de sonoridades dos chocalhos. Ouvimos um dos sócios da empresa que tem um rebanho contar a história, quase uma

fantasia, de que no regresso de uma saída com o rebanho lhe faltava uma ovelha, o que lhe deu muita aflição. Procurou, perguntou a vizinhos por ela e nada e já receava não a encontrar mais. Em derradeira tentativa, partiu a dar mais uma volta pelos redos da vizinhança, já noite, e eis que distinguiu no meio dos sons que lhe chegavam o som do chocalho da sua ovelha que logo trouxe para casa. Ouça, diz-nos o artesão, este está afinado em Fá # e tem que vir para Sol.

Experimentamos agora fazer um casulo de barro amassado com moinha de palha dentro do qual o chocalho, a que se juntam pequenos pedaços de latão, irá depois ao forno. No final da cozedura, os casulos com o chocalho no interior começam a ser rebolados, para que o latão, em estado líquido, possa banhar uniformemente toda a peça. É este movimento compassado dos artífices a manejar uma vara de ferro que faz rolar um casulo pardo com um orifício luminoso e colorido que vai alterando a cor que deixa perceber o arrefecimento do chocalho. Quando se percebe que o latão já banhou totalmente a peça, o chocalho é mergulhado numa tina com água, para um arrefecimento súbito. Por fim o casulo é partido e o chocalho é retirado e limpo.

De visita às Alcáçovas, acedemos ao Paço Real, também denominado “Paço dos Henriques”, que atualmente alberga o Centro Interpretativo dos Chocalhos e ficamos a conhecer os motivos que justificaram a inscrição, pela UNESCO, desta arte tradicional na Lista do Património Cultural Imaterial com Necessidade de Salvaguarda Urgente.

Antiga residência real durante o século XIV, onde D. Afonso V recebeu a embaixada dos Reis Católicos para a assinatura do Tratado de Alcáçovas, que pôs termo à guerra sucessória de Castela. Aqui se realizaram importantes casamentos das famílias reais ibéricas.

E agora temos que nos preparar para assistir a uma atuação da Banda da Sociedade União Alcaçovense, em cujos naipes se integra o surpreendente ‘chocalhofone alentejano’, instrumento musical constituído por 32 chocalhos modelo “picadeira”, produzido pela Fábrica de Chocalhos Pardalinho e apadrinhado pelo maestro Christopher Bochmann.

3.4.10. ABORDAGEM INDIVIDUAL PCI - ‘PRODUÇÃO DE VINHO DA TALHA’

Vinho de Talha, um prazer antigo

Prepare-se o viajante porque, em Vila de Frades, no concelho da Vidigueira, vai entrar no ‘reino maravilhoso’ do vinho de talha.

O vinho de talha é um dos prazeres mais antigos do mundo. Dados históricos indicam que o vinho trazido para a Península Ibérica pelos romanos era produzido e preservado em talhas. Nas ruínas de S. Cucufate, em Vila de Frades, foram encontrados vestígios de grainhas de uva confirmando a presença em Portugal desta prática ancestral há mais de dois mil anos. Ditou o progresso que, com o passar dos séculos, fosse sendo substituída por sistemas modernos de vinificação. Contudo, em alguns pontos do Alentejo o passado resistiu e ainda se produz vinho de talha, embora apenas com vinhas antigas (com mais de 85 anos), o que acentua o carácter específico e único deste método de produção, sublime representante da milenar cultura do vinho.

O vinho de talha é alentejano. A paciência e o carinho que os alentejanos dedicam à produção, a amizade em cada copo partilhado e o embalo dado ao Cante. Tudo isso faz com que o vinho de talha do Alentejo não seja apenas um mero processo de vinificação em talhas, mas sim uma parte do ciclo do ano da comunidade. De tal forma que na Vitifrades, em Vila de Frades, com o propósito de promover a tradição ainda tão presente na comunidade, se celebra a produção do néctar, assinalando-se com várias atividades a abertura das talhas e a prova da colheita anual. Um ritual a que vale a pena assistir!

O vinho de talha segue um calendário específico. As vindimas são realizadas nos primeiros sete dias de setembro. A partir do momento em que o mosto é depositado nas talhas, estas são seladas durante dez dias para que as grainhas e as peles das uvas – que são mantidas para cumprir a função de filtro – se separem do vinho. Findo esse período, as talhas são abertas e o vinho é mexido todos os dias com um rodo de madeira até só existir vinho à superfície e o mosto ficar no fundo. Tradicionalmente, abrem-se as talhas e dá-se início ao consumo do vinho no dia 11 de novembro, dia de São Martinho. Antigamente, o vinho era bebido até ao Dia de Reis. Hoje, acompanha a vida quotidiana até ao início da primavera (março/abril) ou até quando as condições climáticas o permitirem (sendo que as temperaturas elevadas aumentam a probabilidade de o vinho se transformar em vinagre).

O vinho de talha é artesanal. O fabrico de vinho por processos artesanais e recorrendo a métodos arcaicos de vinificação caracteriza-se por uma enorme simplicidade que está ao alcance de quase todos, o que faz com que o vinho de talha mereça o título de “vinho caseiro”. Todo o processo é manual: a escolha e apanha das uvas; a tarefa de desengajar (separar as uvas dos galhos e folhas); o ato de pisar as uvas, transformá-las em mosto e depois depositá-las nas talhas. Aliás, sem talhas, não existe vinho. É a utilização destas colossais ânforas de barro que cria um processo de vinificação único, pois o barro da vasilha é um material poroso, que, besuntado com pez (resina de pinheiro), permite uma microoxigenação controlada do vinho. A olaria foi trabalhada com especial sofisticação pelos romanos e este saber manteve-se ao longo dos séculos, tendo sido transmitido de geração

em geração. Infelizmente, atualmente é uma atividade em vias de extinção, estando a produção (e manutenção) de talhas reduzida ao trabalho de um artesão da região do Baixo Alentejo.

O vinho de talha é sociável. Em Vila de Frades chamam-lhe “vinho dos amigos”, sendo partilhado entre amigos, vizinhos ou qualquer outra pessoa que bata à porta de uma taberna ou adega. A essência deste vinho encontra-se na sua partilha e “a melhor forma de beber um bom vinho de talha é ir ao local onde ele é produzido [e] conviver com os produtores”.

O vinho de talha é património do mundo. É um saber longínquo conservado pelas comunidades, que deve ser tão protegido quanto saboreado e convivido!

3.5. SUPORTES INFORMATIVOS PROMOCIONAIS

A comunicação e o marketing constituem aspetos de fundamental importância para garantir uma divulgação adequada, apelativa e eficaz do conceito do Catálogo (im)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo e do conjunto de experiências turísticas nele propostas. Num contexto em que aumentaram muito consideravelmente os níveis de competição entre territórios, destinos, marcas e empresas turísticas, à escala nacional e global, este constitui inegavelmente um factor-crítico para alcançar uma maior visibilidade e retorno.

Foi justamente nesse sentido que se entendeu ser pertinente incluir no Relatório Final um conjunto de indicações e de orientações breves que, de algum modo, auxiliem a Turismo do Alentejo, E.R.T. na definição e implementação de alguns dos principais suportes informativos-promocionais, tendo-se optado por centrar as orientações e recomendações da equipa às seguintes tipologias:

- Conteúdos digitais - website/plataforma de divulgação online do Catálogo
- Conteúdos impressos em papel - desdobráveis e fichas de produto turístico
- Sinalética informativa

Naturalmente que a equipa técnica está consciente que existem hoje uma panóplia de outros canais e meios de comunicação, nomeadamente digitais mas também através de uma interação mais direta e próxima (face-to-face) com alguns atores-chave ligados ao setor do turismo (tais como jornalistas, bloggers de viagens, “influenciadores”) que assumem uma crescente relevância do ponto de vista da divulgação e da promoção turística. Atendendo, contudo, ao grau de especialização que está associado a este tipo de estratégias de marketing digital, optou-se por não abordar estas questões no presente capítulo que, como referido anteriormente, se centra essencialmente em três tipologias de suportes informativos-promocionais mais “tradicionais”.

3.5.1. PLATAFORMA DE DIVULGAÇÃO ONLINE

A internet tem hoje um papel de fundamental importância na busca de destinos e de experiências turísticas, sendo um dos canais de comunicação mais privilegiados pela utilização, mas também pelas empresas e pelas autoridades públicas responsáveis pela gestão de destinos turísticos, para a divulgação de informações que permitam auxiliar na preparação prévia das viagens, estadias e programas de atividades, incluindo a componente das reservas turísticas.

É, pois, nesse sentido que se entende ser absolutamente fundamental que o Catálogo (im)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo disponha de uma plataforma/portal web dedicada à divulgação online do conceito de produto turístico que é proposto pelo Catálogo, disponibilizando informação relevante para os turistas, contribuindo assim para a maior compreensão dos objetivos e pressupostos subjacentes à criação do Catálogo e, em particular, da variedade de experiências turísticas existentes, as manifestações de PCI abrangidas, os territórios em que estas experiências turísticas se localizam, as entidades parceiras no projeto, entre outros aspetos pertinentes.

Combinando informação de carácter mais concetual, científica e de contexto com informação prática e operacional especialmente dirigida aos turistas que pretendam vir a usufruir das Experiências

Turísticas do PCI do Alentejo e Ribatejo, mas igualmente útil para os stakeholders regionais e locais, a plataforma/ portal web deverá ser desenvolvido em harmonia com os restantes materiais informativos e promocionais, reforçando assim a coerência da comunicação global do Catálogo (im)HERITASTE LIST, Alentejo&Ribatejo.

Em termos de orientações gerais, entende-se ainda ser pertinente referir que, de acordo com as boas-práticas internacionalmente estabelecidas, a plataforma/ portal web do Catálogo deverá ainda obedecer aos seguintes princípios de usabilidade/ sucesso:

- **Simplicidade/ Funcionalidade** – a plataforma/portal *web* deve ser simples na sua estrutura, favorecendo uma navegação intuitiva, amigável, e possibilitando a rápida e fácil pesquisa de informação;
- **Atratividade e modernidade** – a plataforma/portal *web* deve apresentar um *layout* atrativo, que capte e retenha a atenção do utilizador, incentivando a exploração mais demorada dos conteúdos disponibilizados;
- **Qualidade, atualidade e relevância dos conteúdos** – deve ser garantida a qualidade dos conteúdos disponibilizados, sejam estes textos, imagens, vídeos ou outros, bem como a sua atualização regular;
- **Interatividade** – sempre que possível, a plataforma/portal *web* deve favorecer a interatividade com os utilizadores, seja através da disponibilização de espaços para a submissão de comentários, *links* para as páginas das redes sociais a que o Catálogo esteja associado (ex.: página de *facebook* da Turismo do Alentejo), seja pelo incentivo à ação (*mecanismo call-to-action* ex.: possibilidade de reserva direta no portal);
- **Adaptabilidade** – a plataforma/portal *web* deve garantir a adaptabilidade da sua visualização através dos diferentes suportes/ equipamentos (computador, *tablet*, *smartphone*).

Em termos de conteúdos, a imagem seguinte procura sintetizar uma proposta de organização dos elementos de informação a disponibilizar ao público interessado através da plataforma/portal de divulgação *online* do Catálogo. Note-se que este esquema considera apenas a plataforma/portal de divulgação *online* na sua dimensão pública, devendo prever-se uma área de “backoffice” cujo acesso será reservado à entidade gestora do Catálogo e, eventualmente com níveis de acesso diferenciados, aos diversos agentes e entidades parceiras que estarão envolvidos na comercialização e/ou na dinamização de produtos e experiências turísticas inseridas no Catálogo (entre os quais se incluem os operadores turísticos, os protagonistas PCI, os municípios e outras autoridades públicas de âmbito local, regional e setorial).

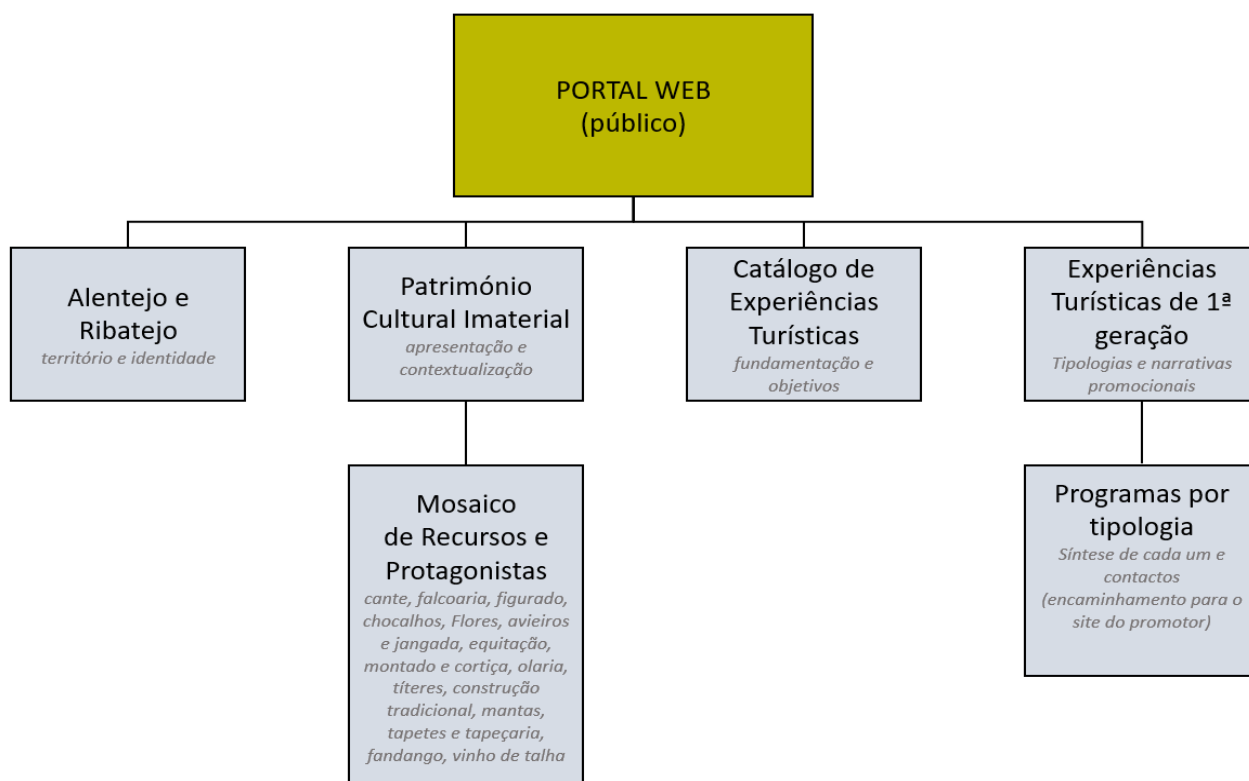


Figura 8 - Esquema da plataforma/ portal web (ótica do utilizador pública)

Ainda em termos de conteúdos, será importante a plataforma web ter capacidade para receber conteúdos escritos, mas também visuais, incluindo para tal secções de galerias de imagens e vídeo. Alerta-se, por outro lado, para as vantagens dos conteúdos escritos serem traduzidos em 3 línguas estrangeiras (espanhol, francês e inglês).

3.5.2. SUPORTES IMPRESSOS DE INFORMAÇÃO E PROMOÇÃO TURÍSTICA

Como referido no ponto anterior, o recurso a suporte de informação e comunicação digitais é, hoje em dia, cada vez mais relevantes nos processos de preparação e de tomada de decisão dos turistas. Contudo, importa reconhecer que o recurso a suportes de informação e promoção turística impressos (folhetos, desdobráveis) continua a revelar-se de grande utilidade e pertinência, especialmente em contexto de férias, pois permite facilmente dar a conhecer aos turistas outras ofertas existentes no território que não tinham sido previamente percepcionadas e seleccionadas e, simultaneamente, apoiando-os no processo de tomada de decisão, designadamente através da disponibilização de informações sobre questões práticas (preço, horários, contactos, etc.).

Neste sentido, apresenta-se de seguida uma proposta esquemática de *layouts* e de organização de conteúdos para dois suportes impressos de informação e promoção turística - desdobráveis e fichas de produto turístico.

PROPOSTA DE *LAYOUTS* E DE ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS

1: Produtos das experiências piloto (10 produtos / 10 desdobráveis)

Rota do PCI Alentejo e Ribatejo

Programa turístico temático – Caminhos da Lã

Programa turístico temático – Construção tradicional

Programa turístico territorial – Lezíria do Tejo

Programa turístico territorial – Alentejo Litoral

Abordagem individual – Cultura Avieira

Abordagem individual – Festas do Povo de Campo Maior

Abordagem individual – Produção de Figurado em Barro de Estremoz

Abordagem individual – Manufatura dos Chocalhos

Abordagem individual – Produção de Vinho de Talha

2. Versões traduzidas em 3 línguas estrangeiras (espanhol, francês e inglês)

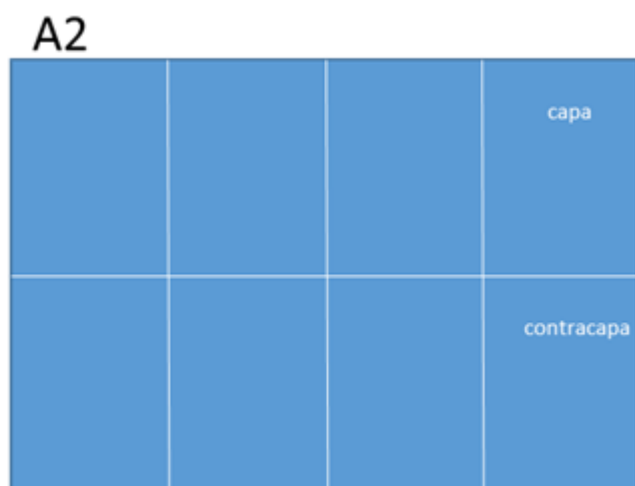
3. Dimensionamento do desdobrável

Desdobrável A2 (420 x 594 mm), dobrado a meio, seguida de mais 3 dobras

Disposição horizontal

Impressão frente e verso (4 cores)

Dimensionamento de cada lauda (210 mm altura x 148 mm largura)



4. Organização de conteúdos dos desdobráveis

Face A (frente do desdobrável A2)

2 laudas para capa e contracapa

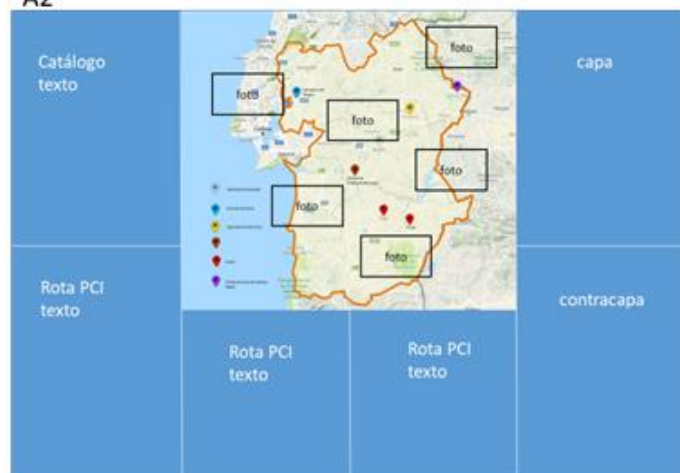
1 lauda para apresentação do catálogo

2,7 laudas para mapa e imagens ilustrativas

2,3 laudas para apresentação do produto

Exemplo: Rota do PCI Alentejo e Ribatejo

A2



Face B (Verso do desdobrável A2)

6/7 laudas para texto e imagens dos PCI que integram o produto turístico

1/2 laudas para informações úteis

A2

	Cante Falcoaria Figurado de Estremoz Chocalhos Festas do Povo Textos e fotos		Informações úteis
	Cante Falcoaria Figurado de Estremoz Chocalhos Festas do Povo Textos e fotos		Informações úteis

5. Dimensionamento de textos (estimativa)

1 lauda (A5) 3500 carateres com espaços



Em síntese:

Face A

Texto de apresentação do catálogo: 3500 carateres com espaços

Texto de apresentação do produto: 8050 carateres com espaços

Face B

Textos sobre os PCI's envolvidos: 7000 a 10000 carateres com espaços

Informações úteis: 3500 a 7000 carateres com espaços

Nota: pode haver uma distribuição diferente entre texto de apresentação do produto e os destaques aos PCIs envolvidos

6. Fichas dos programas para os produtos das experiências piloto

Dimensionamento de cada ficha: cartão A5 (210 x 140mm)

Impressão frente e verso (4 cores)

Modelo indicativo:

o Itinerários com explicitação para cada dia da experiência dos respetivos horários, da tipologia e da duração das atividades associadas [ponto de partida; porto de chegada; viagens intermédias; visitas; passeios; apresentações; *workshops*; refeições; degustações; alojamento (quando existir)]

o Preço por pessoa e suplementos (taxas e serviços)

o Condições de participação [dimensão máxima e mínima do grupo; tipologia de veículo de transporte; seguros; acompanhamento; atividades incluídas (entradas/participação); refeições e alojamento (serviços incluídos quando for o caso); inscrições; adequação a pessoas de mobilidade reduzida e/ou grávidas; documentação e equipamento pessoal necessário]

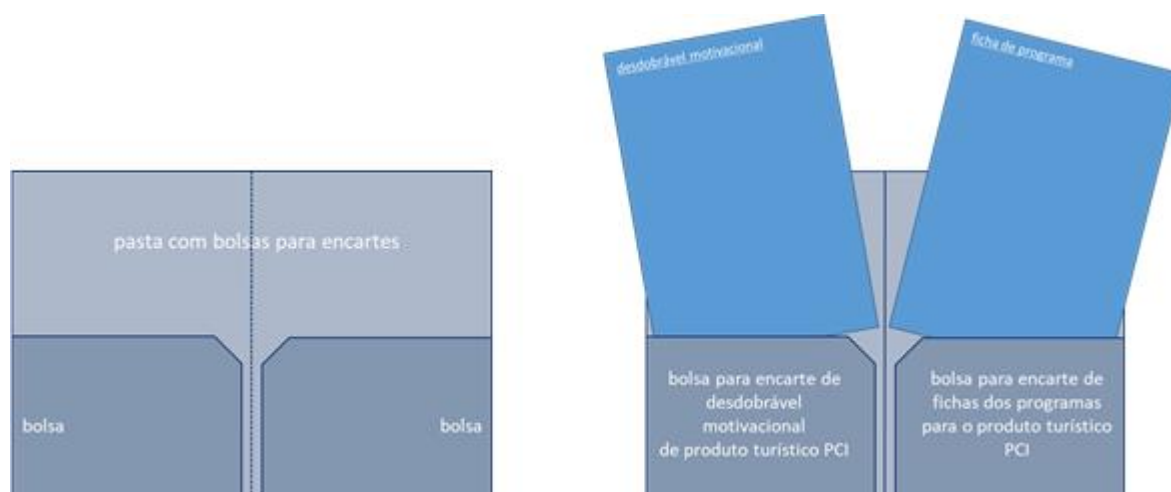
Finalmente, e considerando a existência de uma plataforma/portal *online*, considera-se ainda que será interessante incluir nos desdobráveis (seção informações úteis) um QR code que remete para essa mesma plataforma onde o turista poderá obter mais informações.

7. Pasta para encarte de desdobrável e de fichas de programas

Dimensionamento da pasta: A4 com uma dobra e duas bolsas

Impressão frente e verso (4 cores)

Layouts indicativos:



3.5.3. SINALÉTICA INFORMATIVA

“Remember, target by design: if I can’t read your material, you might as well have not spent the money to create it.”

(Hal Novell, AARP – American Association for Retired People; *cit. in OMT*, 2001)

A utilização de uma sinalética informativa uniforme e padronizada em todos os suportes promocionais associados ao Catálogo de Experiências Turísticas do PCI do Alentejo e Ribatejo (impressos e digitais) oferece como principais vantagens (i) a maior atratividade dos materiais disponibilizados aos turistas; (ii) o reforço da coerência da narrativa utilizada na fundamentação e descrição das experiências turísticas e dos próprios PCI; e ainda (iii) uma maior clareza relativamente ao tipo de atividades e experiências disponibilizadas.

O processo de decisão e seleção dos produtos e experiências turísticas de que o turista pretende usufruir é fortemente influenciado pela informação (sobre esses produtos e experiências) a que este tem acesso, sendo cada vez mais reconhecida a importância da informação de natureza visual, na qual se integram as imagens e os símbolos.

O recurso à simbologia informativa (e também interpretativa) é uma prática corrente na atividade turística, decorrente, entre outros aspetos, da sua natureza internacional, que incita a utilização de uma linguagem facilmente compreendida pelos diferentes turistas, independentemente da sua nacionalidade e/ou competências linguísticas e académicas.

O desenvolvimento de um sistema específico de sinalética informativa para o Catálogo (*im*)*HERITASTE LIST*, Alentejo&Ribatejo poderá, assim, suscitar uma maior motivação, por parte dos turistas, para visitar e experienciar os produtos e atividades oferecidas e, simultaneamente, facilitar o entendimento sobre a natureza das experiências, antes e durante a fruição das mesmas. Complementarmente, esta sinalética pode ainda reforçar a visibilidade do Catálogo e dos PCI, reforçando a sua identidade e reconhecimento pelo mercado.

“Visitor signage is a key part of destination marketing and management. Signage has many functions – it can attract visitors, provide direction and wayfinding, inform and educate. It also plays a critical role in linking visitors to the “product” or experiences within the area.”⁸

Assim, entende-se que a sinalética informativa do Catálogo (*im*)*HERITASTE LIST*, Alentejo&Ribatejo deverá respeitar as normas e diretrizes nacionais e internacionais aplicáveis⁹ e orientar-se pelos seguintes valores:

- **Atratividade** - a simbologia a utilizar deve ser suficientemente atrativa para captar a atenção do turista sem se tornar excessivamente ‘agressiva’, o que se poderá traduzir pela utilização de um leque de ícones, formas e cores relativamente reduzido, que não disperse o foco de atenção do utilizador;

⁸ Wayfound, consultado em <https://bit.ly/2mn7jqF>

⁹ Organização Mundial de Turismo. (2001). *Tourism Signs & Symbols*. ISBN: 92-844-0378-2

- **Parcimónia** – a simbologia deve ser utilizada quando e apenas se facilitar o fluxo e interpretação da informação, isto é, quando a representação gráfica da mensagem/informação contribuir para a maior satisfação do turista;

- **Simplicidade** - a simbologia deve ser simples e intuitiva, de forma a favorecer o rápido e natural entendimento do seu significado, bem como a sua rápida memorização, devendo, sempre que possível, recorrer-se à utilização de símbolos com *design* simples.

No que concerne especificamente ao desenho gráfico dos símbolos, e novamente de acordo com a Organização Mundial de Turismo¹⁰, devem ser respeitados os seguintes princípios:

- **Dimensão/ proporção**: devem evitar-se formatos demasiado longos e estreitos, e a dimensão global deve atender ao contexto em que são integrados (em proporção à dimensão do texto, brochura ou página em que estão inseridos);

- **Simetria**: os símbolos devem apresentar simetria sobre um eixo vertical ou horizontal;

- **Direção**: deve evitar-se a ambiguidade das instruções direcionais;

- **Forma**: devem ser privilegiadas as formas sólidas (com preenchimento) em detrimento das formas apenas com delimitação dos seus contornos;

- **Grau de detalhe**: formas geométricas simples devem ser favorecidas enquanto o uso de detalhes supérfluos deve ser evitado.

A implementação do sistema de sinalética deve suceder à realização de pré-teste em que seja avaliada a sua eficiência e eficácia junto de utilizadores com perfis semelhantes aos segmentos de mercado turístico que se pretende atrair.

Considerando a tipologia de produtos turísticos integrados no Catálogo, e os objetivos subjacentes ao desenvolvimento do sistema de sinalética informativa, **propõe-se**, a título de exemplo, **o desenvolvimento dos seguintes símbolos**:

- um símbolo para cada um dos PCI, que permita a identificação fácil e rápida do tipo de património passível de ser apreciado/ experienciado em cada um dos produtos turísticos;

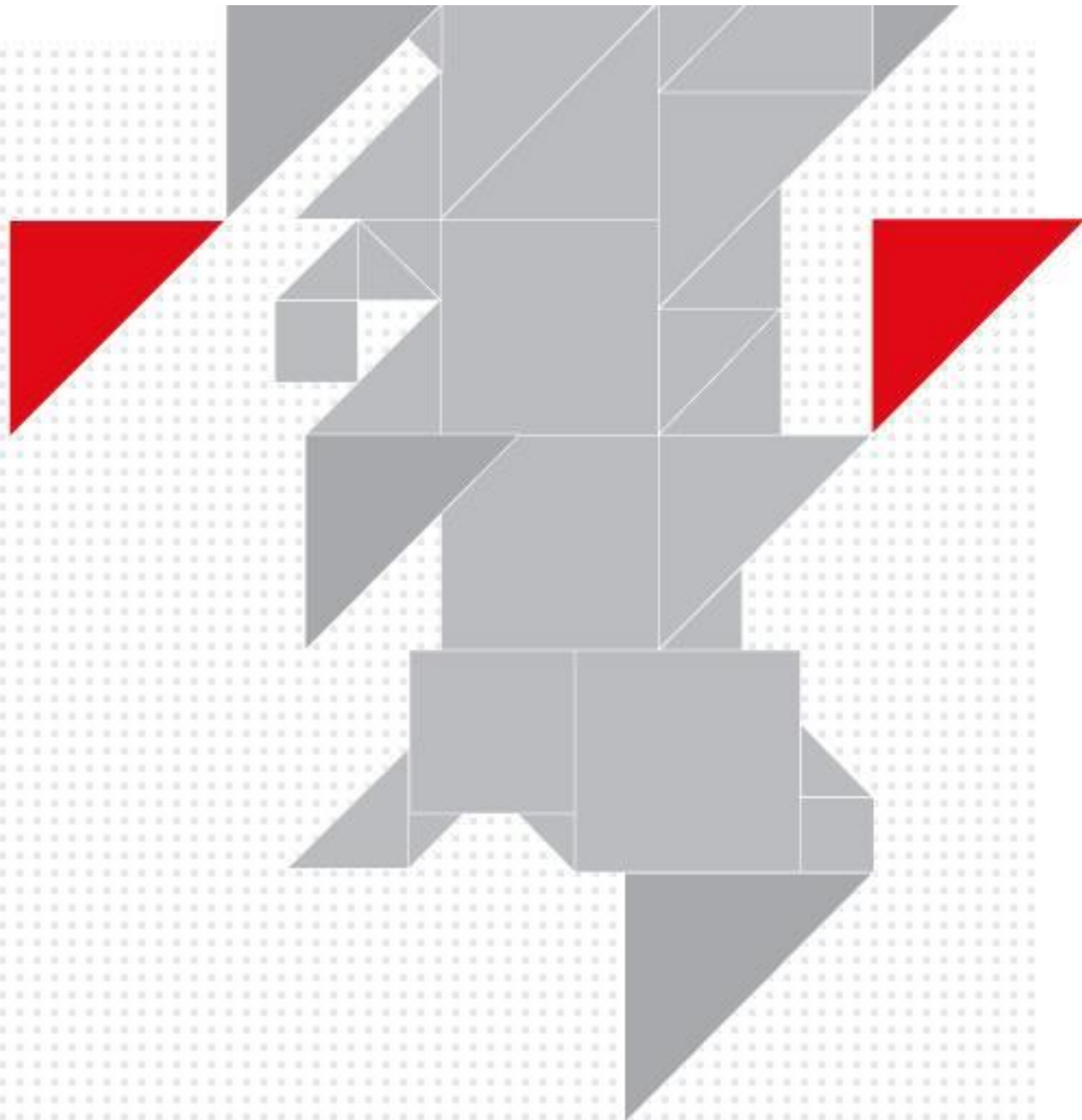
- um conjunto de símbolos relativos ao grau de interatividade/ imersão associado a cada uma das atividades turísticas propostas, exemplificando, entre outros, a possibilidade de realização de alguma atividade de cocriação/ manual (ex.: símbolo mãos), de interação com os protagonistas do PCI (ex.: símbolo de duas pessoas a dialogar, ou caixa de diálogo), ou atividades/ locais mais associados à contemplação mas eventualmente propícios à realização de fotografia e/ou desenho (ex.: máquina fotográfica, paleta);

- um conjunto de símbolos que diferencie as atividades passíveis de ser desenvolvidas autonomamente e as que implicam/ em que está prevista/ em que é recomendada o recurso a guia;

- um símbolo que identifique as atividades mais adequadas a crianças/ famílias;

- um símbolo que referencie as atividades/ locais onde é possível comprar elementos associados aos PCI.

¹⁰ Organização Mundial de Turismo. (2001). Tourism Signs & Symbols. ISBN: 92-844-0378-2

**Matosinhos**

R. Tomás Ribeiro, nº 412 – 2º
4450-295 Matosinhos Portugal

Tel (+351) 229 399 150
Fax (+351) 229 399 159

Lisboa

Avenida 5 de Outubro
Nº77 – 6º Esq
1050-049 Lisboa Portugal

Tel (+351) 213 513 200
Fax (+351) 213 513 201

geral@quaternaire.pt
www.quaternaire.pt



UNIÃO EUROPEIA

Fundos Europeus
Estruturais e de Investimento